

SÉRIE
RENDA-SE



Julia

LIVRO I

ANNE MARCK



PERIGOSAS

SÉRIE
RENDASE

Júlia

Livro 1

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Copyright © 2018 Anne Marck

Capa: Murilo Guerra
Revisão: Analine Borges Cirne
Diagramação: Denilia Carneiro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

JÚLIA – Livro 1
SÉRIE RENDA-SE

Anne Marck

1ª Edição — 2018

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

NACIONAIS - ACHERON

Índice

[Dedicatória](#)

[Sinopse](#)

[Apresentação](#)

[Prólogo 01](#)

[Prólogo 02](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Leia um trecho de Alice, segundo livro da série](#)

[Recado da autora](#)

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Dedicatória

*A J.P, por me incentivar e apoiar em todos os
momentos.*

*Aos leitores do Wattpad, onde tudo
começou...*

Sinopse

“Renda-se”, a série do quarteto de amigas Júlia, Alice, Katarina e Priscila, traz ao leitor quatro histórias de amor, descobertas e superação, apresentando um novo sentido à palavra amizade.

No primeiro livro, Júlia, uma advogada independente, solteira, que vive sua regrada vida dentro dos limites, recebe a oportunidade de escapar da atual rotina para um refúgio de alguns dias numa bela fazenda em comemoração ao casamento de um amigo de infância das amigas. Ao chegarem, elas descobrem que o local é um paraíso. Pelo que tudo indica, serão sete dias de descanso e festas. Então o plano é simples: relaxar e aproveitar o bom tempo... até que uma inocente brincadeira entre elas coloca Júlia na linha de fogo do furacão

Frederico, um homem realmente impressionante, porém, de péssimo temperamento.

Júlia verá sua zona de conforto implodir e descobrirá que Frederico não é o tipo de sujeito que se deixa usar, não sem lhe ensinar uma boa lição: *não aposte sentimentos, menina, você pode perder.*

Venha se aventurar com essas amigas e se apaixonar por um furacão tão quente quanto tempestuoso.

Apresentação

Júlia nem sempre diz o que pensa. Bem, na maioria das vezes, ela *não* diz. Sua pouca habilidade em enfrentar os problemas em algumas situações a coloca em problemas ainda maiores. É assim quando conhece Frederico. Uma aposta (decidida numa brincadeira de moeda no copo, entre ela e suas amigas) leva um novo e instigante desafio à sua vida: conquistar aquele homem. E, aparentemente, o plano está indo bem... se não fosse a incapacidade dela de resistir aos sentimentos que o furacão enraíza em seu coração.

A questão agora é lidar com a reação desse homem tempestuoso quando ele descobrir a verdade... E é só uma questão de tempo para isso acontecer, com sua sorte.

“O que ele não conseguiu ver foi que, com ou sem aposta, no momento em que coloquei os olhos nele, eu me senti imediatamente atraída. Foi isso, não tinha mais como voltar atrás”.

Júlia

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Prólogo 01

Júlia

Alguns anos antes.

Júlia observou a movimentação em sua casa de um canto mais afastado, muito próxima à porta... bem, alguns diriam que ela estava ouvindo *atrás* da porta. Não importava. Dentro do cômodo seu único irmão, Daniel, e o pai travavam uma das piores batalhas.

— Você não vai fazer uma besteira destas! — seu pai berrava.

Ao fundo, ouvia-se a voz determinadamente calma de Dani afirmando sua decisão.

Pela indignação do pai, o assunto bem poderia ser algo repulsivo. O homem era bastante

NACIONAIS - ACHERON

duro quando tencionava; atropelava e trucidava ideias ou pensamentos que fossem diferentes dos seus. Ela *sabia* o que o irmão tinha a dizer. Ele lhe contara algumas horas antes, naquela manhã, logo que chegara. Daniel não tinha dormido em casa, e, quando ela lhe perguntara onde ele tinha passado a noite, o irmão não revelara; um suspiro penoso vindo dele, no entanto, permitira que ela soubesse que, fosse lá o que tivesse acontecido, ele não parecia bem.

— Por que você está assim, Dani? — ela perguntara num cochicho, no corredor entre seus quartos — Aconteceu alguma coisa?

Ele hesitara, mudara a direção de seu olhar para o chão, fixamente, e então, quando respirara fundo e a olhara nos olhos, ela soubera. Soubera que algo estava diferente.

— Ainda não aconteceu, Juju, mas vai acontecer. Eu não vou advogar.

Ela abrira a boca. Fechara-a em seguida. E abrira novamente, incerta sobre o que tinha escutado.

— Com o pai? — tinha sido a ideia mais

lógica que lhe ocorrera.

— Em lugar algum. Eu estou caindo fora.

Júlia tampara a boca, conferindo o irmão com mais cautela.

— Dani, mas ontem foi a sua formatura...

A seriedade no rosto do irmão revelara que sua decisão estava tomada.

— Bem, vai ser difícil fazer nosso pai aceitar... — Ela tamborilara os dedos contra os lábios. — Ele decidiu isso pra nós desde que éramos crianças.

O irmão cerrara o maxilar, seus olhos claros escureceram e, pela primeira vez para ela, pareciam olhos de um homem que pegava seu destino como quem dominava as rédeas de um cavalo. Ele estava determinado a não ser o que a família tinha decidido. Naquele momento ela o tinha admirado e... *invejado* profundamente.

— Ninguém pode decidir nosso destino por nós, irmã.

As palavras ecoaram em sua mente como marteladas enfiando brutalmente um prego contra a madeira. Ela gostaria de ser assim, gostaria de ter

NACIONAIS - ACHERON

coragem de dizer para a família que aquela vida que todos eles levavam não era algo que ela desejava para si. Entretanto, ao contrário do irmão, Júlia não tinha essa coragem.

Um palavrão desequilibrado foi proferido dentro do escritório em sua casa e a trouxe de volta para a discussão.

Cansada de ouvir os impropérios que seu pai berrava, ela deu alguns passos para trás, amuou-se, ciente de que agora estava sozinha, deu meia volta e saiu ao encontro das únicas pessoas no mundo que talvez compreendessem seu sentimento de resignação. Não tinha para onde fugir, seu destino estava traçado.



— E ele se foi... — ela terminou de contar para as amigas debaixo da cerejeira do quintal de Alice.

— Eu sinto muito, Ju... — Pini murmurou, sem muito a dizer.

— Seu pai pode não gostar da ideia agora,

mas com o tempo ele se acostumará, Ju, ele ama vocês — Alice a consolava, como sempre vendo o lado bom das pessoas.

Júlia gostaria de que a amiga estivesse certa. Todavia, ela sabia bem que a afeição do pai não tinha muito peso naquela equação. Seu pai era um homem autoritário (apesar de bom pai); ou as coisas eram do jeito dele, ou de jeito nenhum. Daniel enfrentaria a rejeição iminente.

Ela e provavelmente nenhuma das meninas, contudo, reparou na palidez repentina que consumia a pele de Katarina. A amiga, sempre com algo a dizer, encolhia-se silenciosa no lugar.

Exaurida de uma vida que ainda nem tinha vivido, Júlia se esticou no gramado, olhando para o céu nublado e se perguntou quando as coisas tinham mudado tanto, quando ela deixara de ser a garota cheia de sonhos para agora ter as perspectivas do pai pesando em suas costas e determinando seu futuro. Daniel estava deixando tudo para trás; Pini já não era a mesma (algo parecia errado com ela); a faculdade de direito não era nada estimulante; e nenhum horizonte muito

PERIGOSAS

promissor surgia à sua frente.

Uma vida chata e previsível a esperava, essa era sua única certeza.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Prólogo 02

Frederico

Três anos antes.

No interior (onde fui criado), entre tantas crenças e hábitos, há algo que se considera como sendo uma lei exata e absoluta da vida: colheremos tudo aquilo que semearmos, independentemente da qualidade do fruto. Ninguém está imune a isso ou pode fugir do seu destino. Acho honestamente que meu momento de colheita está acontecendo.

Apressado, entro pelo local frio e asséptico empurrando portas até avistar Bia, minha irmã, encolhida na cadeira da sala de espera parecendo uma menininha frágil, debilitada pelo medo. A cena leva um sabor amargo à língua. Tudo o que tenho,

NACIONAIS - ACHERON

o que lutei para ser, o dinheiro que conquistei, não significam nada, absolutamente nada, neste momento.

— Fred — ela sussurra chorosa e vem para mim assim que me vê.

Abraço-a contra o peito e me dou conta do quanto senti sua falta.

— Como ele está?

Um suspiro engasgado e mais lágrimas.

— Os médicos estão operando ele agora, mamãe teve uma queda de pressão e está sendo atendida também.

Dor e culpa fazem um bom trabalho me rasgando de dentro para fora. Meus músculos se tencionam ao nível da dor. Tudo culpa minha. Este inferno está acontecendo unicamente por minha causa.

— Eu sinto muito, Bia — murmuro de forma abafada, mal escutando minha própria voz.

Minha pequena irmã se solta e me encara.

— Isso não foi culpa sua, Fred. Papai já estava reclamando de dor no peito, mas você sabe como ele é teimoso demais para procurar um
NACIONAIS - ACHERON

médico.

Ignoro sua tentativa de me fazer menos responsável. Meu pai está neste hospital porque fui um estúpido ambicioso. Meu nome sendo arrastado das páginas de negócios para as colunas de fofoca é resultado do maldito ego que cultivei. Foi ele que me levou a me relacionar com pessoas como Rebeca e Paolo.

Espera. O que foi que ela disse?

— Ele não estava bem? — o tom denuncia minha surpresa.

Bianca suspira baixo, evitando meus olhos.

— Ele anda muito preocupado ultimamente — percebo sua hesitação. — A fazenda não vai nada bem... Papai está passando por algumas dificuldades... — Sua face ganha um discreto rubor.

Estreito os olhos, engolindo o amargor ácido.

— Por que ele não me disse nada?

Minha irmã morde o lábio, ansiosa.

— Desde que você se afastou, ele achou melhor não te incomodar...

Suas palavras têm o poder de me atingir como um punhal afiado.

NACIONAIS - ACHERON

Bia se afasta e vai para as máquinas de água, pegando dois copos. Desabo na cadeira, sufocado, desfrouxando o nó da gravata, e então ouço meu nome na pequena televisão suspensa na parede. O programa de noticiários local escolheu este momento para, pela incontável vez no dia, fazer seu sensacionalismo.

— ...*Voltamos a falar do escandaloso caso de traição que abalou o mundo das celebridades esta manhã. A modelo Rebeca Olseni, figura conhecida por suas extravagâncias, noiva do bilionário das Indústrias Falcon, Frederico Falcon Casagrande, teve um vídeo íntimo vazado na internet. A surpresa, caros telespectadores, é que não é seu noivo que vemos com ela nas imagens picantes. Rumores dizem que se trata de Paolo Dantas, o homem que já trabalhou para a Falcon e hoje desponta como um concorrente nos negócios. Pessoas próximas ao casal contaram em nossa reportagem que a modelo estava supostamente vendendo informações sigilosas das Indústrias Falcon para o amante. Nenhum dos envolvidos foi encontrado por nossa equipe para se pronunciar*

sobre o assunto.

Imagens minhas saindo da empresa são transmitidas. Abaixo, a legenda: *Bilionário das minas traído pela noiva, a modelo Rebeca Olseni.* Sorrio de maneira amarga, segurando-me para não arremessar uma cadeira contra o aparelho de TV. Se eles soubessem da história inteira, de como o canalha do Dantas tentou usar esse vídeo para arrancar meu dinheiro, seria a cereja no bolo para esses jornalistas abutres.

Eu não sei como isso chegou até meu pai. Maldição! Por que eu deixei a coisa ir tão longe entre ele e mim, ao ponto de mal nos falarmos? Saí da fazenda tão obstinado a ter sucesso, construir um império que passei a me cercar de interesseiros sem nenhum caráter e deixei minhas origens morrerem em mim. E agora estou prestes a perder o cara que mais admiro no mundo.

Deixo a cabeça pender entre as mãos, exausto.

Eu não posso perder meu pai. É tudo minha culpa. Seu AVC, os problemas da fazenda, eu não estava lá para ajudá-lo. Fui um egoísta.

Fecho as pálpebras e inspiro profundamente.



Algumas horas de uma agonizante espera, até que o médico nos autoriza a vê-lo brevemente através da vidraça. Minhas pernas tremem pelo caminho, e assim que o vejo ali, preso a fios ligados a várias máquinas, algo em mim se quebra. Meu pai, o cara forte e trabalhador, está em uma cama de hospital, tão frágil como eu nunca pensei que seria possível.

Dei as costas a ele e a tudo o que realmente importava. E agora a conta está sendo cobrada.

Estou prestes a perdê-lo.

Fecho os punhos de forma cerrada, desejando socar a parede.

— Saia dessa, pai — sibilo baixo, estrangulado pela culpa.

O som do monitor cardíaco oscila, como se meu pai soubesse que estou aqui. Inexplicavelmente, acho que ele sentiu a minha presença.

E neste momento algo explode em meu cérebro, tomado por uma nova determinação.

Minha vida até aqui tem sido um erro. Esta cidade, as pessoas superficiais que me cercam, as mulheres sem valor em minha cama, tudo isso fica para trás a partir de hoje. Vou voltar para a fazenda, ajudar meu pai a se reerguer e não permitirei que nenhuma outra interesseira se aproxime novamente.

Minha cota se encerra hoje.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 01

Júlia

Aceito outra taça do delicioso champanhe que o garçom oferece e me deleito com o sabor da bebida. Por muito pouco não gemo com a sensação das borbulhas fazendo seu trabalho em minha boca. Fecho os olhos brevemente e apenas deixo o líquido brincar na língua enquanto escuto a suave música ao fundo.

Estou no primeiro dos jantares de comemoração à união de Ivan, nosso amigo de infância, com Bianca, a filha de um fazendeiro, que propôs sete dias de festa em sua fazenda para celebrar. Eu e minhas amigas Alice, Katarina e Priscila seremos as madrinhas do Ivan. Digo *seremos* porque o casamento, efetivamente, ainda

não aconteceu. Eles se casarão na sexta-feira, e embarcarão para lua de mel no domingo à noite.

Sob os efeitos da agradável bebida, levanto levemente a taça em direção às meninas.

— Um brinde à liberdade — inclino o corpo para frente e cochicho — que aqueles dois estão prestes a perder. — Dou uma risadinha desengonçada, obviamente afetada pelo álcool, e aponto com a cabeça na direção do casal de noivos, a umas três mesas de distância.

Percebo que a tentativa de fazer uma piada não caiu muito bem para Alice, que mantém um beicinho de reprovação.

— Casamento é muito mais do que isso, amiga. — Seu olhar cai sobre os noivos, e ela deixa escapar um suspiro sonhador.

Priscila revira os olhos.

— Acho isso tudo uma grande besteira — o resmungo suave é quase inaudível.

Alice volta sua atenção para ela.

— Vai chegar um dia em que você vai pensar diferente, Pini.

— Achei que você me amasse mais do que
NACIONAIS - ACHERON

isso, amiga. — Pini estremece em tom de brincadeira com a ideia.

— E eu amo. Muito. — Ali sorri daquele jeito honestamente doce que colocaria o maior dos lutadores de joelhos. — E quero que você encontre alguém especial, um dia.

Priscila bate na mesa discretamente, três vezes, para isolar a ideia.

Katarina, que surpreendentemente estava calada até agora, faz um estalinho com a língua, chamando nossa atenção.

— Bem, garotas, o que eu realmente acho é que devemos procurar alguns bonitões por aí e curtir a festa. Temos sete dias neste paraíso e precisamos aproveitar cada segundo disso. Afinal, quando foi a última vez que tivemos um tempo assim, juntas, não é?

— Amém a isso. — Pini sinaliza sua taça. — Eu precisava demais deste descanso. A agência está um inferno.

— Aquele Eric continua no seu pé? — Alice pergunta, preocupada.

Pini ri desgostosa.

— Aquele patife é como um calo.

— Deveríamos pagar alguém para dar uma surra nele — Katy sugere, bem-humorada, arrancando risadas.

Sinceramente, não duvido de que a sugestão seja para valer, e eu bem que estou disposta a disponibilizar alguma grana para ver o colega de trabalho de Pini com um ou dois hematomas. O sujeito seriamente merece.

Sorrindo, sorvo mais da bebida, observando minhas amigas. Estas mulheres são como irmãs para mim. Somos amigas desde a infância, temos a mesma idade, e isso fez com que passássemos por muitas coisas juntas, inclusive a terrível fase da adolescência. Eu nem imagino como minha vida seria sem elas.

A verdade é que tenho vivido uma fase tão sufocante nos últimos anos que nossos momentos juntas são como um cano de escape.

Sou filha e neta de uma tradicional família de advogados, o que praticamente me empurrou para a profissão. Mesmo não querendo, fiz o que esperavam de mim e hoje estou tendo que lidar com

o peso de minha escolha, sem a menor coragem de mudar isso. Resumindo, não passo de uma covarde insatisfeita.

Finalizo o champanhe e deixo a taça sobre a mesa, decidida a guardar estes sentimentos para remoê-los outra hora. Tenho uma semana de férias, pretendo relaxar e aproveitar.

Pego Katy me encarando daquele seu jeito sinistro, como se pudesse ler meus pensamentos. Não gosto nada quando ela faz essa cara.

— Garotas — ela chama a atenção para si batendo as unhas no cristal. — Eu tive uma ideia para deixar nossa semana mais... hum... *excitante*. — Seu rosto bonito mantém um daqueles sorrisos tortos. — É um desafio, na verdade. Para relembrar os velhos tempos.

Priscila e Alice empalidecem imediatamente.

Oh, porcaria.

— Ah, não! Nem venha com aqueles jogos estúpidos de adolescente, Katy — Pini tenta cortar o mal pela raiz.

Katarina se ajeita na cadeira confortavelmente. Maldição. Por sua expressão, já

NACIONAIS - ACHERON

posso ver suas engrenagens trabalhando fortemente em algo terrivelmente ruim.

— Acalmem-se, gatinhas... — Ela faz um beicinho enquanto balança a cabeça. — Esse é uma coisa boa. *Eu acho*. — Seu sorriso se alarga, e um arrepio me atravessa a espinha.

— Fale logo, Katy — Alice diz, mal escondendo seu temor.

— Ok, Ok. — Katarina desliza a mão sobre a macia toalha da mesa. — Eu preciso de uma moeda. Quem tem uma?

Nenhuma de nós se manifesta, obviamente tentando sabotar a ideia.

Sem deixar de sorrir, Katy faz um discreto sinal para um garçom que está passando. Ele se aproxima e ela cochicha alguma coisa para ele. O homem se afasta.

— Eu espero que não tenha nada a ver com humilhação pública, dancinhas ridículas, roubar carteira, beijar o cara mais feio da festa, beijar mulher e todas essas besteiras que você já obrigou a gente a fazer, Katarina — minha voz pouco faz para esconder o pânico enquanto listo as bizarrices.

— Nós já estamos bem velhas para isso.

— Exatamente — Pini arremata enfática.

O garçom volta trazendo um copo pequeno, tipo aquele para dose de cachaça, vazio. E uma moeda. *Porcaria*. Katy agradece com uma piscadela sedutora, deixando o homem levemente ruborizado.

Ela se inclina para frente, e nós instintivamente também nos inclinamos para ficar mais próximas e ouvir sua ideia.

— Bem, meninas, o desafio é o seguinte: primeiro vamos fazer um joguinho com esta moeda e este copo aqui. — Ela pega a moeda, segurando-a em pé entre seu dedo indicador e a mesa. — Esta moeda tem que ser quicada e cair dentro do copo. — Ela faz uma demonstração e lança a moeda na mesa. O metal pula baixo, bate na lateral do copo, mas não entra. — Estão vendo como é difícil?

Sua voz soa como uma *profissional de lançamento de moedas*.

Balançamos a cabeça, assentindo, no mesmo ritmo quase paralisante. Somente na terceira tentativa é que a tal moeda finalmente cai dentro do

copo. Definitivamente isso não é nada bom.

— Aprendi nos tempos de universidade — ela se gaba.

— Tá, é difícil. E qual é a regra? — indago sem nenhum entusiasmo.

Katarina sorri amplamente. Maldição.

— Quem não conseguir pôr a moeda aqui dentro, receberá a tarefa de hoje. — Por seu modo simplista de falar, é como se a ideia fosse a coisa mais comum do mundo.

Olhamos umas para as outras tentando assimilar a proposta.

— Por que faríamos uma besteira destas? — Priscila eleva o queixo, determinada a não cair novamente.

Katarina levanta as sobrancelhas e faz sua melhor expressão *gato de botas*.

— Por favor, gente... — o sorriso dissipa-se de forma dissimulada, e sua voz assume um tom de apelo. — Minha vida está um tédio ultimamente, preciso de um pouco de diversão.

Pini bufa, Alice olha ao seu próprio modo, incerta, e eu... rezo para que não seja uma daquelas
NACIONAIS - ACHERON

encrenças genuínas.

— Ok, Katarina Criativa, e o que você tem em mente? — Pini recua, cedendo sem humor. Seus lábios grossos dão uma leve estremecida.

Não sou a única apavorada, isso é bom.

— Bem, ouvindo as divergentes opiniões sobre casamento, eu tive uma ideia que vai nos elucidar acerca deste assunto.

— Katy... — o aviso sai em uníssono.

E a garota vibra, absolutamente maligna.

— Essa é a melhor parte, gatinhas. — Seus ombros se encolhem. — Quem perder, terá que conquistar um homem desta festa, claro, escolhido pelas vencedoras, passar a semana inteira com ele, quase que como num pequeno casamento. — Ela solta uma risadinha empolgada. — E depois vem nos contar como é isso.

— Nem pensar — Priscila afirma irredutível.

— Pini... é só diversão, pelos velhos tempos. Vamos lá, seja corajosa — Katy instiga.

— Não tem nada a ver com coragem, Katarina. Não. Definitivamente.

Tento interferir:

NACIONAIS - ACHERON

— Katy, isso é ridículo. Olhe em volta, os amigos e familiares do Ivan ou são velhos, ou casados, e os outros parecem uns... uns *caipirões*... — minto, tentando dissuadi-la. Porém, Katarina me interrompe com uma alegria quase juvenil.

— Não seja pessimista, amiga. — Seu sorriso angelical me dá vontade de socá-la.

Engulo em seco.

— Eu posso até topar esse lance da moeda, ou qualquer besteira destas — Pini pondera —, desde que isso não implique em passar uma semana inteira com quem quer que seja.

Alice observa tudo em silêncio, lívida. Ouço sua voz sair num sussurro:

— Eu não acho que é uma boa ideia.

— Ah, vamos lá, Ali, é só um jogo, não vamos quebrar nenhum coração... Não quebrar de verdade, só arranhar — Katy argumenta debochada, fazendo um sinal de garras como um gato faria.

— Podemos pelo menos colocar algumas regras sobre o *escolhido*? — pergunto.

Meu cérebro já está trabalhando em milhões
NACIONAIS - ACHERON

de desculpas que eu poderia dar para fugir.

Katy faz uma expressão pensativa.

— Certo, vamos definir as regras para o homem-alvo — ela acolhe. — Alguém tem alguma sugestão?

— Bonito, limpo e solteiro — Pini logo fala.
— E não por uma semana. Um dia, nada mais.

Katy concorda com a primeira parte, mas finge que não escuta a segunda.

Apesar de aparentemente concordarmos, nenhuma de nós parece realmente convencida dessa estupidez. Maldição. Por que aceitamos esses desafios mesmo? Ah, sim, porque, segundo Katy, são eles que tornam a vida mais instigante. Que besteira.

— Visto que todas nós bebemos um pouco, estamos em condições de igualdade. Quem começa? — Katy arqueia a sobrancelha, desafiadora.

Por ordem de sentido horário, Alice é a primeira, Katy, a segunda, Pini, a terceira, e eu, é claro, a última.

Alice, com a mão trêmula e uma pequena
NACIONAIS - ACHERON

gota de suor na testa, erra em sua tentativa. Katy, a espertinha, também erra, fazendo beicinho.

Pini estreita os olhos, concentrada, encarando seu objetivo e faz o lançamento. A moeda bate na borda, gira num milésimo de segundo de suspense... e cai dentro.

— Sorte de principiante — ela vibra, sem ênfase, mas nem preciso dizer que seu alívio está estampado na cara.

E eu... erro.

Na segunda jogada, Alice erra. E Katy, desajeitadamente, acerta, suspirando aliviada. Isso é cômico, a mulher inventa a besteira e mal esconde o alívio por tirar o seu da reta.

Eu não consigo... de novo.

Agora somos somente Alice e eu. Amo minha amiga, mas eu não gostaria de perder, não dessa vez... Por outro lado, eu sei que ela detestaria se envolver com alguém por uma brincadeira estúpida. Ela é muito mais do que isso, ela acredita em sentimentos verdadeiros.

Droga! Estou ficando com a consciência pesada por pensar em deixá-la nessa situação. Não

posso fazer isso.

Decidida, propositalmente, nas jogadas seguintes, pouco me esforço. Estou ansiosa para que ela acerte e acabemos com isso. Até que acontece, sua moeda cai dentro. Está feito.

— Sim! Já temos a nossa menina com a missão — Katy diz pegando minhas mãos.

Olho para os lados e vejo algumas pessoas disfarçadamente nos observando. Enrubesco em pensar que eles podem saber o que estamos fazendo. *Não. Acho que não. Fomos discretas.*

— Desculpa, Ju, mas tenho que dizer que estou aliviada por não ser eu desta vez. Você sabe, eu já perdi tantos... e essa garota aqui é impiedosa — Pini fala complacente, lançando um olhar desgostoso para Katy.

— Tudo bem, vamos lá, achem logo o homem, e amanhã eu começo minha tarefa — resmungo.

— Negativo. Você tem que começar hoje, gatinha — Katy me corta, divertindo-se.

Bufo, derrotada. Por que eu aceitei essa porcaria mesmo? Ah, sim, pelo tal negócio de se
NACIONAIS - ACHERON

conhecer, superar limites, ser destemida. Onde eu estava com a cabeça!?

— Encontrem o cara — falo contrariada.

— Júlia, você sabe, é só uma brincadeira, você não precisa fazer isso se não quiser — Alice me consola.

Observo minhas amigas encarando-me com expectativa, com expressões cuidadosas. Mesmo Katy me olha sabendo que foi longe demais.

Respiro fundo, avaliando as opções: recuar e pedir por compreensão ou enfrentar um estúpido desafio. Se eu desistisse, não seria novidade... No entanto, seguir em frente... Besteira, é só uma brincadeira idiota, e eu posso fazer isso. Uma semana passa rápido.

— Encontrem o cara — repito.

— Isso aí, garota! — Katy comemora.

Nos minutos seguintes escuto as deliberações das garotas: *feio demais; gay; é uma mulher!; baixo demais; casado; velho demais; novo demais; oh, não! Aquele é o padre, gente!...* Minhas amigas estão lidando com afinho com a *dura* missão *Ache um homem para Júlia*.

Pego outra taça de champanhe... bêbada, pode ser mais divertido. De repente, paraliso o movimento da taça a caminho da boca e quase derrubo o líquido, atraída por um magnetismo estranho que puxa meu olhar para um canto, entre grandes colunas, decorado com tecidos do chão ao teto, luzes fracas na cor violeta e um grande arranjo de flores fazendo um cenário bonito... mas não é bem isso que me atrai. Encostado à coluna há um homem grande, com medidas que, de longe, falam de seu bom porte físico, boca carnuda, olhos intensos e... aparentemente *irritados*? A impressão que tenho é de que o sujeito está me encarando com reprovação quase sombria. Não, é impressão minha... só pode ser.

Katy segue meu olhar e, de boca aberta, declara, sussurrando e chamando as outras:

— É ele. É aquele. Ele é o cara.

Todas olham descaradamente na direção do bonitão de expressão fechada. O homem muda sua visão para o lado oposto do salão, ignorando a atenção.

— Caraca! Alguém vai se dar bem — Pini

fala em um assovio.

— Lindo mesmo — Alice avalia incerta. — Porém, ele não me parece muito amigável. Será que ele ouviu o que estávamos falando?

Nós três olhamos para Alice, e depois para o homem, e de novo para ela.

Oh, droga. Será que ela tem razão?

— Não. Imagina. Besteira — Katy bufa, não muito convencida. — Todas concordam que aquele é o cara?

— Acho que sim — Pini se manifesta.

— Eu não sei, ele é bem bonito, mas... o que você acha, Ju? — Alice especula, apreensiva.

O que eu acho? O que eu deveria achar? O cara é lindo de longe, mas não sei, parece meio estranho.

Olho de novo para ele. Perfil de traços fortes, olhos intensos, nariz retilíneo, maxilar desenhado, braços evidentemente fortes mesmo embaixo da camisa. Não compreendo a maneira como meu corpo reage a ele. O coração palpita, o pulso acelera e as mãos umedecem.

Engulo de uma vez a bebida geladinha para
NACIONAIS - ACHERON

ver se faz alguma coisa por minha boca subitamente seca.

Sim. Ele é o cara.

— Tudo bem, é ele — falo meio anestesiada e confusa com os seus efeitos sobre mim.

— Ótimo! O que acham de irmos ao banheiro dar uma ajeitada em nossa aparência? — Katarina estreita seus olhos para mim. — E na sua também, Júlia, você está meio pálida.

No banheiro, verifico meu reflexo e me assusto. Apesar da lividez repentina, meus olhos estão ávidos, vivos, brilhando com algo semelhante a... excitação? Oh, minha nossa, o que estou fazendo?

Dou uma ajeitada no cabelo, retoco o batom e aperto levemente as bochechas para retomar uma corzinha ao rosto.

Pronto. Lá vou eu. Missão: conquistar aquele homem e mantê-lo por uma semana.

Fácil.

Fácil mesmo?

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 02

Júlia

De volta ao salão, olho disfarçadamente para o canto onde o alvo estava. Já não o vejo mais. Decido me afastar das minhas amigas e dar uma volta por aí, procurá-lo.

— Vejo vocês mais tarde — murmuro para elas.

Escuto seus desejos de boa-sorte e saio caminhando. Sorte... *Vou mesmo precisar.*

Estamos instaladas no mesmo quarto numa espécie de segunda casa da fazenda. Não é a casa principal, aparentemente foi projetada com vários quartos para os hóspedes, quase um hotel.

A vida é mesmo uma loucura. Quando eu iria imaginar que estaria aqui para o casamento de um

moleque ranhento que me tirava do sério quando tínhamos nada mais do que quatro ou cinco anos de idade? Ivan cresceu com a gente. Ele é primo da Alice e sempre se comportou como um bom amigo. Não foi de admirar quando recebemos seu convite para sermos suas madrinhas, nós quatro. Os padrinhos que nos acompanharão ao altar foram escolhidos pela noiva e, como chegamos aqui já na hora do jantar, ainda não os conhecemos.

Foi uma grande novidade essa história de festa de sete dias, mas, de acordo com Ivan, o irmão da noiva fez questão de que fosse dessa maneira, disse que era um jeito de as famílias se conhecerem melhor. Tivemos um voo fretado até aqui. Tudo demonstra uma falta de preocupação com os gastos.

Troco alguns sorrisos e palavras com os convidados que encontro pelo caminho. Todavia, o alvo não está à vista. Ando por todo o salão, e nada. Estou começando a reavaliar essa situação. Arrependimento e vergonha estão tentando me dominar. Até meu estômago dá indícios de desgosto com a realização da estupidez.

Preciso de ar fresco para acalmar a pequena revolta agitando meu organismo.

Ando para fora do salão observando os detalhes da decoração externa, que também é impecável. O lugar é imenso, a perder de vista.

Quanto mais me distancio na noite fresca, mais sobriedade me vem à mente. E se o cara que eu estou perseguindo for um imbecil, ou casado, ou bandido? Ele parecia, sei lá, algo como sombrio além do aceitável. Já vi muitos assim nos tribunais... Vai que o cara é um desses maníacos em busca da próxima vítima?

— Júlia, Júlia, em que você está se metendo, mulher? — resmungo para mim mesma, parando diante de uma impressionante fonte cujas águas refletem perfeitamente o céu, provocando uma imagem extraordinária, quase um tapete de estrelas.

De repente sinto uma estranha energia, mais como um forte calor, vinda de trás de mim.

— É uma visão e tanto — uma voz rouca e grave sussurra muito próximo, arrepiando imediatamente toda a minha estrutura.

Dou um pulo, recebendo uma descarga de

NACIONAIS - ACHERON

adrenalina e me viro rapidamente, totalmente em estado de alerta. Diante de mim, está não outro, senão o próprio homem-alvo, com uma expressão insondável e as mãos descansando casualmente em seus bolsos.

— De-de-desculpe? — questiono meio boba.

Ele me encara e repete:

— A fonte. — Aponta sutilmente, elevando o queixo para o lugar atrás de mim. — É uma visão e tanto. — Seu sorriso gelado é um contraste com os olhos de fogo líquido.

Recupero a postura e limpo as mãos suadas na parte lateral do corpo. Não consigo tirar os olhos dele.

— É, sim, elas refletem as estrelas — respondo desajeitada.

— E você é...? — sua pergunta soa meio indiferente, quase desdenhosa; seus olhos, no entanto, ardem intimidantes.

— Sou Júlia, madrinha do noivo. E você? — tento manter a voz apática como a dele.

— Você conhece o Ivan de onde? — o tom é ainda impassível.

O homem deliberadamente ignorou minha pergunta? Inclino a cabeça de lado, tendo o cérebro em branco por um nanossegundo com a surpresa por ser descaradamente ignorada. Eu deveria continuar essa conversa? O homem parece um pouco, talvez, arrogante demais para ser bom. *E que você vai ter que conquistar, Júlia, lembre-se disso.*

Rapidamente recupero a mente.

— Somos amigos de infância. Nós crescemos juntos. — Confirmo com a cabeça. — E, como eu não te conheço e conheço quase todos os parentes dele, presumo que seja um convidado da noiva — mudo o tom para o de uma mocinha meiga. Quem sabe essa estratégia altere o seu comportamento?

— E por que você está aqui? — sua pergunta é um desafio que eriça os pelos da minha nuca, num alerta.

— Ora, não é óbvio? Sou a madrinha — falo com ironia disfarçada, como se explicando a uma criancinha algo ridiculamente evidente. Sim, acho que gosto de provocá-lo.

O grande cara arqueia uma sobrancelha e me

lança um olhar frio que poderia me reduzir ao tamanho de uma formiga facilmente.

Encolho os ombros.

— Vim tomar ar fresco, respirar um pouco —
isso sai quase como um pedido de desculpas.

Ele mantém seus olhos fixos nos meus, arrogantemente esperando algo.

Diabos! Será que a Alice tem razão e esse homem ouviu nossa brincadeira? Uma mistura de medo e culpa começa a fazer um bom trabalho em mim, enquanto tento sustentar seu olhar desafiador.

Tenho que voltar para a festa e dizer às minhas amigas que dessa vez declinarei do desafio. Esse cara não parece estar disposto a *brincar*. Seus sinais praticamente gritam *perigo* num letreiro luminoso.

Desvio-me de seus olhos e encaro o chão.

— E-eu te-tenho que ir — sussurro, mantendo-me no controle, apesar da gagueira desconcertante.

Com um passo à frente, tento contornar seu corpo e, para minha completa surpresa, rapidamente uma mão firme me apanha o pulso.

O quê...? Paraliso no lugar, em choque diante da realização das coisas que acontecem no meu organismo. O estômago se retorce, o coração acelera feroz, e a pele transpira em tremores estranhamente emocionantes. Prendo a respiração sem perceber. O que é tudo isso?

— Espere — sua fala ganha uma maciez impossível de ser ignorada.

Com um puxão leve, sou trazida à sua frente novamente, um pouco mais perto dessa vez. Perto o suficiente para que eu possa perceber seu peito mais agitado com uma respiração forte debaixo da camisa impecavelmente branca, limpa e com cheiro muito bom. Seu hálito quente toca minha pele, levando umidade aos lugares mais indiscretos.

Oh, minha nossa.

— Respire — ele ordena, menos rude, sustentando um sorriso convencido.

Fuja! Fuja, Júlia! Saia daqui enquanto há tempo!, uma vozinha ordena dentro da minha cabeça.

— Eu tenho que entrar — sussurro, tentando recuperar a pouca coragem que me resta.

O sujeito inclina a cabeça para o lado, avaliativo, e sorri. Cacete! Que sorriso!

— Por favor, fique, Júlia — seu comando rouco facilmente me enrosca em uma teia de mel. — A noite está tão agradável aqui fora. — Seu olhar ganha um brilho indecifrável.

Abro a boca para argumentar, sem palavras.

Por que ele se tornou tão gentil de repente? Por que ele deixou de parecer rude e agora parece agradável? Fato é que o homem-alvo fica ainda mais lindo quando sorri, se é que é possível.

Nem percebi, mas estou com a cabeça inclinada meio de lado, admirando-o com uma expressão abobada, praticamente babando.

Aff! Se recomponha, mulher! A presa aqui é ele!

— Ok — digo mais alto do que gostaria, numa tentativa de recuperar a postura e lhe mostrar que tenho o controle da situação.

Isso mesmo. Repita isso a si mesma diversas vezes, quem sabe você acredita, Júlia, a vizinha antagônica grita de novo.

— A propósito — os olhos intensos perfuram

NACIONAIS - ACHERON

os meus, mantendo o discreto humor —, meu nome é Frederico. — Sua mão se estende para um aperto.

Droga! Devo estar sorrindo como retardada de novo. Balanço a cabeça, recuperando a mente, e aperto sua mão.

— Prazer — falo sem jeito.

Oh, Senhor! Seu toque é firme e muito quente.

Tão rápido como posso, solto-o. Sem coragem de sustentar seu olhar, desvio o foco para o chão, desajeitada, evidenciando meu papel de imbecil.

Ele sussurra algo de forma incompreensível.

— De-de-desculpe? — Levanto a cabeça.

— Gostaria de conhecer um lugar ainda mais bonito, Júlia? — O homem ignora meu questionamento. — Aposto que você nunca viu *nada* parecido — sua fala é sedutora.

E, por alguma razão, acho que a última frase tem um indiscreto duplo sentido. *Não. Não é a frase dele, Júlia, é sua consciência distorcendo as coisas.*

Pisco rápido, avaliando a situação. Preciso ter
NACIONAIS - ACHERON

em mente que *ele* é a conquista aqui, não eu. Eu posso, sim, conhecer esse lugar legal... e quem sabe deixar o homem atraído — mesmo que isso me torne uma péssima pessoa.

Porcaria, meu lado racional já começa a listar milhares de motivos do quão errado é isso. E se o cara for um assassino querendo me levar a um lugar afastado com algum objetivo ruim em mente? Nos tribunais, já vi histórias que pareciam surreais, em que a vítima menosprezou seus instintos de alerta. Não se pode duvidar de nada.

Analiso seu rosto paciente e delibero... Não... esse homem não teria coragem de matar uma madrinha do noivo, ia ser muita exposição. Não é?

Antes que eu possa responder, ele toma minha mão e me põe caminhando ao seu lado. Respiro profundamente, com aquela sensação de estar me envolvendo em algo muito maior do que posso gerenciar.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 03

Frederico

Sinto os músculos retesarem pela ousadia da mulher. Realmente, mal posso acreditar em sua coragem de vir atrás de mim e levar adiante a ideia de me seduzir, acreditando mesmo que eu não assisti ao show delas lá dentro.

Alguém deveria seriamente ensinar às espertalhonas algo sobre discrição.

A questão é que eu bati os olhos nessa mulher assim que ela entrou no jantar e pouco consegui fazer sobre tirar minha atenção dela. Posso estar num maldito celibato há alguns anos, mas não sou um cego para ignorar sua boa aparência. Nem quero pensar muito sobre o que foi aquilo quando nossos olhares se conectaram lá

dentro. Tive a estranha sensação de que todo o ar foi tragado do meu peito. Não sei se impressionado, ou irritado, precisei sair para colocar a cabeça em ordem.

E então a mulher tinha que vir atrás de mim, não é? Ela facilitou sua derrota descaradamente e seguiu com o plano. Obviamente Júlia é do tipo egoísta, que quer toda a atenção para si.

Malditas mulheres. Todas movidas por interesse.

Inspiro profundamente, na tentativa de acalmar os nervos. Estou lutando arduamente para manter o temperamento sob controle e seguir em frente com a decisão que tomei no momento em que a vi diante da fonte.

Apreço o passo e finjo não perceber seus olhares furtivos em mim enquanto a levo para onde quero. Sinto seu pequeno corpo tremendo em antecipação e talvez medo. Ah, sim, ela realmente tem bons motivos para temer.

Luto contra o sorriso tentando rasgar meu lábio.

Júlia, Júlia. Vou me certificar de fazê-la

nunca esquecer a lição que lhe darei esta noite sobre usar as pessoas.

Júlia

O homem quase nem fala comigo. Entramos numa mata fechada, e só consigo ver seu rosto através dos flashes da luz da lua cheia cortando as árvores.

Decido puxar um assunto para tentar me familiarizar com o alvo.

— Você vem sempre aqui? — Nossa! Essa foi péssima, parece uma cantada de boteco.

— Sempre que posso — ele responde calmamente, mas nunca deixando de caminhar, determinado, puxando-me com ele pela mata.

Oh, meu Pai! Esse homem não pode ser um assassino, por favor, seria muita perversidade do destino! Fui conquistar o homem-alvo e acabei assassinada. Já posso ver a manchete no jornal. Talvez seja um castigo merecido. É isso, Deus quer

me levar, mas não sem antes me ensinar que não se pode apostar com os sentimentos alheios.

Estrangulo um gemido de frustração.

De repente ele interrompe o ritmo abruptamente e me olha, aparentemente com uma inabalável diversão.

— O que foi? — pergunto surpresa.

— Você está com medo de mim, Júlia?

Engasgo, desconcertada.

— Nã-não... — Limpo a garganta. — Claro que não. — Sorrio para arrematar a confiança.

— Ótimo. Porque, até onde me lembro, fazer mal a moças indefesas não faz parte do meu montante de pecados. — Vejo surgir um brilho desafiador em seus olhos escurecidos. — *Ainda.*

O acréscimo tardio soa como uma piada ameaçadora.

Oh, Senhor!

— En-então isso é bom para mim, não é? — gaguejo, buscando rapidamente meu senso de humor através do medo. — Eu também não faço mal... digo, aos rapazes... *digo aos indefesos* — especifico com um riso forçado.

NACIONAIS - ACHERON

O que era para ser um arremate engraçado soa como constrangimento. Eu gostaria de ser tragada por um buraco agora mesmo.

Noto seu riso baixo.

— Perfeito. Então nenhum de nós tem o que temer. — A suavidade astuta em sua expressão me desestabiliza momentaneamente. — Vamos, já estamos bem perto.

— Você quem manda, senhor. — Balanço a cabeça concordando, otimista.

Porcaria... o que estou fazendo aqui?

Continuamos caminhando no mesmo ritmo. Aproveito para observar seu perfil sob a pouca luz e tenho que prender o fôlego. O homem é muito bonito... tão lindo que me distraiu e eu não percebi que estou caminhando numa trilha no meio do mato de saltos altos, afundando a cada passo.

— Espere. — Apoio-me em seu braço, parando-o no lugar. Não perco a força de seus músculos quentes se contraindo ao toque. — Eu preciso tirar os sapatos — explico.

Seu olhar impassível vai para onde minha mão o segura. Tenho a sensação de ver algo

semelhante a desprezo fluir rapidamente por seus traços, mas esta emoção vai embora tão célere quanto chegou, sem que eu tenha certeza de que foi real.

Na dúvida, opto por ignorar. Meus sentidos já estão em alerta demais para acrescentar mais combustível à fogueira. Retiro os sapatos e, sem conseguir evitar, gemo baixo de satisfação.

— Vamos? — pergunto aliviada, enroscando os saltos nos dedos.

O homem não se move por alguns instantes enquanto permanece me olhando, sem me deixar nenhuma pista do que está passando por sua cabeça. Se eu fosse boa em ler as pessoas, diria que ele está me estudando, tentando traçar um perfil sobre mim.

Suspiro. Estou vendo que a semana vai ser longa...

Sem nenhuma palavra, Frederico volta a caminhar. Poucos metros depois, paramos em frente a uma estrutura grande rochosa, como uma pedra gigante coberta pela vegetação exalando um cheiro gostoso de mata molhada.

— Chegamos — sua voz fria contrasta com o aperto quente em meus dedos.

Com calculada suavidade ele segura minha mão, conduzindo-me para uma pequena passagem, como uma espécie de porta naturalmente esculpida na rocha... E então entramos em um local simplesmente fantástico, indescritível. É como uma caverna, mas com uma grande abertura no alto permitindo a entrada da luz da lua, como uma claraboia propositalmente criada pela natureza para tornar o lugar incrível até mesmo à noite. O lago de água cristalina reflete um tom azul-piscina quase celestial. Os ruídos de água fluindo e o cheiro de mata fresca são hipnotizantes.

Fico boquiaberta com a beleza do lugar. O homem-alvo tem razão, eu realmente nunca vi nada mais lindo do que isso.

— É incrível — sussurro sem palavras diante da água espelhada.

— Sim, é. — Ele está muito perto, o bastante para minhas costas tocarem levemente o seu peito e seu calor esquentar minha pele.

Surpreendendo-me, suas mãos febris pousam

no meu quadril, causando arrepios que formigam como mil agulhas cravadas na pele. Por cima do ombro, encaro-o com olhos arregalados e boca repentinamente seca. Minha pulsação ganha ritmo acelerado com o que noto em seu olhar.

— O que você está fazendo? — sussurro.

Frederico deixa explícito seu desejo. Os olhos demonstram a intenção crua.

— Você é linda. — Seu hálito fresco toca a pele do meu pescoço. — E sabe disso, não sabe, Júlia? — a rouquidão desliza como uma pluma macia, assim como seu toque tirando meus cabelos do caminho.

— Eu-eu prec-preciso... — *ir embora imediatamente*. Entretanto, não consigo falar em voz alta.

— Sei do que precisa. — Ele mordisca o lóbulo de minha orelha, provocativo. — E posso te dar.

Com agilidade, o homem me gira de frente para ele. Tenho que dar um passo atrás com a força de seu estado de espírito. Nunca senti nada como isso antes.

— Eu não sei se é uma boa ideia — vacilo, mal me sustentando sobre as pernas.

Sem hesitar, sua boca firme se aproxima, suavemente roçando meus lábios, exigindo passagem para invadir.

— Frederico...

Em resposta, sua língua áspera desliza sobre meus lábios, de um lado a outro, de um jeito muito, muito bom.

— Tão doce... — a provocação incinera qualquer possibilidade de me manter firme.

Oh, porcaria. Não suporto resistir. Estou salivando, desejosa como nunca me senti antes. Mandando as reservas pelos ares, deixo nossas línguas se encontrarem pela primeira vez. A descoberta é como uma dança lentamente sensual. O sabor é uma gostosa mistura de álcool e menta, com pressão na medida certa. Luto para não gemer de satisfação com a descoberta.

Sou puxada para mais perto, colando nossos corpos num encaixe uniforme. Encontro sua nuca e aperto firme seu cabelo bem cortado, gostando da textura. O homem desliza da minha boca para o

pescoço, fazendo-me amolecida com o contato. Seus beijos descem explorando meu maxilar e colo. Com a mão ágil, ele desliza a alça da blusa fina de seda para fora do caminho e encontra a renda suave do sutiã tomara que caia.

Isto não deveria ir tão rápido!

— Espere... — sussurro sem voz. — Nós não deverí... — não consigo terminar a frase.

Sem pedir permissão, Frederico retira meu seio de dentro da peça e expõe o mamilo duro ao vento fresco da noite. Sorrindo como um lobo, os olhos amendoados e sombrios me fitam sob os cílios espessos.

— Rosado e pequeno, como imaginei... — sua voz é a própria tentação, enquanto seu dedo circula o contorno do meu pico, tornando-o enrijecido.

Sinto-me quente, muito quente. Eu não deveria deixar isso acontecer. Parece tão errado... mas também tão bom. As sensações se expandem quando os dedos são substituídos pelos lábios mornos. O simples contato leva meu organismo a reagir de maneira inédita. O estômago revira, a

garganta seca, as pálpebras pesam.

Não me conheço neste corpo. Entretanto quero conhecer, quero muito.

É então que simplesmente fecho as pálpebras e me permito entregar.

Se me perguntar como foi que deixei as coisas evoluírem, eu honestamente não sei. Seu toque suave descobrindo meu corpo e minha umidade, sua reação feroz ao encontrar-me tão sensível e receptiva a ele. Tudo acontece em borrões. As sensações lançam-me em espirais para locais dentro de mim onde eu nunca estive.

E eu me permito descobrir o novo. É simples e complicado assim. Deixo uma paixão que parecia dormente ser despertada em mim.

Não protesto ou reclamo quando ele se desfaz de suas roupas e das minhas. Ou quando me toma para si. No fundo do coração, eu sinto que esse estranho também derrubou suas barreiras, mesmo que momentaneamente, e se permitiu amar. Nesta noite enluarada, alguém chamado Frederico, tomou-me e me mostrou uma Júlia que eu desconhecia.

O toque, os sussurros, a paixão, os sons do atrito de nossos corpos entrando e sendo parcialmente encobertos pela água cristalina que nos banha e se mistura à umidade de nossos fluidos. A paixão que nos assola. Tudo parece louco, errado... e fantástico.

— Dentro não — sussurro no topo do clímax, mantendo um mínimo de razão para lembrar-me de que não estamos fazendo isso de maneira segura.

Seus olhos afiados cravam-se nos meus.

— Como preferir, menina.



Ao fim do que parece arrebatador demais para ser real, derrubo a cabeça em seu ombro, exausta, e descanso sentindo o pulsar da veia em seu pescoço e a temperatura fervente da pele. Fico por alguns segundos sem noção do tempo ou espaço. Estou flutuando em uma dimensão só minha.

Tenho vontade de rir, constatando a sorte grande que tirei. E neste momento o remorso e a

vergonha me atingem como um tapa. *Eu sou uma mau-caráter.*

— No que você está pensando? — o homem rompe meus pensamentos, pegando meu rosto entre as mãos. Com um toque íntimo, ele retira uma mexa de cabelo suado caída sobre meus olhos.

Frederico me encara profundamente, parecendo esperar algo de mim. Suas íris castanhas são penetrantes, intensas. Eu poderia falar a verdade agora, contar sobre a aposta. Uma brincadeira inocente não é nada perto do que aconteceu esta noite. Todavia, como ele reagiria? Como eu reagiria se estivesse no lugar dele e alguém me atraísse como um alvo para uma conquista boba? Droga. Eu odiaria.

E então minha covardia fala mais alto. É como um dos princípios do direito, ninguém é obrigado a fornecer provas contra si mesmo.

— Pensando em como você é bonito — finalmente respondo, baixo, desconcertada, em tom de brincadeira, procurando mudar o rumo dos pensamentos.

Seu corpo não se move um centímetro.

Frederico fica me olhando de frente, fixamente, sem soltar meu rosto. Vejo sua expressão se alterar sutilmente, seus olhos se tornando mais perigosos, pouco mascarando a aparente... decepção.

Mordo o lábio, evitando a queimação desconcertante.

— Eu preciso ir — sussurro, covarde.

— Certo, como você quiser — sua voz não é doce ou sedutora. É dura. Cortante.

Frederico

O que eu estava esperando? Que ela revelasse sobre a estúpida brincadeira e oferecesse um pedido de desculpas? Não. Definitivamente Júlia parece incapaz de falar a verdade; seu corpo, no entanto, não poderia esconder suas necessidades nem que ela quisesse. Porra, isso foi melhor do que eu pensava. A mulher tem um gosto malditamente bom. Suas paredes apertadas quase incineraram minha razão. Levou tudo que tenho para prolongar

o momento depois de tanto tempo fora de atividade.

Interesseira como todas as outras. Seus motivos são diferentes, mas ainda assim ela é igual.

Sinto a frustração fluindo pelo corpo enquanto ela desvia seus olhos de mim. A boa atriz nela ganha a melhor. Solto seu rosto pequeno de meu aperto, como um sinal de que a estou deixando ir, contrariando a vontade em mim de extrair a verdade dela, desmascará-la.

Júlia

Desconfortável com o olhar esquisito de Frederico, saio de seu colo, lavo os vestígios do que fizemos de minha pele e caminho para fora da água. A consciência de minha nudez e o fato de que acabei de ficar com um estranho me tornam vergonhosamente tímida.

Visto a saia, o sutiã e a blusa, mas a calcinha agora é apenas um trapo entre as pedras. Faço tudo de cabeça baixa. Eu não tenho coragem para

encará-lo. Todavia, sei que seus olhos estão em mim o tempo todo enquanto se veste também.

Você é uma imbecil, Júlia.

Fico rubra com a lucidez de que o pior ainda está por vir: voltar todo o caminho a pé, com um homem totalmente estranho que me levou ao extremo e agora, pela expressão em seu rosto, parece que me despreza.

Definitivamente a marcha da vergonha.

Pela visão periférica, noto-o pegando o celular.

— Estou na gruta. Agora — ordena para algum coitado que parece que nem teve a chance de contestar antes de ele desligar. Frederico se aproxima, mas não muito, e tampouco me toca. — Estão vindo nos buscar — indiferença e frieza escorrem de seu comunicado.

— Ok. — Mordo forte o lábio para não exhibir a insegurança repentina.

Em poucos minutos, escuto o barulho de um automóvel lá fora. Caminho para a saída sem olhar para Frederico. Minha cabeça está começando a doer. Na verdade, estou me sentindo muito

envergonhada e confusa. É como se eu tivesse feito amor com o fogo e uma geleira viesse assumir seu lugar em seguida. O homem quente de pouco tempo atrás sequer fala uma palavra comigo. Tenho um vislumbre dele se abaixando e pegando algo do chão; pode ser minha calcinha, talvez, *mas não se iluda, Júlia*, ele não está fazendo disso um gesto passional. Acho que, se foi mesmo a calcinha que ele colocou no bolso, é apenas para não deixar vestígio de sua conquista da noite. Entretanto, por que raios esse homem está agindo assim?

Caminho pela passagem com seu corpo bem próximo ao meu. Saímos da gruta, e logo avisto uma caminhonete grande estacionada; não encontro o motorista por perto, no entanto.

Frederico caminha até a porta do passageiro e a abre.

— Entra. — Ele aponta para o banco, como uma ordem.

Oi? Espera aí, por que raios eu deveria fazer o que esse homem está mandando? Eu sequer o conheço, ele está se comportando como um imbecil, ignorando-me e ainda acha que pode

mandar em mim?

— Não, obrigada, eu sei o caminho e voltarei andando — falo meio petulante, recuperando o orgulho.

Viro-me de costas e saio no sentido em que viemos, pelo menos é o que eu acho. Essas árvores parecem todas iguais. E se eu me perder? E daí? É melhor do que ficar mais um minuto ao lado desse sujeito estranho.

Escuto seus passos rápidos e decididos atrás de mim. Bruscamente ele me levanta do chão e me joga sobre seus ombros como se eu fosse um saco de batatas. Era a última atitude que eu esperava, e com o susto, dou um grito de horror.

— Você veio comigo e vai voltar comigo — seu tom frio me surpreende.

Não posso deixar que ele me trate assim.

— Me solta, seu brutamonte imbecil! — grito realmente irritada. — Eu não vou com você!

— Brutamonte imbecil? — Ele ri amargo. — Estou mais para um *caipirão*, meu amor.

Com um movimento hábil, ele me coloca sentada no banco e afivela o cinto de segurança.

NACIONAIS - ACHERON

Levo a mão rapidamente para me soltar.

— Nem pense em sair. Eu te carregaria de volta antes que você pudesse piscar. E dessa vez daria a essa sua bunda umas boas marcas da minha mão — a voz não deixa dúvidas de que ele está falando sério.

Ele seria capaz de me bater?

O homem continua em pé, apoiado à minha porta aberta, encarando-me pacientemente, esperando que eu me decida. Apesar dos olhos em brasa e da respiração afetada, seus lábios têm um mal disfarçado sorriso. Ótimo, agora ele está debochando de mim.

Inteligentemente, decido não pagar para ver. Não falo nada, cruzo os braços e olho para frente, derrotada, mas não menos irritada.

— Boa menina. — Ele fecha a minha porta e assume o volante.

Não vou mentir. Estou muito, muito intrigada com esse seu comportamento. Todavia, me recuso a perguntar. Não quero mais nem falar com ele. Só preciso sair logo daqui e o evitar pelo resto da semana. Fiz uma burrice ao apostar e outra maior

ainda ao vir a essa gruta.

Pelo canto do olho, percebo-o me encarando.

— Por que você está moendo os lábios desse jeito? — sua pergunta não é uma grosseria dessa vez, mas também não é naquela voz sedosa de antes.

Essas mudanças de humor são muito estranhas.

— Não te interessa — respondo malcriada.

Ele ri debochado, contrariado.

— Tem razão, talvez seja melhor eu não saber.

E assim chegamos em frente à casa de hóspedes. Curioso é vê-lo estacionar bem próximo à entrada exata do meu quarto – em meio a tantos. Contudo, não quero pensar sobre como ele sabe precisamente onde estou dormindo. Ele não merece um minuto da minha dúvida.

Desafivel o cinto e saio andando rápido sem nem dizer adeus.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 04

Júlia

Entro no quarto e encontro as meninas em cima de uma das camas. Não sei que raios aconteceu, mas elas estão todas irritantemente felizes... ou sou eu que estou de mau humor?

— Júlia! — Katy ri, saltando da cama e correndo para mim.

Pini e Alice ameaçam vir também, mas eu faço um sinal de *pare*.

— Garotas, eu preciso tomar um banho, estou com uma tremenda dor de cabeça — falo desanimada.

Elas se entreolham. Já nos conhecemos bem o suficiente para não haver uma chuva de questionamentos, embora eu bem sei que elas estão

curiosas sobre o meu “sumiço”.

Entro no banheiro, ligo o chuveiro e me sento no chão, deixando a água cair em cascata na minha cabeça. O que foi tudo isso? Eu quase não reconheci meu corpo hoje, tão sensível ao toque, tão excitado. Quando foi a última vez em que eu estive assim? Nunca.

Tive dois namorados, um na universidade, nada sério, e nem sequer transávamos direito, e outro, o bastardo do Eduardo, um noivo total e completamente interesseiro, doido para ser aceito no escritório da minha família. Eduardo se aproximou todo carinhoso. No começo foi legal, ele era bonito dentro do normal, e no geral nos dávamos bem. Com um pouco menos de dois anos, eu já estava percebendo que meus sentimentos por ele não eram tão avassaladores quanto eu gostaria, mas considerei que isso não seria um problema. Com dois anos e meio de namoro, oportunamente veio o pedido de casamento. Foi na época em que meus pais pegaram um dos maiores casos do país, e o escritório ganhara mais notoriedade. Ele me pegou totalmente desprevenida. Uma semana antes,

eu estava decidida a terminar, e na semana seguinte, numa festa de comemoração de meu pai, ele fez o pedido. Eu queria matar o cara, mas ao mesmo tempo pensava que não era justo eu me sentir assim, ele me amava.

Doce engano.

Alguns meses depois, descobri que ele namorava uma dançarina havia mais de um ano. Uma mulher sensual, *striper*. Quem descobriu, na verdade, foi meu irmão, Daniel, que, por obra do destino, viu os dois juntos em uma praia fora da cidade. Ele bateu no salafrário e me contou tudo. Eu deveria ter ficado triste, deprimida e tudo mais, não é? Não! Eu fiquei extremamente aliviada.

Nem sei por que eu me lembrei dele agora... Ah, sim, foi porque eu nunca senti nada parecido com estes sentimentos de hoje.

Frederico, que nome bonito, que gostoso de falar... Frederico, Frederico, Frederico... Um som tão agradável... mas o dono do nome não é.

Por que ele agiu daquele jeito? A única explicação é que ele nos ouviu fazendo a aposta. Eu me lembro do olhar de reprovação dele no jantar.

Se foi isso mesmo, por que ele me levou para aquele lugar incrível e seguiu em frente?

Quer saber? Chega destes pensamentos.



Saio do banheiro e encontro as meninas ainda em cima de uma cama, como fazíamos na adolescência. Estou menos chateada do que quando entrei no quarto, há quase uma hora. Elas me dão espaço, e eu me enfio embaixo do lençol. As danadas roubaram uns doces do jantar e me oferecem. Percebo seus olhares em mim.

Respiro profundamente.

— Eu transei com ele — admito baixo, mordendo a bochecha. Elas continuam me olhando com expectativa. — Foi incrível. — Enfio um doce na boca para ganhar tempo e refletir se eu conto sobre a indiferença pós-foda.

— Espera aí, garota. — Katy estreita os olhos, investigadora. — E por que você está com essa expressão de que veio de um velório?

— Katy! — Alice repreende.

— Não, tudo bem. — Suspiro. — O cara é um babaca.

— Como assim, Ju? O que ele fez? — Pini se ajeita rapidamente, protetora.

As três me olham preocupadas.

— Ele foi perfeito... vocês sabem... — Dou um sorriso sem graça. — Mas acho que a Ali tinha razão, sabe... quando disse que ele ouviu sobre nossa aposta.

— Oh, Ju, o que ele fez? — Alice segura minha mão.

— Nada, sei lá, parece estranho, mas ele não fez nada que me ofendesse ou algo assim, foi mais como uma geleira, um iceberg, de repente.

Elas se olham confusas.

— Você acha que ele ouviu nossa brincadeira e foi frio com você? — Katy pergunta, tentando compreender a situação. — Foi frio depois de ser perfeito?

— É, é isso. — Rio e encolho os ombros, envergonhada. — Vocês entendem o quanto isso é confuso?

— Confuso... — Alice diz.

— Confuso mesmo — Katy repete.

— Ou o cara é bipolar — Pini conclui.

Bipolar ou não, isso não foi uma boa ideia, eu não quero ficar pensando. Não sei o que estou sentindo e, seja como for, o homem é um brutamontes frio.

Passamos o restante da noite conversando. Vou me deitar tarde e com uma tamanha ressaca moral.



Não consigo dormir, sou atormentada por flashes do que fizemos. Quem é ele? Eu nem sei nada sobre o cara. Pensando com mais clareza agora, eu não medi o risco de sair com um estranho, no meio da mata, para uma gruta que poderia facilmente ser o cenário de um assassinato – *o meu*. Vai ver é isso, o homem é um *serial killer* desses do tipo bonitão, que seduzem para depois matar.

E por que ele não me matou? Ficou com pena de mim? Ele não me parece ser alguém que se

arrepende ou que tenha piedade de quem quer que seja.

Perfeito! Para eu não sentir esta vergonha insuportável, vou pensar que na verdade sou uma sortuda: tive um ótimo encontro e não fui assassinada.

Frederico

Tenho vontade de arremessar o copo contra a parede. Onde estou com a cabeça? Deixei a pequena bruxa entrar na minha mente e não consigo esquecer aquela porra de olhar ferido que ela lançou para mim enquanto se vestia.

Puxo a peça de renda negra do bolso e inevitavelmente a trago ao nariz, respirando profundamente o cheiro da excitação da mulher.

Possuí-la foi fantástico. E ver sua atitude malcriada me fez vibrar de vontade de tomá-la novamente. Tenho que admitir que, se não houvesse aquela aposta ridícula, talvez as coisas

fossem diferentes.

Inferno, não. Elas são todas iguais. Eu já tenho minha própria cota para saber que não devo me deixar enganar novamente.

O que não me impede de tirar um pouco de diversão da situação.



Júlia

— Júlia... Júlia — a voz doce de Alice me puxa de um sonho maravilhoso num certo lago de água cristalina... Droga, além de fazer a arte, tenho mesmo que ficar sonhando com isso?

— Bom dia — cumprimento preguiçosa. — Que horas são?

— São 7h30, temos que tomar o café da manhã e ir para o ensaio, às 9h.

— Ok, vou tomar banho — resmungo.

Depois de 15 minutos, já pareço quase nova, *quase*, porque a vergonha do que fiz ainda está

estampada no meu rosto. Pini e Katy entram no quarto, ambas já vestidas lindamente com roupas frescas. O ar do campo faz muito bem para essas meninas.

— Garota, você está uma gata. — Pini beija minha face. — Sua pele está maravilhosa, e esse vestido caiu como uma luva.

Ela fala do meu vestido longo e florido. Comprei para vir para a fazenda, é fresco e soltinho.

— Você não imagina como esse lugar é lindo à luz do dia, Ju — Katy fala maravilhada.

Isso porque eu nem contei sobre a gruta... E é melhor nem começar a falar, tenho que afastar qualquer pensamento sobre *ele*. Quando me lembro do jeito como Frederico me tratou, sem contar aquela atitude grosseira de me carregar nos ombros como um típico homem das cavernas... *Imbecil*.



O café da manhã é um banquete com frutas e alimentos frescos típicos da fazenda. Ivan, os pais

dele e Bianca, a noiva, sentam-se à nossa mesa. Bianca é uma pessoa simples, delicada e bem-educada. Não tive oportunidade de conversar mais profundamente com ela, mas, pelo pouco que falamos, deu para perceber que ela é uma boa pessoa. É legal ver um casal que combina, e eles parecem radiantes. Passamos a próxima meia hora falando sobre o casamento. Com a distração da conversa, até esqueço, por minutos, de ontem à noite.

Depois do café, partimos para o local onde será a cerimônia, uma área de gramado extenso que já está sendo preparada com as prévias da decoração. Acho bonito casamento à luz do dia, e, em um lugar como este, parece incrível. Não que eu entenda qualquer coisa sobre casamentos.

Alice e Bianca engatam numa conversa bastante animada enquanto aguardamos os padrinhos e os pais da noiva chegarem para iniciarmos o ensaio. Alice é florista e dona de uma linda floricultura. Foi sua empresa que forneceu a maioria das flores que farão a decoração do casamento.

Cerca de dez minutos depois, duas caminhonetes se aproximam de onde estamos.

Recebo um cutucão discreto de Katy.

— Ju, olha quem chegou — ela cochicha um pouco apreensiva.

Meio que por reflexo, viro-me imediatamente para ver ninguém menos do que *ele...* a deliciosa geleira em pessoa: Frederico. Meu coração falha uma batida, não consigo respirar, minhas pernas até estremeçam.

Era só o que me faltava!

Ele sai do volante e ajuda uma senhora elegante a descer, em seguida um senhor também sai. Frederico está tão lindo, cabelos úmidos, vestindo camiseta branca e jeans. Totalmente perfeito, se não fosse um patife.

— Oh, eles chegaram! — Bianca vai ao encontro dos três. Ivan a segue.

Analiso a situação: os dois senhores devem ser os pais da noiva. E Frederico, o que ele faz aqui?

De outra caminhonete saem três rapazes. Os padrinhos, provavelmente? Meu cérebro começa a

NACIONAIS - ACHERON

calcular as probabilidades, quase em pânico. Cacete! Se esses três são os padrinhos, e somos em quatro madrinhas... então... *Ah, não!*

Viro-me de costas rapidamente. Ele não pode me ver. O que eu faço? O que eu deveria fazer?

Katy, Pini e Alice se entreolham.

— Eles estão vindo para cá — Pini sussurra.

Eu preciso sair daqui agora!



Frederico

Tenho vontade de rir da expressão assombrada no rosto da pequena bruxa ao perceber minha presença, obviamente alertada por sua amiga. Assisto ao corpo gostoso se endireitar e enrijecer. Seu olhar assustado fala um pouco da satisfação por me ver.

O que ela pensou? Que não me veria mais em minha própria fazenda? Uma tola fácil.

Direciono-me à porta onde está minha mãe,

ajudando-a a descer. Outro olhar em Júlia, e a observo se virando rapidamente, provavelmente desejando que um milagre aconteça e ela não tenha que me enfrentar. Depois de ontem, dificilmente a pequena vai se esquecer de mim. Espero que ela tenha apreciado o que realmente é ser usada por alguém. Tola.

Eu, que estava achando que a semana seria um pesadelo com toda essa gente aqui, estou começando a ver a diversão nisso.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 05

Júlia

— Meninas, eu quero lhes apresentar a minha família. — Bianca já está atrás de mim. A empolgação em sua voz me obriga a virar de frente para o grupo. — Estes são minha mãe, Cecília, meu pai, José Alfredo, e meu irmão e padrinho do casamento, Frederico. — Não abro a boca enquanto ela se direciona para eles. — E essas são as madrinhas e amigas de longa data do Ivan: Katarina, Alice, Priscila e Júlia. A Alice é prima dele. — Ela sorri feliz, apontando para cada uma de nós.

Eu não consigo sair do lugar ou dizer nada. Estou travada, minha boca parece cheia de concreto.

Katy toma a atitude e começa com os cumprimentos, apertando as mãos dos homens e beijando o rosto da senhora. Pini segue o gesto, e em seguida Alice também. Estou em choque. Katy me cutuca e, com um leve empurrão, tira-me do lugar.

Estremeço e limpo a garganta. Dou um passo em direção à mãe.

— É um prazer conhecê-la, Sra. Cecília. — Beijo seu rosto e recebo um abraço gostoso.

— O prazer é todo meu em conhecer jovens tão bonitas — ela diz gentil.

É uma senhora cheirosa, delicada e de pele aveludada como a filha. Seus olhos são acolhedores e transmitem uma boa sensação.

Estendo a mão para o pai.

— Prazer em conhecê-lo, senhor. — Aperto a mão fofa, com alguns sinais de calos de anos de trabalho.

— O prazer é meu, minha jovem. — Assim com a mãe, ele parece ser uma pessoa agradável.

Enquanto ainda mantenho o aperto de mão, meu cérebro trabalha rapidamente para decidir se

NACIONAIS - ACHERON

cumprimento ou não o *homem de gelo*. Se sim, devo fingir que não o conheço?

Sinto seu olhar em mim. Abençoada visão periférica que me faz ruborizar. Está decidido. Preciso ser sociável, é minha obrigação como madrinha. Friamente, estendo a mão para ele.

— Olá, prazer — minha voz sai rouca, denunciando o nervosismo.

Ele aceita o aperto. O contato queima minha pele. Instintivamente faço menção de largar sua mão. Todavia, sou puxada discreta e decididamente para um beijo no rosto. *Dissimulado!*

— Prazer eu te dei ontem, Júlia. Não lembra? — ele sussurra quente em meu ouvido.

Milhares de sensações confusas fritam minha mente: raiva pela ousadia dele, desejo pelo hálito quente contra minha pele, vergonha por temer que alguém o ouça e saiba o que fizemos, saudade de sentir tudo aquilo de novo. Vou morrer aqui, minha cabeça vai explodir diante de toda essa gente.

Empurro-o com toda a discrição que eu consigo e o vejo abafando um sorriso vitorioso. *Patife.*

Os três jovens se aproximam, e Bianca apresenta-os:

— Estes são Gustavo, Brian e Renan, os padrinhos.

Seus sorrisos são de acalorar o corpo, ou sou eu que já estou quente?

E começa outro festival de beijos.

Faço questão de me mostrar muito amigável com os padrinhos, beijo-os no rosto, ofereço sorrisos e troco algumas palavras gentis, assistida de perto por Frederico – o conquistador que adora desprezar no pós-foda. Pela carranca em seu rosto, ele não está gostando muito da minha simpatia... Uma pequena felicidade se agita dentro de mim, e vibro mentalmente. Isso é para ele aprender que eu também posso ser dissimulada.

A cerimonialista, uma mulher de meia-idade e impecavelmente vestida em um tailleur vermelho, que já estava no local organizando a decoração, aproxima-se com uma prancheta e começa a falar sobre os detalhes da entrada dos padrinhos e respectivos pares.

Rezo baixinho para não ser par do sujeito

mal-humorado, até que escuto meu nome.

— Srta. Júlia, você entrará na cerimônia com o Sr. Gustavo. Aqui. — Ela acena para ele se aproximar.

Sinto uma mistura de alívio e desapontamento.

Desapontamento, Júlia? Você ainda quer ficar perto do cara depois de como ele te tratou? Francamente.

A voz de Frederico interrompe meus devaneios. Vejo-o falar com a cerimonialista alguma coisa rápida, mas não entendo direito. Percebo-a ruborizando como um tomate, ficando da mesma cor de sua roupa.

— Claro. — Ela se aproxima do meu par. — Sr. Gustavo, houve um engano aqui, me equivoquei, você será o par da Srta. Alice. — Ela sorri amarelo, envergonhada.

O quê? Como assim? O que ele falou para ela?

— Desculpe? — interrogo-a, incrédula, evitando demonstrar minha indignação.

— Me equivoquei, Srta. Júlia, você entrará na
NACIONAIS - ACHERON

cerimônia com o Sr. Frederico. Por favor, se aproxime para darmos início. — A mulher faz questão de não me olhar nos olhos.

Olho para ele posses de vontade de socá-lo. Seu rosto está sério, como se ele não tivesse feito nada.



Frederico

Preciso me esforçar para não debochar do constrangimento da pequena bruxa. E o pior é que foi ela mesma que se colocou nessa situação. Se Júlia não estivesse tão interessada em se aventurar naquela gruta, teria se importado em perguntar mais coisas sobre mim e certamente saberia que sou irmão da Bia, padrinho do casamento e dono disto tudo.

Olá, prazer. De onde merda ela tirou isso? Fingir que não me conhece não foi uma jogada muito inteligente, depois de tudo.

Para romper ainda mais com a linha fina de
NACIONAIS - ACHERON

autocontrole que ainda mantenho, tenho que assistir a seu flerte descarado com esses idiotas. Eu e esse imbecil do Gustavo ainda teremos uma conversinha mais tarde. Inferno, por que eu me importaria sobre com quem ela quer fazer seu jogo? Essa não é a maneira como ela age, afinal?

Não me contenho, interferindo sem nenhuma vergonha na escalação dos pares, e quase entrego meu divertimento vendo a carranca no rosto da menina por saber que, *sim, mulher, eu tenho o poder de mudar o que eu quiser e quando quiser*. Eu não a mandei brincar comigo com a estúpida aposta, mandei? Agora que aguento as consequências. E planejo que sejam longas, se levar em consideração que a pequena bruxa está insuportavelmente bonita à luz do dia, nesse vestido comprido. Pretendo desfrutar de cada minuto disso.



Júlia

Eu não vou suportar ficar a próxima hora com ele, não vou mesmo. Teimosamente, não me aproximo do homem. Escuto com atenção as orientações da organizadora.

— Atenção, senhores — ela fala altiva, pedindo que olhemos para si. Engraçado como eu não vi essa determinação toda quando ela obedeceu como um cachorrinho às ordens dele. — Vamos ensaiar a entrada dos padrinhos.

Vejo cada uma das meninas se aproximar de seu par e caminhar lado a lado para a marcação onde será a entrada. Eu as sigo sem olhar para conferir se o *homem de gelo* está perto. Minha liberdade dura pouco; em segundos ele já está colado a mim.

— Não fuja, é pior, você já sabe — ele sussurra em meu ouvido com uma voz dura.

Fico furiosa com sua arrogância.

— Ah, claro. Você vai me jogar nos ombros — falo irônica.

— Se continuar me evitando, sim, serei obrigado a fazer isso — ele afirma determinado e nada discreto.

Verifico seu rosto sério e posso ver que ele não está blefando.

— Muito bem, madrinhas e padrinhos, por favor. — A cerimonialista medrosa bate palminhas. *Argh!* — Vou pedir que Alice e Gustavo iniciem a entrada e peço que vocês prestem atenção.

Assisto a Alice toda empolgada se enroscar ao braço do homem e caminhar vagarosa e elegantemente até onde será o altar. Pontuando tudo o que vejo de errado nessa cena, só me causa mais desgosto: primeiro, vou ter que me enganchar ao braço desse grosseiro bipolar, o que poderia ser maravilhoso, se ele não fosse um patife, Ok, um patife lindo, cheiroso, forte, com uma boa pegada e tudo mais, mas não menos patife; a segunda coisa é o ritmo das passadas que essa cerimonialista filha da mãe quer que sigamos, lenta e dolorosamente, aliás, no que depender dela, os convidados assistirão à entrada de padrinhos mais longa da história, ou seja, terei que andar como uma lesma atrelada ao homem que me detesta; terceiro, e não menos pior, quem foi que decidiu que teria que haver quase uma milha entre a entrada e o

altar? *Minha nossa*, quanta ostentação, custava fazer um caminhozinho mais curto?

É isso. O destino decidiu conspirar contra mim, deu-me a melhor transa de toda a minha vida com o homem mais bipolar de todos – nada contra homens bipolares – e com quem vou ter que conviver por uma semana. Obrigada a Katy e suas ideias furadas.

— Será que eu deveria perguntar no que você está pensando? — Frederico sussurra próximo ao meu ouvido.

Oh, corpo traidor! Eu preciso mesmo me arrepiar inteira quando ele faz isso?

— Melhor não — respondo seca, sem olhar para ele.

Agora Pini e o outro padrinho recomeçam a marcha da agonia. Katy está a cerca de dois metros à frente, esperando sua vez.

— Eu já disse como você está bonita hoje, Júlia? — a voz dele é como uma pluma acarinhando meu ombro.

Ignoro os arrepios novamente e não respondo. Ele está fazendo isso para me provocar,

só pode. Mordo forte o lábio inferior para me causar dor como forma de punição por eu ser uma toupeira e agir de forma libertina quando não deveria.

— Esse vestido caiu muito bem em você. — Ele respira perto demais. — No entanto, eu ainda prefiro você sem ele.

Penso em chamar a cerimonialista e reclamar da atitude dele... mas nesse caso, eu diria o que para ela? Que ele está me assediando? E quem eu acho que ela é, a diretora da escola primária? Faça-me rir, nunquinha que essa medrosa iria intervir. Estou por minha conta.

E eu vou deixar ele me intimidar assim? Não, não, Sr. Moço Bipolar, você está enganado.

— Se você não tivesse problemas psicológicos, eu adoraria ficar sem ele, também — retribuo docemente, quase inocente. *Quase.*

Fito o casal lá na frente, mas sei que o homem fuzila meu rosto sem nenhum humor. Hum!

Corajosa, dou-lhe uma olhadinha, só para conferir, e paraliso com o olhar sombrio e desafiador que ele me lança.

— Fale mais uma gracinha dessas, e eles terão que fazer esta porcaria sem nós — as palavras saem entredentes, enquanto ele me encara com um desejo revelador.

Sua atitude me excita profundamente, deixando-me totalmente em estado de alerta. Minha respiração acelera no mesmo ritmo dos batimentos. De repente até este vestido fresco não alivia o calor.

— Não pense que eu não estou vendo que você quer isso tanto quanto eu, Júlia. — Sem receber um argumento à altura, ele se posiciona ao meu lado e assume sua expressão séria de novo. — Boa menina.

Neste momento, Katy já está na metade do caminho com seu par, e a cerimonialista faz sinal para começarmos a marcha.

Como se não pudesse ficar pior, encosto o braço no dele e sinto todo o calor de seu corpo. *Por favor, bom Deus, faça com que isto acabe logo.*

Expiro ruidosamente.

— Relaxe, mulher, você já esteve mais enroscada em mim do que isso. — O patife se

inclina discretamente para o meu ouvido. — E, se bem lembro, pediu.

Ignoro seu comentário e foco em olhar para frente.

Exceto pelas meninas, que me observam preocupadas, quem não sabe sobre nós nem percebe que ele está me dizendo essas coisas, sua cara de pôquer é muito boa para disfarçar. Sorrio também e finjo que está tudo bem, eu não quero que ele vença. Na verdade, eu só quero que esta semana acabe logo.



Frederico

Ter seu corpo tão próximo aperta minhas entranhas. Eu pensei que conseguiria ter tudo sob controle. Entretanto, no momento em que nossas peles se tocaram, percebi que estava enganado. Júlia é muito bonita, não nego, e seu corpo certamente reage ao meu. O arrepio em sua pele foi a resposta que eu precisava para saber que ela não

NACIONAIS - ACHERON

está indiferente a mim como tenta mostrar.

Sua teimosia em não se aproximar quando a cerimonialista determinou não caiu muito bem em meus nervos. E não menti quando disse à pequena bruxa que, se ela mantivesse esse seu comportamento arredoio comigo, eu a lançaria nos ombros e a arrastaria para um lugar onde poderíamos ficar sozinhos outra vez, porque é exatamente esta a minha vontade no momento.

Se Júlia está minimamente pensando que vai se livrar de mim depois do que ela mesma começou, a pobre bruxa nunca esteve mais equivocada.



Júlia

Ficamos mais meia hora no altar escutando a falante organizadora de casamentos, e em todos os minutos Frederico permaneceu ao meu lado. Mal consigo me soltar do braço dele... O pior é que é tão bom tocá-lo...

NACIONAIS - ACHERON

— Bem, pessoal, é isso, então — a cerimonialista enfim conclui nossos trabalhos. — Há um almoço reservado para vocês, e por hoje estamos encerrados.

Ufa! Finalmente posso sair desta aflição que faz meu ventre vibrar.

Pini se aproxima, mas Frederico não faz nenhum movimento para se afastar. Ela lhe lança um olhar carrancudo enquanto se dirige a mim:

— Tá tudo bem, Ju? Vamos?

— A Júlia vai comigo no meu carro, eu preciso conversar com ela — ele diz educado; seu tom, entretanto, não deixa espaço para ser contrariado.

Minha amiga me olha à procura de saber o que quero. Aceno que está tudo bem. Eu também preciso falar com ele. Precisamos resolver esta situação toda e conviver amigavelmente, para o bem desse casamento.

Frederico faz um sinal com a cabeça para Gustavo — provavelmente para levar seus pais de volta — e, mesmo sabendo que eu já concordei, ele nem me deixa responder, sai me puxando pela mão

sem se preocupar com os olhares a nossa volta.

Sinto as bochechas esquentarem.

O homem abre a porta do passageiro, e eu entro na caminhonete. Ele assume o volante. Seu cheiro fica mais evidente no veículo fechado. Inspiro profunda e disfarçadamente, tentando absorver um pouco mais do que me traz lembranças.

O olhar afiado cai em mim.

— Fico feliz que você tenha vindo do jeito fácil, do contrário...

— Você me levaria em seus ombros — reviro os olhos e termino sua frase, contrariada com a ameaça, mas ciente de que ele está falando sério. — Não precisa ficar repetindo.

— Boa menina.

Isso atinge meu nível máximo de irritação.

— Olhe, Frederico, pare com esse negócio de “boa menina”, sim? Se eu vim, não foi porque tenho um mínimo medo de você, eu vim porque concordo que precisamos resolver este negócio — faço um sinal entre nós — e seguir adiante. Não podemos detonar uma bomba a cada vez que nos

NACIONAIS - ACHERON

encontrarmos porque erramos ontem.

Ele franze a testa e estreita os olhos, parecendo surpreso.

— Se não quer ser chamada de *menina*, não se comporte como uma. Você está agindo assim desde a hora em que cheguei, me evitando, flertando com meus amigos, me provocando — seu tom é aborrecido, até irritado. — Mas eu concordo com você, precisamos esclarecer algumas coisas.

Eu cruzo os braços e o encaro.

— Então comece.

Ele muda os olhos para frente, ligando o motor.

— Não aqui.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 06

Júlia

Eu conheço este caminho, claro, ele só pode estar me levando para o *nosso* lugar, se é que posso chamar de nosso.

— Muito conveniente — resmungo, revirando os olhos.

Sua expressão se mantém insondável; ou ele não ouviu, ou fingiu que não. Parando em frente à gruta, o motor do carro é desligado.

— Aqui podemos conversar com mais calma — diz tranquilamente.

— Eu não pretendo entrar aí com você, se é o que você está pensando.

Apesar da árdua luta para parecer firme, mal consigo entender a adrenalina construindo um

NACIONAIS - ACHERON

caminho através das minhas veias. Isso é ruim, realmente ruim.

Ele sorri desafiador, parecendo saber o que estou pensando, e desce do carro.

Respiro pesadamente e desço também. Contornando calmamente o veículo, ele para diante de mim. Seus olhos aquecidos buscam os meus.

— Eu gostaria de me desculpar com você, Júlia.

Observo sua boca se mover e, antes que eu possa evitar, meus pensamentos viajam para a última noite. A sensação do beijo, do toque, do calor, do gosto. Foi tudo tão surreal que ainda estou duvidando de que tenha mesmo acontecido.

— O quê? — emito um som agudo, arrastada de volta para o momento. — O que foi que você disse? — questiono desconfiada.

A menção de um sorriso rasga discretamente seu lábio.

— É o que você escutou. — O olhar amendoado contém um brilho diferente. — Não agi de uma maneira legal e gostaria de me desculpar.

— Isso é alguma brincadeira? — Estreito os
NACIONAIS - ACHERON

olhos, cruzando os braços à frente do peito defensivamente.

O homem bonito levanta as mãos para o ar em rendição.

— Nenhuma brincadeira. — O sorriso se alarga sem restrições. — Podemos, por favor, esquecer que eu fui um idiota e seguir em frente, Júlia?

Com um passo à frente, encurtando a distância entre nós, ele retira uma mecha de cabelo do meu rosto, colocando-a atrás da orelha. O contato eriça os pelos de minha nuca.

Verifico seu rosto, procurando pelo sinal de que isso é uma cilada. Nada. O sujeito mantém-se paciente, esperando algo de mim. Começo a acreditar seriamente que esse homem tem mesmo algum problema de personalidade. Que outra razão explicaria?

— Você sofre de bipolaridade, Frederico? — pergunto séria.

Uma risada rouca — e muito atraente — explode de seu peito.

— Não, não sofro de nada disso.

Sua proximidade, a aura leve que eu não vi antes, os olhos intensos e esse pedido de paz. É tudo tão confuso que nem sei o que pensar.

— Ok. — Mordo o lábio, ponderando o que dizer. — Podemos, sim, ser amigos e esquecer tudo isso. — Faço um gesto para a gruta.

Sorvo o ar quando suas mãos firmes seguram minha cintura. O movimento me pega desprevenida. Instintivamente dou um passo atrás, mas não consigo sair de suas garras.

— Eu não falei nada sobre esquecer.

— Foi um erro.

— Não foi um erro — a determinação em sua afirmação me põe de joelhos moles.

Aproveitando-se do meu estado, mansamente Frederico inclina o rosto para mim, suave, sussurrando coisas, anunciando o que pretende fazer; ao ser tocada por seus lábios, no entanto, minha primeira reação é rejeitá-lo. Não abro a boca... E, como se conhecesse meu ponto fraco, ele beija o cantinho dos meus lábios, provocando cócegas excitantes. Gemo, para minha má-sorte, denunciando a satisfação. É o que ele precisava

para morder o lábio e enfiar a língua áspera em minha boca, explorando todos os espaços, dançando com a minha. A sensação é incrível.

Amoleço feito uma gelatina aguada.

Um erro!

Flashes da noite anterior inundam meu cérebro como um balde de água fria, devolvendo-me a lucidez. Tento me afastar, mas ele segura suavemente minha nuca, impedindo.

Bastardo!

Da maneira que posso, chuto-lhe a canela.

— Ai! — ele geme surpreso. Acho que essa era a última coisa que ele esperava de mim.

Suas mãos me deixam... E sabe aquela sensação de *quero, mas não quero*? Pois é. Sinto exatamente isso.

— Desculpe, foi o único jeito. — Encolho os ombros, envergonhada pelo método de me afastar dele, mas não pela intenção.

— Você não fez isso... — ele inclina a cabeça de lado, falando cada palavra lentamente. Seus olhos ganham um brilho divertidamente diabólico.

Medo. É exatamente o que sinto. Sem pensar
NACIONAIS - ACHERON

muito, olho para o lado direito e só vejo uma alternativa: *correr*.

Dou alguns passos, acreditando que posso fugir... mas, antes mesmo de uma respiração curta, sou agarrada pela cintura sem esforço. Frederico me puxa, fazendo minhas costas baterem em seu peito. Minha bunda toca sua virilha; impossível não notar a ereção destacada em seus jeans.

Dou um rosnado desajeitado em protesto.

— Decisão errada. — Ele ri, motivado pelo desafio que acabei de lançar.

— É sério, Frederico, me solte, por favor.

— Eu te solto se você prometer que não vai mais fugir — o sussurro de sua boca quente colada ao meu ouvido me faz arrepiar. — Você promete, Júlia?

— *Argh!* Ok. Agora me solte! — forjo irritação na voz, tentando dissimular o desejo que vem rapidamente me perturbar.

Sem me soltar de seu domínio, ele gira meu corpo para ficar de frente para o seu e estuda meu rosto, provavelmente encontrando as evidências de minha situação.

— Você é mesmo uma coisinha intrigante — a frase é mais para si mesmo do que para mim.

— Não sou uma coisinha, e por favor, me solte. Vamos terminar logo com esta conversa — cuspo embaraçada.

Inspirando curto e a contragosto, Frederico me libera.

Retomo a postura, querendo parecer indiferente, porém, ficar de frente para ele só me torna mais vulnerável. O beijo foi incrível, e eu sei que com ele vai além disso.

Sustentando meu olhar, o homem desliza os dedos por seus cabelos, frustrado ou inquieto, não sei bem.

— Ouça, Júlia, podemos parar de agir assim um com o outro? Ontem eu não sei bem por que me comportei daquele jeito. Fui um babaca, admito. Mas quero estar em paz com você, te conhecer... quero dizer, conhecer a madrinha do casamento de minha irmã sem que ela queira me matar, tudo bem?

Ele não quer ficar mal com a *madrinha do casamento*. Sou mesmo uma estúpida por pensar

em algo diferente.

— Eu também não quero esta situação —
minha voz soa decepcionada, por mais que eu tente
evitar.

— Certo. — Ele medita, estudando meu
rosto. — Então, e você? Quer dizer alguma coisa?
— Seus olhos se fixam em mim, intensos demais.

Que diabos ele quer dizer com isso? Será que
essa é a deixa para eu confessar sobre a brincadeira
com as meninas? Encaro-o mais atentamente. Não.
Acho que ele não sabe sobre aquilo. Sabe? De
qualquer maneira, este seria um bom momento para
falar, mas quem é que estou tentando enganar? Eu
sou uma medrosa; por mais que eu queira mudar,
esta é a minha essência.

— Não, não acho que eu tenha que dizer
alguma coisa — respondo covardemente.

— Como eu pensava — ele responde baixo.
Qualquer rastro de emoção se evade de seu rosto.

Diante de mim, percebo seu semblante mudar
de intensidade, tornando-se determinado. De
repente é como se sua mente tivesse tomado
alguma decisão. Todavia, a esta altura, a minha

culpa é tão grande que posso estar vendo coisas.



Frederico

O que está havendo comigo? Por que a expectativa de essa mulher revelar que só estava brincando quando veio atrás de mim ontem ainda abala meu controle? Inferno, eu dei a oportunidade para ela falar, e tudo o que a garota fez foi me tratar como um burro. Preciso me acalmar e conter a vontade de jogar toda a verdade na mentirosa.

Parece que com essa menina tudo é assim. O que ela tem afinal? Por que me faz ir do 8 ao 80 com tão pouco esforço? Quero desmascará-la, mas, tão forte quanto isso, quero tê-la novamente com uma necessidade que beira o desespero.

Poucos minutos ao seu lado, e já posso concluir que preciso de ter muito cuidado com os sentimentos que a pequena bruxa está despertando em mim.



Júlia

À espera de uma reação de Frederico, fico em silêncio, moendo a parte interna da bochecha entre os dentes, até que, surpreendendo-me, seus dedos alcançam meu rosto num deslizar suave como uma carícia.

— Você é tão bonita — o som é como um sopro baixo, sedutor, com o poder de balançar minhas estruturas.

Tenho a impressão de que meu coração falhou uma batida. Prendo a respiração, segurando a onda.

— Obrigada — sussurro um agradecimento envergonhado.

— Eu gostaria de te levar para passear, o que você acha?

Estreito os olhos. Ele está tentando ser gentil? Mordo o lábio inferior, torturando-me para não aceitar.

— Acho melhor não.

— Vamos lá, Júlia. Eu quero ser seu amigo, te conhecer melhor e também me desculpar de maneira adequada — persuasão e sedução se misturam em seus lábios. — Venha comigo, vamos fazer algo diferente.

Uma coisa sobre Frederico: ele é lindo; quando sorri desse jeito, contudo, eleva tudo a outro nível. Impossível resistir.

— Diferente como o quê? — pergunto me fazendo de desinteressada, mas minha expectativa já está nas alturas.

— Eu quero te mostrar mais um dos lugares bonitos que temos aqui — a voz baixa uma nota, alastrando tremores na minha espinha.

Eu poderia facilmente ficar olhando em seus olhos amendoados por um dia inteiro e acho que dificilmente me cansaria... O pior é que eu quero tanto aceitar seu convite que nem sei como dissuadir a ideia de minha própria mente.

Pensando bem, isso é para o meu prazer também. Eu nunca me entrego aos impulsos, tampouco me lembro de querer tanto alguma coisa

assim antes. Apesar da atmosfera estranha e dos sinais confusos, eu quero muito ter mais um momento com ele. Não sou burra, sei que esse homem tem suas próprias intenções, mas, independentemente de quem esteja usando quem, no final das contas, isso será somente uma boa aventura de uma semana.

— No que você está pensando? — Ele inclina a cabeça, sorrindo. — Aliás, você não fala mesmo, então tudo bem...

Mordo o lábio, contendo o riso.

— Estou pensando em que você pode estar certo.

Ele arqueia a sobrancelha, bem-humorado.

— Eu quero aproveitar estas pequenas férias. Você tem razão, na cidade não há coisas assim para ver. — Dou a ele um olhar insinuante.

O homem bonito ri alto e balança a cabeça.

— Ok, então amigos? — Estende a mão. Pego-a, seguro-a e a aperto.

— Se é o que você quer, então, sim, amigos — falo confiante.

Não sei o porquê, mas tenho a sensação de
NACIONAIS - ACHERON

que estamos travando uma batalha silenciosa, talvez para ver quem cederá primeiro.

— Venha comigo, mulher.

Assisto-o a abrir a porta da caminhonete, enlaçar o cinto de segurança em mim com tanto cuidado que posso até gostar disso. Se é que já não estou gostando. Sua confiança o faz parecer um homem experiente. Aliás, eu não sei nada sobre ele.

— Quantos anos você tem, Frederico?

— Alguns.

Recebo um toque de seu dedo na ponta do nariz. Olhando-me descontraído, ele sai para contornar o carro e ocupar o volante.

Reviro os olhos.

— Bem, pelo que vejo, acho que você deve ter mais do que *alguns* — falo falsamente distraída olhando pela janela. — Quantos irmãos você tem?

— Só a Bia — o som seco me corta.

Então ele não quer responder a questões pessoais... Interessante.

Quer saber? Tudo bem para mim, eu também não quero, *homem-alvo*. Eu só quero curtir o momento.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 07

Júlia

Estacionamos em frente à enorme casa da fazenda, não a que estamos hospedados, mas a casa principal.

— Vamos pegar alguns alimentos. — Ele salta da caminhonete e me leva pela mão para uma das entradas.

Sou puxada para o interior da casa e posso ver brevemente que se trata de um lugar muito bonito e impecavelmente decorado com tema interiorano. As paredes claras e o teto alto permitem uma grande quantidade de luz natural entrar. Ele me puxa para uma cozinha enorme e bem-equipada.

Vejo uma senhora de quadril largo num

NACIONAIS - ACHERON

vestido rodado, pele escura e cabelos grisalhos virada de costas para nós, à beira de um fogão grande. Ela cozinha distraidamente e nem percebe nossa chegada.

Frederico solta minha mão e se aproxima dela, abraçando-a com carinho por trás. É evidente a intimidade do gesto.

— Olga, eu preciso de alguns alimentos para levar a um passeio — Frederico fala tão doce que se assemelha a um menino. Meu coração se derrete com o jeito amoroso com que ele a trata.

— Você não vai almoçar aqui, menino? Estou fazendo aquele cordeiro caprichado para o almoço — ela sorri como uma avó e fala como se ele fosse uma criança.

— Não, Olga, o cheiro está ótimo, mas eu vou levar minha amiga aqui para conhecer a cachoeira. — Ele a solta, e ambos se viram e me olham.

Ela rapidamente trata de secar as mãos no avental e vem até mim.

— Oh, menina. — Ela se aproxima com os largos quadris suavemente gingando e os braços

abertos para um abraço. — Que jovem linda — a mulher fala e se vira para ele.

Ele dá de ombros com um sorriso bobo e se aproxima.

— Olga, essa é Júlia, uma das madrinhas do Ivan.

Ela olha de mim para ele. Vejo-o ficar levemente enrubescido. O olhar dela se volta para mim de cima a baixo.

— Oi, moça — ela me cumprimenta com simpatia e um olhar fraternal. — É bom conhecer uma amiga do meu menino. Eu trabalho aqui desde que este belo rapagão era só um bebezinho. — Sua risada é um som gostoso de ouvir.

— Prazer, senhora. — Sinto-me tímida sob seu olhar vigilante.

A senhora nos olha como se soubesse o que estamos fazendo. Perco toda a ousadia que eu mantinha até poucos minutos. Estou me sentindo uma garotinha que foi pega com um namoradinho.

— Olga, me chame de Olga. Vou fazer uma cesta para vocês. — Ela se afasta sorridente e entra num local que eu suponho ser uma despensa.

Cruzo os braços e coloco uma perna na frente da outra. Estou um pouco envergonhada, acho que entrar aqui na casa não foi uma boa ideia.

Mordo os lábios.

— Se acalme, mulher, ela não está pensando nada demais. — Frederico ri lindamente, provocador.

Em minutos, a mulher volta carregando uma cesta grande. Frederico vai ao seu encontro e retira o peso de suas mãos.

— Não precisava tanto, Olga — ele repreende respeitoso e doce, um lado do homem que eu realmente não esperava que existisse.

— Precisava, sim, faça a menina comer, ela está muito magra. — Ela me olha como uma avó.

— Obrigada, foi um prazer conhecê-la. — Seguro suas mãos e dou um beijo em seu rosto.

— O prazer foi meu, menina, venha aqui mais vezes. — Ela me aperta de forma macia.

Voltamos para o veículo em silêncio. Estou com uma sensação desconfortável me remoendo.

Culpa.

Certamente é culpa.



Frederico

Observo a mudança drástica na atitude da mulher. Ela entrou no carro e permaneceu calada. Algo na maneira como ela mói seu lábio entre os dentes e encara a janela revela mais do que eu gostaria de saber. Porra, o que mudou?

O flash de arrependimento em seus olhos não me agrada. Seja lá o que está se passando em sua mente, não parece ser bom. Tiro os olhos de seu rosto para não assistir o conflito em suas linhas.

Vê-la com a Olga foi... estranho. Contudo, não devo pensar sobre o significado. Júlia me procurou com um único objetivo: diversão. Não é esperto da minha parte pensar em nada além disso. Eu já fui enganado uma vez e não pretendo cair em outra armadilha novamente. Uma mulher já fez um bom trabalho me fazendo de idiota. Outra não terá a mesma sorte.

E, ainda assim, não consigo evitar a
NACIONAIS - ACHERON

necessidade de estar perto dessa bruxa de boas curvas, seja quais lá forem os motivos para isso.

Decidido a ignorar, ligo o carro e dirijo para o lugar onde pretendo dar-lhe o que deseja. Júlia despertou algo feroz que estava adormecido em mim, e pretendo ver até onde isso vai nos levar.



Júlia

Como eu pude vir para cá e me comportar assim? Esse cara tem família, amigos, pessoas que gostam dele, e estou agindo tão levianamente. Eu nunca deveria ter começado, em primeiro lugar. É melhor parar antes que seja tarde.

Viro-me para o homem para dizer-lhe que mudei de ideia e me surpreendo com seus olhos fixados em mim. Engolindo a secura repentina, tomo fôlego.

— Olha, Frederico, e-eu... É melhor eu voltar para a casa de hóspedes — falo baixo, desarmada.

— Por quê? — A avaliação tranquila só piora minha decisão.

— Não me sinto bem. Podemos voltar?

Frederico se inclina para mim, toca meu queixo obrigando-me a encará-lo, mas eu não consigo manter isso, sou covarde demais. Fecho as pálpebras e respiro até encher os pulmões, soltando o ar vagorosamente. Quando as abro, quase derreto com a intensidade do seu olhar.

— Fique comigo, vamos passar um tempo juntos.

— Eu não posso — sussurro.

Seu dedo desliza quente sobre meu lábio.

— Por favor. Eu prometo a você que será bom. Venha comigo, menina.

Que sentimentos são estes? Por que não consigo me afastar?

— Tudo bem, vamos lá. — Suspiro, cedendo, mesmo sabendo que é mais um erro.

Pensei que, concordando, ele se afastaria e voltaria a dirigir, mas, ao contrário, Frederico permanece me olhando de um jeito indecifrável... até que seus lábios macios se aproximam

lentamente, encontrando os meus. O beijo é doce, calmo, gentil. Pego-me acariciando os cabelos sedosos da sua nuca, desejando mais disso. Por alguns momentos deixo esvaírem os pensamentos e aproveito as sensações. O sabor, o cheiro, o toque, é tudo tão diferente do que eu já tive até hoje.

Frederico se afasta um milímetro e me encara com as pupilas dilatadas, afetado como eu mesma me sinto.

— Seu gosto é maravilhoso — o rosnado me faz sorrir.

— Posso dizer o mesmo — provoco baixinho.

Ele ri e beija minha testa.

— Você está bem?

— Estou. — Balanço a cabeça fracamente, confirmando.

O homem volta a ligar o carro, e seguimos por uma estradinha. Fico olhando pela janela, tentando buscar razão para as coisas que estou sentindo. Eu preciso manter em mente que, para Frederico, o que estamos fazendo é só diversão, e para mim também, afinal foi o que procurei, não

foi? Um homem como ele, confiante, bonito, atraente, deve ter muitas mulheres, possivelmente tenha até alguma noiva fazendeira em algum lugar por aí. Nossas vidas são completamente diferentes. Isso nunca daria certo. Onde eu estava com a cabeça quando comecei achando que ficaria imune?

Katy me disse, no avião a caminho da fazenda, que leu em algum lugar que festas de casamento normalmente formam outros casais. O clima de *amor eterno* deixa as pessoas propensas a acreditarem em finais felizes e toda essa besteira. Talvez o que esteja acontecendo comigo seja isso, estou no feitiço do clima e não usando a razão.

E tem como alguém usar a razão perto de um homem desse? A bem da verdade, preciso parar isso enquanto ainda é tempo. Se arrependimento pudesse matar...

Fico tão perdida nos pensamentos que nem percebo o veículo sendo desligado.

— O nome deste lugar é Queda dos Anjos — a voz neutra de Frederico me traz de volta.

Viro o rosto para olhá-lo e... me surpreendo com sua expressão um tanto sombria, lábios

grossos presos numa linha malfeita, o músculo em seu maxilar pulsando ritmado.

Inclino o rosto, observando melhor a situação. O que foi que eu fiz agora?

— O que foi? — indago baixo.

Ele bufa de um jeito que não me agrada em nada.

— Você está arrependida de estar aqui comigo? — a pergunta soa como uma acusação.

— Não — e eu nem sei por que respondi. Se ele soubesse que é justamente o oposto...

Todavia, um sorriso debochado atravessa o canto de sua boca.

— Sabe o que sua expressão culpada me faz pensar, Júlia? Que se arrependeu de aceitar o convite porque gostaria de estar por aí, atrás de *diversão* com suas amigas — o insulto pouco mascara a irritação deslocada do homem.

Observo-o mais atentamente, com a mente em branco, esperando a lógica de sua afirmação aparecer magicamente e me elucidar. Não gostei da maneira como enfatizou a palavra *diversão*, com um toque grosseiro de malícia.

— Eu não entendi bem por que você está dizendo isso, Frederico, mas garanto que está muito enganado — digo cada palavra lentamente, a fim de que ele escute com clareza.

Ele ri de um jeito que chega a irritar!

— Então você pode afirmar que não está nem um pouco arrependida? — a acusação salta em cada palavra.

Oh, porcaria, isso não tem jeito de ficar bom.

— Céus, homem! — Fecho os olhos, num suspiro longo, então o encaro novamente. — Eu já te perguntei uma vez e vou repetir a questão, Frederico, porque só consigo acreditar nessa explicação: você é bipolar? — Começo a acreditar seriamente na hipótese de Pini.

Ele bufa.

— Não, eu não sou a porra de um bipolar, o problema é que você se cala e eu me pego tentando adivinhar em que deve estar pensando, já que pelo jeito você não curte muito falar a verd... — ele se interrompe bruscamente e desvia os olhos de mim. Seu estado de espírito ressalta aos olhos.

Contudo, o que fica é o que ele *não* disse.

Ele ia dizer que eu não curto falar a verdade?
O que isso significa?

Droga.

— Você não entenderia — sussurro,
mortificada.

— Então me fale. Seja sincera comigo!

O ar dentro do veículo se torna mais denso,
quase podendo ser tocado. Não consigo dizer nada,
não tenho coragem para confrontos, nunca tive.
Isso tudo foi um grande erro.

Sem pensar muito, abro a porta e desço,
pronta para sair correndo. Não quero enfrentar a
bagunça que estou fazendo.

Alguns segundos de liberdade são tudo o que
tenho até que Frederico salta para fora e
acompanha meus movimentos. Sou capturada e
colocada sentada no capô, imóvel. O homem
encosta sua testa na minha, visivelmente tentando
recuperar o controle de suas emoções.

— Por que você sempre tenta fugir? — o som
não é mais do que um sussurro.

— Eu não sei — digo atormentada. *Porque
sou uma covarde*, eu deveria ter dito.

— Certo. — Ele suspira lentamente, parecendo derrotado. — Acho que isto está fugindo do controle.

Mordo o lábio bem forte. A sensação que tenho, a partir de sua fala, é que ele está desistindo, eu sinto isso.

— Eu só... — murmuro tentando encontrar a coisa certa a dizer. — O que estamos fazendo... eu não sei... — Incoerência e covardia são maus ingredientes.

Suas íris encontram as minhas, exaustas, decepcionadas, não sei bem definir tudo o que vejo ali.

— Ouça. Vamos tentar viver o momento, tudo bem? Nós podemos fazer isso, Júlia, eu sei que sim — por sua fala abafada, acho que é uma tentativa de convencer mais a si mesmo do que qualquer outra coisa.

Tenho a sensação de que o mundo está se estreitando a minha volta. Todos estes sentimentos diferentes de tudo a que estou acostumada, a aposta, o medo de que ele descubra e o medo ainda maior de que ele já saiba. É tudo muito sufocante.

Como se pudesse ver através de mim, Frederico prende meus cabelos num aperto suave, inclinando meu rosto para o seu, ganhando acesso aos meus olhos. Desafiando-me a me abrir.

— Converse comigo, menina.

— Eu... eu... — murmuro, sem terminar a frase. *Eu acho que estou apaixonada*, é isso o que eu gostaria de dizer, mas não tenho coragem. Quebrei a regra número um em relacionamentos casuais: não se envolver.

O brilho estranho em seu olhar me faz ter quase certeza de que ele sabe o que eu estava prestes a dizer. No entanto, não tenho tempo de descobrir sua opinião quanto a isso. O momento vai embora com ele me beijando de um modo profundo, exigente.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 08

Frederico

Do inferno ao céu. É assim que a pequena bruxa consegue me deixar. Num minuto estou odiando-a por toda a frustração da situação, no minuto seguinte estou desejando-a como um louco. E parece que nada é o suficiente.

Não sou capaz de mensurar o número de mulheres que já passaram pela minha cama em um longo tempo, mas nenhuma aqui, no lugar onde cresci, tendo a mata como testemunha. Em outros tempos, meu tipo de mulher ideal era a que eu pudesse apresentar por aí como um dos prêmios por todo o sucesso que o trabalho duro me proporcionou, independentemente de como era a personalidade embaixo de toda a maquiagem

social. Depois de quebrar a cara e quase perder minha família, eu descobri que mulheres superficiais não fazem meu gênero.

O problema aqui é que ainda não sei onde Júlia se encaixa nisso. Fato inegável é que sua companhia me faz bem, e honestamente eu não me lembro da última vez em que me senti assim. *Isso pode ser bom*, pego-me pensando e mordo a língua.

Depois daquele beijo, nós montamos nosso piquenique estendendo uma toalha no chão e pondo a cesta sobre ela. Sentamo-nos e começamos a comer. Agora, observar Júlia assim, desarmada, alimentando-se com satisfação, parecendo jovem e relaxada, me atrai para um caminho que não posso permitir.

Seus gemidos suaves conforme consome o exagero de comida embalada por Olga me trazem uma onda de satisfação quase surreal. 24 horas, não faz nem isso de tempo que eu a conheço e já me vejo dependente voraz de sua presença. O que isso faz de mim? Uma presa amarrada pelas bolas?

— Você quer? — Júlia me oferece sedutoramente uma colherada da compota feita

aqui na fazenda.

Deliberadamente prendo seu punho que sustenta a colher, tomando-a em minha mão, e lambuzo seus dedos com o doce. Um ruído de surpresa sai de sua garganta, e então sorrio como o predador que sou e tomo seus dedos, lambendo-os e provando o sabor de compota de frutas e Júlia.

— Eu quero você. — Lambo os lábios, faminto.



Júlia

Passamos a próxima hora comendo – na verdade eu comendo quase tudo, e ele praticamente nada enquanto me observa – e conversando sobre coisas aleatórias, tentando deixar tudo na base leve.

É tão bom ficar assim de bobeira, curtindo coisas simples. Estou duramente tentando não pensar na tempestade que se tornaram minhas emoções nas últimas horas.

Olhando para esse homem assim, tranquilo, ocorre-me que eu não sei quase nada sobre Frederico. É fácil concluir que ele cresceu na fazenda, até pelo jeito como ele se comporta neste lugar, confortável, totalmente familiarizado com a natureza, mas há alguma coisa sobre ele que me intriga, não sei explicar ao certo. Ele não se parece com um caipira ingênuo do interior, pelo menos era esse estereótipo que eu tinha sobre homens do campo.

— Você sempre morou aqui? — pergunto casualmente.

— Nem sempre — ele responde seco.

Fico esperando mais alguma informação, mas ele não diz nada. Provavelmente o homem não quer falar sobre si. Sua reação aguça minha curiosidade. Mordo o lábio para não o encher de perguntas.

— E sobre você, Júlia? O que faz da vida?

Respiro profunda e discretamente.

— Sou advogada — digo rápido.

Ao me ouvir, um brilho de interesse surge em seus olhos.

— Por quê?

Olho para um pedaço de fruta, tentando evitar seu rosto.

— Por que as pessoas escolhem uma carreira? Vocação, sei lá — respondo evasiva, dando de ombros.

Ele não é o único aqui que não quer falar muito sobre si, mas   como dizem, se você não quer responder, não faça perguntas.

— E você gosta do que faz? — a indaga o vem sorrateira.

Isso é algum tipo de interrogatório? Enfio um morango inteiro na boca.

— Aham.

— Aham... — ele resmunga, repetindo minhas palavras.

Levanto os olhos para especular e o pego me avaliando. Essa realmente não é uma conversa que eu quero ter com um estranho. Não quero perder o pouco tempo que tenho com ele lastimando a minha m  sorte, ou o quanto eu sou uma pobre menina infeliz. Esse monólogo é muito chato.

Impulsivamente jogo uma uva em sua cabeça. E   impagável ver a surpresa estampada em

NACIONAIS - ACHERON

seu rosto. Ha!

— Você. Não. Deveria. Ter. Feito. Isto — cada palavra é lentamente pronunciada.

O olhar quente com que ele está me encarando faz os pelos da minha nuca se arrepiarem. Ele tem um plano, eu sinto.

Sem que eu tenha tempo de bolar uma rota de fuga, seu grande corpo se movimenta como um ágil felino, jogando-se em cima de mim e rolando nossos corpos para fora da toalha e para cima da grama úmida. Quando percebo, estou deitada embaixo dele, suas pernas me montando, sem soltar todo o seu peso, apenas o suficiente para eu não fugir. O contato com seu corpo ativa todas as minhas terminações nervosas.

Então é isso? Faremos amor na grama? Meu baixo-ventre vibra ganhando vida. Faço beicinho e levanto a mão sedutoramente para enroscá-la em seu pescoço. Entretanto, sua mão me bloqueia, segurando-me.

Sorrio de forma brilhante e decido provocá-lo.

— Hum... dominação em meio à natureza

parece divertido. — Mordo os lábios tentando parecer sexy.

Ele abre um sorriso diabólico e balança a cabeça, lentamente negando minha hipótese.

Oh, Senhor Amado, o que isso significa? O que foi que eu fiz?

Inesperadamente e sem aviso prévio, sou vítima de um ataque furioso de... cócegas! Não consigo me defender, não posso me controlar, gargalho como uma louca diante do ataque impiedoso. Seus dedos atingem todas as partes da minha barriga com movimentos precisos. Vou morrer de tanto rir. Estou com medo de fazer xixi se ele não parar. Não me lembro da última vez em que recebi tantas cócegas, acho que eu ainda era criança, mas nunca fui capaz de suportar um ataque desse. É impossível parar de rir.

— Frederico! Pare! — grito, implorando, quase sem fôlego.

— Foi você quem pediu por isso, menina. — A diversão perversa com meu sofrimento é evidente.

Parece que nunca vai acabar até que, após

NACIONAIS - ACHERON

mais algumas investidas, ele finalmente suaviza, sorrindo, prendendo meus punhos acima da minha cabeça. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, efeito colateral.

Inspiro todo o ar que meus pulmões suportam e aperto os olhos, tentando recuperar as forças. Inalo o cheiro de mata fresca e ouço o barulho em volta, agradecida por ele ter parado o massacre. O homem realmente sabe como dar o troco.

Quando abro os olhos para enfrentar o meu carrasco, fico eletrizada instantaneamente ao perceber que ele me observa bem de perto, com a expressão mais séria do que eu esperava, mas não do jeito irritado que eu já vi antes. Seus olhos estão aquecidos com algo mais intenso, com desejo puro, quase tangível.

Incrível como isso faz meu sangue esquentar em extrema velocidade. Minhas partes mais íntimas se aquecem ao ponto de fagulhas. De repente não consigo mais respirar, o ar se torna espesso, a necessidade percorre os espaços entre nós, cortante.

— Você é tão bonita — sua voz sedosa me desarma.

Não consigo explicar as sensações se alastrando em mim. Estou me sentindo como uma adolescente prestes a dar seu primeiro beijo, aliás, a definição nem chega perto de como me sinto. É uma ansiedade que afeta meu peito e estômago, como se eu dependesse dele para respirar.

É difícil admitir, mas acho que estou, sim, apaixonada. E o pior é que isso eleva a situação a um nível mais difícil.

— Você também é um velhinho bem sexy — sussurro, as emoções divergentes me pondo ansiosa.

Ele estreita os olhos amendoados, aquecendo-me sob seu olhar.

— Eu não sou um velhinho, Júlia. Tenho a energia de um garoto em plena puberdade. Deixa eu te mostrar *de novo* — sua mistura única de arrogância e sensualidade sussurrada dessa forma só me faz ainda mais necessitada.



Nas horas que se seguem, fazemos amor lenta

e deliciosamente, tendo a mata como testemunha. Ele toca nos lugares mais profundos da minha alma, como se tudo isso fosse tão certo, mesmo sendo errado. O ritmo absorve minha mente, e as explosões afastam meu corpo da atmosfera.

Definitivamente nunca tive nada como isso. E já estou lidando antecipadamente com a ideia da era Júlia pós-Frederico. Uma coisa é certa: será difícil superar.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 09

Júlia

Já passa das 6h da tarde quando Frederico estaciona em frente à casa em que estou hospedada. Como o convite dizia, esta será uma semana de festas todas as noites, e hoje não é diferente.

— Vejo você no jantar. — Ele roça seus lábios nos meus. — E depois você será só minha a noite toda.

Recebo uma piscadela cheia de promessas.

— Ok, garotão — respondo mal contendo o sorriso.

Desafivelo o cinto de segurança enquanto Frederico sai do carro e dá a volta para abrir minha porta. Pulo para fora me apoiando em seus ombros, e ele me segura no ar, pressionando nossos corpos

juntos. Sinto seus músculos rígidos contra mim. Amo esta sensação e já estou totalmente acesa de novo. Eu sei, preciso parar de reagir tão rápido. Coloco o nariz em seu pescoço e inalo seu cheiro. É tão bom. Bravamente controlo a vontade de implorar para ele me levar de volta à cachoeira. Será que ele também sente isso?

Para externar a frustração selvagem, sussurro em seu ouvido uma provocação:

— Em plena puberdade, hein?

Ele ri e me coloca no chão.

— Você nem imagina o quanto. — Seus lábios sustentam um sorriso convencido.

Dou um soco de leve em seu ombro e moo o interior da bochecha. Provavelmente estou corada até as orelhas com os pensamentos sujos que me ocorrem.

Frederico me assiste ruborizar com uma expressão insondável. Fico me perguntando o que ele está pensando sobre tudo isso. Eu quero que as coisas deem certo entre nós. Porém, vivemos em mundos completamente diferentes, e acho que ele sabe disso. É inevitável. Esse homem é muito para

mim, além de que, certamente, deve ter uma noiva fazendeira em algum lugar esperando por ele.

A ideia retorce meu intestino. Meu conto de fadas tem dia certo para acabar, mas, diferentemente da Cinderela, não vai durar somente uma noite. Enfim, é melhor eu viver o momento. *Carpe Diem!*

Fico na ponta dos pés e dou um selinho rápido em seus lábios. Viro-me e subo os poucos degraus que levam até a porta quase correndo. A partir da expressão em seu rosto, não quero dar tempo para ele me chutar de sua vida, não agora.

Entro no quarto e fecho a porta atrás de mim. Não há ninguém aqui. Deslizo e caio de bunda no chão.

Caraca, Júlia, o que está acontecendo com você, mulher? Não preciso ser muito inteligente para concluir que vou me dar muito mal nesta história, mas tem como fugir disso? O homem é atraente além da conta.

Bem, vamos aos fatos.

Fato um: eu que procurei o problema. O homem estava lá quietinho, e eu fui caçá-lo. Claro,

ele me achou primeiro, mas de qualquer forma eu iria para cima.

Fato dois: ele tem um temperamento digamos... difícil. O que foi o dia de hoje? Uma montanha russa legítima. Nunca sei o que ele está realmente sentindo.

Fato três: nós temos apenas esta semana. Eu deveria realmente desfrutar disso ou resguardar o coração e evitar danos maiores?

Ah, quer saber? Dane-se. O máximo que vai acontecer é eu me ferir feio, e ainda assim terei a lembrança desta semana para o resto da vida... É melhor me arrepender do que eu fiz a me lamentar por não curtir isso até quando pude.

Por hora, preciso aproveitar o primeiro momento que tenho sozinha desde que cheguei aqui e checar como estão as coisas no escritório. Deixei um colega responsável pela audiência de um cliente meu. É um caso pequeno e que pode rapidamente ser resolvido. Tirei esta semana de folga totalmente a contragosto de meu pai, e foi um verdadeiro drama... mas, porcaria, ele precisa entender que eu jamais deixaria de comparecer ao casamento do

Ivan. Sempre faço tudo por aquela empresa. Só pedi uma semana, no fim das contas.

Disco o número do escritório. Eles sempre trabalham até tarde, então não tenho problemas em ser atendida por Lucca, meu colega.

— Oi, Júlia, como está tudo?

— Bem, obrigada, e com você?

— Bem, também, obrigado por perguntar. Seu cliente teve a audiência suspensa. A sessão será retomada na próxima semana.

— Aconteceu alguma coisa, algum fato novo que desconhecíamos?

— Não, não se preocupe. O juiz passou mal e remarcou. Sabe como esses caras são.

— Ah, entendi.... Em todo o caso, obrigada por me cobrir.

— Tudo bem. Seu pai está pedindo para eu transferir a ligação para a sala dele, ele quer falar alguma coisa.

— Não, Lucca. Eu preciso ir. Diga ao meu pai que ligo mais tarde. Até mais.

Desligo sem dar oportunidade para ele transferir. Meu pai sabe ser bastante persuasivo, e
NACIONAIS - ACHERON

ninguém ousa contrariá-lo. Porcaria, não faz nem 24 horas que estou aqui e já me sinto cansada de toda a pressão. Cedo ou tarde terei que lidar com isso.

Caio na cama, morta de cansada, e logo escuto as risadas das garotas antes mesmo de elas abrirem a porta do quarto.

Katy é a primeira a entrar.

— Finalmente tenho minha garota de volta!
— ela grita divertida e corre para se jogar ao meu lado.

— Ei — resmungo sorrindo enquanto meus pés são esmagados por sua bunda.

Pini está em pé perto de mim.

— Pensei que eu teria que enviar a cavalaria para te encontrar, Dona Júlia. — Ela me estuda sorrindo. — Onde você esteve o dia todo, garota?

Minhas bochechas ficam vermelhas.

— Ah, qual é, Pini? Vai dizer que você nunca *sumiu* assim antes? — Katy pisca para mim, cúmplice, dando ênfase à palavra *sumiu*. Seu sorriso bobo me faz rir também.

— Onde a Ali está? — desconverso.

Pini se lança na cama, caindo ao meu lado.

— Ficou lá com a intragável cerimonialista. — Ela revira os olhos.

— Completamente intragável — concordo. Essa organizadora é um grande chute na minha bunda.

Pini se ajeita no meu travesseiro.

— Não mude de assunto, Ursinha Rosa, você esteve este tempo todo com o bonitão?

Ursinha Rosa é o apelido que elas me deram na infância e usam quando querem me provocar. Quando eu era criança, um menino peste que morava perto de casa roubou o urso de pelúcia cor-de-rosa que eu mantinha. Eu só conseguia dormir cheirando o estúpido urso (apesar de eu negar isso até a morte). O pilantrinha ouviu minha mãe contar essa história para a mãe dele, entrou sorrateiramente no meu quarto e roubou o brinquedo. Para minha sorte, Alice viu o menino ostentando-o como troféu enquanto contava para todos os meninos o que ele ouviu de minha mãe. Até o Ivan, que também era amigo do moleque, estava se divertindo com a situação. Alice, então,

convocou as meninas, e foram todas até a minha casa me avisar. Resumindo, nós recuperamos o objeto e demos uma baita surra no garoto. Claro que hoje em dia elas me zoam com esse apelido estúpido.

— Nossa. Como você é engraçada. — Mostro a língua. — Eu só não falo nada sobre essa história ridícula de Ursinha Rosa — tento parecer séria — porque... simplesmente... vocês são minhas heroínas e salvaram meu urso!

Grito e pulo em cima dela, esmagando-a com meu peso. Puxo Katy e a embolo também num abraço de urso.

— Júlia! — Katy grita.

Aproveito o ataque surpresa para apertá-las mais forte, soltando todo o peso. Lanço as pernas em cima do que eu presumo ser Katy e prendo um dos braços embaixo de Pini. Agarro as duas com toda a força e fico desafiando-as a se soltarem.

Com algumas manobras, Pini escapa do bolo, rindo sem fôlego.

— Tente fugir, Katy! — Espremo mais minha última vítima, desafiando-a.

— Você deixou seu cérebro com o cowboy!
— ela grita em meio ao riso. — Me solte, preciso respirar, maluca!

Rolo para o lado buscando minha própria demanda de ar. É tão divertido fazer esse tipo de coisa... Acho que ainda estou sob o efeito colateral das cócegas. Estico o corpo preguiçosamente enquanto elas se recuperam.

— Quanta felicidade. Será que alguém aqui transou hoje? — Katy provoca.

Coloco as mãos no rosto, escondendo-o.

— Sim! — gemo entre os dedos.

De repente apenas o silêncio repentino paira no quarto. Levanto a cabeça, estudando-as.

— O que foi? — pergunto, desconfiada.

— Ju, nós descobrimos algumas coisas sobre o seu cowboy. — Katy se senta no chão.

— Que coisas? — A curiosidade se alastra pelo meu corpo como uma comichão.

— Estivemos conversando com os padrinhos — diz Pini, observando minha reação.

— E?

— E eles são uns gatos. — Katy ri, tentando suavizar.

— Ok, mas o que eles falaram sobre o Frederico?

— Você lembra qual deles é o Gustavo, não lembra? — Pini sonda.

Enrugo a testa. Sim, é o que a *sargentona* tinha escolhido para ser meu par.

— Sim, lembro.

— Ele é o melhor amigo do Frederico e fez algumas perguntas sobre você. — Pini parece séria.

— Perguntas sobre mim? Que perguntas?

— Ah, sobre como você é, o que faz, se tem alguém em sua vida — Katy fala. — Obviamente não respondemos, mas eu percebi que ele estava te investigando.

Continuo olhando-a sem entender.

— Ju, pelo que ele contou meio por cima, esse Frederico é um cara bem... — percebo-a escolhendo a palavra — *peculiar*.

— Peculiar como? Ah, vamos lá, vocês não estão tentando me dizer que ele é algum tipo de pervertido ou algo assim? — forço uma piada.

NACIONAIS - ACHERON

— Não! — as garotas respondem uníssonas, descartando enfaticamente.

— Então o quê? Falem logo!

— Gustavo parecia preocupado com suas intenções — Pini começa a dizer.

Continuo sem entender.

— Ele disse isso?

— Não em palavras, mas ele deixou escapar algumas coisas.

Olho para Pini, impaciente. Ela sempre vai direto ao ponto, por que está tão cuidadosa?

— Cacete, gente, quando vocês querem, conseguem fazer um suspense desgraçado, hein? O que foi que ele falou?

— Você já ouviu falar sobre a Falcon, aquela companhia de mineração? — Katy interrompe.

— Já, mas o que isso tem a ver?

— Seu cowboy é o dono — Pini explica.

— O quê? — Inclino o rosto de lado, encarando Priscila para ter certeza de que ouvi direito.

— Sério, Ju — Katy começa. — Gustavo

disse que o cara é dono da Falcon e de mais uma porrada de negócios.

Não abro a boca, nem sei o que eu poderia dizer... Frederico é um homem de negócios... e milionário. Algo parece tão fora do lugar.

— E não é tudo — Pini morde o lábio.

Faço um sinal com a cabeça para que ela continue.

— Pelo que parece, ele está *recluso* — ela faz um sinal de aspas com os dedos — nesta fazenda há pelo menos três anos.

Um gosto meio amargo assume minha boca. Não está fazendo nenhum sentido.

— Como assim recluso?

Katy se ajeita.

— Ele não vai à empresa. Criou um conselho que presta contas a ele anualmente, mas se mantém afastado de tudo.

Suspiro, tentando encontrar a coerência nisso tudo.

— Bem, pode ser meio estranho... — falo mais para mim do que para elas. — Mas o que há de errado com isso, afinal?

NACIONAIS - ACHERON

Elas me olham complacentes.

— Pelo que ele disse, Frederico não se relaciona, ele sequer saiu com alguém desde que...

— Pini faz suspense.

— Desde o quê? — indago inquieta. Isso está começando a ficar irritante.

— Desde que a noiva safada traiu o cowboy com um concorrente. Foi manchete em todos os jornais, e o pai dele teve um AVC que quase o matou por causa dessa história — Katy fala rápido.

— Nossa... — resmungo, tendo a sensação de um balde de água gelada caindo diretamente na minha cabeça.

As duas se aproximam, sentando-se ao meu lado.

— Esse cara, o Gustavo, não contou mais detalhes, mas ao que parece, foi uma história bem complicada — ouço a voz de Pini no fundo da minha mente enquanto tento processar quem realmente é o homem que tem se enraizado em mim em tão pouco tempo.

Passar por uma situação dessa provavelmente muda quem uma pessoa é, mas o que eu deveria

pensar sobre tudo isso? No fim das contas, mal nos conhecemos. Quem ele é ou deixa de ser não deveria ser importante. Então por que estou com esta sensação estranha?

Inspiro profundamente.

— Gustavo disse também que, quando seu cowboy voltou para cá, o pai estava falido e tinha perdido grande parte das terras, e ao que parece, Frederico não só recuperou a propriedade, como triplicou a fortuna da família — Katy delibera.

Encaro as mãos.

— O que mais vocês sabem?

— Nada. — Katy morde a bochecha, pensativa. — Porém, se você quiser, nós podemos buscar no *Google*.

Honestamente, eu não sei... Parece errado ficar pesquisando sua vida... Contudo, de que outra forma eu poderia saber mais sobre ele? Frederico não fala nada sobre si, mal me disse seu nome, e não há nenhuma chance de ele me contar qualquer coisa.

— Eu nem sei o sobrenome dele — sussurro, incerta.

Katy se levanta, vai até a bolsa, retira o celular e um papel grande – o convite do casamento – e rapidamente digita o nome completo dele no aparelho. Em poucos minutos, várias informações sobre Frederico aparecem na tela. Manchetes descrevem-no como o homem que se fez bilionário a partir de uma pequena mina de exploração.

Há muitas matérias e fotos de um Frederico elegante e quase irreconhecível. A página que mais me chama a atenção fala que o *bilionário dos minérios* se esconde no campo após uma má fase na vida pessoal. Começo a ler a reportagem e estremeço com as palavras escritas. Sua noiva, uma loira esguia e impecavelmente arrumada que aparece numa imagem agarrada ao braço dele, aparentemente o traiu com o dono de uma empresa concorrente. Ela vendeu informações sigilosas e foi pega em uma gravação mantendo relações sexuais com esse homem.

A bile me amarga a boca. Não é à toa que Frederico não mencionou nada. Ele foi traído e magoado.

Analizando sobre essa perspectiva, o que

estou fazendo não é muito diferente disso. Usá-lo, tudo se resume a isso. Não posso continuar com essa situação, já está indo longe dos limites.

É isso. Eu tenho que parar o que quer que estejamos fazendo.

— Não estou me sentindo muito bem. Vocês se importam se eu não for ao jantar com vocês?

Minhas irmãs não falam nada. Contudo, seus apertos em minhas mãos dão a força que palavras não fariam.

O toque de meu celular quebra o silêncio. Na tela, o número de meu pai. Encaminho a ligação para a caixa postal, não estou com disposição para falar com ele hoje.

— Preciso de uma ducha — sussurro sem vontade.

Sou assistida pelos olhares de minhas amigas enquanto caminho ao banheiro. Ligo o chuveiro e tiro a roupa. O cheiro de Frederico está em mim, nas peças que eu visto. Impossível não me agarrar ao tecido e imaginar ele me abraçando, relembrar o cheiro e o calor de seu corpo.

— Frederico, Frederico — sussurro,
NACIONAIS - ACHERON

mentalmente exausta.

O que ele deve estar pensando a meu respeito, e o mais importante, o que fez o cara quebrar um jejum de anos, de acordo com o que as meninas disseram, para ficar comigo? Ele é tão atraente, como foi que se manteve afastado das mulheres por tanto tempo?

Não sei se tenho muita sorte ou azar terrível. Quando ele descobrir sobre a aposta estúpida, com certeza vai me botar para correr com um pé bem grande na minha bunda, e eu mereço isso.

Depois de um longo tempo, volto para o quarto e encontro Katy e Pini nas mesmas posições. Elas param de falar assim que me aproximo. Vou até minha cama e me sento encostada à cabeceira.

— Ju, eu sei o que você deve estar pensando, mas tire isso da cabeça — Pini diz firme. — Você não precisa ficar assim. O cowboy não é nenhuma criança frágil, e ele está se divertindo tanto quanto você.

Não respondo. Não consigo abrir a boca e defender minhas ações dos últimos dias.

— Vou dormir um pouco... Estou meio

PERIGOSAS

cansada. — Sorrio fracamente, sem vontade de conversar.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 10

Júlia

Deito-me na cama, coloco os fones de ouvido e deixo minha *playlist* rolar. Lentamente, música atrás de música me trazem o sono que preciso. Estou sozinha no quarto, as meninas já foram jantar, e agora suspiro cansada e meio triste. Não gostaria que meus sentimentos caminhassem para esse rumo, mas não posso negar que o que estou vivendo com Frederico é algo diferente. Minhas pálpebras estão pesadas, e a última imagem que vejo na mente é o rosto dele, seus olhos me encarando com paixão na cachoeira.

Estou num campo onde o gramado infinitamente verde se entende para o horizonte

sem fim e se encontra com o céu mais azul que eu já vi na vida. Não há nuvens, é como um dia de verão com a temperatura refrescada pelo vento soprando e movendo o tapete de flores brancas que se alinha por todo o caminho.

Um sopro de ar mais forte me envolve, balançando o véu branco que encobre meu rosto. Aliso o véu e me surpreendo com a minha roupa. Estou com um vestido branco com rendas desenhadas delicadamente em formato de pequenas rosas. É branco e límpido. Observo mais atentamente e percebo que estou vestida como uma noiva, mas não há mais ninguém aqui. Estou sozinha.

Meu coração acelera, e eu grito com toda a força do peito. Corro pelo longo campo, e nada, estou só. Caio de joelhos, cansada de correr e gritar em vão. Meus olhos ardem, e lágrimas salpicam em minhas bochechas. Não noto nenhum sinal de vida ao redor, até que um estrondo de trovão explode no infinito e treme o chão onde piso. Escuto um barulho antes de outra explosão de trovão e, sob a cortina de lágrimas, observo um

cavaleiro galopando num grande cavalo branco. É um galope ritmado, e o homem se veste também de branco.

Não consigo ver seu rosto. Limpo os olhos e, conforme ele se aproxima, posso ver que é Frederico. Ele está aqui, ele veio! Levanto-me em um salto e vou ao encontro do meu cavaleiro. Ao passo que a distância entre nós diminui, percebo que ele vem sorrindo. É um sorriso diferente de tudo que eu já vi nele. Ele sorri docemente, com amor e afeto no olhar. Meu coração se acelera, e eu sorrio também. Não estou mais chorando. Ele está aqui.

Frederico desce do cavalo e dá dois passos para mim. Outro estrondo explode no céu, chamando minha atenção, e observo com surpresa quando o azul-celeste rapidamente dá lugar a um tom de cinza sem vida. A mudança é tão contrastante que meus lábios se afastam com o susto. Deslizo os olhos para o homem a minha frente e instintivamente dou um passo atrás. Medo e choque me paralisam o corpo. O cavalo mudou de cor, o branco se transformou num negro

sombrio, e as roupas de Frederico assumiram a mesma cor.

Olho para seu semblante e caio sentada no chão, derrubada pelo medo. Frederico tem os olhos sem vida, seus lábios formam uma dura linha, as sobrancelhas estão levantadas com arrogância, demonstrando indiferença. Ele está em pé, olhando-me de cima como se eu fosse um nada jogado no chão. Solto um grunhido de medo e surpresa quando ele puxa uma adaga da cinta e a enfia em seu próprio peito, gritando com desprezo:

— Você não queria meu coração, Júlia? Então o pegue, ele é seu!

— Nãooooo! — grito desesperada, debatendo as pernas.

— Shhh. Calma, menina. Eu estou aqui. Calma — uma voz suave tenta me tranquilizar.

Dedos quentes deslizam pelo meu cabelo. Abro os olhos, atordoada. O que está acontecendo?

— Você estava sonhando, Júlia, foi só um sonho — ele sussurra e se senta ao meu lado.

Olho-o em meio à penumbra da noite e,
NACIONAIS - ACHERON

mesmo na escuridão, sinto sua preocupação. Rapidamente me sento na cama, envergonhada por ele me ver assim. Estou coberta pela transpiração.

Inspiro profundamente enquanto as batidas aceleradas de meu peito se normalizam.

— O que você faz aqui? — minha voz sai num resmungo rouco.

— Eu vim ver se você estava bem. Suas amigas me disseram que você estava indisposta. O que houve? — ele acaricia meu rosto e fala baixinho, como se não quisesse me assustar.

Não posso falar que minha indisposição tem a ver com ele. Ele está aqui, ele se importa comigo, e isso faz as coisas ainda mais complicadas.

— Eu estou bem agora — sussurro, bloqueada pelas emoções que travaram minha garganta.

— Com o que você estava sonhando?

— Sei lá. — Enrubesco, agradecida por estar escuro. — Com umas coisas estranhas, adagas, trovões, nem eu entendi — desconverso.

Ele não diz nada, fica em silêncio por alguns segundos que parecem eternos.

— Vamos sair um pouquinho, comer alguma coisa? — a fala é baixa, cuidadosa.

Jogo os pés para o chão. Apesar do meu plano de me manter distante, neste momento sinto que necessito estar perto dele.

— Preciso de um banho — sussurro.

— Posso dar esse banho em você? — a voz atraente tem uma nota de insegurança não habitual.

Enrubesco com a ideia, mas é impossível recuar, sou tomada por uma necessidade quase latente.

— Sim — respondo timidamente.

Frederico me arrasta pela mão para o banheiro. Acendo a luz e ligo o chuveiro. Estranhamente envergonhada, começo a me despir de costas para ele. Encaro o espelho e me aqueço com seu olhar cravado em mim. Estou nua num banheiro, com toda a luz focada em nós. A timidez me faz fechar os olhos e quebrar nosso contato ocular. Escuto os barulhos dele se despindo, e em seguida seu corpo se encosta ao meu. Debruço a cabeça para trás, apoiando-a em seu ombro. Minhas costas e o peito dele estão unidos. Ele aproxima a

boca de meu pescoço.

— Você está bem? — sua voz sedosa e o contato de seus lábios com a minha pele causam uma energização pulsante através de meu corpo.

A reação me assusta muito. É como se não houvesse coisa mais certa do que meu corpo sucumbindo a esta energia. Inundada por sentimentos inexplicáveis, viro-me de frente para ele e enrosco os braços por baixo dos seus, abraçando-o pela cintura, com as mãos em suas costas e os seios empurrando contra o seu peito.

— Bem demais... — falo honestamente.

Suas pupilas se dilatam. Não perco o movimento de sua garganta engolindo a saliva. Emoções que eu não consigo decifrar passam rapidamente por seu rosto.

— Acho que posso dizer o mesmo — ele sussurra e inclina a cabeça na curva do meu pescoço, apertando-me ainda mais em seus braços.

Após algum tempo abraçados em silêncio, Frederico me afasta um pouco e segura meu rosto entre as mãos. Seus olhos intensos parecem enxergar através de mim. Num movimento

vagaroso, ele roça seus lábios nos meus. Dizer que a sensação é incrível é um eufemismo. Eu tenho fome dele, do cheiro de sua pele, de sua respiração. Surreal.

Entramos no chuveiro e, sem nenhuma dúvida, este é o melhor banho de minha vida.

É como se o mundo exterior não existisse.



Enquanto ele se seca, saio do banheiro e vou até minha mala retirar uma roupa. O que eu deveria vestir? Será que vamos ao jantar? Eu realmente não gostaria de socializar, eu preferiria ficar sozinha com ele. Volto para o banheiro enrolada na toalha e me encosto ao batente. Meus lábios se entreabrem enquanto o observo secar o cabelo vestindo apenas toalha na região da cintura, descalço, com o peito nu e molhado. Fico úmida novamente com a visão.

Frederico para de passar a toalha no cabelo e me olha sorrindo de lado. *Droga, o homem é o pecado em carne e isso.* Fecho rapidamente a boca, evitando babar. Limpo a garganta, desajeitada.

— Nós vamos para o jantar? — Não sei se consegui mascarar o desânimo com a ideia.

Ele se aproxima em dois passos e me envolve nos braços.

— Não. Eu e você vamos jantar na minha casa.

— Vamos?

Isso é bom?



Frederico

Nem sei o que se passa na minha cabeça. Júlia tem algo que consegue derreter minha racionalidade. Vê-la se debatendo na cama contra um sonho ruim apertou minhas entranhas com a sensação de impotência.

Não quero permitir, mas sinto que a pequena bruxa está fincando suas raízes em mim e nem se dá conta disso. Observando seu rosto limpo, livre de toda a pose de *menina da cidade*, ela parece tão

vulnerável. Eu sei que estou pisando em um caminho perigoso, e o pior é que mal consigo me manter longe dessa mulher.

Eu deveria ter me contentado com a ausência dela no jantar e deixado para lá, mas, inferno, desde que eu a deixei aqui, há algumas horas, tenho a inexplicável sensação de vazio. Mal pude me impedir de vir atrás dela.

Tenho experiência suficiente para saber que isso que está havendo entre nós não tem nenhum jeito de funcionar. Não é nem mesmo o que eu quero para mim. No fundo eu sei que Júlia é só mais uma mulher sem escrúpulos entre as muitas que existem por aí. Sua atitude de me colocar como alvo de uma aposta infantil só demonstra que ela é exatamente como eu penso que é... Mesmo que o maldito desejo aqui dentro nunca consiga ter o bastante dela.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 11

Júlia

Em frente à sua casa, Frederico segura minha mão de um jeito delicado, suave. Mesmo lutando para não viajar nisso, não consigo deixar de pensar em como eu gostaria de que esta semana durasse por muito tempo.

— Já te disseram que você fica fantástica de jeans? — O homem abre um sorriso bonito que me põe de joelhos, distraíndo-me de pensamentos que não levam a nada.

— Obrigada — murmuro sem jeito.

— Vem, vamos entrar.

Andamos pela sala principal em direção à cozinha, que eu já conheço.

— Os pratos estão naquele balcão atrás de

NACIONAIS - ACHERON

você. — Ele aponta para um grande armário enquanto abre o forno e retira uma forma de vidro com alguma coisa divinamente cheirosa.

Abro o armário, pego dois pratos em meio a uma pilha enorme e assisto enquanto ele retira alguns talheres de uma gaveta. Caminho para a mesa, mas ele interrompe meu movimento.

— Não. Nós não vamos ficar aqui. Iremos para a minha ala privada.

Encaro-o meio boba com as palavras. Ele tem uma ala privada? Isso está ficando interessante.

Entramos em um tipo de apartamento dentro da grande casa. Há uma sala equipada com eletrônicos de última geração, grandes sofás de couro e cortinas em cinza e branco. Frederico me conduz a outra sala, menor, com uma mesa e alguns móveis de madeira. Tudo o que trouxemos da cozinha é colocado à mesa.

— Antes de te alimentar, eu gostaria de mostrar um pouco do meu lugar. — o calor de sua voz contrasta com a escuridão de seus olhos.

Senhor, para onde estamos indo com tudo isso...? Respiro fundo e sorrio, concordando com a

cabeça.

Seu quarto tem um aspecto aconchegante. É um espaço amplo, decorado de um jeito masculino, ostentando uma cama *king size* gigante revestida por lençóis e travesseiros brancos. Amplas portas de vidro se abrem para um jardim fechado e bem-cuidado. No lado esquerdo há uma *jacuzzi*, e do lado direito, um caminho de pedras leva em direção à imensa piscina estrategicamente iluminada, fazendo com que a água reflita as luzes.

— Seu lugar é bem... bonito. — O ar me falta quando sinto seu corpo próximo ao meu.

— Ter você aqui deixa tudo sob uma nova perspectiva — ele sussurra no meu ouvido.

Viro-me e espalmo as mãos em seu tórax definido, escorando meu corpo porque já não confio em minhas pernas quando estou com ele. Observando seus traços duros, tento entender o que é Frederico, às vezes me olhando com distanciamento, e outras com desejo líquido, como agora.

— Você é perfeito demais para ser verdade — sussurro encarando as profundezas de seu olhar.

— Você não me conhece — sua frase soa rude.

Inclino a cabeça de lado e encaro seu rosto. A fala doeu em algum lugar desconhecido, mas só por esta noite decido que não vou permitir que sua mudança de humor estrague tudo. Já basta o sentimento de culpa fazendo um bom trabalho em não me abandonar.

— Mas gostaria muito de conhecer. — Sorrio maliciosamente e faço um caminho com os dedos, subindo-os por seu peito e tocando o queixo que daria inveja a uma estátua.

Seus olhos se estreitam, enfrentando-me sem nenhuma emoção aparente.

— Vamos comer, menina — depois de um longo silêncio, é tudo o que ele diz, optando por ignorar o que acabei de falar.

Sigo-o de volta para o ambiente de jantar.

— Você que decorou este espaço? — pergunto casualmente, tentando restabelecer nosso elo.

Puxando a cadeira para que eu me sente, ele se abaixa à altura do meu pescoço.

— Por quê? Você gosta do que vê? — a frase sedutora arrepiava minha pele e me preenche com algum alívio. Honestamente eu estava temendo que o *homem de gelo* viesse tomar seu lugar novamente.

Mordo os lábios, segurando um sorrisinho.

— Muito.

Sem eu nem entender como aconteceu, Frederico me levanta da cadeira e me senta em um balcão encostado à parede, arrastando os objetos decorativos, que caem ao chão provocando um barulho estrondoso. É o suficiente para eu amolecer em seus braços. O aperto firme agarra meus cabelos, imobilizando minha cabeça à sua mercê. Recebo-o na boca num impacto duro. Sua língua desliza nos meus lábios, lambendo-me provocativamente e atravessa meus dentes, invadindo meu espaço. O beijo é tão intenso que meu corpo ganha vida a uma velocidade assustadora. Em movimentos sem controle, agarro-me aos largos ombros, puxo os cabelos grossos e sedosos, tato o abdômen. Eu tenho que o sentir e saber que é real. Sinto que a cada minuto estou

prestes a perdê-lo.

— Você não entende o que faz comigo — o som é um gemido brutal.

— E-e-eu... — Suspiro, sem palavras.

— Estou perdendo minha mente — ira e tesão colidem em sua voz. — Você está me deixando maluco!

O som me atinge profundamente, causando-me uma mistura de dor e latente excitação. Maldição! Mal entendo suas palavras ante o sentimento que pulsa em meu peito.

Sua potência empurra através do jeans, e sem que tenhamos que dizer nada, roupas são retiradas com afobação e lançadas ao vento. Rasgando um preservativo com determinação, fazemos amor com urgência, desespero. Suas estocadas são profundas, necessitadas e me preenchem de uma forma que eu nem sabia que era possível, trazendo calor ao meu ventre e estourando meu cérebro, até que nossas liberações se chocam.

Glória e caos. Nada poderia definir melhor meu estado. Não consigo sequer respirar. Estou usando tudo o que tenho para contornar a vontade

de chorar, tomada pelo pressentimento de estar prestes a perder algo que nunca me pertenceu.

— Por que estamos fazendo tudo isso? — ele sussurra ofegante, descansando sua testa suada na minha.

— Eu não sei — murmuro encarando seus olhos ferozes.

— O que você quer de mim, menina? — a pergunta é tão inquietante que me arrepiou.

Fecho os olhos.

— O que você quer que eu responda, Frederico? E-e-eu nunca me senti assim antes, estou tão *sem saber* quanto você — respondo honesta, mordendo o lábio, sufocada com todos os sentimentos desconhecidos girando velozmente através de mim.

— Eu gostaria de acreditar nisso — o sussurro ácido me machuca.

Engulo o sabor amargo que suas palavras e tom de voz deixam em minha boca.



Depois de nos limparmos no banheiro de um jeito estranhamente desconfortável, estamos jantando sob um silêncio ensurdecedor. Não consigo captar um único vislumbre do que se passa em sua cabeça, seus pensamentos parecem tão longe.

Mexo na comida no prato com o talher, pensando no que estamos vivendo. Esta sensação de plenitude — apesar de todos os outros sentimentos contraditórios — é nova para mim, acho que pela primeira vez estou me sentindo verdadeiramente viva, e independentemente de aposta ou não, acho que estou conhecendo o gosto do que é querer realmente alguém. Nada pode me tirar este momento, aconteça o que acontecer.

— Por que você está sorrindo? — seu tom sereno me faz levantar os olhos e enrubescer diante de seu olhar concentrado em mim.

Inspiro fundo.

— Estou pensando em quão sortuda eu sou por ter vindo a este casamento.

Ele consente com a cabeça.

— A sorte é mesmo uma coisa

impressionante.

Eu gostaria de contar a ele sobre a aposta. Pensando em tudo mais amplamente, aquilo foi somente uma brincadeira inocente, até engraçada, se você analisar como isso nos uniu. Acho que dificilmente Frederico se irritaria, até porque ele também está se divertindo, não é?

Limpo a garganta.

— Ontem, quando nos conhecemos — eu começo baixo, alisando o talher.

O homem se endireita e assume uma postura ereta.

— O que tem ontem? — Sua atenção está totalmente focada em meu rosto num tipo de desafio mal contido.

Busco em seus olhos freneticamente algum sinal de que eu possa ir em frente, de que ele vá aceitar bem o que vou dizer. No entanto, o que eu vejo é uma expressão quase imperceptível de algo semelhante a desgosto, desprezo, não sei bem. Posso estar enganada, talvez tentando encontrar alguma coisa que apoie minha decisão covarde de recuar e não dizer nada que vá estragar nossos

poucos dias juntos. O medo revira a boca do meu estômago.

Eu não deveria me acovardar, eu sei... mas é muito difícil.

Salva pelo gongo! Meu celular sobre a mesa pisca incessantemente com a palavra *pai*. Encaminho a ligação para a caixa postal apertando o botão lateral e desligo o aparelho em seguida. Respiro fundo e o guardo no bolso, com os olhos de Frederico cravados em mim.

— Por que você não atendeu?

Vejo o interesse em sua expressão dura. Desvio o olhar.

— Meu pai, às vezes, é um pouco... sufocante.

— Sufocante de que forma? — Ele estreita os olhos.

— Da forma que acha que eu ainda sou uma menina que ele deve controlar. — Mordo a bochecha. — Ele mantém suas expectativas em mim, e elas pesam um pouco de vez em quando... — Suspiro.

— Expectativas de que, exatamente?

Sinto-me sendo dissecada.

— Eu sou a filha em que ele pode depositar responsabilidades. A família tem um nome no mundo do direito, e eu sou a *sucessora da linhagem*, se é assim que se pode dizer. — Mordo a bochecha, quieta por alguns segundos, sentindo seus olhos em mim e decido me abrir um pouco. — Tirar esta semana de folga foi uma guerra. O escritório está no meio de um julgamento importante, e ele me queria lá para gerir algumas situações e tomar mais algum aprendizado. Sabe como é. — Encolho os ombros.

— E você gostaria de estar lá?

Balanço a cabeça negativamente, sentindo uma necessidade esmagadora de ser honesta com ele – ao menos nisso.

— Não. Quanto mais tempo eu me mantenho afastada, menos eu quero voltar. — Suspiro, sincera. Abaixo os olhos e observo uma migalha invisível sobre a mesa.

— Por que você não diz isso a ele, Júlia? — o tom se mantém neutro, mas eu sinto a energia desafiadora.

— Eu não sei. Acho que não tenho coragem de magoar minha família assim.

— E você prefere ser infeliz a falar a verdade — isso não foi uma pergunta.

Encaro seus olhos e noto a reprovação.

— Você não entenderia — contesto.

— Me faça entender.

Arranho um pontinho na mesa, pensando sobre o que falar.

— Eu passei uma vida inteira ouvindo sobre como eu seria uma advogada, como eu continuaria com o legado da família. Meu pai ficou muito mal quando Daniel, meu irmão, resolveu contrariar sua vontade. Eles nem se falam mais. Eu não quero provocar tudo isso de novo.

— Então você vai pelo caminho mais fácil, não enfrentar o problema — o homem não faz muito para mascarar o escárnio.

— Não é uma questão de não enfrentar. Só estou escolhendo as minhas batalhas — minha voz soa defensiva, mais do que eu gostaria.

— Como eu pensei.

O julgamento implícito não passa
NACIONAIS - ACHERON

despercebido. Honestamente detesto isso. Maldição. Nem nos conhecemos. O que ele esperava? E quem é ele para me julgar?

— Certo — digo seca, encerrando o assunto. Minutos de silêncio pesam no ambiente. A comida está fria, acho que essa é a deixa para que eu encerre a noite. — É melhor eu ir — falo baixo, encarando o prato.

Ele afasta a cadeira abruptamente.

— Não, não é. Eu quero que você fique — é uma exigência e, ao contrário da minha vontade, meu coração acelera com seu tom de comando.

— Acho que não é uma boa ideia... — murmuro, mas antes que eu possa terminar a frase, sou repentinamente arrastada para seu colo.

— Faça o que você *quer* fazer, Júlia, esqueça o que você *acha* que tem que fazer — a rouquidão de sua voz me desarma. — Passe a noite aqui comigo.

Lambo o lábio ressecado.

— Por que você quer eu fique, Frederico? — interrogo-o. — Agora sou eu que te pergunto, o que *você* quer de mim afinal?

Suas narinas se dilatam, vejo a luta em seu rosto.

— Eu quero passar um tempo com você e esquecer por um momento qualquer outra. Faça isso por nós.

Aperto os olhos, desejando sair do estranho feitiço que me impede de lutar. Um letreiro grande e luminoso com a palavra *perigo* ameaça se acender. Entretanto, sem que eu tenha sequer tempo para refletir, Frederico se levanta e me leva consigo para o quarto.

Logo que entramos, sou prensada contra a parede. O ar me abandona momentaneamente.

— Você tem estado na minha mente por tempo demais, menina — o rosnado baixo arrepia minha pele.

Encaro seu rosto sombrio, olhos escurecidos e a mandíbula cerrada.

— Por que você trata isso como se fosse ruim? — murmuro com a boca seca.

O músculo de sua face pulsa discreto. Penso por um momento que não terei uma resposta.

— Porque não é inteligente me apegar a

NACIONAIS - ACHERON

alguém como você — a resposta tardia me deixa magoada.

— O que há de errado comigo? — mal escuto minha própria voz, afetada pela pontada dolorosa em algum lugar no peito.

Os olhos amendoados dançam freneticamente, avaliando cada pedacinho do meu rosto parecendo buscar a resposta certa.

— Não há nada de errado com você, mulher — seu tom ganha uma falsa suavidade. — O problema é esse. Você é perfeita demais.

Não perco sua tentativa de usar a malícia para mascarar a mentira em sua resposta. Fere-me saber que há algo sombrio por trás de sua fachada. Frederico está fazendo muito pouco de minha inteligência, mas ainda não consigo entender o motivo.

Diversão, não é nada além disso, repito mentalmente, buscando em meu cérebro razões para o que estou permitindo que aconteça. Nunca vivi um momento de loucura assim, mesmo que tardiamente. Preciso desta experiência e da sensação de estar viva nem que seja apenas por um

breve momento.

Engulo a saliva. Mal consigo respirar. Então deixo a mente se esvair da racionalidade, deixando meu corpo assumir o controle de acordo com sua própria vontade.

Sem pressa, Frederico me despe e explora cada porção de minha pele. Seus lábios fazem um caminho nos meus seios, prendendo um mamilo entre os dentes. Fecho os olhos e me permito aproveitar o contato. As carícias se estendem para meu estômago, barriga, virilha, até chegar ao núcleo. Gemo, desprendendo as costas da parede, finco as unhas em sua pele e deixo o último vestígio de insegurança dissipar-se. Esse homem quer ter o seu momento com o meu corpo, e eu vou curtir cada segundo.

Noite e madrugada a dentro, nós nos consumimos de paixão, e nunca parece o suficiente. Sou lançada para um mundo quente, leve, o mundo da pessoa que está irremediavelmente ferrada porque nunca vai encontrar nada igual a isso com outra pessoa.

Desprendo-me de pudores e me rendo por

inteiro, memorizando cada minuto da melhor noite da minha vida. Se eu não tiver uma segunda chance com esse homem, ao menos levarei para sempre as memórias.



Verifico o relógio marcando 6h30 da manhã. Depois de uma noite incrível e de um banho descontraído, deitamo-nos na cama embolando nossos corpos.

Estou dormente, meus olhos, pesados com a sensação de cansaço e satisfação. Uma vozinha aguda na minha cabeça grita que essa é nossa despedida. Engulo o pressentimento e o guardo em algum lugar onde eu possa lidar com ele mais tarde.

Respiro de forma profunda e praticamente desmaio, exausta, amedrontada e... apaixonada.



Frederico

Assisto a Júlia se render ao sono depois de tudo. A mulher está fazendo seu caminho em meu coração, e eu nem vi isso chegando. Porra, ouvi-la falar de seu pai tocou em um ponto crítico em mim. Eu sei o que é virar as costas para a expectativa de um pai. No meu caso, eu achava que tinha algo para provar. Não me surpreende que ela não queira lutar por suas vontades, a menina, no final, é só uma mentirosa covarde que mal é capaz de contar ao homem com quem está transando que, para ela, tudo se resume a uma brincadeira egoísta.

Sento-me na borda da cama e deixo a cabeça pender entre as mãos, esfregando o rosto, desejando expulsar toda esta bagunça da mente.

E se eu passasse por cima dessa história de aposta? Júlia não pode estar me enganando em tudo, pode? Ninguém conseguiria fingir quando seu corpo está tão entregue.

Inferno. Não estou mais conseguindo raciocinar com coerência. Honestamente, a razão me manda lhe ensinar uma boa lição sobre brincar com os sentimentos alheios e empurrá-la para fora de minha vida de uma vez por todas. Todavia, o

outro lado, talvez, sim, o coração, queira tomar Júlia para mim, reivindicá-la.

Havia anos eu não me envolvia com ninguém, sequer tive vontade, mas essa bruxinha tinha mesmo que vir aqui, às minhas terras, e despertar algo que havia muito estava adormecido. Isso deve ser a porra de um carma.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 11

Júlia

Os raios do sol atravessam a cortina, tocando minha pele. Abro os olhos e encaro o rosto esculpido do homem mais lindo que já vi. Defini-lo como lindo me parece simplório demais.

— Oi — sussurro tímida, preguiçosa.

— Oi, você — ele responde num tom gostoso o suficiente para me aquecer.

Observo seu rosto, enquanto nossos dedos brincam na face um do outro em leves carícias.

— Que horas são?

— 8h30 — ele responde baixinho, sem parar de me fitar.

— Você dormiu também? — minha voz é baixa.

— Não. — Dedicame um olhar bonito. — Assistir a você dormindo na minha cama é melhor do que dormir.

Estamos cochichando como se tudo fosse um segredo só nosso.

— Esta foi a melhor noite da minha vida.

Oh, porcaria! Por que eu fui falar isso? Desvio-me rapidamente de seu olhar, sentindo a pele queimar de rubor.

Em um jeito quente, Frederico segura meu queixo suavemente, obrigando-me a encará-lo.

— Foi assim para mim também.

Busco humor em seu rosto, algo que me diga que isso é uma piada, mas não. Sua expressão parece franca.

Impulsivamente, lanço os braços em seu pescoço e o beijo, mordiscando atrevidamente seu lábio. Em um segundo, Frederico gira seu corpo e se posiciona em cima de mim. Seus joelhos abrem minhas pernas, e seu quadril empurra contra o meu. Gemo baixinho quando sinto seu membro potente roçando meu monte de vênus. Meu corpo ganha mais calor, sensações deliciosas se alastram da

minha coluna aos meus pés. Desejosa, empurro-me contra ele e sem pudor o deixo entrar.

No começo, ele é lento, doce, tomando-me sem ímpeto, até que começa a ganhar mais impacto, movendo-se forte e profundamente.

— Não sei o que estamos fazendo aqui, menina — sua voz está rouca. — Nem sei o porquê. — Recebo uma estocada dura. — Eu nem ao menos quero isso. Mas eu sinto... — ele crava fundo e se detém dentro de mim — que você foi feita para mim. — Seu rugido ferozmente baixo e os sons de nossa união deixam-me extremamente excitada.

Duas estocadas mais e estou me afundando com ele, cada um encontrando sua própria libertação.



Visto uma camisa grande de Frederico e me sento à pequena e confortável mesa, onde um delicioso café da manhã nos espera. Fico imaginando em que momento esta mesa foi posta,

se ele mesmo buscou os alimentos na cozinha ou se alguém entrou aqui e os deixou. E, se sim, essa pessoa teria nos escutado? Teria sido a Olga?

Mordo a bochecha, implorando para não ficar vermelha.

— Eu mesmo preparei nosso café da manhã — a resposta a minha pergunta não formulada vem de maneira suave, contendo bom humor.

— E em que momento? Antes ou depois de me fazer desmaiar? — tento manter a ousadia em meio à repentina timidez.

— Eu te fiz desmaiar, moça? — Seu olhar se estreita, e a cabeça cai de lado.

— Aham. — Mordo o lábio inferior.

Ele ri de um jeito gostoso, relaxado — ele raramente demonstra descontração —, o que me anima.

— Você é uma delícia, Júlia. Que culpa eu tenho se nada parece ser o suficiente e estou sempre duro por você?

— E eu aprecio cada momento. — Retorço os dedos, evitando dar atenção à umidade me consumindo rapidamente de novo.

— Tudo por você — a intensidade de suas palavras atinge um lugar em meu interior de uma forma que torna impossível respirar. Abaixo os olhos para os alimentos e tento me concentrar no desjejum.

Depois de alguns minutos em um silêncio confortável, ele se levanta e me estende a mão.

— Você já cavalgou? — a voz sedutora me deixa desconcertada. Isso é algum tipo de trocadilho? Inclino a cabeça e observo seu rosto.

— Num cavalo? — pergunto como uma idiota.

Seu lábio repuxa para o lado num sorriso zombeteiro.

— Preferencialmente num cavalo, mas também pode ser num burro, boi, zebra, ou o animal que você preferir.

Balanço a cabeça, tentando recuperar o cérebro.

— Sim, já montei num cavalo há bastante tempo.

— Ótimo, menina, vamos montar, então. — Ele se levanta, puxando-me consigo. — Em
NACIONAIS - ACHERON

cavalos.

Arrumo-me com meus jeans e uma camisa sua. Depois de uma viagem de três minutos em seu carro, entramos num galpão enorme com estrebaria ao fundo. No centro há um grande espaço redondo com chão de terra arada e, num cantinho, alguns bancos para acompanhantes. Enquanto ele fala com um homem que segura nas rédeas de um grande cavalo mesclado de marrom e preto, vou até os banquinhos me sentar e assistir.

Arranho o chão com uma vareta, fazendo desenhos e logo vejo uma sombra grande diante de mim. Subo os olhos dos pés e das longas pernas para um abdômen perfeitamente esculpido e visível sob a camiseta, parando em um rosto sorridente e mãos que seguram botas de cavalgada, calça, camiseta, joelheiras e capacete.

— O que é isso? — Aponto para suas mãos.

— Suas roupas, menina bonita.

Meu queixo cai.

— Você espera que eu vista isso e suba mesmo num cavalo?

Sua expressão impagável, do tipo *é óbvio que*
NACIONAIS - ACHERON

sim me deixa sem saber o que falar. Esse sorriso ainda vai incinerar a minha mente.

Bufo.

— Tudo bem. Se não tem outro jeito, me dá logo isso aí.

Pego as roupas, acessórios e as botas.

— Não se preocupe, pequena, essas roupas são da Bianca e estão limpas — ele provoca.

Reviro os olhos e vou para o vestiário feminino, de acordo com a placa na parede.

Levo cinco minutos para vestir uma calça marrom agarrada ao corpo e uma camiseta polo branca também justa. As botas são do meu número. Atrapalho-me um pouco para colocar as joelheiras e saio segurando o capacete embaixo do braço.

Sou avaliada de cima a baixo por um olhar quente e satisfeito do cara mais intenso que eu já conheci. O olhar é tão excitante que sinto minha pele se arrepiar. Chego mais perto.

— Se você continuar me olhando assim, vai precisar muito mais do que uma noite para eu fazer tudo o que tenho em mente — murmuro as palavras em seu ouvido, tentadora, provocante.

Seu maxilar enrijece na mesma hora. Ele aperta meus braços com tanta força que chega a doer de leve.

— Provoque e você vai ver o que eu tenho em mente bem aqui. E eu não me importo se tem mais alguém por perto, Júlia — ele murmura na minha orelha.

A voz autoritária sussurrada e tão próxima é como nitroglicerina para mim.

— Estou pronta para você, bonitão — sussurro.

Ele movimentava meus braços, trazendo-me para sua frente e me fazendo encarar seus olhos. Recebo um balde de combustível no fogo que queima em meu interior ao constatar o desejo profundo que arde nessas pupilas.

— Não brinque com o desejo que tenho por você. Nunca.

Engulo em seco e desvio o olhar, querendo-o com tudo o que há em mim, não somente seu corpo, mas sua alma; recuo, no entanto, não pretendendo começar algo maior do que posso controlar agora.

— Como eu pensei. Vamos lá — ele fala sem humor e puxa meu pulso para segui-lo.

Após ouvir algumas instruções de Frederico e do homem que segura um cavalo grande, de forma desajeitada eu me firmo em cima do animal. Logo Frederico está montado também, emparelhado comigo em seu cavalo enorme e elegante.

— Segure com firmeza as rédeas e demonstre para o animal que você sabe o que está fazendo. Não tenha medo, o bicho sente isso — ele fala com domínio. — Observe os movimentos.

Aos poucos vou me soltando e relaxando com o trote. Não é fácil me equilibrar, segurar as rédeas e coordenar os movimentos, mas depois de assistir à desenvoltura de Frederico, pareceu tão simples que estou me esforçando para manter o ritmo. Realmente, cavalgar é muito relaxante. Você cria um elo com o bicho que é algo inexplicável. A relação de respeito, amor e confiança que se estabelece faz com que ambos virem um só.

Não sei quanto tempo se passa, mas só me dou conta das horas quando vejo Frederico parado do lado de fora do círculo, observando-me. Seu

cavalo já foi levado, e ele está sozinho. Com nova destreza, conduzo o bicho até parar à sua frente.

Frederico atravessa a divisória de madeira e fica ao meu lado. Com cuidado, eu passo uma das pernas por cima do cavalo e me apoio nos seus ombros quando ele me puxa pela cintura, ajudando-me a descer.

— Você cavalgando é sexy pra caralho — ele rosna aproximando nossos rostos.

— Você também, bonitão. — Sorrio.

Ele me ajuda a desprender o capacete, e vou para o vestiário me trocar. Estou de volta aos meus jeans e com a sua camiseta branca que coloquei esta manhã. Saio do vestiário e sou surpreendida ao ser empurrada contra uma parede. O baque é forte, mas eu nem tenho tempo de questionar. A língua quente se enfia em minha boca enquanto o corpo me empurra para trás, forte, sua virilha pressionando meu estômago.

— Eu quis fazer isto desde a hora em que você subiu naquele cavalo.

— Uau! — Respiro ofegante.

A boca se afasta um pouco, e ele sopra no

NACIONAIS - ACHERON

meu rosto.

— Eu estou começando a achar difícil ficar longe de você, menina. O que você está fazendo comigo?

Engulo a pouca saliva com dificuldade. Não acho que ele esteja tão afetado quanto eu, mas saber que ele se sente abalado é uma pequena vitória. Inspiro profundamente e pouso a mão em seu peito rígido.

— Então não fique longe — sussurro sem o mínimo orgulho. — Vamos voltar para o seu quarto — minha voz soa meio falha pela excitação.

— Eu tenho algumas coisas para fazer agora. — Seu polegar roça meus lábios. — Mas não pretendo demorar e, quando eu voltar, prometo que faremos exatamente isso.

Assinto com a cabeça.

— Tudo bem — minha voz desanimada é recebida com triunfo pelo homem, que me beija duramente a boca.



Estou de volta à frente da casa em que me hospedei. Com um beijo quente e cheio de promessas, Frederico se despede. Saio do carro e caminho para onde as meninas estão largadas em redes de balanço na varanda.

— Veja se não é nossa pequena fugitiva. — Katy ri enquanto me aproximo.

Beijo o rosto de cada uma delas. Estou sorrindo como uma boba.

— Vocês sabem o quê? — Arremesso-me numa poltrona confortável. — Acho que esta é a melhor viagem da minha vida. — Sorrio descaradamente.

— Nada como os ares do campo. — Pini dá uma piscadela, cúmplice.

— Essas bochechas rosadas e o fato de não dormir no nosso quarto dão uma ideia de como você está gostando do campo — Katy zomba.

Em pouco tempo, estamos todas rindo e falando besteiras.

— Meninas, vamos colocar nossos biquínis e pegar um bronzeado na piscina? — Alice sugere radiante.

PERIGOSAS

— Piscina?

— É, Ju! Estão todos lá — ela parece realmente animada.

— Não seria nada mal uma tarde preguiçosa de bronze e água. — Pini se levanta da rede, alongando seu corpo esguio.

— Parece bom. — Sorrio.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 13

Frederico

Prometi a minha mãe que viria buscar Christine no aeroporto, mas já estou começando a me arrepender desta decisão, vendo-a tão maliciosamente se aproximando assim que se faz ciente de minha presença, com seus olhos com esse brilho cínico a que mal posso suportar. Ela é minha prima de segundo grau e, na juventude, foi um tipo de namoradinha, nada além disso. Porém, acho que Christine não se deu conta disso ainda.

— Fred!

Quase me desequilibro quando seu corpo magro se lança sobre mim. Suspiro e coloco minha melhor máscara de paciência.

— Como foi a viagem, Christine? —

pergunto me forçando a parecer minimamente interessado.

— *Chris*, Fred. Ainda temos intimidade para isso. — Seu sorriso malicioso me faz querer revirar os olhos; contenho-me, no entanto. — A viagem foi cansativa, você sabe. Dizem que Paris é logo ali, mas garanto que quem inventou isso nunca foi realmente a Paris — sua tentativa de fazer uma piada é um fracasso.

Pego suas malas, desejando encerrar a conversa fiada de uma vez e voltar para a fazenda, onde uma bruxinha tem meus pensamentos enrolados em seu dedo.

Depois de colocar as malas no bagageiro da caminhonete, ainda tenho que ajudar a mulher a entrar. Não deixo de notar a tentativa de seu corpo magro roçar em mim. Mal sabe ela que essa atitude, depois de tanto tempo, somente parece patética.

— E então, como estão todos?

— Bem, você sabe — devolvo cordialmente e acelero.

— Mamãe hoje me disse que o próximo casamento será o nosso. — Ela joga a cabeça para

trás num sorriso falsamente divertido. — Falei que nunca se sabe, não é?

Nem perco o tempo devolvendo qualquer amenidade.

— Nós sabemos que isso nunca acontecerá, Christine.

Seu corpo endurece, mas a expressão não se altera. Ela não mudou nada, é artificial como sempre.



Júlia

Coloco um biquíni branco e, por cima dele, um *camisetão* fino como saída de banho. A cor do biquíni faz dar a impressão de que estou mais bronzeada do que realmente estou, esconde um pouco a palidez sem graça de minha pele. Pego os óculos de sol e um chapéu. Estou pronta e me sentindo uma diva. Tanta *atividade* nos últimos dois dias fez bem para a minha autoestima.

As garotas estão simplesmente de tirar o fôlego: Pini veste um maiô com canga que deixa seu corpo incrível, Katy e Alice estão com biquíni e *shorts*.

Eu já vi essa piscina antes, durante a noite, quando Frederico me mostrou. Todavia, sob a luz do dia ela parece maior, cercada por palmeiras e um gramado amplo.

Eu não esperava que tivesse tanta gente aqui. Além dos padrinhos, estão aqui Ivan e Bianca, umas sete ou oito mulheres que eu ainda não conheço e um grupo de mais alguns rapazes. Esperançosa de encontrar Frederico, dou uma boa olhada ao redor, mas nem sinal dele.

— Garotas, isto está cada vez melhor — Katy comenta divertida. — Olhem aquele cara de bermuda vermelha. — Todas nós nos viramos para onde ela aponta discretamente, no modo Katy de ser. — Acho que ele é o meu número.

Verificamos o moreno bronzeado e forte, com o tipo de corpo trabalhado em musculação, dono de olhos castanhos expressivos e boca carnuda.

— Aquele pedaço de mau caminho é o número de qualquer uma, amiga. — Pini assovia baixo.

Alice discretamente tapa a boca e enrubesce, e eu só consigo rir.

— Então as garotas mais bonitas deste lugar resolveram aparecer — uma voz masculina e agradável surge às nossas costas.

Viramo-nos todas ao mesmo tempo para encontrar Gustavo sorrindo. Ele gentilmente nos cumprimenta com beijos no rosto. Não deixo de notar o jeito aquecido como ele encara Pini. E ela sustenta seu olhar. O que está acontecendo aqui?

Inclino-me discretamente para Katy.

— O que foi que eu perdi? — cochicho. Observo Gustavo sorrir para Pini sem nenhum constrangimento, e ela retribui com seus perfeitos dentes brancos.

— Exatamente o que você está imaginado — Katy sussurra de volta.

Engulo uma risada.

— Vamos dar uma volta? — Katy se adianta, enroscando os braços em mim e Alice.

Saímos, deixando Pini com seu prato do dia.

— Ah, os benefícios do campo! — Suspiro fazendo graça.

— Meninas, tenho que falar com a Bia, já volto. — Alice se afasta.

— E então? — Katy me cutuca. — Onde está seu cowboy gostoso?

— Trabalhando, eu acho — respondo meio desanimada.

— Então vamos confraternizar, Ursinha Rosa. — Ela dá uma piscadela enquanto caminhamos para a beira da piscina, próximo ao grupo de rapazes.



Estamos sentadas com os pés dentro da água. Não demora muito e temos vários meninos a nossa volta, inclusive os padrinhos, e até algumas das mulheres se juntaram à conversa. Katy dá toda a atenção para o moreno de bermuda vermelha.

Um empregado passa trazendo uma bandeja com drinques para todos. Pego um copo e aprecio o

efeito geladinho da bebida na boca. O tempo está tão quente que o frescor de framboesa misturado ao álcool faz maravilhas. Fecho os olhos e dou um pequeno gemido de agradecimento.

— Você é parente do Ivan?

Abro os olhos ante a voz de uma mulher ao meu lado.

— Oi — falo mudando o copo de mão para cumprimentá-la. — Sou amiga dele. — Estendo a mão para ela. — Júlia.

Ela pega minha mão com sua palma suave.

— Melissa, amiga de infância da Bia.

Apertamos as mãos.

— Incrível este lugar, não é? — puxo conversa.

— Pois é, mesmo crescendo por aqui, acho que nunca vou me acostumar.

— Você mora aqui? — pergunto curiosa.

— Não. — Ela ri e sinaliza com a mão. — Eu sempre passo minhas férias aqui. Moro a alguns quilômetros. E você conhece o Ivan há bastante tempo?

— Oh, sim. — Tomo um pouco do drinque sem tirar os olhos dela. — Nos conhecemos desde crianças também.

— Esses dois nasceram um para o outro — minha mais nova amiga diz, e olhamos para Bianca sentada no colo de Ivan, toda sorridente. Suspiramos ao mesmo tempo e depois rimos. Por alguma razão, eu gostei de Melissa.

Conversamos animadamente sobre gostos musicais após eu comentar sobre a música que está tocando, falamos sobre coisas de meninas, marcas de xampu para proteger do sol, e até recebo umas dicas de alimentação do tipo *detox*. Ela é nutricionista e tem ótimas dicas.

— Você poderia ter um blog falando disso — eu a incentivo. — Esse assunto meio que está em alta.

De repente sua voz é só um eco em segundo plano por causa da direção que meus olhos tomam. Minhas mãos tremem, e tenho que deixar o copo na borda da piscina. Meu olhar petrificado se fixa na cena, ao passo que sinto o peito doer.

A alguns metros de nós, Frederico desce da

NACIONAIS - ACHERON

caminhonete vestido com jeans e camiseta de mangas longas, lindo como sempre... se não fosse a loira do tipo *top model alegre* agarrada ao seu braço. A mulher dispara beijinhos em seu pescoço enquanto caminham para a casa grande. Minha garganta trava com intensidade enquanto assisto à mulher sorrir e tocar o braço dele intimamente, e ele também parece sorrir.

— Ah, ela veio...

Olho para Melissa.

— Desculpe?

— Ela. — Melissa aponta discretamente para o casal. — Christine.

Volto a olhar para eles até que somem de vista e entram na casa.

— Quem é ela? — pergunto com a voz fraca.

— Uma prima em segundo grau da Bia.

Tento processar as palavras.

— Prima?

— É, mas não passa de uma oferecida que não perde as oportunidades de tentar reatar com o Fred. — Ela volta a olhar para mim. — Frederico, irmão da Bia.

— Reatar?

— Os dois namoraram por um tempo antes de... — Ela pisca, como se não quisesse me contar uma parte da história. — Há muito tempo. — Balanço a cabeça em concordância e respiro fundo. — Ela estava vivendo em Paris e deveria ter ficado por lá.

Percebo o jeito amargo com que Melissa fala. Estreito os olhos e observo a nutricionista ao meu lado. Será que ela também é apaixonada por Frederico? Oh, Senhor, a conta está começando a aumentar.

— Você não gosta dela? — Tento esconder o terror.

— Não, ela é do mal. Vivia enchendo nosso saco quando éramos crianças. E ela tentou seduzir meu namorado há um ano — ela informa apontando para um rapaz sentado na margem oposta de onde estamos.

Quase me sinto aliviada. Menos mal, Melissa tem um namorado e não quer Frederico também.

— Coisa de vadia — resmungo.

— Totalmente. — Ela bufa, e por alguma

razão solidária, nós duas começamos a rir.

Nossa risada chama a atenção de seu namorado e do cara sentado conversando com ele. Em minutos, os dois nadam atravessando a piscina até nós.

— Oi. — Seu namorado chega e a beija docemente. Sem dúvidas ele é apaixonado por ela. *Melissa, não tem que se preocupar.*

O outro homem para em pé à minha frente, dentro da água.

— Olá. — Ele me olha descaradamente interessado enquanto somos ignorados pelo casal se beijando ao lado.

— Olá — respondo com simpatia, forçando-me a parecer bem enquanto *meu homem* está com outra mulher lá dentro. Porcaria, o que é que estou pensando com isso de *meu homem*?

— Sou Matheus. — Ele sorri de um jeito bonito.

— Júlia.

Ele dá um passo à frente, e meu joelho acaba encostando em seu peito, muito bem trabalhado, por sinal. Recebo um beijo na bochecha, e então ele

se afasta de novo, dessa vez só o suficiente para que meu joelho volte a tocá-lo.

— Gosto de seu nome — seu tom é sedutor.

Sorrio e desvio os olhos para a entrada da casa a tempo de ver Frederico saindo com a Supergirl a tiracolo. Que merda é essa? A garota está de biquíni e se esfregando nele, apoiada em seu ombro com intimidade e dizendo alguma coisa ao pé de seu ouvido. Um sorriso de lado sai dos lábios do homem... não por muito tempo, no entanto.

Seus olhos encontram os meus e imediatamente caem no charmoso Matheus à minha frente. O sorriso desaparece e dá lugar a uma carranca. Frederico olha para mim, depois para Matheus e volta a me fitar com uma expressão do tipo *que porra é essa?* Eu faço a mesma cara olhando dele para a boneca bronzeada ao seu lado.

A *top model* magricela segue seu olhar e finalmente me nota. Se existe uma expressão facial que defina a palavra *cobra*, sem dúvida ela está fazendo para mim agora. E a Barbie do campo faz exatamente o que eu espero dela, vira-se para o

meu homem – bem, *era* meu homem – e taca-lhe um beijo. *Na boca!*

Um punhal afiado cravado no peito machucaria menos. Viro o rosto imediatamente, loucamente enraivecida e me sentindo traída. *Respire, Júlia, respire!* Que ótimo! Frederico é um bastardo, e eu, uma burra. Mordo o lábio bem forte, até sentir o gosto metálico de sangue preencher a boca, tudo para não chorar.

— Acho que vou nadar também — falo num tom embargado para um Matheus sorridente, que se afasta para me dar espaço.

Deslizo o *camisetão* fino para fora dos braços, ficando só de biquíni, dou um pequeno impulso e me afundo da piscina. Deixo o corpo ir até o fundo, para só assim soltar as lágrimas que insistem em queimar em meus olhos. Maldição. Ele tem uma namorada e mesmo assim ficou comigo. E aquela história toda de ele não ter ninguém, ser traumatizado com uma ex-noiva? Imbecil! Deixei essa situação ir longe demais e deu nisso: sou uma idiota apaixonada por um bastardo. Pior não poderia ser.

Sinto uma dor tão aguda no peito que eu nem imaginava que fosse possível. Por que vê-lo beijando outra me incomoda tanto? Estou envergonhada comigo mesma por ter sido tão estúpida e deixar que sentimentos tolos chegassem ao meu coração. Apaixonar-me por alguém assim, em tão pouco tempo e me sentir rejeitada dói como o inferno.

Cega de raiva, volto para a superfície e fico frente a frente com Matheus. Sem pensar muito, tendo o veneno líquido do ciúme em minhas veias como aliado, tomo minha decisão. Lanço os braços por cima de seus ombros e lhe dou um beijo que não saboreio, pois meu intuito é apenas me vingar. Deixo minha língua provar sua boca, embora eu não sinta gosto, nem sentimentos. Não sinto nada.

Não sinto, mas escuto o estrondo na água, como uma explosão e assisto a um Matheus confuso ser arrancado de mim e jogado para trás, afundando na piscina.

— Solte ela! — Frederico ruge enquanto ataca Matheus.

Os golpes são diretos e impactados pela água.

PERIGOSAS

Em segundos vários homens também pulam na piscina para separar os dois, enquanto Matheus grita querendo saber o porquê de Frederico estar agindo assim.

Eu não consigo ver, eu não quero assistir à cena que ele quer dar depois de me ferir. Eu o odeio!

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 14

Júlia

Saio da água rapidamente, pego minha camisa no chão e disparo em velocidade pelo gramado. Lágrimas despencam por meu rosto. Babaca traidor!

— Estúpida, eu sou uma estúpida, uma burra!
— grito comigo mesma enquanto corro desesperadamente.

— Pare, caralho! — escuto Frederico rugir irado.

— Deixa ela em paz! — Katy grita.

Eu sei que ambos estão correndo atrás de mim e não paro. Tropeço nas pernas quando Frederico me alcança, puxando-me com um solavanco. Perco o equilíbrio, mas ele me segura

pelos braços com força, sacudindo meu corpo. Katy chega logo em seguida e agarra um braço dele, tentando tirar-me de seu aperto.

— Solte-a, você a está machucando! — ela grita com ele.

Gustavo, sem fôlego, chega logo em seguida.

— Solta a menina, mano. Você a está machucando — ele fala com cuidado, tentando acalmar o amigo.

Frederico não diminui um grama de força aplicada em mim.

— Ela não tem nenhuma consideração! — o homem berra no meu rosto, completamente transtornado.

Nunca vi alguém tão irado assim. A vermelhidão de seus olhos faz com que ele pareça um animal selvagem, perigoso. No entanto, sua ofensa leva embora tudo o que tenho de sensato em mim.

— Sem consideração é você, que dorme comigo e depois esfrega outra mulher na minha cara! — grito as palavras com rancor, mal acreditando em tudo isso.

A raiva queima meu rosto.

— Não invente desculpas para quem *você* é — ele rosna aproximando ainda mais seu rosto pleno de irritação.

Seu aperto faz meus braços doerem.

— Se você quer conversar, faça isso como um homem. Mas tire a porra das suas mãos dela. Agora! — Pini chega bem ao lado dele e rosna entre os dentes, pronta para atacar.

Gustavo segura Pini pela cintura com um braço.

— Irmão, este é o casamento da Bia, não o estrague. Leve sua garota e converse com ela longe daqui. — Ele toca o ombro de Frederico, chamando seu amigo à razão.

Frederico respira ofegante, seu maxilar está trincado. Seus olhos furiosos fuzilam os meus. Ele fecha as pálpebras por alguns segundos e vira o rosto para encarar Gustavo.

— Você tem razão — ele diz em um tom baixo, mas ainda assim ameaçador.

Balanço a cabeça freneticamente, em negação.

— Eu não quero e não vou falar com você em lugar nenhum — entoo cada palavra cheia de raiva.

— Você vai! — ele ordena peremptoriamente.

— Eu nã... — Sou interrompida:

— Ju, vá e converse com ele. Você pode fazer isso, amiga.

Só então eu escuto a voz apreensiva de Alice ao meu lado. Pisco algumas vezes para olhar para ela e para um aglomerado de pessoas a uns vinte metros encarando toda a cena. Um pouco mais próximo de nós, a cerca de uns dez metros, estão Ivan e Bianca, ambos nos olhando assustados.

Eu não posso estragar o casamento deles. Não posso. Respiro fundo.

— Ok. Vamos sair daqui.

Alice, Katy, Gustavo e até Pini, mesmo desconfiada, respiram em perceptível alívio.

Sem nem me olhar, Frederico agarra minha mão e começa a andar rapidamente, arrastando-me consigo. Ele faz um sinal, e um funcionário lança as chaves do carro para ele, que as pega no ar. Ao abrir a porta, ele praticamente me guia para dentro.

Entro de qualquer jeito e, no processo, meu joelho atinge o painel, latejando imediatamente. Contudo, não reclamo, jamais lhe darei o prazer de demonstrar minha dor.

O homem rapidamente entra no carro.

— Não me leve para aquela gruta! — cuspo, doente de raiva.

— Cale a porra de sua boca. — Ele sequer me olha, mas sua raiva é quase palpável. O músculo de seu maxilar dança freneticamente.

Eu não consigo! Eu não consigo ficar perto dele! Eu não posso com isso. Puxo a maçaneta da porta para abri-la, mas o homem rapidamente aciona as travas e dá partida.

— Eu não vou falar com você, seu traidor.

— Vinda de você, essa frase é bem patética — ele rosna mal-humorado.

— *Argh!* Seu... seu detestável! — Não consigo evitar o choro de raiva enquanto cubro o rosto com as mãos. O estúpido fica calado, sem parar de dirigir. — Você é um traidor nojento!

— E você é uma mentirosa — ele resmunga ameaçador.

— Pare e me deixe sair, eu não suporto mais ficar perto de você. — Aponto o dedo para seu rosto.

— Para o seu bem, Júlia, cale a boca. Eu falei que nós vamos conversar, e nós vamos, porra!

Um arrepio atravessa minha espinha. Verifico os nós de seus dedos pálidos enquanto suas mãos praticamente esmagam o volante para se manter no controle. A voz antagônica na minha mente me ordena a não empurrar mais os seus limites, porque, obviamente, estou em desvantagem aqui... E, pela primeira vez nisto tudo, opto por ouvi-la.



Demora um tempo até que Frederico entra com o carro dentro de uma mata fechada, com uma clareira ao centro.

— Agora somos nós dois. — Seu modo frio, tão diferente de como vinha agindo até agora, desconserta-me. Engulo em seco.

O homem desliga o carro, dá a volta e abre minha porta.

— Saia — rosna.

Nervosa, minhas pernas se atrapalham ao descer e eu caio de joelhos no chão. Frederico sequer move um músculo para me ajudar a levantar. Olho para cima e assisto ao desprezo com que ele me encara.

Algo dentro de mim se parte com um sentimento que ainda não sou capaz de descrever. Levanto-me e fico em pé, somente pare ter um dedo acusador apontado para mim.

— Você é uma mentirosa! Eu tentei fingir que você não era, mas, Júlia, você não passa de uma mentirosa superficial — há tanta frieza em suas palavras que me assusto. O ar queima meus pulmões como veneno diante de seu tom de desprezo.

— Eu não sou pior do que você, que se esfrega em outra bem na minha frente depois de passar a noite comigo! — grito.

A intensidade de seu olhar me abala.

— Eu não me esfreguei em ninguém. Mas você só está tentando inventar desculpas para suas ações de merda, não é? Querendo nos tornar iguais

— aproxima-se um passo, e eu recuo um, instintivamente —, se fazendo de inocente.

— Isso sendo dito pelo cara que se finge de traumatizado é até engraçado — acuso irônica.

Frederico continua se aproximando, olhos escurecidos... assustador.

— O que você acha que sabe sobre mim? — ele rosna entre os dentes.

Minhas costas encontram o carro.

— Sei que você é um falso. Foi traído porque é um escroto!

Um ruído de horror sai de meus lábios involuntariamente diante do que vejo. Sorvo o ar, petrificada quando assisto ao homem empunhar sua mão em direção ao meu rosto. Cerro os olhos, esperando o golpe que vai me machucar. Oh, Senhor!

O estrondo ensurdecador de seu punho contra a lataria ao meu lado me aterroriza. A força é tanta que o metal inclusive amassa.

Pânico me invade o corpo, bombardeando-me com uma mistura de medo, raiva e incredulidade. Esse cara é doente.

Frederico não me toca, mas, *caramba!*, eu realmente, realmente estou com medo.

— Você quer saber do que mais? Para que você não pense que sou como você, eu vou te dizer que aquela mulher que você usou como desculpa é minha prima! — A ira deforma seu semblante.

Engulo toda a dor, não permitindo que isso me derrube, e revido:

— Prima que você já namorou! E agora, que ela voltou, você quer continuar de onde parou. Você é ridículo!

Ele emudece, olhando intensamente em meus olhos. Assisto ao movimento de seus globos oculares e tenho uma pequena sensação de vitória.

— Que triste. Ele achou que eu não soubesse. *Own!* Coitadinho! — faço uma vozinha parecendo compreensiva e sorrio de forma falsa.

Isso eleva tudo a um nível pior.

— Nós namoramos quando eu era uma *criança!* E quem foi que te contou isso? O Matheus? O DST ambulante?

Oi? DST ambulante?

— Você me fez beijar um cara com DST,
NACIONAIS - ACHERON

seu... seu bastardo! — Consigo empurrar seu peito para que se afaste.

O homem estreita os olhos e me encara como se eu fosse nada além de lixo.

— Eu estaria com mais medo por ele, visto o tipo de mulher que você é. — Seu meio sorriso sem humor contrasta com a raiva em seus olhos. — Você me dá nojo.

Lágrimas queimam novamente em meus olhos e começam a deslizar sem controle.

— Só se eu peguei alguma coisa de você! — grito, insanamente ofendida.

Frederico inspira profundamente.

— Certo, vamos deixar uma coisa bem clara entre nós — a nova intensidade de sua voz me paralisa, como se eu estivesse esperando por algo ainda pior. — Você não precisa mais vestir a máscara de boa moça comigo — ele rosna amargo. — Eu sei exatamente quem você é. Eu ouvi você e suas amiguinhas.

Fico muda. E ele aproveita o momento para ir mais fundo:

— Até achei engraçado no começo. E cá
NACIONAIS - ACHERON

entre nós, eu pensei que você não iria perder para sua amiga, Alice o nome dela, não é?

Meu queixo cai com o tom de desprezo e a maneira fria com que ele revela tudo.

— Mas você perdeu — ele acusa. — De propósito, eu acho. Porque no fundo *você* queria ser a única a ir para a cama com algum imbecil — seu sorriso de deboche me fere tanto quanto as palavras — Era tudo por prazer, Júlia?

Oh, Senhor. Isso deve ser um pesadelo, não pode ser real. Isto não está acontecendo.

— Você é doente — sussurro em choque, anestesiada.

— Não. Doente eu estava quando vi vocês procurando um otário e fiquei esperando, acreditando que no fundo você mudaria de ideia. Eu fiquei tão puto quando vocês me escolheram que precisei sair para não fazer uma besteira. — Ele balança a cabeça, transtornado. Sua mão livre desliza pelos próprios cabelos. — Mas então, você foi atrás, foi me procurar lá fora, se achando *a caçadora*. Tão estúpida que, no final, quem acabou sendo usada foi você.

Meu corpo enrijece com as palavras. Eu nem sei o que dizer. Ele está sendo muito além de cruel.

— Te usei do jeito que eu quis e quando eu quis. — O sorri sombrio arremata o golpe certo.

Isso não é real, o homem dizendo essas coisas não pode ser real. Inclino a cabeça, olhando mais atentamente para o desconhecido, tentando encontrar o homem caloroso com quem eu passei os dois últimos dias.

— Você é cruel, e eu não vi isso antes — constato em um sussurro, com uma emoção estranha embargando minha garganta.

— Se bem me lembro, você gostou dessa crueldade enquanto gemia implorando por mim — ele debocha triunfante.

— Eu achei que estava apaixonada por quem eu *pensei* que você era — revelo, escutando o som morto da minha voz, como se a frase fosse mais para mim do que para ele.

A decepção tem o poder de paralisar nossos sentidos. De nos matar por dentro lenta e dolorosamente, de alguma forma. Assim eu me sinto. Frederico acabou de matar uma parte aqui

dentro que eu nem sabia que existia.

Assisto a uma emoção diferente passar através de seu rosto. Um nuance de tristeza, talvez. Porém, eu não quero mais ficar imaginando coisas nas quais eu gostaria de acreditar. Desvio os olhos para baixo, sentindo o peso de meu erro.

Frederico dá um passo para mim novamente, ficando a poucos centímetros de distância.

— Eu não caio nesse seu papinho, já vi várias iguais a você. Eu vejo seu jogo, Júlia, eu vejo você.

— Por favor, Frederico, me deixe ir — sussurro vazia, nada mais me restando.

E, por alguma inexplicável razão, o homem me vira as costas.

Minha cabeça parece pesar uma tonelada, nem consigo levantá-la. Eu só consigo caminhar para longe dele de forma lenta como se uma corrente estivesse amarrada nos meus pés.

Escuto-o novamente atingindo o carro, mas não me viro para verificar. Caminho vagorosamente para a mata e ando para o mais longe possível, desnorтеada, até as pernas doerem.

Ele me usou. Sinto que estou sangrando por
NACIONAIS - ACHERON

dentro. Tudo o que eu achei que tinha vivido foi uma mentira. Frederico é cruel, e eu fui tola por não perceber isso antes. Fui covarde por não contar para ele sobre a aposta, mas no final ele já sabia. E disse que me usou.

Eu mal consigo respirar, não consigo mais andar. Não posso nem evitar as lágrimas. Caio no chão, deslizando as costas pelo tronco de uma árvore, encolho as pernas, abraço os joelhos e deixo a tristeza, decepção, vergonha e raiva apoderarem-se de mim. No fundo, ele tem razão sobre o que eu fiz. No entanto, eu não entendo como tudo o que vivemos nas duas últimas noites pode ter sido uma mentira.

Choro muito e tão forte que fico fraca, oca, tão vazia que não sobrou mais nada. Eu não acho que seja possível eu me sentir assim de novo. Frederico, mesmo sem querer, deu-me esperanças de uma vida diferente da que eu tenho, fez-me pensar que eu poderia encarar o mundo... e no fundo, ele mesmo me tirou tudo isso.

Frederico, em tão pouco tempo, arrancou de mim a vontade de amar, de conhecer alguém, de

PERIGOSAS

mudar minha vida e fazer tudo diferente.

Estou me sentindo suja, quebrada.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 15

Frederico

— Porra! — rujo para o nada.

Maldita mulher! Maldita! Eu sabia que não deveria ter confiado nela. Eu sabia que ela era só mais uma qualquer... e então por que isso dói tanto? Maldição, por que estou me sentindo como um miserável?

Largo-me contra a lataria do carro, inerte, consumido por uma necessidade imensa de afastar essa dor no peito.

Júlia fodeu com a minha cabeça. Eu vi o problema se aproximando como um trem desgovernado e deixei acontecer. Mesmo a conhecendo há não mais que dois dias, eu a deixei entrar no meu peito, sabendo de todos os riscos, e

agora não consigo arrancá-la de mim e dói como eu nunca pensei que fosse possível.

Deixo a cabeça cair entre as mãos. Aqueles olhos mergulhados em lágrimas invadem minha mente, a sua decepção, o medo, agora voltam para me assombrar com mais intensidade. Não importa o que, nada vai mudar isso.

Depois de nem imagino quanto tempo, o barulho infernal e insistente do celular me assusta. Só então me dou conta de que já está tudo escuro à minha volta. Retiro o aparelho do bolso.

— Fale — digo num tom cansado.

— Irmão, cadê a menina? — Gustavo pergunta apreensivo, acendendo todos os meus alertas.

— Como assim cadê ela? — indago temendo sua resposta.

— Nenhum de vocês apareceu, já é noite e... — Ele bufa do outro lado. — As amigas de sua garota já estão me deixando maluco aqui.

Inferno! Eu deixei Júlia ir para a mata sozinha, sem conhecer nada, e para ajudar, já está um breu desgraçado. Leva todo meu esforço para

não soltar um palavrão de consternação por minha estupidez, em meio à sensação de culpa que já está fazendo um bom trabalho em me corroer.

— Ela foi para a mata perto da clareira, irmão. — Solto a respiração pesada, que estava travada no peito. — Tenho a impressão de que ela não quer me ver agora. — Tento conter um gemido. — Ache a menina para mim — a última parte sai como um apelo, mal mascarando a agonia. Pelo silêncio do outro lado, consigo ter o real entendimento da gravidade da situação toda.

— Deixa comigo — Gustavo diz do outro lado.

Desligo, odiando-me como nunca.



Júlia

— Júlia — escuto uma voz suave me chamando.

Levanto a cabeça e, em meio ao borrão de

meus olhos encharcados e irritados, vejo Gustavo.

— O que você...? — estou rouca, sem força e sem vontade de falar.

— Todos estão te procurando — Gustavo diz cautelosamente.

Estreito os olhos e os esfrego com as costas das mãos para afastar as lágrimas. Só então me dou conta de que já anoiteceu.

— As meninas estão preocupadas — ele fala baixo, com cuidado e se senta no chão ao meu lado. Estou envergonhada e quebrada demais para dizer qualquer coisa, mas ele continua: — Já é bem tarde, suas amigas estão muito preocupadas com você, Júlia.

Concordo com a cabeça. Passo a língua nos lábios ressecados. Tudo em mim dói.

Sem eu pedir, Gustavo me ajuda a levantar.

— Eu deixei meu carro aqui perto, mas você não está em condições de andar. Espere aqui, e eu vou trazê-lo.

Não digo nada, não consigo. Apoio a mão na árvore e espero.

— Venha, eu te ajudo — ele diz quando
NACIONAIS - ACHERON

chega. Coloca-me no carro e dirige. Não conversamos, e eu prefiro assim. Em minutos, ouço seu celular quebrando o silêncio. Ele atende ao segundo toque. — Estou com ela — ele diz firme e desliga.

Minutos depois, estacionamos em frente à entrada da casa de hóspedes. Pini, Katy e Alice estão do lado de fora, apreensivas. Elas nem esperam Gustavo desligar o carro, só me retiram de dentro e me envolvem em um único abraço forte.

— Ursinha Rosa, está tudo bem, vai ficar tudo bem — Katy sussurra.

Uma lágrima solitária escorre, mas eu não permito que nenhuma outra surja. Entro no quarto e vou direto para o banheiro. Alice entra comigo e me ajuda a tirar o *camisetão* e o biquíni. Sento-me embaixo do chuveiro, dopada pela dor.

Ela coloca xampu em suas mãos e começa a lavar meu cabelo com cuidado. Fecho os olhos e não consigo reprimir mais lágrimas que insistem em aparecer.

Depois de um longo tempo, sou envolvida em um roupão e vou direto para a cama. Eu só quero

PERIGOSAS

dormir.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 16

Júlia

Por mais que eu tenha tentado, não consegui pregar o olho. Não dormi nem por um minuto e ouvi os cochichos de minhas amigas, tentando não me incomodar. Passar a noite em claro foi bem útil para pensar. É certo que eu não posso ficar nem mais uma hora neste lugar. Eu tenho que arrumar minhas malas e voltar para casa. Não é justo com Ivan e Bianca, eles confiaram em mim para ser madrinha, ele me escolheu com carinho, e eu sei que vou simplesmente virar as costas para isso, mas não posso fazer diferente. Permanecer nesta fazenda seria uma missão totalmente impossível.

Outra decisão que eu tomei é nunca mais sequer pensar em Frederico. Depois que eu for

embora, a probabilidade de encontrá-lo novamente é nula, e ainda assim eu nunca irei a qualquer comemoração que envolva a família de Ivan e Bianca. Nunca mais deixarei meus olhos caírem sobre ele.

Verifico o relógio; 5h15 da manhã. Embora o cansaço, não consigo mais permanecer na cama.

Levanto-me silenciosamente e vou ao banheiro. Meu rosto está horrível, acho que eu nunca me vi tão feia. Meus olhos são apenas borrões, inchados e envoltos em grandes bolsas. O cabelo está uma bagunça também. Abro a torneira e jogo um pouco de água no rosto, somente para refrescar, porque tentar desinchar é inútil. Escovo os dentes e penteio o cabelo para que ele não pareça um ninho de pássaros.

Volto para o quarto, mas não consigo me deitar, eu preciso de ar.

Visto uma calça de moletom e a camiseta da universidade que normalmente uso para me exercitar e saio do quarto. O dia, apesar de ainda escuro, está começando a clarear. O cheiro da manhã é uma das coisas de que eu vou sentir falta

daqui. Porém, tudo tem seu preço.

Já do lado de fora do quarto, que dá para a varanda, sento-me no degrau e coloco meus tênis de corrida. Ligo a *playlist* do celular, enfio os fones nos ouvidos e saio para correr na direção oposta à casa principal da fazenda. Não quero correr nenhum risco de encontrar alguém por aí. Corro ouvindo Bruno Mars e sua enganosa letra dizendo o que ele gosta na sua garota, seus olhos, seus cabelos. Ele diz que ela é tão linda e que ele lhe fala isso todos os dias, diz que gosta dela do jeito que ela é e que ela é incrível. Que porcaria! Por que essas músicas querem fazer a gente acreditar que realmente existe esse tipo de amor?

Estou correndo numa estrada de terra estreita ao lado de um pasto a perder de vista. Bem ao longe, vejo algumas cabeças de gado. Corro mais um pouco até que minhas pernas começam a doer. Olho para trás e percebo que eu fiz um longo caminho, pelo menos uns três quilômetros.

Desacelero os passos e passo a caminhar. Retiro os fones dos ouvidos, porque a cabeça começou a doer. Ando mais um pouco, apreciando

o clarear do dia. O cheiro de mata e poeira invade meu cérebro como um calmante.

Até que escuto um barulho cru, um grunhido alto de algum animal. Parece um gemido agudo de dor. Minhas pernas amolecem imediatamente. Invadida pelo medo de ser atacada, ainda assim paro para escutar mais atentamente. O urro doloroso corta o ar, deixando nítido que, atrás do mato alto, paralelo à estrada, há algum animal passando por uma dor excruciante.

Ciente de que corro o risco de ser atacada, mas atraída pelo instinto de livrar o bicho do que quer que lhe esteja fazendo mal, eu me enfio pelo meio da cerca de arame. Uma parte do meu cabelo se enrosca nas farpas, e na tentativa de soltá-la, minha testa é cortada pelo arame pontiagudo. Suprimo um gemido de dor. Droga.

O animal percebe minha aproximação, e seus gemidos aumentam. Ele deve estar morrendo de medo de mim, assim como eu me sinto em relação a ele.

Livro-me dos arames e do mato alto e me aproximo para ver a cena mais surreal da minha

vida. À minha frente há uma vaca bem grande e gorda, malhada de preto e branco. Contudo, surpreendente é o que está acontecendo em sua área traseira. Há um filhote com apenas parte do corpo para fora. Ele está preso dentro da vaca, e ela não consegue pari-lo completamente.

Oh, Deus! É, sem sombra de dúvidas, a coisa mais surreal da face da Terra, pelo menos para mim. O que eu faço? O que eu deveria fazer? Estou entrando em pânico.

Procuro desesperadamente meu celular no bolso do moletom para ligar para sei lá quem. Porém, o aparelho está sem sinal. O que eu faço?

Com as mãos trêmulas e lentamente, muito lentamente, toco o alto de suas costas e a aliso com carinho.

— Calma, vaquinha, calma. Tudo vai ficar bem.

Estou tremendo dos pés à cabeça, e ela responde com um apelo ainda mais alto. Ou ela quer que eu me mande daqui e a deixe em paz, ou quer ajuda. Olho novamente para o seu filhote e não vejo nenhum sinal de que as coisas vão ficar

melhores.

Meu Deus, eu preciso tomar uma atitude, me dê forças!

Caminho a sua volta com o máximo de suavidade que posso, para ficar atrás dela. Quando tento me aproximar, uma de suas patas se lança ao ar, com fraqueza, como se ela tentasse me dar um coice. *Oh, minha nossa*, eu devo mesmo tentar ajudar?

— Escute, eu quero ajudar você, amiga, mas você precisa se acalmar — falo com tranquilidade numa tentativa de transmitir segurança.

Posso estar vendo coisas, mas acho que ela está chorando. É o sinal de que eu precisava. Com jeito, eu fico na sua traseira, posicionada de modo que nenhuma de suas patas possa me atingir, se ela tentar. Junto as mãos trêmulas e as esfrego uma na outra.

— Vamos lá, Júlia, você precisa ser forte e ajudá-la. Você não pode tremer.

Fecho os olhos, respiro fundo e tento puxar na memória um programa a que eu assisti no Discovery sobre o cotidiano de um senhor

NACIONAIS - ACHERON

veterinário que ia às fazendas para cuidar dos bichos. *Vamos lá.* Eu já assisti a ele fazendo um parto, eu só preciso lembrar como ele fez.

Ok. Outra respiração profunda, e lá vamos nós. Observo melhor a situação. Ponto um: ela não pode me atacar na posição em que eu estou. Ponto dois: eu preciso me certificar de me manter sempre aqui; um centímetro para qualquer lado, e ela pode me dar uma patada involuntariamente. Ponto três: o bezerro tem as duas patas traseiras para fora dela, ou seja, ele pode não estar vivo por falta de oxigênio.

Respire, Júlia.

Eu deveria puxar o bebê pelas patas e estaria resolvido, certo? Contudo, e se ele estiver enroscado lá dentro? Melhor não tentar puxar sem ter certeza. Levo as mãos em direção ao bebê e o toco. Ele está quentinho. Bom, pelo menos não está morto... ou, se está, morreu agora. De qualquer forma, ele tem que sair. Com uma coragem que eu nem sabia que eu tinha, deslizo as mãos por cima do bichinho, entrando com ele no buraco. A sensação é absolutamente estranha. Dentro da

vaquinha é extremamente quente e apertado. Apalpo com cuidado e tento separar minhas mãos lá dentro, de forma que cada uma toque em um lado do bebê. Sinto-o. Eu posso senti-lo! Suas laterais, suas costelas! *Meu Deus, isso é muito louco!* Com cuidado, milímetro a milímetro, vou puxando-o para fora.

A vaca ruge alto, como se eu a estivesse machucando. Eu preciso ser rápida. Vou deslizando o bicho com cuidado. Flexiono as pernas para me apoiar, suportar as patas traseiras do filhote e diminuir o peso em minhas mãos e percebo que, mesmo bebezinho, ele é bem pesado.

Mais da metade do animal já está para fora, tanto porque estou puxando quanto pela gravidade e pela contração que eu sinto nas paredes interiores da vaca expelindo-o. Quando toco seu tronco e cabeça, eu sinto alguma coisa no pescoço dele. Puxo com um pouco mais de cuidado e quase paraliso com o que eu percebo: ele tem o cordão umbilical envolto no pescoço.

Se eu não tirar o bezerro, ele vai morrer sem ar; se eu o puxar com força demais, irei estrangulá-

lo.

Suor escorre pela minha face em bicas. Eu não tenho a menor condição de continuar, mas se eu parar, estas duas vidas podem morrer.

— Deus, me ajude! — Suspiro, nervosa e amedrontada como nunca.

O peso do bicho nas minhas pernas está sendo demais. Entretanto, se eu não o segurar, ele vai ser estrangulado. Estou no limite, e a vaca também está no dela, visivelmente. Ela está se contorcendo, tentando me acertar com coices e rugindo em agonia.

Quando eu avisto o pescoço do bebê, sei que preciso cortar o cordão, ou o bicho vai morrer. *Vou cortar com o quê, Senhor?!*

— Pense rápido, Júlia!

Eu só consigo pensar em um jeito de cortar esse negócio. Minhas pernas flexionadas sustentam as patas do bezerro. Com a mão direita dentro da vaca, eu seguro a cabeça do bicho. Com a esquerda, que está para fora, eu agarro o cordão e aproximo meu rosto. É a sensação mais estranha do mundo... E eu acho que não consigo ir em frente.

— Deus, me ajude com isso! O que eu faço?

A resposta vem por meio de uma pulsação no pescoço do bezerro. Esse bebezinho está vivo e precisa de mim. Cravo os dentes no cordão grosso, vermelho escuro, rígido, de cheiro forte e gosto metálico, mal posso explicar. Aperto e faço movimentos de cerra com os dentes, pressionando forte até que finalmente a coisa é rompida.

Afasto o cordão com rapidez e, num puxão mais forte, retiro a cabeça de uma vez, a última parte que faltava para ele finalmente nascer. Com o peso do bicho e a sensação de moleza nas pernas, eu caio para trás trazendo o bebezinho comigo, que para deitado em cima das minhas pernas.

A pobre mamãe também cai no chão, exausta.

Lágrimas de emoção invadem meu rosto. *Senhor! Que sensação é essa?* Dou um grito bem alto, a plenos pulmões, para botar para fora toda a adrenalina correndo em minhas veias. Lágrimas escorrem desenfreadas.

— Obrigada, Deus! Obrigada! — grito feito uma louca.

De repente, ouço vozes e pessoas correndo próximas a mim.

— Júlia?

Oh, não. Nem lascando. Essa é a última voz que eu gostaria de ouvir na vida. Não me permito olhar para ele.

Logo outra voz se aproxima.

— O que aconteceu aqui, moça? — a voz parece assustada. — Vo-vo-você fez o parto? — O espanto é *encantador*.

Contrariando minha vontade, obrigo-me a erguer os olhos e encará-los. Suas expressões de choque se intensificam conforme analisam melhor minha face.

O rapaz ao lado do patife leva as duas mãos à cabeça.

— Moça, não me diga que você fez o parto e cortou o... cortou o... com a... com a boca?

Pisco várias vezes para entender a situação e como o homem soube, então passo a mão na boca e fico ciente do sangue em meu rosto.

— Ele não conseguia nascer — sussurro sem emoção, quase tão exausta quanto a vaca.

Um terceiro homem se aproxima correndo e, vendo-me sentada, ensanguentada e com o bezerro no colo, chega à mesma conclusão.

— Moça... — A surpresa estampada em seu rosto é seguida de um suspiro. — Deixe-me ajudar.

Ele e o outro homem retiram o bezerro do meu colo e tentam o pôr em pé. O pobre animalzinho está fraco, mal consegue se sustentar nas pernas bambas.

Permaneço sentada no chão, totalmente trêmula e extasiada, assistindo à cena em transe, como se o que eu tivesse feito e visto fosse apenas um sonho e eu estivesse em outra dimensão. Entretanto, sou puxada para a realidade pela presença de Frederico, em pé, parado a minha frente.

— Você está bem? — a voz é um ruído rouco, forte, enquanto ele estende a mão oferecendo ajuda para eu me levantar. A mesma mão que apertou meu braço, que me apontou o dedo cheio de ofensas e acusações.

Impossível esquecer a dor física e emocional que esse homem me causou. Mesmo no momento

mais mágico da minha vida, como é o caso agora, eu não consigo perdoá-lo. Meu coração endureceu, e foi Frederico o responsável por destruir qualquer sentimento bom dentro de mim.

Com a força e coragem que hoje eu descobri que tenho, apoio a palma das mãos no chão e me coloco em pé sozinha, sem ajuda e sem olhá-lo.

O homem que me ajudou chega mais perto.

— O que você fez foi realmente impressionante, senhorita...?

— Júlia — respondo baixo.

— Sou Jefferson, o veterinário. — Ele estende a mão, e eu a aperto sem muita ênfase. — Você cortou o cordão com os... dentes?

— Estava enrolado no pescoço dele — sussurro com uma sensação de queimação apertando a garganta.

O tal doutor Jefferson sorri.

— Isso foi muito corajoso.

Suspiro profundamente. Estou sem nenhuma vontade de ficar conversando no mesmo ambiente em que o patife sem coração está. Com um passo para o lado, afasto-me do veterinário e da presença

NACIONAIS - ACHERON

sufocante de Frederico. Puxo a barra da camiseta até a face e limpo brevemente a boca e bochechas, só para tirar a sujeira maior.

— Eu preciso ir — murmuro, cansada e estrangulada com as sensações.

Frederico corta a distância entre nós.

— Eu vou te levar — sua voz grossa, determinada, faz meu peito se apertar.

Ignorando-o, viro-me para o veterinário.

— Cuide deles — peço honestamente, apontando para os animais.

Eu gostaria de ficar aqui e ter a certeza de que os bichos vão ficar bem, mas eu não posso suportar a ideia de estar mais um minuto na presença do homem que me machucou. Caminho para o bebezinho, abaixo-me e beijo sua cabeça. Lágrimas de emoção teimam em aparecer.

Frederico acompanha de perto meus movimentos, com a confiança de que vou permitir que ele me leve, depois de tudo.

Sem olhá-lo, eu interrompo sua investida e faço um sinal de *pare* com a mão. Minhas pernas estão muito fracas para percorrer todo o caminho

NACIONAIS - ACHERON

de volta. Eu preciso de uma carona, mas não será com ele.

Olho para o outro funcionário e pergunto:

— Será que você pode me levar de volta? —
minha voz soa exausta, e minha aparência está péssima.

Ele só faz olhar para o seu chefe e sacudir a cabeça.

Eu realmente estou agradecida pelo fato de que o patife não tentou fazer um *showzinho*. Eu iria a pé até a cidade mais perto – a cerca de cinquenta quilômetros –, mas não pegaria uma carona de três quilômetros com Frederico nem a pau.

O funcionário abre a porta do carro para mim e, no caminho de volta, faz-me perguntas sobre por que eu estava ali, como eu sabia o que tinha que fazer, se eu já fiz aquilo antes. Repondo pacientemente e com os detalhes que eu consigo lembrar, rezando para que a gente chegue logo e eu possa dormir.



Frederico

Quando o veterinário ligou dizendo que não estava encontrando uma de nossas vacas prenhas, eu me prontifiquei a ir procurar junto com eles. Inferno, eu já estava pirando com toda a merda que aconteceu, sem conseguir pregar o olho pensando na mulher, e precisava de uma distração.

E então, porra! Vê-la ali, caída, com o bezerro em suas pernas e o rosto encharcado de sangue realmente impactou minha mente.

A aparência da menina estava péssima. A forma fria com que seus olhos me encontraram em menos de um segundo e depois me ignoraram como se eu fosse o pior dos caras me arrebentou. E no fundo, ela tem razão. Perder a cabeça do jeito que fiz, foi inadmissível.

Esfrego o rosto, cansado... e com a sensação de que eu estraguei tudo.

Júlia parecia tão magoada, tão frágil. Honestamente, eu não faço ideia de como a pequena bruxa conseguiu fazer o parto do animal. Nem o nosso melhor veterinário faz isso sozinho, NACIONAIS - ACHERON

sem ajuda. E ela fez.

A imagem que eu criei da menina como uma vadia egoísta está caindo por terra, e eu mal sei o que pensar de tudo isso.

Hoje, pela primeira vez em um longo tempo, eu me sinto perdido e tendo que lidar com os olhares de merda da minha família, decepcionada pela maneira como eu agi ontem. Também está me deixando mal receber a indiferença da mulher que está bagunçando minha cabeça, e não sei o que fazer com esta sensação de agonia se apoderando de meu corpo.

Eu preciso pensar.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 17

Júlia

Ao entrar no quarto, deparo-me com as meninas começando a acordar. Pini é a primeira a me ver, e a mulher praticamente salta da cama ao verificar a quantidade de sangue sobre mim. Explico rapidamente sobre a vaca. Tenho a impressão de que, se elas não tivessem visto meu estado, não acreditariam. Nem eu mesma acreditaria se me contassem que algum dia eu faria um parto.

Vou direto para o chuveiro e fico por quase trinta minutos deixando a água levar toda a sujeira, algumas lágrimas e pensamentos sobre o homem que ainda se deu ao trabalho de fingir preocupação comigo, depois de tudo o que fez.

Depois de um banho decente e de estar completamente limpa, saio do banheiro enrolada em uma toalha macia e fico surpresa ao ver Bianca sentada na minha cama, conversando com as meninas. Ao me ver, elas param de falar. Nem precisa ser um gênio para saber qual era o assunto.

A menina bonita se levanta e vem até mim. Sou pega de surpresa em um abraço forte e demorado.

— Oh, Júlia! — Ela alisa meu rosto. — Você foi tão corajosa.

Sorrio, forçando-me a parecer bem, imaginando que ela já sabe sobre a vaca. Preciso conversar com Bianca, contar que não vou ficar para o casamento, e mal sei como fazer isso.

Bianca me solta e dá um passo atrás. Seu olhar vai para a minha testa, cortada pelo arame, e começa a percorrer meu corpo. Assisto ao horror preencher seus traços delicados. Ela leva uma mão à própria boca.

— Meu Deus! — a menina geme com espanto. — Foi ele que fez isso? — Ela aponta para mim de cima a baixo, e eu acompanho seu olhar

para ver os hematomas em meus braços. — Meu irmão fez isso com você, Júlia?

As marcas das mãos dele são perceptíveis. Engulo em seco. Eu não sei o que dizer. Então não digo nada, mas Pini não se segura ao ver pela primeira vez os sinais.

— Com certeza foi aquele covarde — a mulher fala com desgosto. — Olhe, Bianca, me desculpe por isso, mas seu irmão se comportou como um babaca. Meu desejo é de arrancar as bolas do bastardo com minhas próprias mãos. — O pior é que ela faria exatamente isso.

Suspiro profundamente.

— Pini! — Encaro minha amiga, pedindo silenciosamente que ela se acalme e então me viro para a irmã do homem. — Bia, eu gostaria de falar com você.

Seu rosto frágil se contrai numa expressão consternada.

— Por favor, Júlia, não me diga que não vai mais ser madrinha, por favor — ela se antecipa.

Vejo lágrimas brotarem em seus olhos, o que me traz um sentimento frustrante de culpa. Mordo o

lábio com força e respiro fundo.

— Eu não quero mais causar problemas, Bia. Eu peço desculpa por isso, mas eu quase estraguei sua semana e não quero de jeito nenhum atrapalhar esse momento tão especial de sua vida.

Ela pega minhas mãos entre as suas.

— Você não estragou nada, Ju. A sua presença aqui é muito importante para o Ivan e para mim também. Se você for embora, vai ser muito triste. Nós planejamos isso por tanto tempo para estarmos juntos de todas as pessoas que nós amamos. — Ela aperta minha mão. — Não deixe que o Fred impeça você de estar aqui.

Caramba. Como é difícil olhar para alguém tão doce como ela e lhe negar um pedido. Caminho para a cama e me sento.

— Ouça, Bianca — falo suavemente. — Eu amo vocês dois, mas...

A menina me interrompe, insistindo:

— Se nos ama, fique, Júlia.

Nenhuma das minhas amigas se atreve a dar opinião ou me socorrer. Não sei se eu rio ou choro.

— Ju, eu vou conversar com meu irmão. Ele
NACIONAIS - ACHERON

nunca reagiu assim antes, nem quando... — Ela suspira profundamente e se senta ao meu lado. — Ouça, ele teve uma noiva safada que aprontou todas e nem assim ele perdeu o controle. Eu nunca tinha visto meu irmão com tantos ciúmes como ontem.

— *Ciúmes?* — todas nós falamos em uníssono.

Ela morde o lábio, contendo um sorriso.

— Sim. Foi até engraçado. — Seus olhos aumentam, e ela trata de se corrigir rapidamente: — Se você não tivesse com esses hematomas, é claro. — A menina balança a cabeça confirmando, e logo seus olhos são preenchidos com algo semelhante a desgosto. — O que eu quis dizer, é que foi surpreendente vê-lo sair da bolha de indiferença que o cercou por tantos anos.

Arqueio as sobrancelhas, sem saber o que dizer e então decido contar o porquê de seu irmão ter ficado tão furioso.

— Você não sabe a história inteira, Bianca. Ele ficou bastante bravo quando soube...

Ela me interrompe novamente:

— Quando soube da aposta entre vocês

quatro. Sim, ele me contou. E sabe o que eu disse? Que essas brincadeiras entre amigas são a coisa mais comum do mundo e que foi tão inocente olhando de fora que não justifica a reação dele. — A garota até parece uma boa advogada falando, com certeza eu não ganharia dela num tribunal.

Olho para o chão, envergonhada. Se Bianca soubesse o que seu irmão e eu fizemos, não chamaria de inocente.

Ela continua:

— O fato é que ele, de sua própria maneira, deixou você entrar, Júlia. E isso, para nós, que somos próximos a ele, é algo surpreendente.

Deixou-me entrar? Disse na minha cara que me usou, reagiu daquela maneira horrível, chamou-me das coisas sujas, e ela chama isso de deixar entrar? Que família estranha.

— Ju, eu sei que você quer ir embora. Eu entendo, mas meu irmão é um cara bom, tem um grande coração e nunca te machucaria de propósito. Ele abomina violência. Fred só não soube lidar com esses sentimentos. E ele está muito abalado com o que aconteceu. — Seus olhos brilham

esperançosos. — Nós precisamos de você aqui, Júlia, com a gente.

Olho para minhas amigas, imóveis como se estivessem assistindo a uma novela e esperando a próxima cena.

Se esse fosse meu casamento, como eu me sentiria se, por uma briga entre dois convidados, um deles abandonasse a cerimônia por causa do outro, sem levar em consideração meus sentimentos? Não é uma atitude boa.

Respiro fundo, encarando o rosto de anjo dessa menina que sabe persuadir como ninguém.

— Certo, Bia, eu vou ficar — cedo. — Seria egoísmo não passar por cima disso por vocês. Eu fiquei honrada com o convite para ser uma das madrinhas e vou fazer por merecer a confiança que você e o Ivan depositaram em mim.

Ela ri abertamente e até bate palminhas. Minhas amigas soltam a respiração que parecia presa há minutos.

— Mas... — eu digo, chamando a atenção de todas — tenho que te pedir um imenso favor. — Enrolo a toalha com força entre os dedos, nervosa.

Bianca me incentiva a continuar. — Seu irmão me odeia, e eu não quero causar nenhum constrangimento no casamento — falo cautelosa. — Então... bem... eu não posso ser madrinha ao lado dele. Se você puder trocar e me deixar com qualquer outro, eu ficarei infinitamente agradecida — as palavras saem como em uma metralhadora.

Bianca pensa por um segundo.

— Por mim tudo bem. — Ela olha para as meninas. — Alguém se habilita a trocar com a Júlia?

Alice se manifesta.

— Podemos trocar, Ju.

— Ótimo! — A noiva espertinha sorri e me envolve em outro abraço inesperado, apertando meu corpo dolorido. — Obrigada, Ju, você não sabe o quanto isso é importante para nós. — Seu tom aliviado me faz rir. — *Tente dar mais uma chance para o ogro do meu irmão* — ela cochicha a última parte, e eu finjo que não ouvi para o meu bem próprio bem.

Bianca sai do quarto, e eu finalmente me deito na cama quentinha esperando adormecer

profundamente e tentando assimilar que eu ajudei uma vaca a dar à luz. Absolutamente incrível. Estou feliz comigo mesma. E sobre a decisão de ficar para o casamento, eu devo esse esforço para meus amigos. Amanhã eles finalmente se casam, e eu vou embora para nunca mais ver Frederico.

Este pensamento não me faz tão feliz como deveria.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 18

Frederico

Depois de duas horas galopando sem rumo na tentativa de apaziguar toda a bagunça que se instaurou em mim e tentar limpar a mente, ainda permaneço da mesma maneira. Eu quero odiar Júlia. Porra, como eu quero, mas tudo o que sinto quando penso na mulher é a vontade de levá-la para um lugar longe daqui e resolver toda essa situação.

Júlia se mostrou incrivelmente forte ajudando aquele animal, mas quebrada, mal escondendo sua mágoa em relação a mim, e eu não consigo parar de pensar e repensar no quanto eu posso ter feito um mau julgamento a seu respeito. Entretanto, inferno, por que ela tinha que ter beijado aquele imbecil do Matheus bem na minha cara? Para que isso? Algum

tipo de vingança estúpida em resposta a idiotice de Christine? Onde está a coerência nisso?

Amigas brincam, Fred, essa aposta foi uma brincadeira inocente, Bianca disse quando voltei para casa ontem, depois que Gustavo levou Júlia para a casa de hóspedes. Em primeiro lugar, *eu* que deveria estar lá, buscando a mulher e a levando em segurança, não Gustavo. Contudo, vendo-a hoje, rejeitando-me com frieza crua, eu tive a confirmação de que fui longe demais e de que a garota não faria essa coisa fácil. O fato aqui é que ela tentou brincar comigo, essa era sua intenção. E depois, o que ela faria? Avisaria que tudo não passou de uma aposta estúpida e partiria sem nenhuma consideração? Usar as pessoas então virou algum tipo distorcido de divertimento?

Porra, e então aqui estou novamente, no ponto inicial da coisa, embromado na confusão que se enraizou e não me deixa ter um mísero pensamento coerente.

Entro pela cozinha na tentativa de não esbarrar em ninguém pela casa, o que é quase impossível nesta semana. Assim que entro na área

de refeições, vejo Bianca com meu pai e mãe sentados à mesa em algum tipo de reunião familiar.

Oh, que maravilha.

Seus olhares em mim me deixam saber que lá vem um segundo rodízio de sermões. Tento passar direto, sem o menor saco, ciente de que me tornei *persona non grata* neste momento.

— Sente-se aqui, filho — meu pai interrompe meus passos apenas com suas palavras, fazendo-me ciente da seriedade.

Esfrego o rosto e faço o que ele diz. Meu pai é a pessoa que mais admiro neste mundo. Eu já o magoei uma vez e quase o levei à morte. Nunca mais quero fazê-lo se sentir dessa forma a meu respeito.

Evitando seus olhares, puxo a cadeira num movimento seco e me sento.

— Conte a ele, filha — meu pai muda seu tom para amoroso, dirigindo-se à pequena Bianca.

— Júlia está com os braços cobertos de hematomas com a marca de suas mãos, Fred. — Ela me lança seu olhar cheio de decepção.

As palavras me paralisam, fazendo gelo

NACIONAIS - ACHERON

correr em minhas veias.

— C-como é? — pergunto engasgado, mal escutando a minha voz.

— É isso que você ouviu — a menina afirma desgostosa. — Eu estive com ela, em seu quarto. — Ela olha para nossos pais. — Depois que ela salvou a vida daqueles animas — seu modo orgulhoso de falar da façanha da mulher me toca em algum lugar desconhecido. — E eu vi as marcas horríveis nela, Fred — seu tom acusador se volta para mim.

— Porra... — Deixo a cabeça cair entre as mãos em cima da mesa. Meu estômago se embrulha de revolta.

A mão pesada de meu pai pousa sobre meu ombro.

— O que foi que você fez, filho? — o tom não é muito diferente de quando eu era só uma criança sendo repreendida.

— Eu não tinha a intenção de machucá-la — rosno entre os dentes, de cabeça baixa. — Eu perdi o controle, e fui um fodido, mas eu não queria ter feito nada disso — confesso derrotado.

— Olhe a boca suja, Fred — minha mãe, que
NACIONAIS - ACHERON

estava calada, chama minha atenção de sua maneira ainda doce.

Ótimo. O que está havendo ultimamente? Isso é algum tipo de carma? De uma hora para outra eu voltei a ser algum tipo de adolescente rebelde que envergonha os pais?

— Eu vou consertar isso — resmungo, levantando os olhos para eles.

Bianca morde o lábio daquele jeito nervoso. A menina é tão transparente que mal sabe esconder qualquer coisa, e eu sei que há algo mais aí.

— O que aconteceu, Bia? O que ela te disse? — decido colocá-la contra a parede.

— Ela queria ir embora hoje mesmo — revela tristemente.

Isso me atinge como um punhal.

— Júlia não pode fazer isso — digo firme e recebo olhares surpresos em troca. — Quero dizer, ela é a madrinha, porra, não é? — Minha mãe me lança seu olhar afiado pelo palavrão, e reviro os olhos. — A mulher não pode simplesmente ir embora assim e estragar o seu casamento — jogo as palavras sem coração, desviando a atenção dos

meus reais pensamentos. Ela não pode ir sem a gente se acertar. Eu não vou permitir isso.

— Ela vai ficar — minha irmã avisa, vendo que eu estou prestes a sair — com uma condição.

Então me ajeito e espero impacientemente para ouvir o que a pequena bruxa reivindicou.

Bia suspira frustrada.

— Ela não quer ser madrinha ao seu lado, e essa é a condição para ela ficar — a voz doce solta de uma vez, como um band-aid sendo retirado de uma ferida.

Levanto uma sobrancelha. Meu humor, que já estava ruim, acaba de piorar.

— E...? — pergunto com deboche mal contido.

Bia se inclina para frente, olhando para os meus pais em um pedido de apoio, e pelos seus olhares incentivadores, já sei que eles aprovam o que quer que venha por aí.

— E eu troquei os pares. Ela vai ficar com Gustavo, e você, com a Alice. Isto está definido — minha irmã me avisa cheia de determinação.

— Nem fodendo! — rosno.

— Fred! — minha mãe chia agora sem paciência.

— Filho, isso não foi o que te ensinamos, e você não é assim — meu pai toma a frente. — Seja lá o que está havendo com você, coloque sua cabeça no lugar, Frederico.

— Pai, eu realmente lamento muito por esta bagunça toda. Essa mulher consegue me pôr de cabeça quente, mas vocês não precisam dizer nada, ok? Eu sei que não agi bem e vou consertar isso.

Levanto-me numa saída estratégica, evitando maiores danos. Eu tenho que resolver essa bagunça toda. Custe o que custar, Júlia não vai sair daqui sem a gente conversar. Tampouco vai haver qualquer mudança na configuração deste casamento. Ela não começou tudo isso com uma aposta estúpida? Ela que arque com as consequências, e eu pretendo ser seu maior efeito colateral. Eu ainda quero a pequena bruxa, e não vai haver maneira de ela fugir de mim. Não importa o que. Se ela pode ajudar uma vaca a parir, certamente pode lidar comigo.

Subo na caminhonete, disposto a ir atrás dela.

Minha primeira parada é na casa de hóspedes. Desligo o carro assim que vejo a tal Alice saindo sozinha e trancando cuidadosamente a porta do quarto delas.

Desço e caminho ao seu encontro. Seus olhos não se surpreendem ao me ver.

— Oi, Frederico — ela diz gentilmente.

— Alice — respondo controlando o tom para parecer amigável. — Onde ela está? — pergunto sem rodeios.

A mulher suspira e me encara.

— Ela está dormindo agora. Júlia não descansou nada esta noite, e depois, quando saiu para espairer, acabou tendo a situação do bichinho. Ela realmente precisa descansar um pouco.

Inspiro profundamente, não discordando da informação, todavia.

— Como ela está? — indago num suspiro cansado.

Alice me avalia de cima a baixo, olhos atentos, porém, sem de julgamento.

— Nada bem, você a machucou, e não só

NACIONAIS - ACHERON

fisicamente — ela afirma segura. Aceno com a cabeça, assumindo que entendi, contrariado. — Dê algum tempo a ela, Frederico. As coisas vão se resolver.

Não concordo com tudo. As coisas só se resolverão depois que conversarmos, o que eu pretendo que seja ainda hoje, mas talvez não agora. Eu quero que minha menina descanse. Seu trabalho desta manhã foi além do que qualquer peão aqui faria sozinho.

Minha menina... De onde saiu esta porra agora? Sem mais conversas, viro-me e sigo meu caminho. A coisa boa é que ela está no meu território. Nenhum lugar aqui é grande demais para eu não a encontrar, eu só preciso ficar atento. Oportunidades não faltarão.

Repouse, menina bonita. Logo você não terá tempo para descanso.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 19

Júlia

Abro os olhos preguiçosamente. O relógio do celular marca quase meio-dia. Dou um pulo, saltando para fora da cama e logo vejo um bilhete da Alice na mesinha.

*Ju, estamos na sala ao lado do salão para o
Dia de Beleza.*

Esperamos você. Beijos.

Te amo,

Alice.

Dia de Beleza. Eu tinha me esquecido completamente do roteiro do casamento. Preciso mesmo de um dia de beleza, aliás, eu preciso de
NACIONAIS - ACHERON

uma semana de beleza. Olho para os meus braços e chio diante das grandes marcas roxas com o contorno das mãos do patife. Preciso de uma camiseta de mangas compridas que esconda isto hoje, e amanhã eu cobrirei com um pouco de maquiagem.

O calor parece infernal, estou transpirando dentro desta blusa, mas ainda assim, pego um roupão e um biquíni e vou para o Dia de Beleza.

Quando chego à sala indicada por Alice, mais parece um SPA profissional. Todas as madrinhas, as mães dos noivos, a dama de honra e a própria noiva estão imersas em cuidados, massagens, banho de *ofurô*. É o máximo.

Tiro a roupa, coloco o biquíni e me deixo ser massageada. Recebo hidratação no cabelo, no corpo, tudo é tão relaxante que dá vontade de dormir. Meus pés e mãos são pintados com esmalte claro, e uma mulher conversa comigo sobre como será o penteado de amanhã. Jogamos conversa fora, folheamos algumas revistas, enfim, é literalmente um dia de garotas. Eu nem sabia o quanto precisava disso.

Estou com os olhos fechados, praticamente dormindo enquanto uma diva de mãos mágicas massageia meus pés.

— Júlia. — Abro os olhos com a delicadeza da voz. — Será que nós podemos conversar um pouquinho?

Cecília, mãe da noiva, está com uma máscara facial branca que só deixa os olhos e os lábios de fora, mas ainda assim sua voz doce é fácil de ser reconhecida. Ela se senta na cadeira reclinada ao meu lado.

— Claro — concordo totalmente desperta.

A senhora sorri, causando pequenas rachaduras na máscara em seu rosto.

— Eu gostaria de agradecer por ter cuidado daqueles animais. O que você fez esta manhã foi muito emocionante para mim. — Ela aperta minha mão. — Não se fala em outra coisa em minha casa.

Seu sorriso afetuoso me causa rubor.

— Obrigada, senhora Cecília, eu também fiquei bastante emocionada — digo com sinceridade.

Ela sorri.

— Você é uma menina muito especial, Júlia, eu soube no momento em que botei meus olhos em você.

O jeito como ela fala me faz sufocar um pouco. Será que ainda estamos conversando sobre a vaca? Não falo nada, mas sei que meu rosto está vermelho. E ela continua:

— Meu filho também viu isso. Eu já sei o que ele fez. — Seus olhos ganham uma intensidade surpreendente quando ela vê os hematomas. — E estou muito envergonhada. Mas eu gostaria de dizer que você é muito importante para ele, Júlia. Eu nunca vi meu Fred tão abalado.

Meu coração falha uma batida, estou sem reação, e meu cérebro deixa de funcionar, buscando por palavras.

— Desculpe, ma-ma-mas... — gaguejo e então respiro fundo, coordenando os pensamentos. — Eu estou muito feliz e agradecida por passar esta semana aqui e conhecer pessoas como a senhora, mas...

Ela sorri tristemente e me interrompe:

— Eu sei que você está triste com ele, Júlia,

eu também estou. No entanto, não pense que ele não está sofrendo com tudo isso. Meu menino já passou por muita coisa nesta vida, e me dói pensar em como, durante os últimos anos, ele se fechou para o mundo. Esta noite ele passou acordado, eu vi nos olhos dele o quão confuso e deprimido ele está com a situação. Frederico é muito orgulhoso, Júlia, mas eu o conheço e sei que ele quer pedir perdão. Saiba que isto é muito difícil para ele, então como mãe, eu te peço que, no momento certo, deixe-o falar, deixe-o se abrir com você. — A mulher tem apelo em seus olhos de uma forma que me emociona.

Mordo fortemente o lábio, evitando chorar ou dizer qualquer besteira.

A senhora apenas sorri com afeto.

— Eu vou deixá-la relaxar agora, mas se precisar conversar, me procure. Eu já gosto muito de você, Júlia.

Surpresa e um pouco confusa, assisto-lhe se levantar e sair. Estou sem palavras e estranhamente emocionada.

Essa família é unida, não se pode negar.



Depois de algumas horas, finalmente relaxada e cuidada, estou de volta vestindo um moletom de mangas compridas e shorts jeans, apesar do calor quase insuportável.

— Ju! — Alice me surpreende com um abraço pela cintura. — Como você está?

Eu me viro e sorrio para ela.

— Estou bem, amiga. Aliás, estou me sentindo maravilhosa depois de tantos cuidados. — Sorrio na tentativa de a despreocupar.

Ela inclina seu rosto de lado.

— Eu estou falando aqui — sua mão suave toca minha têmpora —, dentro dessa sua cabecinha.

Inspiro profundamente.

— Estou cansada, querendo ir logo embora, envergonhada pelas proporções da história... enfim.

Alice balança a cabeça com compreensão.

— Eu sei que é a última coisa que você quer ouvir, mas ele também está mal com tudo isso.

Meus olhos ardem com lágrimas não
NACIONAIS - ACHERON

derramadas somente por imaginar, por um breve momento, que ela tenha razão, o que eu sei que não é verdade.

— Não, Ali, por favor, *você* não — murmuro, engolindo a dor e tentando parecer forte.

— Tudo bem, eu te amo, e no momento em que você estiver preparada, podemos conversar sobre isso.

Agradeço-lhe e a abraço tão forte quanto estou precisando.

Katy se aproxima, graciosa.

— Mulheres da minha vida, o que vocês acham de um passeio a cavalo? — Ela sorri com alegria juvenil.

Meu sangue congela, e meus olhos se arregalam.

— Ju, seremos somente nós quatro e o Ivan. Foi ele que convidou — Katy se antecipa, lançando seu braço sobre meu ombro e me puxando para si. — Você precisa espairecer um pouco, Ursinha.

— Ok — concordo fingindo animação e mascarando a sensação dolorosa no peito.



Ivan nos leva em uma caminhonete até o estábulo e estaciona. Estou um pouco apreensiva porque eu já estive aqui antes. Descemos do carro e vamos até o homem que eu vi ontem. Ele me cumprimenta com um aperto de mão e me entrega o mesmo cavalo grande e bonito que montei. Cada uma das meninas recebe um cavalo e escuta pacientemente as instruções básicas.

Ivan habilmente monta um animal que aparentemente já lhe é familiar, e eu faço o mesmo. Meu cavalo é bem mansinho, além de incrivelmente vistoso. Aliso sua cabeça e dorso enquanto começo com os movimentos para guiá-lo. Aos poucos e com trotes lentos, marcho sozinha para fora do estábulo, enquanto as meninas recebem ajuda do homem e de Ivan.

Menos de um minuto depois que eu saí pela porta do celeiro, vejo a caminhonete de Frederico estacionar. Ele desce tão rapidamente que nem tenho tempo de reagir.

Oh, meu Senhor.

O ar fica preso na garganta quando inevitavelmente nossos olhos se conectam. A intensidade com que o homem me encara, com uma mistura de fúria e algo semelhante a saudade, faz meu coração querer saltar descompassado e a barriga revirar em agonia.

Quebro o contato imediatamente e olho para trás, esperando que Ivan e as meninas saiam de uma vez e me livrem deste momento. Droga.

Mantenho a cabeça virada em direção à porta, mas sei que Frederico está se aproximando. Fecho os olhos bem apertados e ofego, implorando mentalmente para que alguém saia lá de dentro urgentemente e venha em meu socorro.

Sinto seu corpo, sinto sua presença parada ao lado de meu cavalo. É muito forte. Contudo, eu me recuso a demonstrar qualquer reação.

De repente, percebo-o mexendo em alguma coisa no meu animal, o que acende meus alertas e me obriga a me virar e ver o que ele está fazendo. Sem olhar em seus olhos, apenas em suas mãos, vejo-o movendo as fivelas da sela, ajustando-a e a prendendo.

— Está sabotando a minha sela? — pergunto friamente com a voz acusatória.

— Estou evitando que você tenha um acidente — ele responde irritado.

— Como se isso te importasse — cuspo as palavras venenosamente.

Ele respira pesado, e eu sei que está olhando no meu rosto, mas mantenho os olhos nas fivelas que ele apertou. Não vou lhe dar o gostinho de encará-lo.

— Por que você está usando essa blusa? — ele ignora meu comentário anterior e questiona exigente.

— Não é da sua conta — respondo de forma dura.

Ele bufa.

— Júlia... — sua voz diminui uma nota, torna-se um apelo.

Neste exato momento meus amigos saem, e eu finalmente posso respirar. Eles olham de mim para Frederico várias vezes, visivelmente apreensivos.

— Vamos? — eu inquiri com uma
NACIONAIS - ACHERON

normalidade surpreendente. Domino as rédeas e viro o cavalo sem nem olhar para o patife.

Eles continuam parados até que Ivan faz o primeiro movimento e se coloca à minha frente, guiando-nos para longe.

Céus. Eu não deveria me sentir assim, mas estar minimamente perto daquele homem mexe comigo de uma maneira insuportável. Mesmo depois de tudo, ele ainda consegue aquecer partes em mim que eu nem sabia que eram possíveis, como o meu coração, por exemplo.

Balanço a cabeça, tentando limpar a mente e seguir o ritmo atrás de Ivan, até que Katy me alcança.

— Ju, meu amor, apesar de eu querer matar aquele cara, não dá para ignorar a química entre vocês — sua fala está baixinha, em um tom cúmplice.

Ela se abana, pisca com um sorrisinho bobo e se afasta.

Agora estamos livres, galopando com cabelos ao vento. É uma sensação de liberdade real. O elo que criamos com o animal é algo quase surreal. É

como se o cavalo pudesse seguir os movimentos dos meus batimentos cardíacos. A sensação é de que posso voar.



Frederico

Tive de fazer um imenso esforço para não puxar Júlia de cima do cavalo e a arrastar para um lugar onde eu pudesse derrubar essa barreira de merda que a mulher está criando. Eu pensei que, depois de descansar e colocar a cabeça no lugar, ela estaria pronta para enfrentar a situação de uma maneira melhor. Um engano.

Júlia praticamente correu de mim assim que pôde. E ainda teve a ousadia de me insultar, quando tudo o que eu estava fazendo era evitar que ela quebrasse a porra daquele pescoço bonito se caísse do animal porque suas fivelas estavam mal presas.

Esfrego o rosto, desejando voltar algumas horas no tempo e resolver a bagunça de uma maneira diferente. A primeira coisa que eu teria

NACIONAIS - ACHERON

feito teria sido levá-la para o meu quarto pacientemente e foder seu corpo gostoso até que ela implorasse, verdadeiramente arrependida por deixar que outro tomasse sua boca, que é somente minha.

Sim, é minha. E logo ela saberá disso. Eu não posso desfazer o mal feito, mas não vou arcar com sua indiferença para sempre. Está chegando o momento de resolver isso de uma vez por todas.



Júlia

Finalmente paramos para descansar embaixo de uma árvore bem grande. Os cavalos vão à margem de um córrego e se abastecem de água, enquanto nós nos jogamos no gramado, estendidos, como quando éramos crianças.

— Então aqui estamos nós — Ivan medita.

— Quem diria que o garoto mais feio seria o primeiro a se casar? — Pini suspira, provocando.

— E pelo que vejo, você será a última, se é

que vai encontrar um marido capaz de te suportar, Formiga — Ivan responde com outra provocação.

Um segundo de silêncio até que explodimos em risadas. Katy rola de tanto rir.

— Ele ainda se lembra desse apelido — ela diz quase sem fôlego.

— Eu e todos os meninos da rua — ele responde. — A bunda da Pini tinha vida própria, parecia a de uma formiga, e é assim até hoje.

— Pois saibam vocês, esta característica é muito apreciada. — Ela se ajeita sorrindo e faz beicinho.

— Isso eu bem vi. O Gustavo que o diga, garota! — Katy atira umas folhas secas em Pini, e elas caem por cima de todos nós.

— Eu também preciso de um pouco de diversão, pessoal, se é que vocês me entendem — Pini tenta seu melhor tom de moça doce.

— Pini, você tem esse jeito de mulher desinteressada que só usa os caras, mas eu não vejo a hora de conhecer sua versão apaixonada — é a vez de Alice.

— Apaixonada?! — Pini exclama. — Vire
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

essa boca para lá, Ali!

O tom de falso medo causa uma segunda rodada de fortes risadas.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 20

Júlia

Termino de me arrumar para o jantar de ensaio desta noite calçando os sapatos de saltos altíssimos.

— Você está pronta? — Alice pergunta cuidadosa.

— Vamos lá. — Respiro fundo.

Não me importei em esconder os braços desta vez. Passei muito calor durante a tarde, e a noite está igualmente quente. O jantar de ensaio da valsa estará com a iluminação preparada para a festa, ou seja, ninguém vai ver minhas manchas em meio à pouca luz. Estou usando um vestido champanhe cintilante, ajustado ao corpo, com alças finas e um pouco acima dos joelhos, nada que mostre pernas

demaís.

Meu objetivo para esta noite é me manter longe do homem. Tenho que permanecer calma, esconder-me se for necessário. No momento da valsa, dançarei com meu novo par, e tudo ficará bem. Dizem que, mentalizando, as coisas acontecem, e é isso que estou fazendo.



Estamos sentadas à mesma mesa da primeira noite, e parece que foi há uma eternidade. Vivi tanta coisa, senti tanta coisa, recebi uma dose *overdástica* (se é que essa palavra existe) de prazer, mais do que em uma vida inteira. Se há alguma coisa de que eu me arrependo, é de ter colocado meu coração nisso. Eu poderia ser como a Pini e simplesmente usufruir dos caras, sem dor na consciência e sem envolver nada além de minha satisfação sexual. No final das contas, é vivendo que se aprende a viver, então, bem, aqui estou eu: triste, quebrada, oca e esperando as horas passarem para finalmente voltar para casa e entrar no período de recuperação e contenção dos danos. Pode durar

NACIONAIS - ACHERON

um dia, uma semana ou meses, eu sinceramente não sei quanto tempo será necessário para retirar o patife do meu sistema. A única certeza é que vou me esforçar muito e estarei segura sabendo que não vou vê-lo novamente.

O jantar é servido. Não estou com a mínima fome, mas me obrigo a comer um pouco, e o sabor é realmente fantástico. Bebo espumante e me policio para ficar somente em uma taça. Foi bebendo que esta bagunça toda começou; prefiro me manter sóbria, por precaução.

— Você está linda, Ju — Pini chama minha atenção do outro lado da mesa e levanta a taça. — Um brinde a nós, irmãs, e o resto que se dane — sua piscadela arremata a frase.

Palavras perfeitas para o momento. Levantamos nossas taças e brindamos.

— A nós — repito, rindo da ironia da vida ao me lembrar de meu último brinde de alguns dias.

Katy e Alice repetem as palavras.

Já posso sentir a cor voltando para o meu rosto, observando minhas três irmãs.

— Tudo o mais pode dar errado, mas eu

NACIONAIS - ACHERON

tendo vocês na minha vida, é o suficiente para eu estar bem — falo com a taça ainda ao ar. — Eu as amo desde sempre e para sempre.

Vejo os olhos de Pini marejarem, observo Alice e Katy também emocionadas.

Katy me abraça de lado.

— Vocês são minhas irmãs, Ju, e sempre serão — ela afirma com voz embargada, beijando meu rosto.

Pini acena com a cabeça, afirmando, e Alice pega minha mão.

Limpo uma lágrima de gratidão por ter as melhores amigas do mundo e sorvo minha bebida.

De repente, noto os olhos de Pini crescendo sobre minha cabeça. Com um discreto sinal dela, inclino-me levemente e vejo, por cima de meu ombro, o senhor José Alfredo se aproximando da mesa. Ele cumprimenta a todas com beijos nas mãos e, quando chega a minha vez, ele se vira para as meninas.

— Senhoritas, se importam se eu roubar essa linda moça por alguns minutos?

Ambas se entreolham e quase em uníssono

NACIONAIS - ACHERON

dizem que não. Retiro o que eu disse sobre serem minhas melhores amigas.

— Júlia — ele pega minha mão —, você me daria um minuto de seu tempo?

— Claro, senhor — aceito sem jeito.

Ele me oferece o braço. Levanto-me da cadeira e o aceito. Inclino discretamente uma sobancelha para minhas amigas antes de me virar e seguir caminhando ao lado do homem, que é tão alto e elegante quanto o filho. Paramos em uma mesa vazia. Ele puxa a cadeira para que eu me sente, e assim eu faço. O senhor se senta ao meu lado.

— Desculpa te tirar de suas amigas, Júlia, mas eu precisava lhe falar em particular. — Seu olhar tem algo de afetuoso.

— Tudo bem — respondo gentilmente.

O homem pega minhas mãos por cima da mesa.

— Eu fiquei sabendo que uma jovem muito corajosa salvou dois de meus animais hoje com uma bravura indiscutível.

Envergonhada, eu apenas sorrio.

— Sabe há quanto tempo eu mexo com esses bichos? — sua fala é a de um homem experiente na lida.

Faço uma expressão de que não tenho a menor ideia, temerosa de dar um palpite errado.

— Há quase cinquenta anos. Comecei muito cedo no trabalho ajudando o meu pai. — Ele faz um ar saudoso. — Mas sabe quando foi que eu vi alguém sozinho ajudar uma vaca a parir?

— Não tenho ideia. — Sorrio suavemente.

— Uma única vez, e foi meu pai, o homem trabalhador e honrado que me ensinou tudo o que sei.

Fico momentaneamente emocionada pela maneira como ele fala de seu pai.

— Porém, nunca, nos meus sessenta anos, eu ouvi qualquer história sobre alguém que cortou um cordão umbilical com os dentes para livrar um bezerro de morrer estrangulado.

Abaixo os olhos, extremamente tímida diante da admiração estampada nas feições do homem direcionadas a mim.

— Você, Júlia, é a menina mais corajosa de
NACIONAIS - ACHERON

que eu já ouvi falar. Você agiu com bravura e, sem qualquer conhecimento ou ajuda, fez um parto. Se tivessem me contado que você saiu correndo e deixou o animal ali porque não sabia o que fazer, eu acharia perfeitamente normal. No entanto, quando meu veterinário contou que encontrou você com a boca toda cheia de sangue e o animal vivo, deitado em seu colo, mocinha, eu me emocionei como há anos eu não me emocionava.

Pisco algumas vezes. Já não estou sabendo como lidar com toda essa gratidão. Não sou nenhuma heroína, pelo contrário, meu histórico de covardia fala por mim, e ver a admiração em sua expressão faz com que eu me sinta deslocada, uma farsa.

— Obrigada pelas palavras, senhor José Alfredo, mas eu acho que fiz o que qualquer pessoa faria na minha situação — falo de forma meio atropelada.

— Eu não esperava outras palavras de você, mocinha.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Que droga!

— Agora eu gostaria de falar sobre essas marcas em seus braços. — Ele estuda meu rosto com um olhar preocupado. — Sei que foi meu filho que fez isso. Eu e ele já tivemos uma conversa bastante séria sobre seu modo de agir, Júlia. Eu não posso falar por ele, mas eu gostaria de pedir desculpas em nome de toda a família.

Limpo imediatamente as lágrimas e enrijeço a postura.

— Isso realmente não é necessário, senhor José Alfredo, eu estou bem, e não é tão ruim quanto parece. Tenho a pele muita branca, e qualquer toque é o suficiente para marcá-la. Seu filho não fez nada — forço-me a manter o tom equilibrado.

— Meu filho tem sofrido muito por tudo isso, Júlia, mas eu sei de uma coisa que talvez nem ele saiba ainda.

Paraliso diante do tom sério de sua voz.

— Meu filho está apaixonado por você. — Abro a boca para protestar, mas me calo pela intensidade de seus olhos cansados. — Frederico é um grande homem, tem bom coração, é trabalhador, inteligente, gentil, bom filho. E sei que

está muito arrependido do que fez. Eu não tenho o direito de te contar uma história que não é minha, mas ele já passou por muita coisa nesta vida. Se você puder, Júlia, dê ao meu filho mais uma chance de provar quem ele é.

Punhais diretamente no meu peito certamente doeriam menos. Escutando tudo isso, Frederico parece querer mesmo uma chance. Talvez seu pai não saiba, mas aquele homem me despreza. Frederico disse que me usou, e eu não consigo encarar tudo isso de forma diferente. Opto por não responder nada, não tenho o que dizer.

O homem apenas concorda com a cabeça, assentindo ante o meu silêncio e dá um tapinha suave sobre minhas mãos.

— Mantenha minhas palavras em sua mente, Júlia. Você tem um bom coração e vai saber perdoar meu filho.

Constrangida, simplesmente sorrio com gentileza, escondendo toda a dor que ainda me rasga somente por pensar em seu filho.

— Vou te levar de volta para sua mesa.

O velho homem puxa minha cadeira. Eu me

levanto e aceito seu braço.

E, como se fosse combinado, Frederico escolhe este momento para entrar no salão, impecavelmente vestido com terno preto e camisa branca sem gravata. Seus ombros largos e abdome reto fazem com que ele pareça um modelo de catálogo de grife. Seus cabelos volumosos corretamente penteados e a barba por fazer tornam o conjunto impossível de lidar. Minhas pernas amolecem, e meu coração acelera como o de uma adolescente. Eu não sei como agir, e pior, não consigo deixar de fitá-lo.

Seu olhar selvagem atravessa o salão até que ele me encontra. O homem me encara como se não houvesse mais ninguém aqui, incrivelmente faminto, até que vê seu pai ao meu lado, e a surpresa se estampa em seu rosto. Prontamente Frederico estreita os olhos, interrogativo... E então eu me lembro de quem ele é tiro meu foco dele.

Caminho de cabeça baixa até a mesa e me despeço do senhor com um beijo na bochecha.

Katy e Pini me olham curiosas. Alice não está na mesa.

— Parto da vaca — falo, encerrando o assunto.

Ambas relaxam os ombros e fazem um “ah” em concordância sobre o assunto. Logo a música de fundo para de tocar e é substituída pela voz aguda e irritante da *sargentona*, vulgo mestre de cerimônias.

— Eu gostaria de pedir aos noivos, pais e padrinhos que se encaminhem para a pista de dança, por favor. Vamos ensaiar a valsa. Obrigada, senhores.

Minhas mãos começam a tremer e transpirar. Por mais que eu não vá dançar com ele, ficaremos muito próximos, e isso não me acalma em nada, somente exalta meus nervos.

— Vai ficar tudo bem, Ursinha. — Katy me dá um tapinha de leve na bunda enquanto caminhamos para a pista.

No caminho, vejo pelo canto do olho a tal prima Christine usando um vestido longo vermelho e me fuzilando com uma expressão venenosa. Andamos até o centro da pista e paramos. À minha direita está Pini, à esquerda, Katy, e ao lado dela,

Alice. Bianca e Ivan estão a nossa frente, de costas, conversando com a *sargentona*. Gustavo e os outros dois padrinhos estão vindo para onde estamos, mas não me esforço para verificar onde Frederico está.

A *sargentona* e os noivos se viram para nós, ficando todos muito próximos. E então, através da visão periférica, eu vejo o meu tormento de braços cruzados e corpo levemente inclinado para mim, em frente a Pini. Meu coração martela alto, e até mesmo posso sentir seu cheiro invadindo meus nervos. Instintivamente me movimento discretamente mais para a esquerda, para longe dele. Sugo uma grande quantidade de ar. *Mantenha o controle, Júlia.*

— Muito bem — a *sargentona* fala. — Eu já conversei com os noivos, e eles ensaiarão a primeira dança sozinhos. Será uma surpresa. — Ela olha para eles rindo com cumplicidade, parecendo planejar alguma coisa divertida. — Então nós pularemos a primeira valsa e partiremos para o ensaio dos pais, e posteriormente, dos padrinhos.

Acenos de cabeça confirmam a informação.

Mantenho os olhos somente na mulher tagarela.

— Os pais dos noivos farão a entrada ao som dos primeiros acordes da segunda música. Quando começar a terceira música, os padrinhos e madrinhas deverão surgir em pares, cada casal de um lado diferente deste círculo. — Ela aponta para onde estamos e para as direções de onde teremos que sair.

Todos nós concordamos com a cabeça. Ok. Mais um ponto a favor. Vou ficar em um canto oposto a ele enquanto aguardo os noivos e pais dançarem.

— Vocês então farão um círculo ao entorno dos noivos, dançando no mesmo ritmo e passadas, até que a terceira música acabe, para que só então os convidados possam entrar na pista e dançar também.

Estamos em um grupo seletto de pessoas na fazenda. Eu imagino que isso aqui amanhã vai encher.

A sargentona limpa a garganta.

— Nós tivemos uma alteração na formação dos pares, então vou pedir para que se unam e...

NACIONAIS - ACHERON

— Nada foi alterado — Frederico declara mais alto, imediatamente atraindo a atenção de todos. Sou a única que não olha para ele.

— Fred, nós já conversamos sobre isso — Bianca rosna baixo, tentando ser discreta.

— Não. Não haverá nenhuma mudança — seu tom firme avisa sem rodeios.

— Filho... — Sua mãe se aproxima.

— Eu já disse, eu vou dançar com ela, e assunto encerrado — ele ruge baixo entre os dentes.

— Pare de agir desse jeito, você sabe os motivos dessa mudança! — Bianca eleva um pouco o tom.

— Ela não é de cristal, não vejo nenhum problema em dançarmos juntos — ele insiste autoritário. — Fale para eles, Júlia, fale que você pode muito bem dançar comigo — o homem passa a bola para mim.

Minhas bochechas ganham um vermelho vivo. Nunca antes eu desejei tanto que um buraco se abrisse aos meus pés e me engolisse.

— Filho, essa alteração foi um pedido dela, nós conversamos sobre isso — o pai dele interfere

pacientemente.

— Mano — Gustavo chama baixo para que mais ninguém escute.

Sinto a vibração explosiva exalando do corpo do homem.

— Porra! Por que está todo mundo tentando protegê-la? O que vocês acham que eu vou fazer? Machucá-la?

— Machucá-la *de novo*, você quer dizer? — Pini acusa num tom frio.

Frederico emite um rosnado que chega a assustar. Sem outra opção e temendo o pior, eu finalmente elevo o rosto para encará-lo. Seus olhos escurecidos estão cravados em mim.

— Por favor — peço com a garganta em chamas. O som de minhas palavras mal se nota.

— *Por favor* o quê, Júlia? *Por favor*, dance comigo? *Por favor*, me foda? Qual *por favor* é esse? — sua voz é um rugido baixo, como de um animal enjaulado.

— Pare com isso, Frederico! — seu pai interfere com autoridade.

Estou tremendo sem parar.

— Pai, ela é adulta para enfrentar isso sozinha. — Ele olha para seu pai com um pedido velado de apoio. — Vamos acabar logo com isso! Fale, Júlia, fale que você não tem medo de dançar comigo.

— Pare de forçar a situação, Frederico. — Katy se irrita. — Se ela quisesse, dançaria com você. Aceite que ela não quer, e vamos terminar logo com isso.

— Cale a boca! — Ele olha para ela, irritado.

Pini dá um passo à frente.

— Cale a boca você e seja homem para aceitar um “não”!

Estou olhando as pessoas a minha volta alteradas, o clima se tornando insustentável, tudo em função das decisões erradas que eu tomei. A mãe dele tem as mãos no peito, o pai está com o rosto envergonhado. Bianca está irritada, e Pini e Katy, furiosas. É tudo minha culpa.

— Pini, tudo bem — falo em voz baixa e trêmula, chamando a atenção de todo mundo.

A *sargentona* se volta para mim com uma expressão que faz entender que está me chamando

de vadia com o olhar.

— Tudo bem o quê, senhorita Júlia? — não perco a impaciência e julgamento em seu tom desdenhoso.

— Eu danço com ele.

Todo mundo bufa, alguns de alívio, outros de descrença.

— Você não precisa fazer isso, Ju — Bianca interfere.

— Não. Está tudo bem. Vamos lá — minha voz mal sai enquanto pronuncio estas palavras.

Katy e Pini me olham.

— Você quer isso mesmo, Ursinha Rosa? — Katy pergunta carinhosamente, e Gustavo solta uma risada baixa com o apelido.

Assinto com a cabeça, o rosto totalmente enrubescido.

— Vamos fazer isso logo — Frederico sibila para todos, encerrando o festival.

— Ok — Bianca suspira depois de lançar um olhar fulminante ao irmão.

Olho para a mãe de Frederico, que me sopra

um silencioso *obrigada*.

— Vamos lá, então. Os pais dos noivos podem se dirigir à frente da pista — a cerimonialista recomeça. — Senhorita Alice e senhor Gustavo, por favor, se encaminhem para aquela direção. — Ela aponta para trás de onde estamos, e Alice segue como foi dito, de braços dados com Gustavo.

— Senhorita Júlia e senhor Frederico, por favor, naquele lado.

Vou caminhando rapidamente para onde ela indica, com Frederico acompanhando meus passos. Nem escuto mais nada do que a *sargentona* fala para as pessoas atrás de nós. Estou envergonhada e tensa demais para isso.

Chego ao local meio escuro, a cerca de uns 15 metros da pista de dança e me viro para frente para ver de longe as pessoas se movimentando. Frederico se coloca ao meu lado.

— Júlia... — ele sussurra rouco, com efeito imediato sobre os pelos de meu corpo.

— Por favor, não fale comigo — peço baixa e educadamente, sem perder o foco à frente, mal

me lembrando de como respirar, entretanto.

— Eu não consigo — ele murmura mais próximo.

— Se você insistir, eu vou embora — meu tom permanece estável, mas meu pulso está em ritmo enlouquecido.

— Eu vi as marcas... Eu... Você não sabe o quanto eu... — ele não termina a frase.

Suspiro, com um turbilhão de emoções rasgando meu peito.

— Já falamos tudo que tínhamos para falar, estas marcas não representam nada, e eu gostaria que você respeitasse isso — afirmo, esforçando-me para não deixar cair por terra o esforço sobre-humano que estou fazendo aqui.

Ele silencia por um momento.

— Obrigado pelo que você fez hoje...

Respiro profundamente e o interrompo, porque já sei aonde ele quer chegar.

— Ouça, sua família já me agradeceu o suficiente. Não perca seu tempo. Só, por favor, não fale comigo — meu tom soa como um apelo.

Estou me sentindo sufocada demais por estar
NACIONAIS - ACHERON

nesta situação. As batidas descompassadas de meu coração aceleram mais ainda, de modo que parece que há um bumbo em meu peito, a queimação cresce pela garganta, e o ar parece falho em seu objetivo de alcançar meus pulmões. Contra a minha vontade, uma lágrima de raiva desliza pelo meu rosto.

— Por favor, menina bonita, não chore. — Ele limpa a lágrima com um dedo quente, tocando suavemente minha face.

— Pare. — Esquivo-me de seu toque. — Não me toque e não fale comigo. Você só está deixando isso pior, Frederico. Não percebe?

Encaro seu rosto, e basta isso para uma dor aguda atravessar meu corpo. Seus olhos estão cansados, a barba, por fazer, o rosto, cheio de emoções que eu não consigo interpretar. Há mais alguma coisa nele. Frederico parece destruído. E ele me encara com tanta intensidade que mal me sustento em pé. Viro o rosto rapidamente para não deixar que tudo isso me abale ainda mais.

— Eu sei tudo o que eu disse — ele sussurra rouco. — E o que eu fiz. Não tenha dúvidas de que

essas marcas em você me ferem, Júlia.

Como é? Minhas marcas o ferem? E quanto a mim? Balanço a cabeça, negando suas palavras.

— Eu acho que você está se esquecendo de uma coisa importante aqui, Frederico. — Volto a olhar diretamente em seus olhos com uma frieza que eu não sabia, até o momento, se conseguiria demonstrar. — Nada mudou, eu ainda sou a mesma pessoa a quem você disse tudo aquilo. — Assisto a sua expressão se quebrar. Dói, mas ignoro. — Agora vamos lá. — A segunda música está na nota final, e finalmente já podemos nos aproximar da pista de dança. Essa é a minha deixa. — Vamos acabar logo com isso.

Dou dois passos, livre, até ser puxada e ter meu braço sendo entrelaçado pelo seu. A sensação é a mesma de todas as vezes em que ele me tocou, eletrizante, excitante, mas agora tem um gosto amargo, porque nunca mais será como antes. Acabou.

— Nós ainda vamos conversar, Júlia, goste você disso ou não — ele afirma ganhando nova determinação, sem me dar um segundo olhar.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 21

Frederico

Não está sendo fácil. Pela primeira vez em minha vida, eu não estou sabendo como gerir uma situação. Passei anos construindo o que alguns chamariam de império, lutando contra os piores percalços. Administrei a bagunça que se tornou minha vida depois de toda aquela merda com Rebeca. Consegui manter a cabeça no lugar diante do risco de perder meu pai. E ainda assim, nada se compara ao sentimento de estar perdendo definitivamente este jogo com a mulher aqui ao meu lado.

Eu não sei determinar exatamente quando isso aconteceu, mas o fato é que Júlia despertou sentimentos em mim que eu jamais achei que

fossem possíveis, e agora estou assistindo impotente à parede que ela está construindo entre nós crescer centímetro a centímetro e me esmagar.

O problema é que eu nem sei o que fazer com tudo isso. Eu a machuquei, não só aqui, em seu braço delicado enroscado ao meu enquanto aguardamos o momento de entrar no circo montado por essa maldita cerimonialista, mas a feri em algum lugar mais profundo. O brilho que outrora havia em Júlia se foi. Ela já não me olha como nos primeiros dias. Seu olhar agora está coberto de ressentimento por mim.

Inferno. Não posso desistir. Ainda tenho mais deste jogo pela frente. Júlia ainda está aqui, em minhas terras, não está? Está no meu lado do campo, eu só preciso colocar isso a meu favor... ou serei esmagado por esta dor me rasgando a cada minuto.



Júlia

Olho para os lados e vejo os outros casais tomando o mesmo ritmo que o nosso. Foco a atenção à frente, tanto para não cair, como para não me perder com o contato de Frederico queimando minha pele.

Assim que colocamos o pé no círculo, nossa música começa. Lá vamos nós.

Frederico puxa meu corpo para junto de si, pousa uma de suas mãos possessivamente nas minhas costas e segura minha mão com a outra. Tento manter uma mínima distância entre nossos corpos, mas o homem astutamente nos une sem restrições. Com a mão livre toco superficialmente seu ombro, como se ele fosse uma brasa, evitando me queimar. O contato de nossos corpos traz a sensação mais intensa do mundo, dificultando o simples ato de respirar. Viro o rosto para o lado oposto e sigo o ritmo que ele determina, sem olhá-lo, segurando a respiração para não inalar seu cheiro, que me remete a tantas lembranças.

— Relaxe, Júlia — ele sussurra com uma voz profunda. — Não é como se eu fosse te despir e fazer tudo o que gostaríamos aqui, em frente a toda

essa gente nos olhando. Além disso, você conhece muito bem o meu corpo, então pode se sentir à vontade.

Uma mistura de desejo e irritação bagunça minha cabeça, obrigando-me a reagir.

— Talvez você não cause o efeito que imagina — devolvo seca, com o rosto pegando fogo.

Sinto o peito de Frederico retumbar em uma risada baixa.

— A veia de seu pescoço está agitada. — A boca do homem toca minha orelha, alastrando arrepios por minha pele. — Eu sinto seu coração acelerado. — Seu braço me puxa mais para si, transformando nossos corpos em um só. — Estou vendo as gotas de suor brotando em sua testa, menina bonita. — Engulo em seco, com o calor consumindo as partes mais indiscretas do meu corpo. — Seus mamilos estão duros por baixo desse vestido. — Ele ri maliciosamente. — Eu já conheço os seus sinais, Júlia. Mesmo que você não goste da ideia, você está excitada demais para negar.

O peso sufocante desta situação toda é demais para mim. Não quero perder o controle de minha mente, e é isso que ele está tentando fazer com esse joguinho.

Numa tentativa de desanuviar o cérebro, cravo os dentes profundamente no lábio inferior a ponto de sentir o gosto metálico e permaneço apertando. Não posso perder o foco da dor, então mordo mais forte.

— Júlia — ele sussurra assustado. — Por favor, não faça isso. Por favor.

Inclino a cabeça para olhar para ele, confusa com a mudança em seu tom. Frederico solta minha mão e passa o polegar em meus lábios. Observo seu dedo, na altura dos meus olhos, com gotas de meu sangue. Ele lambe o dedo, seus olhos cheios de algo parecido com culpa.

O fato de ele saber que estou me infligindo dor para evitar que suas palavras me excitem me deixa mortificada. A música já está no fim. Fico tempo suficiente apenas para ouvir a última batida. Assim que acontece, solto sua mão e disparo para o banheiro tão rápido quanto minhas pernas bambas

podem suportar, sem chamar ainda mais atenção.

Corro pelo corredor e logo ouço seus passos atrás de mim. Entro e tento fechar a porta em sua cara, mas Frederico não permite. Habilmente ele força sua entrada, trancando a porta atrás de si.

— Por favor, não faça mais isso — ele sussurra irritado, encostando-me à parede. — Não se puna desse jeito.

— Não me punir? — Dou uma risada de escárnio, perdendo qualquer controle que eu ainda tinha. — É sério isso, Frederico? Eu não devo me punir para deixar que você faça isso por mim? Você prefere me machucar a eu fazer isso sozinha?

A fúria distorce os traços de ferro do homem. Seu grande corpo me pressiona contra a superfície da parede, e ele inclina a cabeça para que nossos rostos estejam numa mesma linha. A proximidade é tanta que eu estou aspirando o seu hálito.

— Não fale isso! — ele grunhe, seus olhos atormentados. — Eu sei que eu mereço, mas, por favor, nã...

— *Por favor?! —* grito, interrompendo-o. — Tenha dó! Estou te pedindo para me deixar em paz

o tempo todo, e você só está me humilhando e envergonhando. Você tem prazer nisso e vem me falar em *por favor*?!

— Eu não tenho prazer em merda nenhuma, Júlia. — Ele trava o maxilar, seus olhos escurecendo. — Eu só quero conversar, e você está fugindo, não vê?

— Nós não temos nada para conversar! — berro em seu rosto. — Você já falou tudo o que queria, e eu não quero ouvir mais nada!

— Eu estava de cabeça quente! — o homem ruge como um animal selvagem.

— No entanto, nada mudou! Eu ainda sou para você a pessoa que passa DST! — lanço-lhe suas próprias palavras. — Então se afaste de mim, me deixe em paz! — imploro em meio às lágrimas que já nem me importo mais em deixar fluírem.

Frederico não pode me humilhar mais do que já fez, de qualquer forma.

— Nada disso é realmente o que penso... — ele declara diminuindo seu tom, parecendo travar uma batalha consigo mesmo, mas não permito que o homem tente desfazer o que fez depois de tudo.

— Nada vai mudar, Frederico, suas palavras não me atingem mais. Você me feriu de verdade, e já chega. Depois deste casamento eu vou embora e não pretendo te ver nunca mais na vida — destilo meu rancor destemidamente.

Com uma mão deslizando por seus cabelos, antes perfeitamente penteados, fechando os olhos brevemente e respirando de forma pesada, o homem luta duramente contra o que eu acabei de lançar em seu rosto.

— Você está com raiva, e eu também. — Ele suspira, falando baixo: — Então vamos respirar um pouco e pensar no que estamos falando, Júlia, por favor.

Sua tentativa de se acalmar eleva meu desejo de manter minha própria fúria em atividade.

— Eu sei muito bem o que estou falando, Frederico — digo embalada pela mágoa e irritação. Então termino de cravar meu punhal: — Eu me arrependo amargamente de ter me envolvido com você, não haverá punição maior do que esta para mim, portanto me deixe em paz.

Assisto ao movimento de sua garganta

engolindo a saliva. Seu corpo, prendendo-me contra a parede, não se move um milímetro. Frederico aspira uma grande quantidade de ar e a solta lentamente, até que um lampejo de algo que ainda não consigo distinguir atravessa seu rosto. Fixando seus olhos em mim, ele me encara com uma nova emoção, como se uma decisão fosse tomada. Seja lá o que for, não parece nada bom.

— Eu só conheço um jeito de falar com você... — Seu olhar se torna sombrio.

Oh, porcaria. Não tenho nem tempo de processar sua expressão, quando sou surpreendida com sua boca me tomando com ferocidade, forçando a entrada de sua língua em um desespero cru. Travo os dentes, resistindo com toda a força de vontade que eu ainda possa ter diante da luta sedenta de meu corpo em ceder e deixar que toda a angústia, dor e desejo venham à superfície.

Diante de minha relutância, Frederico rosna nos meus lábios, um som brutal, dolorido.

— Não lute, menina. Por favor, me beija. Me beija, porra! — ele implora e também exige; é louco, mas é assim. Somente esse homem consegue

agir de forma tão contraditória.

Mantenho os dentes cerrados, até que, num golpe baixo, o homem lambe o cantinho dos meus lábios e suga a carne machucada e faz isso repetidas vezes, provocando um desespero desgraçado em meu âmago. Impossível ficar indiferente e manter a fraca força de vontade. Não consigo mais lutar, não posso diante do turbilhão de emoções que me atinge. E então, vergonhosamente, eu cedo. Abro os lábios e permito sua entrada. Sua boca me toma com desespero. O sabor é maravilhoso, a língua áspera desliza e persegue a minha. Não há nada de afetivo, é um beijo necessitado, como se ele tentasse me mostrar o que suas palavras não conseguem dizer.

Meu corpo estremece debilmente, umedecendo e esquentando num ritmo fatal. Sinto sua ereção ganhando vida através de nossas roupas e sei que Frederico tem a mesma necessidade que me corrói. A sensação é perfeita e consegue incinerar qualquer linha coerente de pensamento que tenta me devolver a capacidade de raciocinar.

E no minuto seguinte, a razão vem à tona,

num alerta.

— Não — gemo em tom fraco, lutando internamente contra o desejo para recuperar o controle.

— Escute seu corpo, Júlia, pelo amor de Deus, escute! — Ofega. E a língua volta a me tomar com fúria, com paixão. Eu nunca me senti tão viva quanto agora. Estou à beira de ceder... mas então todas as palavras de Frederico me atravessam a mente. Lembro-me de sua expressão de nojo quando eu estava caída no chão e da frase que mais doeu: *tão estúpida que, no final, quem acabou sendo usada foi você.*

Isso tudo é como um balde de água fria, reprimindo todo o desejo e trazendo à tona a vergonha, dor e ódio. Empurro seu peito com uma força que eu nem sonhava possuir. O homem vai para trás, assustado, olhos arregalados e confusos. E é aí que eu aproveito o momento e selo nosso fim.

— Se afaste! — Aponto o dedo para a cara dele, como ele já fez comigo. — Você nunca mais vai me tocar e fazer com que eu me sinta suja de

novo! Nunca mais!

Empurro-o mais uma vez só para ter espaço e saio em disparada, ajeitando o vestido, correndo para a porta do banheiro.

Desvio do caminho que me leva para onde as pessoas estão e saio por uma porta lateral. A distância entre o salão e a casa de hóspedes é bem pequena, então me esforço para conseguir velocidade suficiente para que ninguém possa me impedir.

Frederico e eu. Isso acaba aqui.



Frederico

Tombo o corpo contra a parede no pequeno banheiro, sofrendo como um condenado.

A mulher me despreza, não há o que eu possa fazer sobre isso. Forçar sua rendição não serviu de nada, estou agora mais arrasado do que antes, consciente de que não há mais volta entre nós e

sentindo que preciso daquela mulher quase com desespero.

Fui um imbecil quando achei que podia usufruir de tudo isso e no final sair ileso. Não só ela usou todas as merdas que eu lhe disse contra mim, como declarou sua sentença. Júlia não vai me perdoar, e no fundo, eu não esperava outra coisa dela.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 22

Júlia

Entro no quarto como um furacão, caio de joelhos no chão e choro, odiando-me por ceder e deixar que Frederico assumira este poder sobre mim de novo. Todavia, acabou. Acabou aqui. Nunca mais ele, ou qualquer pessoa, vai fazer com que eu me sinta um lixo.

Fecho os olhos e começo lentamente a fazer um exercício de respiração contando até dez várias vezes, por tempo necessário para me manter sóbria das emoções e com a mente limpa para agir.

Puxo o telefone da bolsa e vejo mais de vinte chamadas não atendidas, 15 de meu pai e o restante de minha mãe. *Chega de vocês me controlando*

também! Disco o número de meu pai.

— Júlia? — ele atende frustrado. — Que diabos está se passando na sua mente?! Por que você não atende a porcaria do seu telefone?! — ele grita.

— Porque eu estou de FÉRIAS por uma semana! — Fecho os punhos. — Uma única maldita semana em muitos anos! — elevo a voz ao mesmo nível da dele. Chega de recuar.

Ele fica mudo por alguns instantes, em choque por me ouvir falar assim, eu imagino. Eu nunca falei com ele desta maneira.

— O que está acontecendo com você? O que te deu para falar desse jeito? — Lá vem ele com seu detestável tom de dono do mundo.

— Estou usando os mesmos termos que você, pai. Fale comigo como uma adulta e não como uma criança, e vou falar com você do mesmo modo.

Seguro a base do nariz, não sabendo quanto mais disso eu aguento sem estourar.

— Então se comporte como uma adulta e volte a trabalhar — sua voz é autoritária, petulante.

Acabou, Júlia, ninguém mais vai te tratar

mal.

— Pai. — Inspiro profundamente para me acalmar. — Estou me demitindo neste exato momento e por telefone. Vou mandar minha carta de demissão na segunda-feira, portanto não me ligue mais para falar deste assunto.

— Como é?! — ele ruge. — Você enlouqueceu?!

Sorrio para mim mesma, aliviada como se eu estivesse tirando um peso de minhas costas.

— Nunca estive mais lúcida. Adeus, pai, eu te amo.

— Júlia, não se atr...!

Desligo o telefone; se eu não fizer isso, ele nunca vai me deixar em paz. O homem precisa de tempo para assimilar que acabou, que estou saindo definitivamente. Bloqueio provisoriamente seu número e o de minha mãe.

Verifico minha agenda do aparelho celular e disco para a única pessoa no mundo que com certeza sabe o que estou sentindo agora.

— Ju?

— Dani — minha voz falha com a emoção.

— Acabou, eu me demiti.

Meu irmão suspira em silêncio. Depois de alguns segundos, Daniel finalmente diz alguma coisa.

— Você tem certeza dessa decisão? — questiona paciente, sondando para se certificar de que estou bem.

— Sim, Dani. Nunca tive tanta certeza. Eu tinha medo de dizer em voz alta o que meu coração exigia há muitos anos — confesso emocionada.

— E como você está se sentindo?

— Aliviada, assustada e feliz!

— Eu sei bem como é isso. — Ele faz uma pausa. — Parabéns, irmãzinha, você definitivamente entrou para o clube dos filhos ingratos.

Dou uma risada abobalhada com toda a perspectiva do que acabei de fazer.

— E agora? O que eu faço? — é uma pergunta direcionada a um irmão mais velho, com experiência e que me ama.

— Agora você vai tirar férias por um tempo e descobrir o que você gosta de fazer e vai lutar por

NACIONAIS - ACHERON

isso.

Solto o ar lentamente.

— Obrigada por seu apoio, irmão. Eu te amo mais do que a minha própria vida.

— Eu sei, eu te amo da mesma maneira. — Ele ri. — Você volta na segunda, certo?

— Não, estou voltando amanhã — minha fala sai mais desanimada do que eu gostaria.

— O que está acontecendo, Ju?

— É uma longa história, mas eu te conto semana que vem.

— E as meninas estão bem? — sinto a hesitação em sua voz.

— Sim, todas estão. — Espero um segundo e vou direto ao ponto: — Inclusive a Katy.

Meu irmão não diz nada, mas eu o conheço e no fundo sei que há algum sentimento entre ele e Katarina. Algo aconteceu entre eles, eu nunca soube o que, ou em que momento isso explodiu para que eles tenham se evitado por tanto tempo, mas sinto que nenhum deles realmente superou.

Infelizmente, não posso forçar. Tudo acontece no tempo certo.

NACIONAIS - ACHERON

— Me liga quando chegar, irmãzinha. Se cuide — ele corta meus pensamentos e o assunto.

— Se cuide você também, irmão.

Desligo com uma leveza inédita. As coisas estão se colocando em alguma perspectiva boa, no final das contas.

Próximo passo: planejar minha saída desse lugar sem mais dramas.

Retiro o convite do casamento da bolsa, apenas para verificar o horário da cerimônia. Acesso a *internet*, pesquiso e encontro o número do telefone que preciso. No segundo toque sou atendida.

— Disk-Táxi, boa noite.

— Boa noite, eu gostaria de agendar uma corrida para amanhã, mas eu preciso que o táxi esteja pontualmente me esperando no horário e local que vou informar.

Passo todos os dados e, pronto, minha rota de fuga já está certa.

Pensei muito sobre isso e tenho certeza de que ir à festa depois da cerimônia não é uma opção. Frederico é um cara sufocante e persistente, quando

NACIONAIS - ACHERON

ele decide uma coisa, vai atrás e ele definitivamente decidiu me humilhar. Na igreja, enquanto durar o rito, eu acho que estarei protegida, mas numa festa, com tanta gente e tendo que dançar com ele, é diferente.

Abro a gaveta da cômoda e localizo o que eu procurava: um bloco de papel e caneta. Então me sento e começo a fazer o que é necessário.

Dobro com cuidado o bilhete e espero o momento certo para o entregar.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 23

Júlia

Tiro o vestido e coloco uma calça de moletom. Vou dar um último passeio noturno, respirar o ar fresco e me despedir deste lugar.

Ao abrir a porta, dou de cara com minhas amigas. As mulheres me olham de cima a baixo e logo percebem minha intenção.

— Um passeio? — pergunto encolhendo os ombros.

Elas se entreolham. Pini dá mais um passo.

— Perfeito.

— Estou dentro — Katy confirma.

Alice sorri.

— Vamos lá.

Sorrio confortável por ter irmãs como essas.



Frederico

— Servido? — Gustavo me empurra um copo e derrama o uísque que ele pegou lá dentro.

Nem me dou ao trabalho de responder, viro o conteúdo num único gole. Inferno, o líquido desce queimando e ainda assim não faz nada pela sensação dolorosa em meu peito.

— Eu ferrei com tudo — murmuro, perdido, encarando a escuridão do pasto.

O cara suspira.

— É. Eu acho que você ferrou mesmo, irmão. Poderia ele pelo menos não piorar a situação? Sua mão pousa no meu ombro.

— Porém, isso realmente importa agora? — o bastardo manda essa droga de pergunta, sabendo exatamente o que quer arrancar de mim.

Suspiro, sentindo-me como um derrotado. Importa. Não deveria, mas sim, importa mais do

que eu pensei que pudesse. Nem preciso dizer em voz alta para que meu amigo de tantos anos compreenda a situação.

— Fred, na boa, cara, eu realmente não sei o que a menina ainda faz aqui depois da maneira como você a tratou. Qualquer outra já teria voado para longe, mas ao invés disso, ela não só ficou, como fez a porra de um parto. — Ele bufa bem-humorado. — Se essa menina não é perfeita para você, eu realmente não faço ideia de quem poderia ser.

Fecho os olhos, sentindo o peso de tudo isso sobre minhas costas.

— Eu não sei o que fazer — digo honestamente. — Eu nunca me senti assim a respeito de ninguém antes e... não faço a menor ideia de como lidar com isso. Tem hora que eu acho melhor deixar toda esta bagunça para lá e não tentar me aproximar dela novamente. — Sinto o amargor na boca com a ideia. — E em outro momento, eu fico maluco com a ideia de vê-la indo embora daqui sem a gente resolver essa situação toda.

Meu amigo bate firme em meu ombro.

— Nem tudo está perdido, cara. Você, melhor do que ninguém, pode superar qualquer merda que a vida jogar. Se você ferrou com as coisas, fez mal, mas entendeu. O que importa é que ela ainda está aqui. Vocês ainda podem conversar com calma.

Dou uma risada sem humor.

— Ela já disse que não me quer, mano, acho difícil que a pequena bruxa mude de ideia assim tão fácil.

— E alguma coisa já veio fácil para você antes?

Viro mais uma dose do velho uísque.

— Não. Eu tive que ir e tomar o que eu queria, e com ela não será diferente — declaro com nova determinação correndo por minhas veias.

Se Júlia acha que pode me manter longe, ela nunca esteve mais enganada. Seu corpo me disse que ela me quer da mesma maneira que eu a quero. Por mais difícil que seja, agora eu preciso que sua cabecinha também se convença disso.

Gustavo tampa a bebida.

— Agora eu tenho que ir, mano. A amiga de sua garota me espera, e eu realmente quero estar com ela antes que esta bagunça entre vocês exploda para cima de todos nós e ela me chute longe.

— Tão ruim assim? — inquiri com deboche, sabendo exatamente de qual das amigas de Júlia esse cara está falando. A pior de todas elas.

— Sei lá. Estou curtindo, mas sabendo que não vai passar disso. A mulher é a porra de uma delícia, mas já deu sinais de que nem que eu abra seu peito com um machado, ela me deixará entrar lá. Priscila é daquelas que comem seu coração e não dão nada em troca, sabe?

Assinto com a cabeça, compadecendo-me do tipo de cara que se apaixonar por uma mulher assim.



Júlia

Andamos em meio às sombras das árvores e à luz do luar. Paramos em frente a uma cerca de
NACIONAIS - ACHERON

madeira, e todas nós nos sentamos em cima dela, balançando os pés.

— Então — Katy solta o ar com força — esse homem é um tornado, não é?

— Um verdadeiro tsunami — Pini conclui.

— E não é? — Suspiro.

Olhamos para cima, observando as estrelas.

— E como você está, Ju? — Alice pergunta.

— Sentindo-me a área devastada que um desastre da natureza deixa para trás depois que passa — concluo demasiado dramática, achando tremendamente irônica toda essa bagunça dos últimos dias.

Todas continuam olhando para o céu, sem muito o que dizer e sem vontade de rir de meu comentário ácido.

— E agora? — Pini questiona baixo, quebrando o silêncio.

— Agora vou seguir em frente e esquecer que eu vivi esta situação toda.

— Você sabe que, apesar dessas atitudes de homem das cavernas, esse cara é quente, não sabe, Júlia? — Katy afunda um pouco mais a faca

NACIONAIS - ACHERON

invisível em meu peito.

— Sei e acho que nunca conhecerei outro igual.

— Você está gostando dele, Júlia! — Alice expressa surpresa e se vira para me olhar.

Encaro seu rosto delicado.

— Não, Alice, eu estava gostando de quem eu achei que ele fosse antes de descobrir seu lado psicopata — digo isso com certa tristeza.

— É por essas e outras que eu não quero me apaixonar. Você nunca sabe quem o cara realmente é — Pini afirma com um pouco de amargor atípico.

Eu sempre me perguntei como Pini consegue separar as coisas e por que ela abomina tanto o amor. Ela sempre se fechou para esse tipo de assunto. Eu só queria que ela pudesse confiar em mim e falar sobre isso, mas vendo a minha própria situação, não tenho como tirar sua razão.

— Nós deveríamos estar bebendo agora até cair e esquecer — Katy comenta ainda olhando para o céu.

— Beber me colocou nessa, amiga. Se eu estivesse totalmente sóbria na primeira noite, eu
NACIONAIS - ACHERON

teria olhado dentro dos olhos dele e visto o quanto a situação era ruim.

Um silêncio de reflexão se mantém por uns instantes.

Pini limpa a garganta.

— Bem, apesar de tudo e de achar que homens são as coisas mais desprezíveis do Universo, esta noite vou curtir um momento bom com aquele sujeito amigo dele — ela brinca, um pouco envergonhada.

Imediatamente todos os nossos olhos estão nela, assistindo-lhe morder os lábios, divertida.

— Sua sortuda safada! — Katy dá um toque de ombros nela.

Depois de um tempo de conversas bobas, lembro-me de que preciso contar-lhes meus últimos feitos. Suspiro.

— Eu me demiti — falo baixo.

— O quê?! — elas gritam praticamente juntas.

— Esta noite, por telefone.

— Como assim, Júlia? — Katy indaga totalmente surpresa.

— Eu já não aguentava mais a pressão e as garras de meu pai sobre minha vida. Cheguei ao limite de tudo o que me faz mal, então é isso... Sou uma desempregada agora.

Dou uma risada, mas elas ficam em silêncio, olhando-me.

— O quê? — pergunto quando vejo suas expressões de espanto.

— Júlia, você não está tentando se rebelar contra a vida, não é? — Alice pergunta constrangida. — Digo, tipo essas pessoas que surtam depois de um momento de estresse, ou coisa assim.

Gargalho alto.

— Eu não estou ficando louca, se é isso que vocês estão pensando — falo confiante. — Não totalmente — arremato, fazendo graça.

— É isso o que você realmente quer? — Pini me pergunta sem julgamentos.

— Sim. — Olho para a estrela mais brilhante de todas. — Durante muitos anos eu fui infeliz com o meu trabalho, mas eu não tinha coragem de enfrentar, de dar um basta. E agora eu fiz.

Levanto o olhar para o céu estrelado e abro os braços como se eu pudesse voar.

— Seu irmão já sabe disso? — Katy questiona. Ela nunca se refere a Daniel pelo nome, somente como meu irmão.

— Sabe, eu liguei para ele e contei. Agora eu faço parte do clube de filhos deserdados. — Mordo a bochecha e dou de ombros.

— Então podemos ver um lado bom no cowboy psicopata, ele despertou algo dentro de você que está te dando forças para lutar — Pini fala simplesmente.

Suas palavras me fazem refletir. Ela pode ter razão quanto a isso, mas eu não quero pensar em nada que envolva Frederico.

— Ou foi o parto da vaca — sussurro.

Katy estoura numa risada alta, e eu e Pini fazemos o mesmo. Alice sorri balançando a cabeça para a gente, com aquela expressão de *vocês são inacreditáveis*.

— Meninas, tenho mais uma coisa para dizer — lembro-me tardiamente. Elas param e me olham desconfiadas. — Amanhã, depois da cerimônia, eu

NACIONAIS - ACHERON

vou embora. Já planejei tudo.

— Júlia, você não vai ficar para a festa? —
Alice pergunta surpresa.

— Não dá, Ali, vocês viram o que aconteceu hoje. Eu não confio nele e, para ser sincera, nem em mim.

Os olhos de Alice expressam seus pensamentos. Ela obviamente não concorda com minha decisão.

— Há mais — acrescento. — Vou ter que sair meio que na surdina e vou precisar de sua ajuda, Pini.

— Claro — ela se prontifica sem nem pestanejar.

Explico certinho o que eu preciso que ela faça, e ela concorda.

— Que pena, Ju, mas no fim, eu te entendo. Embora eu não concorde — Alice fala com seu jeito doce. — Acho que sair fugida não vai resolver o problema.

Inspiro baixo, sabendo que ela tem razão. Porém, não há nada a ser feito. Acabou.

Depois de mais um tempo de conversa e da
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

saída de Pini para seu encontro, dou a noite por encerrada.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 24

Júlia

No SPA, tenho bobs por toda a cabeça enquanto espero para ser maquiada. O lugar está cheio de mulheres que não param de tagarelar. *Frenesi da beleza* resume a situação, e hoje, particularmente, minha cabeça não está ajudando muito a suportar tudo isso. Não dormi praticamente nada, repassando os acontecimentos da semana mentalmente, e o resultado é uma pele horrível e o peso de uma tonelada comprimindo meu cérebro. Tomei um ibuprofeno, mas aparentemente ele ainda não fez efeito.

Dei o meu melhor hoje para não cruzar com quase ninguém durante o café da manhã. Recebi uma ligação de minha chorosa mãe, de um número

desconhecido, tão chantagista emocional quanto meu pai. Francamente, a escola em que eles aprenderam a persuadir fez um bom trabalho. Contudo, eu não cedi dessa vez. Minha decisão foi tomada, e quando eu disse isso, ela soltou um palavrão quase impronunciável.

E cá estou de volta ao presente, assistindo a uma bela cobra se esgueirando na minha direção.

— Olá, Júlia — o desdém escorre de seus lábios. — Esse é o seu nome, não é?

Sem que eu convide, Christine se senta ao meu lado. Olho para um relógio imaginário em meu pulso e faço cara de inocente.

— Até quando eu conferi pela última vez, sim, meu nome ainda é Júlia — respondo com falsa simpatia.

— Uma puta com senso de humor, gosto disso — ela sussurra tão baixo que eu nem tenho certeza se ela disse isso mesmo.

— Como é?

Christine me oferta um sorriso fabricado.

— Exatamente o que você ouviu. — Sua cabeça se inclina para mais perto. — Agora um
NACIONAIS - ACHERON

recado: fique longe do meu homem.

— Seu homem? — repito debochada. — Achei que tivesse sido um namorico de criança, sem importância. — Devolvo o sorriso venenoso. — Mas, de qualquer forma, não perca seu tempo se preocupando comigo, Barbie.

Minha provocação desmonta seu falso humor.

— Fred e eu nos casaremos — a voz nociva esquenta meu sangue. — E não será alguém como você que nos afastará. O aviso está dado.

Antes que meu gênio ruim venha à tona, a boneca inflável sai de meu lado rebolando em seus quadris, e só então volto a respirar. Eu nem tinha percebido que estava prendendo o ar. Observo meus punhos cerrados, afrouxo o aperto e relaxo. Ao contrário do que essa mulherzinha pensa, por mim ela pode ter Frederico inteirinho para si.

Porcaria. Eu não deveria me importar, mas imaginá-lo com ela ou com qualquer outra mulher me faz sentir péssima.

Guardo os sentimentos confusos e espero pacientemente até ser chamada para a maquiagem.

Uma senhora de cabelos vermelhos e uma mecha propositalmente branca na franja, estilosa com seus óculos de gatinha, começa o trabalho.

— Vou reforçar um pouquinho a maquiagem na região de seus olhos, mocinha. Parece que alguém aqui não dormiu muito bem. — Ela dá uma risadinha cúmplice. O chiado no peito indica que a mulher fuma há alguns anos.

Depois de algum tempo, ela me gira para o espelho. Oh, nossa! Essa mulher definitivamente tem um dom. A palidez e as enormes manchas arroxeadas embaixo dos olhos foram embora. Seu truque de maquiagem afinou meu rosto, bronzeou a pele, e até meus lábios ganharam um volume maravilhoso.

— Uau! — Assovio surpresa.

— Técnica de contornos. — Ela dá uma piscadela, orgulhosa de si.

— Você faz mágica, mulher! — Dou-lhe um sorriso e um abraço apertado em agradecimento.



Estou terminando de me vestir. Todas nós, madrinhas, estaremos usando o mesmo modelo de vestido, de uma alça, longo e justo, cor-de-rosa claro, com uma pequena transparência na região do colo. Brilhos estão estrategicamente distribuídos pela cintura. O vestido acentua o corpo nos lugares certos.

Olho para o espelho do quarto e nem me reconheço. Meu cabelo está semipreso, com fios deslizando suavemente pelo rosto. Fazia tempo que eu não me via tão bonita. Minhas amigas, como sempre, estão exuberantes. Pini, Katy e Ali já são naturalmente lindas, arrumadas, então, são de quebrar corações.

— Meninas, nós temos que ir — Alice verifica o horário em seu celular e dá a indicação.

Suas palavras me fazem transpirar. Eu não estou pronta, quero dizer, fisicamente sim, mas psicologicamente não. Em minutos vou ter que encarar o homem e ficar ao lado dele. A ideia me apavora.

Deus me ajude e faça com que ele se mantenha calado, por favor! Com as palmas das

mãos suadas, inspiro profundamente algumas vezes e concordo com a cabeça.

— Tem mais uma coisa — percebo a voz de Alice recuar uma nota, seus olhos vêm direto para mim. — Os padrinhos estão vindo nos buscar.

— Não... — murmuro, perdendo qualquer pouco de coragem. Para não ser traída pelo tremor das pernas, sento-me na beirada da cama.

Minha intenção é permanecer longe de Frederico o quanto mais possível. Eu não confio em mim e no meu corpo para ficar perto dele, eu só estaria dando mais munição para ele me atingir.

— Não se preocupe, vamos resolver isso — Pini anuncia firme. — Olhe para mim, Ju. — Levanto a cabeça e faço o que ela pediu. — Você não vai no mesmo carro que ele, se você não quiser. Nós estamos aqui e não vamos permitir.

— Eu não quero ficar sozinha com ele, Pini. — Estou tão apavorada com a ideia.

— Ok — Katy afirma decidida. — Então você não vai.

— Vou pedir para trocar a carona — Alice sugere.

— Ele não vai aceitar, Alice, ele vai fazer aquilo de novo — faço menção ao ensaio.

— Confie em nós, Ju — Pini pede decidida.

Levanto-me da cama e limpo as mãos. Ajeito o vestido pela milésima vez e inspiro uma grande quantidade de ar.

— Tudo bem.

Pini abre a porta e sai primeiro, Alice e Katy saem atrás, e eu sou a última. A cena lá fora é bastante... impressionante.

Dou um passo atrás, a cabeça em branco. *Oh, minha nossa!*

Há quatro homens impecavelmente vestidos com *smoking* preto, gravata-borboleta e camisa branca, com lenço cuidadosamente colocado no bolso do paletó apoiados em suas caminhonetes. Cacete! Isso está parecendo propaganda de carro esportivo de luxo, cheia de galãs bem-vestidos exalando poder.

Olho ligeiramente para Frederico e fico literalmente sem ar. A explosão de borboletas dentro de meu peito causa danos em meus pulmões, coração e estômago, tudo ao mesmo tempo. Lindo

demais... Maldição!

— Caralho... — Pini silva tão fascinada quanto qualquer uma de nós.

Ninguém ri. Estamos todas sob o mesmo efeito: hipnotizadas pela beleza do time masculino.

Frederico me encara com tanta intensidade que me faz ruborizar inteira. Uma luta começa a ser travada dentro de mim. A razão me lembra de quem ele é, mas o coração não quer ficar mais nem um milímetro longe dele. Faço meu habitual exercício de respiração discretamente e foco em olhar para qualquer outra coisa que não ele.

Gustavo, confiantemente, é o primeiro a se mexer. Ele se aproxima e, inesperadamente, planta um beijo na boca de Pini com intimidade. Minha amiga nem tem tempo de protestar. Ele rapidamente puxa as mãos de Alice e deposita um beijo delicado em seus dedos.

— Vocês estão — ele faz um beicinho como se estivesse buscando palavras — fantásticas.

Alice limpa a garganta.

— Obrigada, Gustavo, você é muito gentil... mas preciso... — Ela olha para mim. — Precisamos

de um favor.

Gustavo me sonda, e compreensão ilumina seu rosto, mas ele não diz nada. Seu olhar se volta para Alice, paciente.

— Preciso que você leve a Júlia em seu car...

— Nem pensar — a voz dura de Frederico a interrompe.

Em um piscar de olhos, ele já está ao lado do amigo. O poder de sua presença, o cheiro e a energia que emanam dele me paralisam.

Imediatamente Pini me afasta para eu ficar atrás dela, e as três fazem uma espécie de barreira à minha frente.

— Ela não quer ir com você — Pini explica calmamente. — Por favor, Frederico. Não vamos criar um caso sobre isso — o jeito educado, mas determinado como ela diz não deixa brecha para argumentos.

— Eu respeito sua opinião, Priscila, mas eu prefiro que a mantenha para você — ele rosna baixo entredentes.

— Irmão, vamos atender ao pedido delas, eu levo a Júlia e você leva a Alice, e depois...

Noto os outros dois padrinhos já próximos, sorrindo, achando graça da situação.

Pini me olha por cima do ombro.

— Na festa você fala com ela — ela anuncia tranquilamente.

O quê? Levanto as sobrancelhas. Ela sabe que eu não vou ficar para a festa. Abro a boca para falar, mas Katy faz um sinal com a cabeça, pedindo silenciosamente que eu confirme, e então eu compreendo que talvez esse seja o único jeito.

Frederico olha para nós, de uma para as outras, e estreita os olhos.

— Eu quero ouvir da boca da Júlia. — Sua desconfiança é evidente.

Se eu confirmar, vou parecer uma mentirosa... Porém... ele já pensa tão mal de mim que não muda nada.

— Eu não quero ir com você — sussurro mirando sua gravata, para não ter que o encarar.

— Olhe para mim — ele exige.

Relutantemente, eu o faço. No momento em que miro seus olhos, arrependo-me. Sou tomada por tantas emoções inexplicáveis. Eu iria com ele

NACIONAIS - ACHERON

até para o inferno agora se ele me pedisse só para estar perto e o sentir de novo. Como ele consegue mexer tanto comigo?

— Me deixe ir — peço controlada, tentando convencer um corpo traidor que quer pular em seus braços.

— Júlia... — Ele bufa frustrado.

— Por favor — entoo firme.

Seus olhos afiados estão em meu rosto, e eu os evito.

— Ok. — Um suspiro irritado abandona seu peito. — Mas nem pense em não entrar comigo naquela cerimônia. E depois que toda esta merda acabar, nós vamos conversar. Você está me ouvindo? — sua voz é baixa e intimidante.

Balanço a cabeça, concordando, sem coragem de encará-lo e mostrar que não haverá conversa entre nós. Nunca mais.

Como o furacão que é, o homem abruptamente vira as costas, visivelmente contrariado.

Alice o segue. Frederico, furioso, segura a porta aberta para ela, e em seguida entra no carro

NACIONAIS - ACHERON

batendo sua porta estrondosamente. No interior, vejo-a colocar uma mão em seu ombro, provavelmente tentando acalmá-lo.



Frederico

Foda-se esta situação toda!

Júlia só está tendo um bom trabalho em protelar o inevitável. Cedo ou tarde esse muro que ela ergueu irá ao chão. Se recusar a vir comigo? O que ela pensa que está fazendo?

Porra! Respire, Frederico, e se controle, cara, mentalizo.

— Inferno — resmungo baixo.

Alice coloca uma de suas mãos sobre meu ombro, e só então me dou conta de que não estou sozinho.

— Tenha calma, Frederico. A Júlia só está evitando que a situação entre vocês fique ruim antes da cerimônia. Ela não quer estragar o

casamento de sua irmã.

Inspiro profundamente.

— Eu estou cansado de toda esta situação, Alice. Sua amiga precisa entender que eu cometi um erro e quero corrigir. Eu acho que podemos lidar com tudo isso como adultos, qual é o problema nisso?

A mulher delicada morde seu lábio, mas não diz nada.

— Seja como for, ela vai falar comigo — resmungo e ligo o carro, determinado a não permitir que ela invente qualquer desculpa para não entrar comigo naquele casamento.

Júlia

Depois de assistir a Frederico e Alice entrando no carro dele, cada uma de nós três caminha rapidamente para o carro de nosso respectivo par sem dizer nada. Entro no carro e me viro para Gustavo, envergonhada.

— Desculpa meter todo mundo nisso. Eu não queria que fosse assim.

Ele sorri.

— Júlia, você não tem que se desculpar. — Noto sua hesitação. — Mas eu gostaria de pedir que você converse com ele, dê uma oportunidade para o cara. Fred é como um irmão para mim, e eu nunca o vi desse jeito.

Mordo a bochecha para reprimir qualquer comentário. Gustavo, pelo contrário, continua:

— Frederico sempre foi um cara muito centrado. Esse lado passional é novidade, e ele não está sabendo lidar com o que ele sente. O cara está fora dos trilhos por você.

Abaixo a cabeça, dando atenção aos meus dedos atrelados uns aos outros. Estou nervosa e me segurando para não chorar. Viro-me para olhar pela janela e me distrair. Gustavo não diz mais nada e segue com a curta viagem.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 25

Júlia

Mal paramos, e Frederico, extremamente determinado, abre a minha porta, não muito gentil. Ele estende sua mão para me ajudar a descer.

— Eu não preciso de ajuda — recuso.

— Você não precisa, mas eu quero — a voz baixa exhibe sua luta para se manter sob controle.

— Irmão — Gustavo alerta com cautela.

Engulo em seco. *Oh, Senhor, outra cena diante das pessoas, não, por favor.*

Na tentativa de evitar maiores danos, decido aceitar sua oferta. Toco a mão grossa e forte, quente como uma brasa viva, e antes que eu consiga colocar um pé para fora do veículo, Frederico me puxa com delicadeza, até que paro em

pé diante à parede de músculos embaixo da roupa elegante.

Impossível não inspirar seu cheiro gostoso, viciante como heroína caindo em minha corrente sanguínea. Puxo forças do mais íntimo para desviar meu rosto para o lado e encarar a linha do horizonte.

— Você está linda — ele sussurra rouco.

A proximidade não é algo com que eu consiga lidar. Todas as células de meu corpo desejam se render à necessidade quase insuportável de ceder. No entanto, Frederico sabe bem como despedaçar uma alma. E esse pensamento destrói qualquer atmosfera.

Limpo a garganta, afastando a vulnerabilidade.

— Obrigada. Vou para a entrada, onde as meninas estão — entoo sem emoção.

— Júlia, espere.

— Por favor, Frederico — peço baixo, evitando outra situação e tentando não perder a determinação. — Logo entraremos lá juntos.

Hesitante, ele segura meu rosto, com
NACIONAIS - ACHERON

suavidade dessa vez, fazendo-me encará-lo. Seus olhos intensos contrastam com tudo o que eu agora sei que Frederico realmente é e que eu tive a infelicidade de descobrir. Aqui ele até parece verdadeiro, parece até que se importa. Porém, iludir-me agora não seria inteligente.

Fecho os olhos com força, sufocada com os sentimentos tão profundos que eu sinto por ele, mesmo não querendo sentir. *Isso também vai passar, Júlia, ele só está jogando com você.*

— Me dê uma chance... — seu sussurro eriça os pelos de minha nuca.

— Não faça isso — imploro baixinho, com os olhos fechados.

Soltando uma lufada de ar quente que acaricia minha pele, o homem decide me deixar ir, não sem antes deslizar seu polegar sobre meus lábios, fazendo-os queimar em fogo vivo. Saio rezando para que minhas pernas não me traiam e eu consiga chegar até onde as meninas estão.

— Você está bem? — Pini pergunta procurando meus olhos.

— Eu tô é ferrada — brinco sem humor.

— Homens das cavernas — ela bufa, tentando me fazer rir.

Alice se aproxima.

— Ju — ela morde o lábio —, eu não quero me meter, eu respeito sua decisão, mas... — ela vacila. — Você não quer mesmo ter uma última conversa com ele, só vocês dois?

— Alice... — Suspiro.

— Júlia, eu reconheço um homem apaixonado quando vejo um, confie em mim — ela sussurra delicada.

Balanço a cabeça.

— Eu também já me enganei antes, Ali, isso é uma armadilha. — Pisco, encerrando o assunto.

Desviando-me de seu olhar apreensivo, tomo meu tempo para reparar em como o lugar está cheio. Há muita gente aqui, a maioria elegantes desconhecidos encontrando seus assentos no jardim impecavelmente decorado. Bianca e Ivan escolheram o melhor dia do ano para realizar a cerimônia. Há flores por todos os lados, o céu está límpido e no azul mais bonito, e o sol, em uma posição confortável. Parece que a natureza decidiu

contribuir.

As pessoas começam a se organizar em seus lugares, e a *sargentona* anuncia o início da cerimônia.

Sem nem precisar olhar para trás, eu sei que Frederico está próximo a mim – o suficiente para estremecer e arrepiar meu corpo. Por que, depois de tudo, eu ainda reajo desta maneira?

— Júlia — ele diz muito perto de meu ouvido, quase me tocando.

Não respondo. Só fecho bem forte os olhos e sugo discretamente todo o ar que meu peito consegue suportar. Meus punhos estão cerrados, e estou mordendo o lábio com força para ganhar algum controle.

— Eu sei que você está bem chateada — o som é um sussurro quente. — Eu não quero te deixar irritada comigo. — Ele move uns fios de meu cabelo para o lado, deixando a pele exposta. — Eu só preciso estar perto de você, menina bonita — a mistura de sofrimento e sedução em sua voz está me excitando sem que eu consiga evitar.

Não tem como eu fingir que o homem não

me afeta, mas constatar que ele está muito provavelmente agindo deliberadamente para tentar me seduzir e depois esfregar na minha cara o quão fraca eu sou me tira da minha razão.

Viro-me para olhá-lo.

— Eu gostaria de te fazer um pedido — encaro seus olhos amendoados, controlando o tom de voz. Suas narinas se dilatam, mas um elevar discreto em sua sobrancelha direita me incentiva a continuar: — Só enquanto tudo isso durar, você pode, por favor, parar com esse joguinho? Não está funcionando, pelo contrário, você está me constrangendo no dia mais importante da vida de sua irmã, quando todo o foco deveria estar nela — digo tão honesta quanto posso. Quero que ele note o que estou sentindo e recue por um tempo.

— Não há nenhum joguinho aqui, Júlia. Eu só quero que você me perdoe, é simples. — Afastando uma mexa de cabelo do meu rosto, ele dá um passo mais próximo.

Inspiro fracamente, mas não lhe dou a satisfação de recuar.

— Eu sinceramente não entendo aonde você

quer chegar depois de tudo o que aconteceu, mas estou te pedindo, se não por mim, então por seus pais e pela sua irmã, que você respeite este momento tão especial para eles.

Frederico expira pesado, desgostoso, olhando dentro dos meus olhos e pairando sobre a minha boca. O jeito com que ele está me encarando faz meu coração disparar. Desajeitadamente passo a língua pelos lábios, tentando umedecer a secura repentina. Ele assiste ao movimento, e percebo sua garganta engolindo a saliva.

— Eu posso fazer isso, Júlia. — Ele solta o ar sem tirar os olhos dos meus. — Mas quando acabar — ele eleva o queixo, mostrando o cenário atrás de mim —, nós vamos conversar e resolver esta situação.

— Certo — minto, não demonstrando minha falta de convicção.

Com o ar denso, tomamos nossa posição atrás dos padrinhos.

A música de entrada começa. Alice e Gustavo iniciam a caminhada rumo ao altar. Os olhos de todos os convidados estão neles,

provavelmente admirados com a beleza do casal. Alice caminha com elegância de braço dado ao de seu par. Sei que ela está sorrindo, minha amiga ama este clima de casamento.

Tento me concentrar somente neles e não estremecer com o toque do homem que fez da minha vida um caos – em todos os sentidos – atrelado ao meu braço.

Nosso contato é como uma dose de adrenalina para um doente em estado terminal. É assim que eu me sinto, aproveitando com todos os sentidos os últimos momentos ao lado desse furacão. Sinto seu cheiro, ouço sua respiração, vejo o movimento sutil de seu maxilar e absorvo o calor de seu braço mesmo por cima de suas roupas. Eu sei, é uma tortura.

Amor próprio deve ser o oposto do que estou sentindo agora.

É a vez de Pini caminhar com seu par no mesmo ritmo que Alice iniciou. Uma gota de suor escorre pela minha nuca, ansiosa para que isso acabe logo. Minha pulsação está nas alturas. O lado bom é que acabo de descobrir que não sofro de

hipertensão, caso contrário já teria morrido aqui. Sorvo uma tragada de ar.

— Você está incrível — ele murmura ao meu lado.

Nem me dou ao trabalho de falar nada, só lhe lanço um olhar do tipo *não abra essa boca*.

Agora Katy começa a entrar. Tento focar no modo como ela anda para garantir que eu não vá cair em frente a toda essa gente. Eu tenho quase certeza de que, se eu cair, Frederico será o primeiro a rir.

Minhas mãos estão transpirando em bicas. Faço um pequeno exercício de várias respirações curtas para controlar o nervosismo. Estou quase entrando em pânico com o medo de eu fazer alguma coisa errada e envergonhar a todos. Minhas pernas estão moles, eu vou cair, tenho certeza. Nunca fui boa em lidar com a atenção dirigida a mim, foram necessários anos para me acostumar às audiências exigidas pela minha profissão.

Fecho os olhos e começo a contar até dez mentalmente e só então percebo que Frederico soltou meu braço. Quando penso em protestar, ele

segura meu rosto com as duas mãos e, surpreendendo-me, beija carinhosamente a minha testa.

— Mas o quê...?

— Não fique nervosa, menina bonita, é só uma caminhada, vai ficar tudo bem — ele murmura no alto da minha cabeça, seus lábios macios ainda em minha pele.

Por mais espantoso que pareça, a atitude do homem conseguiu me acalmar um pouco. Nem quero pensar se isso é um truque, porque está funcionando totalmente. Já sinto a pulsação voltando à normalidade.

Ele volta a unir nossos braços e fica ao meu lado. A *sargentona* faz o sinal. Murmuro um “obrigada” para ele e começo a andar.

Frederico se mantém firme, conduzindo-me com confiança, e, estranhamente, eu me sinto segura. Contudo, só consigo relaxar e sorrir para as pessoas a partir da segunda metade do caminho. Quando nos aproximamos do altar, eu sigo para a direita, e ele, para a esquerda, onde nossos respectivos amigos estão perfeitamente alinhados,

virados para a frente. Em uma escada de quatro degraus estão Alice, Pini, Katy e eu no último. Do outro lado, os rapazes também se posicionam cada um em um degrau. Dou uma breve olhada para Frederico, e ele está perfeito, impecável e inabalável, com os olhos cravados no meu rosto.

Eu aprecio que ele tenha me encorajado lá atrás e que não tenha feito nenhuma gracinha enquanto andávamos juntos, porém, isso não altera em nada os acontecimentos. Francamente, eu acho que a possibilidade de ele estar arrependido é quase nula. Em todas as chances que ele teve de estar comigo depois da situação na clareira, ele só tentou me provocar, envergonhar e atrair para uma nova situação de *eu estou te usando*. Ele não fez nenhuma tentativa de pedir para conversar de verdade, sem usar a tática de seduzir.

Lembro que, no segundo dia em que ficamos juntos, eu perguntei se ele era bipolar, e a resposta foi não. Hoje, eu de fato concordo, ele não é bipolar. Ele é um sádico, e eu não tenho nenhuma capacidade emocional para lidar com algo assim.

Paro de pensar nele para prestar atenção nas

próximas pessoas que estão entrando. Primeiro a jovem dama de honra vem jogando pétalas de rosas por todo o caminho. Uma nova música começa a tocar, e logo entram o pai de Ivan e a mãe da noiva. A senhora Cecília está linda, uma verdadeira dama, com pele e penteado impecáveis e joias adequadas para um final de tarde. Ivan é o próximo a entrar, de braço dado com sua mãe. Ele está visivelmente emocionado, seus lábios estão tremendo, e todo o tempo ele sorri nervoso. É impressionante, quem diria que aquele menino gordinho e com meleca no nariz se transformaria nesse homem bonito e de bom caráter, que hoje está começando sua própria família? O tempo passa muito rápido.

A melodia comovente cantada pelo coral anuncia a chegada da noiva, linda, envolvida em um véu longo e branco arrastando por onde ela passa. Os raios solares enfraquecidos refletem nela, causando um efeito celestial, fazendo-a parecer um anjo. Todos os convidados estão de boca aberta, exclamando sons de admiração. Seu pai, elegante e orgulhoso, traz a filha e a entrega a Ivan.

Frederico tem os olhos cheios de amor por

sua irmã.

A cerimônia é pura emoção, e o ponto alto é o momento em que meu amigo fala seus votos para a noiva. Ele está muito emocionado, em alguns momentos sua voz falha, mas as palavras são perfeitas, e não há uma mulher aqui hoje que não tenha derramado ao menos uma lágrima.

Não consigo deixar de olhar para Frederico ao ouvir frases como *eu sabia que estaríamos unidos para sempre desde o momento em que olhei em seus olhos*. Eu sei que nunca terei um amor assim, mas e as sensações que eu tive com Frederico, as borboletas no estômago, o frenesi, a paixão, o desejo, a sensação de ser preenchida completamente? Eu encontrarei isso novamente?

Ele está me encarando, aliás, durante toda a cerimônia, eu senti seus olhos sobre mim. Em alguns momentos perdi até a concentração no que acontecia ao redor, tentando me esforçar para não ceder ao impulso de implorar para que pudéssemos voltar ao início de tudo.

Eu sei... estou sob os efeitos do casamento e sou uma legítima masoquista.

PERIGOSAS

Além de que nada mudou.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 26

Júlia

As benções finais são dadas. Os recém-casados saem na frente, explodindo em sorrisos. Os pais orgulhosos seguem atrás, e nós, padrinhos, posicionamo-nos para sair na mesma ordem em que entramos, sempre supervisionados pela *sargentona*. Livrar-me dessa mulher será tão prazeroso quanto colocar um fim nessa confusão com o furacão lindo e sádico.

A mão quente toca meu cotovelo nu, e meu peito se aperta. Discretamente fecho os olhos, aproveitando nosso último contato. Deslizo o braço pelo seu, e vamos caminhando em comitiva, assistidos pelos convidados.

Chegou o momento. É a hora de partir. Não

há como voltar atrás.

A sensação não é nada como eu pensava que seria. Olho para rosto do cara que mudou completamente a minha vida. Ele está sorrindo lindamente para seus amigos, todos sob os efeitos da atmosfera que a cerimônia criou. Por que as coisas tinham que acabar desta forma? *Porque você não pensou com a cabeça, Júlia.*

Paramos na entrada. Deslizo lentamente o braço para sair de seu aperto, mas sua outra mão segura a minha. Levanto o rosto e o pego me encarando, caloroso, cheio de palavras não ditas, totalmente o oposto do homem que fez com que eu me sentisse suja só com o olhar.

Eu tenho que acabar com isso agora para não me machucar de maneira pior depois. Ninguém nunca mais vai me ferir daquele jeito.

— Frederico. — Meu coração acelerado quer sair pela boca. — Nós... acabamos aqui — sussurro sem voz.

Ele me olha confuso. Eu sei que não deveria me despedir, Frederico é muito imprevisível e provavelmente tentará me impedir, mas eu não

gosto da ideia de sair fugida. Parece covardia.

— Do que você está falando? — seu tom é calmo, mas desconfiado.

— Eu... eu... É... — não consigo encontrar as palavras certas.

Neste momento Pini caminha em minha direção fazendo um discreto sinal de que ela já tem o que preciso. Solto a respiração presa.

Alice e Katy observam de longe. Combinamos isso para não levantar suspeitas.

— Preciso sair. — Sorrio com esforço.

Pini para ao nosso lado, evitando enfrentar Frederico.

— Ju, você va-vai trocar as sandálias?

— Sim — falo sem conseguir tirar os olhos dele.

— O quê? — ele indaga olhando de uma para a outra.

— Ela precisa trocar as sandálias, essas estão machucando — Pini tenta agir com naturalidade.

Sua expressão desconfiada não suaviza.

— Vou voltar ao quarto, tirar estas sandálias.

— Abaixo os olhos, com a sensação de nós apertando a garganta.

— Eu levo você — ele afirma, apertando ainda mais minha mão.

— Não, não é mesmo necessário, Frederico. — Pini sorri docemente. — Eu já pedi o carro de Gustavo emprestado. — Ela balança as chaves no dedo. — E eu também preciso trocar as minhas.

Aproveito o momento em que percebo Frederico ligeiramente surpreso com a maneira agradável de Pini dirigida a ele e me desvencilho de seu braço.

— Então... tchau, Frederico — falo baixo, fraca.

Viro-me, saindo rapidamente para que ele não perceba o tremor em meu corpo e o embargo da minha voz.

— Júlia — ele me chama. Olho-o por cima do ombro. — Eu... eu... — Seus olhos tentam transmitir uma centena de emoções, mas sua boca não diz nada.

Espero, mas ele não termina a frase. Com o coração apertado, sigo meu caminho. Entro no
NACIONAIS - ACHERON

carro com pressa. Pini liga o motor e dirige para longe.

— Você tem certeza do que está fazendo, Ju?

— É melhor assim — só consigo dizer isso, estou me esforçando para administrar todos os sentimentos esmagando meu peito.

Ela suspira, mas não diz mais nada.

O táxi já está à espera à porta da casa de hóspedes, conforme combinado. Pini estaciona bem ao lado do veículo, e nós duas corremos para dentro de nosso quarto. Pego uma mala, e ela, a outra. Agimos com tanta rapidez que é como se uma vida dependesse disso. Na verdade, eu acho que a minha depende, quando ele souber o que eu fiz.

O taxista percebe nosso frenesi e se apressa em guardar as malas.

— É isso, amiga. Nos vemos na semana que vem. — Abraço Pini com força. — Eu te amo muito, desculpa por te colocar nessa.

— Eu também te amo, Júlia. — Ela me aperta em seus braços. — Eu só não tenho certeza de que fugir é o melhor. Eu não curto muito esse cara, mas ele claramente gosta de você.

— Já está feito, amiga. — Aproveito e dou a ela o bilhete que escrevi para Bia e Ivan. — Toma, por favor, entregue para a Bia.

Limpo uma lágrima teimosa que tenta descer pelo rosto.

— Ju... — Pini suspira.

Beijo-a e entro no táxi. Abro a janela e faço o último pedido:

— Pini, por favor, não se esqueça de esperar pelos menos dez minutos antes de voltar para lá. — Encolho os ombros. — Nunca se sabe. — Quero estar longe quando Frederico perceber o que estou fazendo. — Vamos, por favor — peço ao motorista.

Não preciso falar duas vezes. O homem entra no clima de fuga e acelera.

Na medida em que o carro vai se distanciando, começo a cair na real. Eu saí fugida, sem me despedir de ninguém. Os pais dele foram tão legais comigo, e eu não me prestei a dizer nenhuma palavra. Isso é mais do que ser mal-educada. Eu me hospedei com tudo pago, por dias, no paraíso e vou embora sem agradecer.

Posso pensar nas mil coisas que eu fiz de
NACIONAIS - ACHERON

errado nestes últimos dias, mas nada suaviza a sensação de perda que estou sentindo agora. Estou muito além de me sentir uma merda, isso é pouco.

Olho para a longa estrada de chão ficando para trás, ao longe a placa de entrada “Fazenda Alegria”, que nome conveniente. Tenho uma vontade irritante de chorar. Fecho os olhos com a imagem de uma única pessoa na mente e começo a contar até dez, cem, mil, um milhão... qualquer coisa que me distraia e me dê forças para que eu não desmorone antes de estar em casa.

Embarco no avião, agradecida por conseguir comprar uma passagem em cima da hora, apesar de desembolsar uma pequena bagatela que vai doer no meu bolso desempregado, outro problema que tenho que resolver.

Pego o celular para o colocar no modo avião, ligo a *playlist* e me afundo na poltrona. Estou por um fio para não cair na tentação de desabar em lágrimas.



Frederico

Olho para o relógio, impaciente. Já faz mais de vinte minutos que Júlia foi para o quarto trocar as sandálias. Estou no salão esperando por ela, e nada.

Mal consigo administrar a ansiedade. Precisamos conversar e acabar logo com essa confusão em que eu nos meti. Eu sei que a tarefa não será fácil. A mulher está jogando duro comigo, e eu totalmente mereço toda a merda que vier. Eu fui um babaca e só quero que ela entenda o meu lado, e me perdoe.

Não consigo tirar meus olhos da porta.

— Filho — escuto a voz cautelosa de meu pai.

O velho está parado ao meu lado, com as mãos nos bolsos. Para ser honesto, eu nem sei há quanto tempo ele está aqui, tudo o que estou pensando é em encontrar as palavras certas para fazer a pequena bruxa me escutar.

— Pai — solto junto a uma respiração pesada.

NACIONAIS - ACHERON

Meu pai é o cara que mais respeito no mundo. Ele é minha motivação e maior exemplo. Eu dei duro para recuperar sua confiança e até hoje ainda me sinto um lixo quando penso em toda a dor que lhe causei. Porra, eu quase o matei. Vou levar para sempre essa culpa. Todos os dias trabalho pesado para fazê-lo se orgulhar de mim.

Todavia, nesta semana, acho que orgulho não é bem o que ele está sentindo a meu respeito.

— Fred, o que você está tentando fazer? — sua voz exala preocupação.

Penso na resposta certa para sua pergunta. O que estou tentando fazer? Talvez consertar a burrada que fiz ao arrastar a mulher que vem me deixando maluco nos últimos dias para o meio do mato e a arrasar com acusações e palavras que tenho até vergonha de me lembrar.

Eu não consegui raciocinar direito quando a vi com a boca colada naquele DST ambulante. Fiquei cego. Maldição. Por que Júlia tinha que fazer aquilo? Estava tudo bem entre a gente, estávamos nos entendendo... apesar daquela aposta ridícula que não saía da minha cabeça.

Vê-la com outro cara explodiu meu juízo. E na hora da raiva, eu só tive vontade de infligir a ela toda a dor que eu mesmo estava sentindo. Fato é que Júlia mexeu comigo. Entrou nas minhas veias, e isso tem me perturbado.

Se eu pudesse voltar no tempo... mas as marcas de meus dedos em seus braços pálidos me lembram que não dá para voltar atrás e não será tão fácil consertar essa situação.

— Eu preciso que ela me escute, pai. Eu só preciso que ela me ouça. Eu nunca deveria tê-la tratado daquele jeito... Eu...

— Filho, dê um tempo para essa menina. Suas atitudes nos últimos dias não estão deixando que ela veja o grande homem que você realmente é. Se afaste um pouco e espere, no momento certo vocês vão conversar. Eu sei disso.

Não é uma ordem, é um pedido do cara que está vendo o caos por que estou passando.

Olho para o relógio de novo. Ela está demorando.

— Eu não consigo, pai. Ela vai embora em poucos dias, se eu não falar com ela hoje, talvez

nunca tenhamos chance de resolver isso. Ela é... importante para mim — falo resoluto, cansado de lutar contra esse sentimento.

Meu pai só faz balançar a cabeça. No fundo, ele me compreende.

Gustavo chega ao meu outro lado, e meu pai aproveita o momento para nos deixar.

— E aí, irmão, como você está? — Ele me dá um tapa de leve nas costas.

— Do mesmo jeito — respondo sem mais. Ele me conhece desde moleque e sabe que definitivamente estou sem chão. Penso nessa mulher o tempo todo, desde que botei meus olhos nela, quando presenciei aquele maldito joguinho. Eu nunca pretendi que as coisas ficassem como estão. Fiz de tudo para removê-la completamente de meu sistema, mas não é o suficiente, a garota é como uma droga viciante. Ela virou minha obsessão, e isso tem me deixado maluco.

— Elas estão demorando — falo mais para mim do que para ele.

Neste momento, a tal Priscila, a amiga assassina de Júlia, entra pela porta. Sozinha. Olho

para os seus lados e não vejo Júlia em lugar nenhum. Onde ela está?

Caminho rapidamente para encontrar a mulher. Seus olhos, quando encontram os meus, dizem-me tudo o que eu precisava saber.

— Cadê ela? — pergunto não escutando o som de minha própria voz.

Gustavo se aproxima e fica ao nosso lado.

Priscila olha para o chão, dá uma respiração forte e volta a me encarar.

— Ela se foi...

Porra!

— O quê?! — solto um grunhido quase ininteligível.

Ela morde o lábio e olha de mim para meu amigo. Seus olhos exibem algo como culpa e pena.

— Ela precisava ir embora, Frederico. A garota não estava se sentindo bem aqui — ela gira a mão, apontando para mim —, com esta situação. Foi melhor assim.

Como se o chão fosse puxado de sob meus pés. É assim que estou me sentindo, além de com uma dor absurda me rasgando. Talvez a pior que eu

NACIONAIS - ACHERON

já senti.

Suas amigas se aproximam de nós, mas já não vejo nada à frente. Eu a perdi. Ela foi embora, e nós não tivemos chance de nos entender. Ela não me deu uma chance. Eu estraguei tudo.

— Frederico. — Alice toca meu ombro com cuidado, assim como fez no carro há mais de uma hora. — A Ju está muito magoada agora, mas isso vai passar com o tempo. Quem sabe vocês possam conversar num outro momento?

Não digo nada, pois não sei o que falar. Só consigo pensar no que fazer para reverter isso. Júlia não deve estar longe. Não faz tanto tempo assim que ela saiu. Eu ainda posso impedi-la.

— Como ela foi? — pergunto sem foco, mas olho diretamente para Priscila. Estou ficando sem ar.

— Ela pegou um avião — ela responde imediatamente. No entanto, não vejo muita segurança em sua voz.

Provavelmente Júlia está no aeroporto tentando conseguir um voo. Eu ainda tenho chance de encontrá-la lá.

— Eu vou atrás dela — afirmo, decidido. Suas amigas e mesmo Gustavo me olham atônitos. Eles definitivamente não acham isso uma boa ideia, mas que se fodam. — Vocês não entendem, eu preciso falar com ela.

Desvio deles e saio correndo para o meu carro. Coloco as chaves na ignição com as mãos tremendo. Eu não posso deixá-la sair da minha vida. Eu amo essa mulher.

Como um louco, após voar pelas estradas, deixo o carro de qualquer jeito no estacionamento do pequeno aeroporto e entro correndo no saguão, só para constatar que o avião acabou de decolar. Levo as mãos para o cabelo e o agarro com força. Mal consigo ficar em pé, meu peito está queimando.

Eu a perdi.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 27

Júlia

Chego a casa depois de longas horas, com a sensação de que voltei de uma guerra. Estou acabada e não consigo reconhecer nada na pequena caixa em que moro. Meu apartamento não é minúsculo, mas também não é grande, há uma cozinha integrada com a sala de tamanho razoável e dois quartos. No entanto, fechar a porta atrás de mim e olhar para o lugar me faz sentir presa. Este ambiente não tem vida. Estou sufocada, mas este é o menor de meus sentimentos neste momento.

Depois de nem imagino quanto tempo olhando para o nada, pego uma garrafa de vinho e vou me arrastando para o quarto. Pouso a garrafa na cama, tiro meu pior conjunto de moletom do

armário e o visto. Estou feia e confortável, pronta para enfrentar horas de profunda fossa. Ligo o som no último volume, abro as portas da sacada e me sento na espreguiçadeira com a garrafa. Respirando o vento gelado, começo a beber e, é claro, para completar a novela mexicana, choro muito.

Nunca soube o que é sofrer por amor e estou até meio feliz por saber que posso sentir isso. Conforme o líquido da garrafa vai diminuindo, eu vou ganhando mais confiança. Na metade da bebida, eu já me sinto uma cantora profissional. Destemidamente, levanto-me e vou até a beirada da sacada, abro os braços como se fosse voar e grito a plenos pulmões, juntinho com a música mais melosa e chorosa que encontro. Air Supply, com sua *All out of love* invade o ambiente e me convida a cantar junto:

*I'm lying alone with my head on the phone
Thinking of you till it hurts
I know you hurt too but what else can we do
Tormented and torn apart*

*(Estou deitado sozinho com minha cabeça ao
telefone*

*Pensando em você até doer
Eu sei que você também está magoado
Mas o que mais podemos fazer?
Atormentado e separado)*

*I wish I could carry your smile in my
heart*

*For times when my life seems so low
It would make me believe what tomorrow
could bring
When today doesn't really know, doesn't
really know*

*(Eu gostaria de poder carregar seu sorriso
no meu coração*

*Pelos momentos quando minha vida parece
tão ruim*

*Isto me faria acreditar no que o amanhã
poderia reservar*

Quando o hoje realmente não sabe)

I'm all out of love, I'm so lost without you

*(Eu estou completamente sem amor, estou
tão perdido sem você)*

Minhas cordas vocais estão ardendo, mas eu grito alto com a música. No topo da sacada, com o vento no rosto, de braços abertos, sinto-me a própria Rose de *Titanic*. Canto e choro igual a uma demente.

— Cale a boca! — o berro de um vizinho do prédio em frente me chama a atenção.

Estou tão bêbada que não tenho a menor ideia se o cara pode ver, mas mesmo assim lhe mostro o dedo do meio e continuo. Tenho certeza de que amanhã vou estar profundamente envergonhada de minha *breguice*.



Frederico

NACIONAIS - ACHERON

Fodido, irritado, odiando e amando a mulher. Nada poderia estar pior. Depois de rodar por algumas horas, perdido e sem o menor ânimo, decido atender ao pedido que minha irmã fez através da mensagem de texto e voltar para a maldita comemoração. Bianca quer fotos comigo em seu dia, e eu devo isso a ela. Ninguém tem culpa se me envolvi com uma bruxa covarde incapaz de perdoar.

A primeira parada é no bar instalado dentro do salão de festa. Engulo logo duas doses do pior destilado, e nem assim ameniza a queimação no peito.

Bianca, minha irmãzinha, para ao meu lado, fazendo um sinal para o barman, que coloca uma dose da mesma bebida para ela.

— À minha felicidade. — Ela eleva o copo e, com um sorriso travesso, vira a bebida de uma vez, imitando-me.

— À sua felicidade — repito e lanço outra dose em meu sistema.

— Você sabe o quê, *irmãozão*? Você perdeu

uma garota incrível — com tom doce, ela crava a faca invisível ainda mais fundo.

— Obrigado por me fazer lembrar — devolvo amargo.

— Leia isso. — Ela retira um pedaço de papel, dobrado algumas vezes, de dentro de seu decote e me oferece.

Levanto a sobrancelha, confuso com a cena, mas aceito o papel.

Antes que eu possa abrir a boca, Bianca segue seu caminho para a pista de dança dando pulinhos de alegria. Ivan a pega nos braços e a embala em um ritmo vergonhoso. Ainda bem que ela não se casou com ele por seus dons de dançarino.

Volto a me concentrar no papel, desdobro-o e observo a bonita caligrafia.

Queridos Ivan e Bianca,

Quero que saibam que, mesmo longe, meu coração e meus melhores votos estão com vocês.

NACIONAIS - ACHERON

Amo-os profundamente e desejo um dia poder encontrar alguém que me olhe com o mesmo brilho e respeito que vejo nos olhos de vocês. Desculpem-me pela maneira como saí, sem me despedir e tampouco agradecer. Espero que possam compreender.

Com todo amor, Júlia.

Inferno! Releio o papel, principalmente a parte de querer encontrar *alguém*. Não haverá outro *alguém* para ela. Eu ainda não sei como a terei de volta, mas não penso em desistir. Não assim, tão fácil.

Observo meu cunhado e vou atrás do plano B.

Júlia

Um vento frio entra pelas minhas narinas. A

claridade cegante me atravessa as pálpebras.

— Ai... — gemo e tento falar, mas as palavras não saem.

Estou de olhos fechados, e algo aconteceu com a minha cabeça. Acho que alguém me bateu com uma força brutal e também colou meus olhos. O que está acontecendo? Por que não consigo me mexer?

Depois de muito tempo consciente, mas imóvel e com dores horríveis, finalmente consigo abrir as pálpebras lentamente e enxergar o trem que me atingiu. Eu estou no chão frio da varanda de meu apartamento. À minha frente, uma garrafa vazia de um uísque bem vagabundo é a razão de meu tormento físico. Que diabos! Eu dormi aqui fora? Bêbada?

É ridículo, eu não consigo nem me levantar. E mais vergonhoso ainda é perceber que eu vomitei pelo chão a fora. Ultrajante!

Com o estômago para lá de revirado, levanto-me desajeitadamente, gemendo como uma doente. Antes de voltar para dentro, começo a dar um jeito no chão nojento. Movimentando-me vagorosamente

e sem equilíbrio, encho um balde com água e sabão e jogo a mistura no chão, empurrando a bagunça para o ralo.

Estou em tão péssimo estado que enfio a cabeça embaixo da torneira e esguicho água fria pelo cabelo e rosto, numa tentativa frustrada de melhorar a sensação de peso e dor. Entro no quarto, mas não me animo a tomar banho, apesar de estar precisando muito de um agora.

Sem vaidade, como a bola molambenta que estou, enfio uma toalha na cabeça e vou a passos de zumbi até a cozinha. Ligo a cafeteira, implorando para que ela acelere o processo e me salve. Logo uma abençoada xícara de café fumegante está em minha mão trêmula. O gosto da bebida extremamente quente se espalha pela boca e me faz dar um pequeno gemido de satisfação. Pelo menos um mísero prazer no meio de tanto caos.

Pareço meio dramática agindo desse jeito, mas é como me sinto. Estou prazerosamente curtindo a dor do amor. Eu sabia que este momento chegaria, eu esperei por isso a vida toda. Eu tinha certeza de que algum dia eu me sentiria humana

assim. Todos os sentimentos superficiais que eu tive até hoje me fizeram desacreditar que eu poderia viver estas emoções tão profundas, e de certa forma, estou feliz por estar sofrendo... Só espero que não dure muito, porque eu não suportaria esta sensação de algo rasgando meu peito a cada vez que me lembro do rosto de Frederico.

Caminho para a porta, onde minhas malas estão largadas no chão. De dentro da bolsa, retiro o celular. Estou surpreendentemente ansiosa para ver se há alguma informação sobre o homem. Pois é, meu lado masoquista é incontrollável.

Minhas mãos estão gelatinosas, e não tem mais nada a ver com o álcool, é somente a ansiedade mesmo fazendo seu bom trabalho. Ligo o aparelho, para encontrar nove mensagens e 15 chamadas não atendidas, a maioria de um número que não conheço.

Abro primeiro as mensagens de minhas amigas, na mesma sequência em que chegaram.

✉ **Remetente:** Pini

Avise-me se deu tudo certo no aeroporto. Vou voltar para a festa agora. Amo você.

✉ **Remetente:** Pini

Ju, sua fuga já foi notada. O cara está desnorteado e indo para o aeroporto. P.S.: Minha companhia pós-festa ficou aborrecido e acabou de me dispensar. Trate de me apresentar um amigo bem gostoso para compensar minha terrível perda ù . Amo você, gatinha. Boa sorte.

✉ **Remetente:** Alice

Ju, deixe-nos saber que você está bem. Estamos preocupadas.

✉ **Remetente:** Katy

Ursinha, como você não nos responde, liguei para sua portaria e me disseram que você já

chegou. Descanse e não vá fazer nenhuma besteira. Sei que não é o momento para dizer isso, mas o cowboy está quebrado.

Posso imaginar minhas irmãs e parceiras de crime preocupadas. Estou me sentindo mal por metê-las nesse rolo. É desconfortável que eu tenha saído fugida e com a ajuda delas. Mais uma para a conta de merdas que estou fazendo.

As palavras de Katy me abalam um pouco. Meu coração acelera descompassado quando começo a abrir as mensagens do mesmo número desconhecido que me ligou 15 vezes. Os horários dos textos se estendem pela madrugada.

✉ **Remetente:** Desconhecido

Júlia, atenda esse telefone e me deixe falar nem que seja pela última vez. Por favor, menina bonita, vamos conversar. Não sei como trabalhar esta situação toda, eu só sei que dói como o inferno.

✉ **Remetente:** Desconhecido

*ATENDA A PORRA DO TELEFONE.
AGORA.*

✉ **Remetente:** Desconhecido

*Como sempre, mentindo e fugindo. Pensei
que você fosse mais corajosa do que isso. Pelo
menos atenda.*

✉ **Remetente:** Desconhecido

*Você prometeu que conversaríamos. Fale
comigo.*

✉ **Remetente:** Desconhecido

Tudo bem. Já entendi seu silêncio.

Suas mensagens me dão uma noção de como foi sua reação quando eu saí. Metade de mim está feliz por pensar que ele pode estar sofrendo pelo menos um terço do que estou passando. A outra metade está se segurando para não ligar para ele neste momento.

A sensação de lágrimas nos olhos, tão familiar, já está presente, e imagino que ainda vá levar algum tempo até que eu me permita não chorar mais por tudo isso. O importante é que a decisão foi tomada, vou me manter longe de qualquer pensamento sobre Frederico. Será uma dura batalha a ser travada, mas vou conseguir.

Não tem como negar que eu não esperava que ele fosse ligar ou mandar mensagens e que suas palavras balançaram profundamente minhas estruturas. Porém, é só isso e logo vai acabar. Imagino que em um mês ele nem vá se lembrar de mim, e eu espero não me lembrar mais dele também, mesmo achando que é quase impossível.

Contra a vontade da masoquista em meu interior, faço o que é esperado por alguém que quer esquecer: bloqueio o número do telefone dele. Ele

não poderá mais mandar mensagens ou fazer chamadas para o meu número.

Por hoje já tive uma dose cavalgar de informações, mais do que gostaria. Envio uma única mensagem para as meninas, dizendo que estou bem e que ligo de volta quando eu puder. Desligo o celular e o enfio na última gaveta.

Encho a xícara com mais café e fico em pé, inclinada na ilha da cozinha, divagando. Racionalizando sobre tudo, eu não consigo mais me sentir magoada. Eu sinto tristeza pelas palavras que ele usou naquele dia, pareceram sujas, mas eu entendo – agora que estou longe. Ele estava nervoso e possivelmente perdeu o raciocínio. Ainda assim, dói para cacete.

Avaliando friamente todos os nossos momentos juntos, eu posso ver com clareza que ele me deu várias oportunidades para contar sobre a aposta, e sim, eu deveria ter dito... talvez evitaria todo esse transtorno.

Se na primeira noite, na gruta, eu tivesse falado a verdade, ele provavelmente teria a mesma reação negativa, acredito que com menos

intensidade, mas teria. E o problema real não foi o fato de termos feito uma brincadeira boba entre amigas. O fato é que ele tem feridas profundas causadas pela tal mulher que brincou com seu coração no passado, e meu comportamento fez com que ele me associasse a ela.

O que ele não conseguiu ver foi que, com ou sem aposta, no momento em que coloquei os olhos nele, eu me senti imediatamente atraída. Foi isso, não tinha mais como voltar atrás.

Bufo, conformada. Eu já tenho minhas próprias batalhas para enfrentar e preciso ter a cabeça em ordem. Vida que segue. A tristeza e a dor um dia irão embora.

Tomo um banho sem muito cuidado e me enfio na cama. Dia e noite se emendam, mas eu não me levanto, exceto para usar o banheiro. Não consigo beber ou comer nada, o sono me satisfaz. Minhas costelas chegam a doer de tanto tempo deitada, mas dormir é bom, consome o tempo livre, e não preciso pensar em nada. Não é o caso de sonhar, porque Frederico entrou em meus sonhos mais vezes do que eu gostaria.

PERIGOSAS

Sinto-me como uma pessoa em reabilitação.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 28

Júlia

O som insistente da campainha seguido de batidas à porta tenta me arrancar do sono, mas eu não permito. Enfio um travesseiro na cabeça e deixo quem quer que esteja lá fora pensar que não estou em casa. As batidas são insistentes.

Que droga! Eu não quero ver ou falar com ninguém! O barulho de repente para. *Ótimo, a pessoa desistiu.* Amasso o travesseiro contra a cabeça, com um suspiro.

— Eu esperava mais de você — a voz calma de meu irmão atravessa o quarto.

Putz! Retiro o travesseiro da cabeça e lentamente me viro na cama para encarar a porta, onde ele está encostado ao batente, de braços

cruzados sobre o peito.

Merda. Sim, ele tem a chave.

— O que está acontecendo com você, irmãzinha? — ele indaga calmo, olhando-me inexpressivo.

Sento-me na cama, com a coluna dolorida de tanto dormir.

— E-e-eu... só estava dormindo? — respondo com uma pergunta, encolhendo os ombros, sem ter muito o que dizer.

Daniel me analisa dos pés à cabeça.

— Quando foi a última vez que você comeu? — escuto a reprovação no comentário.

Sinto-me um pouco envergonhada com o modo como ele está me olhando, com preocupação e desgosto.

— Agora há pouco — minto.

Ele solta uma lufada de ar, frustrado.

— Sei. Vá tomar um banho enquanto preparo uma refeição. Precisamos conversar.

Concordo balançando a cabeça para cima e para baixo vagarosamente. Entro no banheiro e me

assusto quando paro em frente ao espelho. Estou com o rosto fino, olhos inchados e vermelhos, e minha pele branca tem um aspecto mórbido. Pálido é dizer pouco. Meu cabelo parece que recebeu uma lata de óleo, está totalmente seboso.

Tento não me importar e entro no chuveiro com a água escaldante. Lavo os cabelos, esfrego o corpo com bastante sabonete e, quando me sinto limpa o suficiente, desligo e me envolvo em um roupão.

Desembaço o espelho para ver minha pele agora vermelha. Seco muito mal o cabelo e o penteio, escovo os dentes com um pouco mais de força. *Já me sinto mais digna agora.*

Enfio uma camiseta branca e shorts e arrasto minha bunda para a cozinha. Sento-me na banqueta, observando meu irmão preparar macarrão *penne*. O cheiro está divino, e só agora percebo que, de fato, faz muito tempo que não como. Uma fome monstruosa faz barulhos dentro de meu estômago.

— Parece muito bom — quebro o silêncio.

— Você também, parece menos desprezível

agora — percebo a ironia, daquele jeito que ele faz desde que éramos crianças para dizer que está desapontado comigo.

Abaixo minha cabeça, envergonhada.

— Só estou curtindo um descanso... de tudo — resmungo.

Ele empurra um prato cheio e um copo de água à minha frente.

— Coma. Depois conversamos — é uma ordem.

Por alguns minutos, ele não diz mais nada, apenas se senta e me assiste a comer. Gemo, deliciada com o sabor.

Daniel é muito bom na cozinha. Talvez porque ele mora sozinho e se obrigou a aprender. Ele é totalmente independente, tenho um tremendo orgulho do quão homem com “H” maiúsculo ele é. Gentil, bom cozinheiro, bonito, ama esportes radicais, tanto que criou uma empresa bem-sucedida voltada para isso, tem um coração gigante e é um excelente irmão. Mesmo quando ele abandonou tudo, nunca tentou me convencer a fazer o mesmo ou me dissuadir contra nossos pais.

E mesmo que eu não faça ideia de como ele soube que eu precisava de sua presença, ele está aqui.

Termino de comer, totalmente satisfeita. Lavo a louça e a deixo para escorrer.

— E então? — Daniel pergunta.

— Então o quê, Dani?

— Não vai me dizer o que aconteceu? Por que você está desse jeito?

— Por nada, eu só estou cansada.

Ele se levanta, cruza os braços e faz aquele olhar de *fala sério*.

Suspiro.

— Tá, eu não tô muito legal, e isso é tudo.

— O que aconteceu no casamento do Ivan?

Olho para ele, desconfiada.

— Por que você está perguntando isso?

— Porque é óbvio que alguma coisa aconteceu. Eu te conheço, Júlia... — Ele sorri. — Além do que, você voltou antes de as meninas, e elas não conseguem falar com você.

— Você falou com elas? — questiono,

curiosa para descobrir o que ele sabe sobre os acontecimentos.

Ele bufa.

— Pini me ligou e falou brevemente que você teve que voltar antes, mas ela não consegue falar com você ao telefone. — Ele estreita os olhos e me observa com mais atenção. — Vocês brigaram?

Tenho vontade de rir do tom incrédulo que ele usou. Eu e elas nunca brigamos. Nossas divergências de opiniões são respeitadas e resolvidas na mesma hora. Eu nem saberia o que fazer se algum dia qualquer uma delas se afastasse de mim.

— Claro que não.

Seu olhar se torna ainda mais curioso.

— Então o quê?

Que saco, eu esqueci de dizer que Daniel é muito insistente e persuasivo.

— Eu meio que... baguncei algumas coisas.

Ele se senta, esperando. E eu não falo mais nada.

— Ah, vamos lá, Júlia... — Seu sorriso torto me irrita. — Você acha mesmo que não vai me
NACIONAIS - ACHERON

contar nada e tudo bem? Você me conhece melhor do que isso, irmãzinha. Não saio daqui sem saber. Desembucha.

— Eu conheci um cara...

— E?

— E eu meio que gosto, ou gostei dele. Mas não deu certo, então eu voltei.

— Vamos, quando eu cheguei aqui você estava na pior, tem que ser mais do que isso.

Sento-me, apoio a cabeça entre as mãos e começo a falar:

— Eu nunca tinha conhecido ninguém como ele antes. Ele mexe demais comigo. Só que nunca daria certo.

— Por que não daria?

— É complicado... — gemo frustrada. — Ele me odeia.

— Como assim ele te odeia? — ele inquire paciente.

— Eu e as meninas fizemos uma aposta, e ele me odeia por isso.

— Explique isso melhor.

Levanto a cabeça e olho para meu irmão, que está prestando toda a atenção em mim.

Suspiro, com vergonha.

— Uma brincadeira boba que fizemos sobre conquistar alguém...

— Ideia de Katarina, pelo jeito — ele me interrompe.

Mordo o lábio para não rir do modo como ele falou o nome dela.

— Eu perdi e tive que conquistá-lo.

— E o cara ficou furioso por ser usado.

Balanço a cabeça, concordando. Parece uma história tão boba...

— Eu estraguei as coisas.

Meu irmão estende a mão e me toca.

— Você se importa com ele o suficiente para sofrer, então peça desculpas. É simples, Júlia.

— Não, não é tão simples... Ele tem toda uma história de não gostar de mentiras, e isso fodeu tudo... — Fico quieta um pouco. — Mas agora é tarde, ele também me magoou, e o assunto ficou para trás.

— Ficou mesmo? Deixa eu te contar uma novidade, irmãzinha, essas coisas não costumam evaporar só porque a gente decide que não quer mais sentir. Não podemos simplesmente decidir se queremos ou não gostar, nem quando, nem de quem. A vida é assim.

Ele dá de ombros como se estivesse falando por experiência própria.

— Você gosta de alguém também?

Dani se ajeita na cadeira e desvia os olhos.

— Não estamos falando de meus problemas aqui, espertinha, estamos falando de você.

Dou uma risada. Essa eu vou deixar passar, mas só por hoje.

— Agora deixa eu adivinhar uma coisa... — ele diz, estreitando os olhos e me encarando. — Esse homem abalou tanto as suas estruturas que você até decidiu se demitir.

Não foi uma pergunta. Dou de ombros, nem confirmando, nem negando.

— Eu meio que não quero mais fazer o que não gosto.

— Sei como é — ele fala baixo, pensativo.

Suspiramos, envolvidos em nossos próprios pensamentos.

Ligo a cafeteira e logo tenho uma xícara de café para cada um de nós. Vamos para o sofá. Eu me sento em cima dos pés, encolhida.

— Você falou novamente com nosso pai? — ele pergunta tranquilo.

— Não, mas a mãe me ligou depois de tudo, tentando me convencer a mudar de ideia.

— Típico dela — ele resmunga.

— Isso não está me preocupando nem um pouco. Amanhã vou apresentar a carta de demissão e transferir meus clientes para eles.

Dani me envolve em seus braços, e passo um tempo com a cabeça apoiada na sua. Falamos algumas coisas sobre viajar para tirar férias, ele dá algumas dicas, e o tempo passa rápido. Ele se despede com um longo abraço.

Antes de voltar para a cama e terminar o resto da noite fazendo o que tenho feito de melhor, sento-me em frente ao computador e digito minha carta de demissão.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 29

Júlia

Caminho pela movimentada avenida onde o escritório de meu pai está localizado. O vento frio do início da manhã anuncia um outono cinza se iniciando. O cenário é tão diferente do paraíso em que passei a semana passada. Faz três dias que eu saí de lá, embora pareça uma eternidade.

Entro na empresa, localizada no 19º andar do prédio. O escritório ocupa o andar inteiro, são vários advogados associados. Passo pela recepção e corredores cumprimentando todos que encontro, até parar em frente à secretária de meu pai. Peço que ela lhe avise que estou aqui, e ele autoriza minha

NACIONAIS - ACHERON

entrada.

Respiro profundamente diante da porta dele, tentando me preparar psicologicamente para os jogos de chantagem emocional e ameaças que com certeza virão. Puxo a maçaneta e entro.

Meu pai, em seu terno elegante, está sentado na grande cadeira de couro preto atrás de sua imponente mesa de madeira rústica. Tudo nele transmite poder e credibilidade, ele precisa que seus clientes de alto escalão sintam isso.

— Oi, pai — cumprimento calmamente.

— Sente-se — ele ainda não me olhou, só dá sua ordem seca.

Sento-me e pego na bolsa o envelope pardo. Deslizo-o pela mesa até parar à sua frente. Lentamente ele olha para o papel e sobe arrogantemente seu olhar até me encarar.

— O que é isso? — Move apenas uma sobrancelha, o seu trejeito de superioridade.

— Minha carta de demissão — mantenho-me no controle.

O homem afasta o envelope de volta para mim.

— Guarde isso — é uma exigência autoritária. — Vá para casa, coloque uma roupa adequada e volte a trabalhar.

Menosprezando minha decisão, ele volta a olhar para os papéis em sua mesa como se eu nem estivesse mais aqui. Típica maneira de dizer que eu estou errada e ele, certo, como ele fez minha vida inteira, ignorando minha opinião.

Balanço a cabeça, negando para mim mesma que ele continue a me tratar dessa maneira. Chega.

— Não, pai. Eu não vou voltar atrás — falo firme.

Meu pai bufa. Abandonando a caneta que estava em sua mão, ele descansa os cotovelos sobre a mesa e cruza os dedos, sustentando aquela expressão de *tudo bem, garotinha, você tem minha atenção*, entediado como se eu estivesse fazendo-o perder um valioso tempo. Odeio quando ele faz isso.

— Tudo isso para prolongar suas férias, Júlia? Porque se é isso, ponto para você. Vá e fique os malditos vinte dias fazendo Deus sabe o quê e esqueça que seus clientes precisam de você. — Seu

autocontrole está se dissipando, posso sentir.

Aperto os punhos cerrados em meu colo. Não quero dar corda para uma discussão, mas ele está tentando traçar esse caminho.

— Eu não quero férias, ou qualquer acordo do tipo. Estou me desligando definitivamente. — Elevo o queixo, apontando para o envelope. — Dentro desse envelope há também a transferência de meus casos para o escritório — minha voz é profissional.

Seus olhos vacilam, faiscando. Com um suspiro dramático, ele se inclina para a frente, tentando parecer intimidador como se eu ainda fosse a garotinha que se retrai diante de seu olhar irritado ou palavras duras.

— Por que você está fazendo isso? — a pergunta contém uma calma quase mortal.

Seramente ele está usando suas técnicas de persuasão comigo, como faz nos tribunais.

— Porque é o que eu quero, e espero que você possa compreender — replico.

— Ah, você *quer*? Desde quando? — ênfase no *quer*.

— Desde sempre, só não tive coragem o suficiente para admitir isso para mim mesma. — Elevo o queixo.

— Você está cometendo um grande erro, mocinha. Um grande erro. — Seu corpo se afasta, descansando as costas na cadeira, os braços se cruzando em frente ao peito. As abotoaduras reluzem com o movimento.

— Errado ou não, estou fora, pai. — Levanto-me, dando o assunto por encerrado. A guerra que ele quer, eu não estou disposta a oferecer.

— Seu irmão está te influenciando nisso — não é uma pergunta, e seu tom de desprezo realmente me incomoda.

Essa é uma afirmação injusta em tantos níveis. Será que ele não se dá conta disso?

Em pé, encaro seus olhos e percebo o que tentei ignorar estes anos todos. Meu pai é um sujeito extremamente egoísta.

Apoio uma das mãos em sua mesa e me inclino para ficar na altura de seus olhos.

— Daniel é muito melhor do que isso, ele

NACIONAIS - ACHERON

jamais me influenciaria a nada — falo entre os dentes. — E quer saber? Você não o merece como filho.

Sem mais, viro-me e saio andando. Assim que coloco a mão na maçaneta, ouço sua voz raivosa:

— Faça isso. Vá e quebre sua cara, garotinha, e depois volte implorando por ajuda.

Encaro-o por cima do ombro, mas opto por não responder. Ele está magoado e, apesar de tudo, ainda é o meu pai.

Despeço-me de meus colegas. Todos se mostram surpresos com minha demissão. Saio do prédio para o vento frio da rua, respirando a atmosfera diferente. Estou me sentindo triste por ter uma conversa tão tensa com meu pai, mas tenho a sensação de que um peso me foi retirado das costas.

A sensação de liberdade é muito louca. Claro, não nego que estou morrendo de medo do futuro. Dani me aconselhou a fazer uma viagem e colocar os pensamentos em ordem, e é isso que pretendo fazer.

Pego o celular na bolsa, ligo para o agente de
NACIONAIS - ACHERON

viagens conhecido da minha família há anos e peço que ele providencie uma viagem para a semana que vem, para algum lugar quente e bonito, alguma praia legal. Nunca viajei sozinha, mas tem uma primeira vez para tudo... Até porque minhas amigas não podem abandonar suas carreiras para viajar comigo agora, tão de repente.

E o que vou fazer esta semana, sem nenhum caso, nenhuma audiência e com várias horas livres?

Um sopro de vento forte escolhe este momento para passar e arrastar tudo o que vê pela frente. Meus cabelos viram uma massa bagunçada na cabeça. Preciso fechar os olhos brevemente para não ser atingida pela poeira. Lançando o celular para dentro da bolsa, olho para baixo e encontro um papel preso à minha canela.

Abaixo-me para apanhá-lo e o jogar em alguma lixeira, mas o conteúdo me prende a atenção. A mensagem solicita voluntários para ajudar, num Centro Comunitário, a preparar alimentos que são servidos nos dias frios desta e da próxima estação para os moradores de rua e pessoas com baixos recursos.

Leio e releio o papel várias vezes.

— Por que não? — pergunto para mim mesma.

Confiante, confiro o endereço do lugar. É apenas a alguns quarteirões daqui. Decido ir caminhando.

Finalmente chego em frente a um barracão com acabamento rústico por fora. A pintura já viu dias melhores em alguns pedaços. Confesso que o lugar dá um pouquinho de medo. Aproximo-me cautelosamente da pequena porta lateral. Dou uma batida leve e aguardo.

Dentro de poucos minutos, um homem alto, com aparência de tirar o fôlego, abre a porta, sorrindo. Seus dentes brancos são levemente desalinhados, o olhar é sério, mas de um jeito amistoso. A barba é displicente, os cabelos dourados estão colocados despretensiosamente para trás. *Senhor.*

Levanto o papel, sem saber o que dizer, um pouco embaraçada com a beleza do homem.

— Ah, você veio para se voluntariar? — Seu sorriso se alarga e... miséria, o homem consegue

ficar mais bonito.

— Si-sim — gaguejo, desajeitada.

— Ótimo, entre — a voz macia transmite uma energia tão boa que não penso duas vezes e o sigo para dentro.

Entro em um lugar totalmente diferente do que eu esperava. As paredes são claras e bem pintadas, uma área extensa comporta muitas mesas grandes forradas com toalhas plásticas. O lugar é limpo e aconchegante.

O homem observa minha reação ao local. Seus olhos viajam por todo o espaço, junto comigo, de uma maneira orgulhosa.

— As doações e os voluntários construíram este lugar. — Ele olha para mim e estende a mão. — Sou Dominic.

— Júlia. — Aperto sua mão quente.

— E você quer ajudar — o jeito como ele diz, faz tudo parecer tão certo.

Dominic me leva para um *tour*. Entramos na cozinha, do tipo industrial básica, com grandes quantidades de arroz, batatas e outros legumes.

— São doações que recebemos da Central de
NACIONAIS - ACHERON

Abastecimento. Estes produtos não estão esteticamente adequados para venda, mas nada os impede de serem consumidos.

— Você cuida deste lugar? — indago curiosa.

— Eu e mais algumas pessoas que logo você vai conhecer.

— Isso é muito generoso, Dominic — falo sem segurar a língua.

— É o mínimo que podemos fazer, Júlia. — Sua expressão transmite uma paz que toca o fundo do meu peito.

Combino de voltar às 7h da noite para meu primeiro dia. Ele me explica que alguns voluntários se revezam, normalmente ajudando uma vez por semana. Assim, a cada dia há diferentes pessoas aqui. Nunca parei para analisar essa parte da vida. Pessoas dedicam seu tempo e trabalho sem receber nada em troca. Se eu soubesse deste lugar, teria vindo antes, mas claro, levei uma vida com a cabeça voltada para mim mesma, como eu saberia?

Volto para casa estranhamente satisfeita pelas ações do dia. Aproveito o tempo livre para fazer

uma faxina geral, e no meio do processo, meus pensamentos se voltam para onde não quero ir: Frederico. Nosso tempo juntos. Antes da situação toda, parecia tão perfeito que nem sei se foi real.

Veja se não é uma grande estupidez ficar remoendo as lembranças depois de tudo? Balanço rápido a cabeça, limpando minha mente. Não preciso disso agora. Estou no meu primeiro dia de recuperação, embora ainda doa de um jeito muito difícil de lidar.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 30

Frederico

Uma batida à porta me tira momentaneamente da tarefa à minha frente e... porra, ecoa como um martelo na minha cabeça já dolorida. Ressaca dos infernos!

— Entre — resmungo entre os dentes.

— Podemos conversar, filho? — meu pai inquire olhando para o que estou fazendo.

Paro e arrasto a mala para o lado.

— Claro, pai — digo baixo, sem emoção.

Nestes últimos dias o velho tem visto uma versão minha de que até eu tenho vergonha. Se não

bastasse ter feito toda a merda enquanto Júlia ainda estava aqui, passei os últimos dois dias ferrado, agarrado a garrafas de uísque, bebendo como um louco para tentar esquecer, até que finalmente fui dormir e acordei há algumas horas, determinado a reagir.

— Vejo que você está pensando em viajar — ele sonda com sua habitual tranquilidade.

— Sim, pai. Depois de tantos anos, resolvi ir à capital resolver alguns negócios. — Engulo o amargor que a ideia me causa.

— A menina tem a ver com sua decisão? — a pergunta é uma merda de retórica, mas decido responder com honestidade.

— Ela é a única razão para eu voltar para aquele lugar — digo seco.

Meu pai suspira, muito provavelmente meditando sobre o que dizer.

— Filho, eu te amo e me preocupo com você... — reconheço seu tom encorajador. — Você sempre foi um garoto brilhante, e, porcaria, eu tenho tanto orgulho de tudo o que você já conquistou...

— Pai — tento interrompê-lo. Desde o AVC meu pai se tornou um tanto emotivo, e hoje não é um bom dia.

— Não, Fred, escute o que seu velho pai tem a dizer.

Esfrego o rosto com as mãos, ignorando a dor de cabeça me matando.

— Quando você saiu desta fazenda determinado a fazer seu próprio nome, eu sempre soube que você conquistaria aquele mundão lá fora. E você fez isso, meu filho. — Sua mão pousa em meu ombro. — E depois que tive o problema de saúde, assisti a você se culpar todos estes anos, mesmo eu te dizendo que nada daquilo foi sua culpa.

— Pai... — Eu realmente não quero falar sobre isso.

— Foi uma fatalidade, o velho coração aqui resolveu brincar com todos nós. Tinha que acontecer, garoto. — Sua mão aperta firme meu ombro. — O que quero dizer é que você é um batalhador, Frederico. — Encaro seu rosto cansado. — Eu estava vindo te dizer para levantar esse seu

rabo bêbado e recuperar o juízo, mas você já fez isso, porque esse é o homem que você é, meu filho. Um lutador. Faça isso mesmo. Esqueça o que já passou e lute por sua felicidade.

— Eu realmente nem sei o que estou fazendo... — Bufo mentalmente, exausto.

— Você está indo atrás do que é seu, garoto. Vá e busque a menina. E dessa vez não a deixe escapar.



Júlia

Estou a caminho do Centro Comunitário. Coloquei tênis confortáveis, calça jeans, suéter e um grande casaco por cima. A noite será bem fria.

Timidamente entro no local e rapidamente me sinto submersa em um ambiente estranhamente acolhedor. Há uma grande mulher negra, por volta dos cinquenta e poucos anos, limpando a superfície das mesas. Ela me vê e sorri, dando um aceno. Sorrio de volta e entro na cozinha.

Num primeiro momento, não vejo Dominic.

Duas mulheres, uma de meia-idade, e outra em seus vinte e poucos anos, apresentam-se e engatam uma conversa sobre o lugar. Conto a elas que estive aqui hoje mais cedo e verifico em que posso ajudar. Simone, a mulher mais velha, indica-me um canto da mesa e pede que eu ajude a cortar alguns legumes. Faço como ela orienta.

Estou praticamente absorvida por meus próprios pensamentos enquanto ritmicamente descasco uma grande quantidade de batatas. É uma terapia. Penso em Frederico, claro, penso em meu pai, em meu futuro, ou o que estou tentando imaginar que seja o futuro.

Viajando longe, mal sinto uma mão aquecida tocar meu ombro. Olho para cima e encontro o sorriso bonito de Dominic. É difícil ficar imune e não fazer uma cara de boba diante do homem.

— Que bom que você veio, Júlia.

— Estou feliz em estar aqui, Dominic.

Ele amplia seu sorriso, que, mesmo involuntariamente, é extremamente sexy, e me faz perder o fôlego.

A cozinha está cheia de gente. Dominic passa as horas seguintes em torno do local, cozinhando e dando instruções. Todos aqui gostam dele, é perceptível. As horas passam rapidamente e são tomadas pelo cheiro gostoso da comida. Logo uma farta sopa fumegante está pronta.

— É hora de abrir, pessoal — Dominic avisa de um jeito tranquilo.

Todos vão para seus postos. Uns separam talheres descartáveis, outros começam a desencaixar uma pilha de potes de plástico em formato de cumbucas. Dois garotos jovens terminam de lavar maçãs, que serão servidas como sobremesa.

Dominic se afasta e vai até uma grande porta de aço, empurra-a para cima, e então é possível enxergar uma fila organizada lá fora. As pessoas passam por ele olhando-o com gratidão, alguns o cumprimentam com tapinhas nas costas, com respeito. E ele fica na porta até que a última pessoa entre.

Como se cada um aqui soubesse como as coisas funcionam, as pessoas fazem uma grande

fila ao lado do balcão que separa a cozinha do refeitório. A jovem entrega os talheres, e Simone abastece as cumbucas. As pessoas se encaminham para as mesas, e em instantes, só o que se pode ouvir é o barulho da fome sendo saciada. Na cozinha, o movimento diminui de velocidade, mas os voluntários começam a organizar o lugar. Ofereço-me para lavar a louça que foi acumulada enquanto a comida estava sendo preparada; duas mulheres, contudo, já a estão lavando, entusiasmadas.

Caminho para onde está Dominic.

— O que mais eu poderia fazer? — pergunto, chamando sua atenção.

Ele me olha diretamente nos olhos.

— Circule por aí, converse com as pessoas, Júlia. — Seu sorriso afetuoso me derrete novamente. — Você ficaria surpresa com o quanto se pode apreender e ajudar somente ouvindo.

Olho para o refeitório, com tantos estranhos, assimilando suas palavras. O que eu perderia conversando? Assinto com a cabeça, apoiada pelo sorriso de Dominic e começo a circular entre as

pessoas.

Depois de ouvir algumas histórias, eu me sento ao lado de uma mulher de aproximadamente 35 anos, rodeada por seis crianças com idades entre dois e 14 anos. Sua atenção está na mais nova, servindo-lhe sopa e pão na boca. Observo sua barriga, e ao que tudo indica, ela está grávida de mais do que seis meses. Estou muito curiosa para saber mais sobre ela.

Com jeitinho, começo a puxar assunto. Converso um pouco com as crianças e finalmente tenho a mãe falando comigo. Quase todas as crianças são de pais diferentes, apenas os dois mais velhos são do mesmo homem.

Sua vida não é nada fácil e, para ser honesta, parte meu coração. Ela está passando por severas dificuldades financeiras. Questiono-a sobre a pensão alimentícia de seus filhos.

— Nenhum deles quer ajudar — ela fala resignada.

Como assim *não querem ajudar*? Não é uma questão de querer, é uma obrigação e ponto.

— A Lei garante a seus filhos o direito de
NACIONAIS - ACHERON

receber a pensão.

— A Lei custa caro e demora, moça, mal temos dinheiro para o aluguel.

— Mas ainda há a Defensoria Pública.

Ela me olha confusa, e eu lhe explico:

— O Estado lhe dá o direito a advogados gratuitamente, se você não pode pagar.

Neste momento uma ficha cai na minha cabeça. É óbvio que essas pessoas nunca ouviram falar sobre isso. A Lei existe para uma classe acima delas, elas estão esquecidas pela sociedade.

Luz se acende dentro de meu cérebro, como um painel luminoso.

— Você me daria licença por dois minutos, Rosa? — esse é o seu nome.

Ela concorda, dando de ombros. Levanto-me da mesa. Estou com uma ideia, mas preciso falar com Dominic antes. Ele está de costas, conversando com um senhor que é morador de rua. Toco com cuidado seu ombro, e ele se vira para me olhar.

— Dominic, eu poderia lhe falar por um instante?

Ele me olha curioso. Sorrio, mostrando que o assunto é bom.

— Claro.

Andamos para fora, e eu paro a sua frente.

— Conversando com algumas pessoas — aponto suavemente para trás dele, onde as pessoas se alimentam —, eu acho que eu poderia ajudar um pouco mais usando minha profissão.

Seus bonitos olhos cinza se estreitam.

— Sou advogada. Eu vi que algumas pessoas aqui precisam de um auxílio para resolver questões judiciais.

— Então? — ele meneia a cabeça, incentivando-me.

— Eu gostaria de saber se... — Mordo a bochecha, com um pouquinho de medo de ele odiar a ideia. — Se eu poderia usar por algumas horas este espaço, durante o dia, para prestar uma consultoria aos que precisam de orientação judicial. Sabe como é... indicar-lhes o caminho, esse tipo de coisa.

Ele segura o próprio queixo entre seu dedo polegar e o indicador, então cruza os braços sobre o

NACIONAIS - ACHERON

largo peito. Seu rosto parece vazio. O silêncio me deixa insegura.

— Você faria isso por eles? — a pergunta calma me faz respirar mais aliviada.

— Por que não? Eu poderia vir fazer isso uma vez por semana, durante determinado período de tempo, se não for atrapalhar o funcionamento das coisas.

— Júlia, essa sua ideia é incrível. — O brilho de seus olhos me faz enrubescer. — Você não sabe o quanto isso significa.

Fico violentamente vermelha por sua expressão de admiração. Sorrio de volta.

— Posso fazer isso amanhã, entre 2h e 4h da tarde, para começar? Eu já tenho uma pessoa que precisa disso.

— Claro.

Repentinamente ele me puxa para um abraço quente em meio à noite fria. Fico surpresa e sem ação.

Ele se afasta.

— Obrigado — sua voz arre pia minha pele.

Viro-me e entro rapidamente, evitando mais
NACIONAIS - ACHERON

deste momento estranho. Volto para a mesa de Rosa, explico-lhe como eu poderia ajudar e marco com ela o horário para o dia seguinte. A esperança se acende em seu rosto, e isso preenche um espaço diferente dentro de meu peito.



A noite finalmente acaba.

Em casa, mesmo com toda a distração da noite, basta estar sozinha, e sou consumida pela sensação dolorosa, com um misto de tristeza e saudade que mal me permite respirar.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 31

Frederico

De volta ao inferno. Eu poderia me instalar na casa que ainda mantenho aqui, mas meu atual estado de espírito não me permite. Não vou lá há muitos anos e, honestamente, estou sem saco agora para lidar com velhas lembranças. Minha presença nesta cidade tem um único objetivo: recuperar Júlia.

Durante a viagem, repassei mentalmente todas as coisas que eu gostaria de falar para ela, mas... agora parece que nada daquilo funcionaria.

Aproximo-me da recepção e puxo a carteira. Tiro a identidade e o cartão exclusivo e os entrego à funcionária.

— Boa tarde, senhor. — Seu olhar

apreciativo cai em mim. — Tenha uma boa estada — percebo a malícia em sua voz melosa.

Pego a chave eletrônica e subo para a suíte sem lhe dar mais um segundo de meu tempo. Antigamente, uma mulher atrevida como aquela seria bem-vinda para me pagar um fodido boquete. Entretanto, hoje a ideia me enoja.

Deixo a pouca bagagem na antessala da suíte e caminho até a vidraça, tendo a vista da cidade amanhecendo aos meus pés.

Foda-se. Vir aqui parecia tão certo, e agora nem sei o que fazer. Só a ideia de que estou tão perto dela já me põe perturbado com uma ansiedade cortante. Esfrego o rosto com as mãos, exausto por tantas noites sem dormir, desde que a pequena me deixou sem nem olhar para trás, figurativamente falando, porque hoje eu sei que aquele seu último olhar era uma despedida. Eu deveria ter visto aquilo chegando.

Meu telefone vibra sobre a mesa.

— Fale, mano.

— E aí, cara, como foi a viagem? Já está em casa? — Gustavo soa feliz demais para uma manhã

tão cinzenta e sabendo como me sinto estando de volta a este lugar.

Solto uma respiração pesada.

— Não. Achei melhor vir direto para o Hilton.

Um segundo de silêncio me faz ciente de que meu amigo compreendeu.

— Estou na cidade também, tá a fim de uma bebida?

Bufo, cansado.

— Acho que é um pouco cedo para isso... — Toco a têmpora latejante. — Quer saber? Foda-se, acho que estou realmente precisando de um pouco de álcool agora.

— Fechado, irmão, te encontro aí no bar em alguns minutos.



Eu não deveria ter bebido tanto. Mal sei onde está o trem que me atingiu. Passei a manhã inteira com Gustavo no bar do hotel, e a cada dose, a coragem de procurar Júlia parecia se esvair. Acho

que me perdi em algum momento, com a mistura de estômago vazio há vários dias, noites sem dormir, uma execrada dor me rasgando e o álcool fazendo um bom trabalho em amortecer tudo isso.

O que Júlia pensaria se eu batesse assim, neste estado, à sua porta? Gargalho alto com as possibilidades. A pequena bruxa me colocaria para fora. Certamente. Porém, ela já fez isso, não fez?

Tateio atrás de meu celular e disco seu número pela incontável vez. A ligação nem se completa. Eu sei que a mulher me bloqueou em seu aparelho há dias. É a única explicação. Que droga... Isso é mais uma coisa que pretendo resolver assim que eu conseguir encontrar meu cérebro novamente.

Arrasto-me para próximo ao telefone da suíte e tento chamar seu número a partir daqui. Ela não tem como saber que sou eu, tem?

Caixa postal.

Você conseguiu mais algumas horas sem mim, bruxinha. Não mais do que isso. De qualquer jeito, de hoje você não passa.

Sem condições sequer de ficar em pé, caio de

qualquer jeito na cama, encarando fixamente o teto, pensando no rosto sorridente da mulher, na cachoeira, onde tudo parecia que daria certo. Júlia, Júlia. Por que você fugiu de mim?

Depois de um longo banho frio, minha cabeça ainda se sente como vítima de um rolo compressor em alta velocidade. Faço uma nota mental de não beber nada etílico pela próxima década.

Verifico o endereço, a partir da informação que consegui com Ivan, e chego em frente ao prédio onde Júlia mora. Atravesso a rua, com o estômago revirado pela ressaca, e dou graças a Deus que tenho os óculos de sol para me proteger da claridade.

Vacilo um passo ao entrar na recepção de seu prédio. Honestamente, eu não sei o que farei se a mulher se recusar a falar comigo. E não há nem como tirar sua razão. Agi como um imbecil desde o início, Júlia tem todos os motivos do mundo para

me desprezar, e quanto mais eu penso nisso, mais sinto o buraco que se estabeleceu no meu peito aumentar de tamanho e me dilacerar.

Mantenho os óculos e me aproximo do porteiro. Dois minutos de conversa, e recebo a informação de que a mulher saiu há pouco tempo. Isso só aumenta a ansiedade de resolver a situação de uma vez. Se ao menos ela me atendesse ao telefone, teria uma indicação de que voltei a esta cidade apenas por ela. Meu lado desesperado não acharia nada mal que a mulher se comovesse e me deixasse falar, mesmo que por piedade. A esta altura do jogo, estou aceitando qualquer oferta.

Passo pelas vidraças novamente e assisto, assustado, a meu próprio reflexo. Estou definitivamente parecendo um merda. E me sinto assim também. Tenho que dormir um pouco. Se Júlia me ver desse jeito, minhas chances com ela serão pulverizadas... partindo do pressuposto de que eu tenha alguma chance, claro.



Júlia

Dominic preparou cuidadosamente um lugar para que eu atenda as pessoas. Cheguei meia hora antes para dar uma organizada no espaço, instalar meu notebook e impressora.

— Estou muito feliz pelo que você está fazendo, Júlia — Dominic fala com sinceridade.

Eu estava tão concentrada que nem o percebi se aproximando. Sorrio timidamente, sem saber o que dizer.

— Oi, Dominic. Estou feliz por estar aqui, também — digo baixo, sincera.

Ele nem sabe o quanto vir aqui está me fazendo bem. Quase nem dormi à noite, pensando em Frederico. Estava mal por isso, mas no momento em que coloquei os pés no Centro Comunitário, senti algo reconfortante me preencher.

Não posso deixar de notar que Dominic é bastante atraente, há algo nele que transmite sentimentos muito bons; nem de longe eu poderia dizer, todavia, que é semelhante ao que sinto por

NACIONAIS - ACHERON

Frederico. Aliás, como foi que meus pensamentos tomaram esta direção mesmo? *Concentre-se, garota.*

Às 2h em ponto, Rosa chega, trazendo consigo outra mulher, vestida com jeans agarrado ao corpo, com cabelos tingidos de vermelho fogo e presos na lateral da cabeça. Uma miniblusa exhibe a barriga um pouquinho saliente, e um chiclete desliza de um lado para o outro em sua boca.

— Oi, doutora Júlia, esta é Jéssica, minha amiga. — Ela dá um empurrãozinho para que a amiga se aproxime. — Ela também tem três filhos e não recebe nada de nenhum dos pais.

Sorrio com o jeito como as duas amigas interagem.



O tempo voou. Entreguei a cada uma delas uma carta de indicação com horário e data agendados com uma defensora pública que foi minha colega de universidade. Ao todo foram seis casos que eu instruí e agendei entrevista. Dei a

todos uma relação dos documentos que serão necessários e preparei as petições iniciais para agilizar os trabalhos. Houve também um caso de solicitação de danos contra uma grande empresa por um funcionário que se acidentou em pleno cumprimento das funções e foi demitido. Sem dinheiro e sem casa, ele está morando nas ruas.

Foi uma tarde bem produtiva, e hoje, pela primeira vez em minha vida, eu tive prazer em advogar.

Volto para casa cansada e satisfeita. No caminho passo no supermercado e me abasteco com algumas coisas para preparar o jantar.

Entro com o carro no estacionamento de subsolo de meu prédio e pego o elevador até o térreo. Preciso parar na portaria e pegar a correspondência.

Ando para a recepção.

— Oi, Simas — cumprimento o porteiro.

— Boa noite, senhorita Júlia. Há alguém aqui esperando para vê-la.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 32

Júlia

Giro a cabeça na direção para onde ele aponta – a área dos sofás – e vejo ninguém menos do que Gustavo, melhor amigo do homem que estou tentando esquecer, sentado confortavelmente e mexendo em seu telefone.

Penso em fugir antes de ser vista, mas seus olhos logo me notam.

— Júlia! — Ele caminha sorridente até mim.

— Gustavo — resmungo surpresa.

Ele coloca a mão em meu ombro e me puxa para um beijo no rosto.

— Como você está? — a pergunta vem como se fôssemos velhos amigos.

Estou meio confusa com sua presença aqui.

— Bem... — falo desajeitada. — E você?

— Bem também. — Ele sorri, provavelmente entendendo minha expressão desnorteada. — Podemos conversar um pouco?

Olho para ele e para os lados, vendo se realmente está sozinho. Estou nervosa com a possibilidade da presença de Frederico.

— Cla-claro... — Não estou certa sobre levá-lo à minha casa. — Há um pub aqui na esquina, podemos ir lá.

— Perfeito. — Ele sorri, bem-humorado.

— Só vou deixar estas sacolas lá em cima.



Com passos seguros, Gustavo abre a porta do prédio para eu passar e me segue. Caminhamos lado a lado pela rua, sem falar nada. Entramos no pub, e o lugar não está muito cheio. Avisto uma mesa com estofados no canto e vou para lá. Sento-me em frente a ele.

— Quente aqui, não é? — pergunto baixo, puxando assunto.

O que não é mentira. Começo a tirar meu casaco, o lugar está realmente quente. Ele também tira a jaqueta e a coloca ao seu lado.

Logo o garçom, que eu já conheço há algum tempo, aproxima-se.

— Júlia, que bom ver você. — Ele sorri simpático. — O que vai ser hoje?

— Bom ver você também, Arthur. — Sorrio de volta. — Para mim, uma água com limão e gelo, por favor.

Ele anota rapidamente e se vira para meu acompanhante.

— Uma cerveja bem gelada — Gustavo pede amistosamente.

Esperamos o garçom sair. Gustavo olha para os lados, observando o espaço.

— Lugar legal.

— Também acho — respondo sem tirar os olhos dele.

Ele percebe e sorri, olhando de volta para mim.

— Você quer saber por que estou aqui, não é?

Aceno com a cabeça uma vez, confirmando.

Gustavo suspira e se ajeita. Lá vamos nós.

— Eu pensei muito sobre se deveria vir falar com você, Júlia. — Sua mão mexe nervosamente no porta-guardanapos sobre a mesa, e ele desvia o olhar. — Não gosto de me meter na vida das pessoas.

Fixo os olhos nele. Por fora, mantenho uma máscara paciente; por dentro, estou um estrago.

— Isso não tem jeito de ser fácil. — Gustavo bufa de uma maneira engraçada.

Observo-o melhor e vejo que ele parece desconfortável.

— Basta falar — incentivo com obviedade.

O homem me olha fazendo um beicinho.

— Ok. Estou aqui para falar com você sobre Frederico.

— Olha, Gustavo... — tento interrompê-lo, mas ele faz um sinal com a mão.

— Deixe-me continuar. — Ele se inclina, olhando-me nos olhos. — Eu me questionei algumas vezes, tentando pensar sobre o que um bom amigo faria numa hora destas.

Arthur se aproxima com nossas bebidas. Ficamos em silêncio enquanto ele as serve e se afasta. Até que o homem a minha frente continua:

— Frederico e eu somos como irmãos. Eu amo aquele cara.

Mantenho-me calada.

— E ele gosta de você. — Seus olhos afiados estudam minha reação.

Tomo metade da minha água para aliviar a secura repentina na garganta. Gustavo engole uma grande quantia de sua cerveja também, põe a garrafa na mesa sem tirar os olhos de mim.

— Fred é um cara difícil, mas ele tem motivos para ser assim, Júlia. Ele já passou por muita coisa.

Percebo-o arranhando o rótulo da garrafa, tenso, então decido interferir.

— Eu ouvi sobre a tal noiva, Gustavo, você pode poupar seu tempo. — Evito seu olhar. — Acho que Frederico a projetou em mim, depois da brincadeira estúpida que fizemos...

— Algo parecido com isso — ele concorda.

Suspiro e me ajeito na cadeira.

— Ouça. Eu imagino que ele tenha sofrido com essa situação... e se quer saber, eu a odeio por torná-lo assim — minha voz se embarga. — Mas ser tratada daquele jeito é um preço muito alto por uma brincadeira tão boba. Seu amigo acabou com algo dentro de mim que eu nem sabia que existia.

— Mas você gosta dele, não gosta, Júlia?

Sua pergunta tão direta me surpreende. Penso seriamente em não responder. No entanto, ser desonesta agora não diminuirá em nada essa sensação dolorosa aqui dentro.

— Sim, mas não por muito tempo. Eu quero e vou esquecê-lo — afirmo determinada. — E não entendo você estar aqui, falando essas coisas. Sei que você é seu amigo, mas está se justificando por algo pelo que ele mesmo demorou muito para tentar se desculpar.

— E você tentou pedir desculpas por ter apostado os sentimentos dele? — supostamente não é uma acusação, mas as palavras são diretas, sem rodeios.

Olho para longe, pensando nisso por um momento.

Suspiro, resignada.

— Não. Não tentei me desculpar. Eu fiquei desnorteada e depois magoada demais para perceber que eu também estava errada.

— Pois tente. Converse com ele e peça desculpas também, e principalmente, dê a ele a oportunidade de falar.

— Agora é tarde, Gustavo.

— Nunca é, Júlia.

Seus olhos instigadores me enfrentam por um tempo, esperando algo de mim.

— E-eu nem sei o que dizer — resmungo, perdida, não sabendo como lidar com a luzinha de esperança tentando brilhar em algum lugar aqui dentro.

Observo Gustavo puxar a carteira, tirar um cartão e anotar alguma coisa. Ele empurra o papel pela mesa em minha direção.

— Eu tenho certeza de que Fred gosta muito de você, porque mesmo odiando esta cidade, ele voltou para cá. Por você.

Olho para o cartão de um hotel famoso. Atrás estão anotados os dados de uma suíte. Com uma

NACIONAIS - ACHERON

piscadela, Gustavo se levanta, puxa uma nota e a deixa na mesa.

— O que você espera que eu faça com isso?
— pergunto sem voz, ainda imóvel, olhando para o cartão.

— Eu espero que você possa conversar com ele e resolver essa besteira entre vocês.

— Vo-vo-você quer que *eu* vá atrás dele? — gaguejo incerta.

O sujeito me encara por alguns segundos com uma expressão levemente zombeteira, achando graça em alguma coisa.

— Por Deus, vocês realmente foram feitos um para o outro — seu resmungo é mais para si do que para mim.

Fico sem reação momentaneamente, mas pego o cartão e me levanto também.

— Que seja. — Bufo.

Vestimos nossos casacos e retomamos a caminhada para o meu prédio.

— Você não faz ideia do quanto eu ouvi Frederico falar sobre a história da vaca, sobre sua coragem, sua beleza e tudo mais — ele diz bem-

NACIONAIS - ACHERON

humorado, já próximo à portaria. — Fred de porre é uma coisa bastante divertida, se você quer saber.

— Imagino — sussurro, irônica.

Parando em frente à entrada de meu prédio, Gustavo me abraça com força, despedindo-se. Murmuro um *até logo* meio desajeitado e me desvencilho.

— Pense no que eu disse, Júlia. Dê uma chance ao cara — dito isso, ele sai caminhando, mas de repente para, num tipo de reflexão tardia e me encara por cima do ombro.

— Eu só não recomendo que você vá vê-lo tão já... O cara não está exatamente em condições de conversar sobre qualquer assunto.

Levanto uma sobrancelha, confusa, mas não digo nada. Na verdade, por algum motivo, estou sorrindo pela primeira vez desde que Gustavo chegou.

O amigo de Frederico vai embora, e eu fico no mesmo lugar, como uma estátua, cheia de dúvidas, até finalmente subir para o meu apartamento.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 33

Júlia

Às 8h, atendo a campainha para receber minhas três lindas irmãs. Elas são de casa, e os porteiros já nem precisam anunciá-las. Sirvo taças de vinho e me deleito com a felicidade de as ver depois de dias.

O som está ligado, Pini e Katy trocam as músicas freneticamente. Alice se senta numa das banquetas da ilha da cozinha.

— O que você está cozinhando?

— Fiz um peixe recheado, está quase pronto.

— Dou uma piscadinha e tomo um pouco de vinho.

— Você se lembra daquela vez em que assou o peru com aquele plástico que vem dentro?! — Pini grita da sala, fazendo todas rirem.

— Isso foi no Natal há uns oito anos, Pini, eu já melhorei minhas habilidades culinárias desde então.

— Aquele peru estava ótimo, se não fosse o gosto de plástico derretido — Katy lembra toda engraçada.

— Vocês lembram que acabamos pedindo uma pizza para a ceia? — Alice relembra nossa noite de Natal, a primeira que passamos somente nós quatro.

— Foi o melhor Natal da minha vida — lembro com saudade.

— O meu também — Alice diz, olhando para seu vinho.

— Nem me fale, tudo era tão mais fácil naquela época. — Pini fica ao meu lado e me abraça. — Eu estava tão feliz por começar a carreira e ganhar liberdade.

Olhamos umas para as outras com olhos lacrimejantes.

— Mas uma coisa não mudou. — Katy se aproxima. — Ainda somos as melhores amigas do mundo.

Despejamos nossa felicidade no vinho. O sinal do forno avisa que o peixe está pronto. Mecanicamente cada uma vai para um lado pegar pratos, talheres, fazer salada, levar para a mesa.

— Hummm... — Pini geme. — Você realmente melhorou sua capacidade de cozinhar, garota, isto aqui está divino.

O peixe está mesmo bem gostoso.

— Receita da internet — confesso.

Comemos batendo papo de forma aleatória. Eu conto sobre o Centro Comunitário e as consultorias.

— Júlia, isso é maravilhoso! — Alice fala entusiasmada.

— Nunca me senti tão bem advogando. — Suspiro feliz.

As meninas fazem muitas perguntas, e eu tenho a sensação de que Dominic acaba de conseguir mais três voluntárias. Só vou deixar de lado a parte de que ele é atraente como o inferno. Isso é melhor elas verem com seus próprios olhos.

Vamos para a sala, com vinho e música. Sento-me sobre as pernas e encaro a taça em
NACIONAIS - ACHERON

minhas mãos, desejando começar o assunto que está pairando como um grande elefante branco desde o início do jantar.

— Gustavo esteve aqui hoje mais cedo... — começo baixo, deslizando o dedo sobre a borda de cristal vagarosamente.

O silêncio me faz encher ainda mais a taça, seguida de perto por seus olhares.

— Eu fiquei surpresa por ele aparecer, sabe? — Encolho os ombros. — Então fomos ao pub da esquina. — Tomo um pouco do vinho. — Ele falou umas coisas sobre... o homem... — Faço um gesto com a taça, distraíndo-me da dor de mencionar seu nome, mas sei que não vou me curar desse amor assim. — Frederico está na cidade.

Minhas amigas suspiram quase compassadas, parecendo esperar pelo momento.

— Gustavo acha que ele gosta de mim... — Mordo o lábio.

O silêncio estranho dura até Katy inspirar ruidosamente.

— Eu não tenho nenhuma dúvida disso — ela sussurra olhando para mim.

Aliso a testa, tentando afugentar a dor de cabeça chata que está querendo vir me acompanhar na festa.

— Você sabe o que penso sobre essa... essa *coisa* toda de amor, relacionamentos... — Pini delibera cuidadosamente. — Mas eu acho que Frederico realmente se importa com você, gatinha. Se você visse como ele ficou quando percebeu que você tinha ido embora... Eu fiquei com pena do cara.

Ela sorve uma boa quantidade de seu vinho, enganosamente distraída.

— Ele saiu como um louco, tentando te encontrar e voltou depois todo acabado. Parecia perdido.

Meu coração descompassa. É uma sensação de dor.

— O que vocês acham que eu deveria ter feito? A situação parecia uma bomba-relógio prestes a explodir — falo com voz embargada e com a sensação de nós estrangulando-me. — Frederico tem os piores pensamentos sobre mim, ficar lá só pioraria as coisas.

Alice, calada, aperta minha mão. Mesmo contra a minha vontade, algumas lágrimas insistem em aparecer.

— Eu me sinto terrivelmente culpada por tudo isso. — Katy se senta ao meu lado no sofá.

— O quê? — Encaro-a confusa.

— A ideia da aposta foi minha, Ju. Provavelmente vocês ficariam juntos de qualquer jeito, basta ver a química que há entre os dois. Eu coloquei você em uma situação ruim.

Toco seu rosto bonito e a faço me olhar nos olhos.

— De forma nenhuma. Nem pense nisso — rejeito peremptoriamente. — Aquilo foi uma brincadeira, e eu sou bem grandinha para fazer o que quero. Você não me obrigou a nada.

— O fato aqui, Júlia — Pini volta a falar —, é que você está tão mal quanto ele, então por que não resolver isso de uma vez?

— Não é tão fácil... — murmuro num fio de voz.

— Ninguém disse que seria — ela rebate.

— Ele gosta de você, Ju. E você, dele, nada

mais pode importar. — Alice me envolve em seus braços, docemente, e esse gesto derruba qualquer mínimo sinal de autocontrole que eu ainda tinha.

— Eu acho que ferrei tudo ao fugir, não é?

Tampo o rosto com as mãos e deixo as lágrimas virem livremente. Mal contenho os soluços baixos escapando pelos dedos. Esperando eu me acalmar, as meninas me acarinham nas costas e cabelos.

— Você não ferrou nada, amiga. Você agiu como qualquer uma de nós faria. Afastou-se do que estava lhe causando dor.

— Alice... — Suspiro chorosa, olhando seu rosto delicado. — Isso foi tão bonito.

Um longo silêncio ecoa pela sala, seguido por gargalhadas. Choro e rio, tudo ao mesmo tempo.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 34

Júlia

As meninas vão embora por volta da meia-noite. Entro no chuveiro e mergulho em um banho quente. Esfrego com cuidado todas as partes do corpo, imersa em pensamentos sobre tudo o que foi dito hoje.

Enrolo-me na toalha, enfrentando o espelho. Uma ansiedade diferente formiga dentro de minha barriga. Eu só posso estar louca, mas não consigo parar de pensar no cartão que Gustavo me entregou.

Eu devo ir atrás dele? Não é uma resposta simples. Porém, de repente tudo o que fizemos e dissemos de mal um ao outro parece tão... *menor* do que a necessidade de olhar em seus olhos. Acho que, no fundo, fugir daquele jeito foi a maneira que

encontrei para fazê-lo sofrer deliberadamente. Eu quis puni-lo. Fui muito orgulhosa e tentei lhe infligir a mesma dor.

Daniel me disse *basta pedir desculpas*, Gustavo praticamente me disse a mesma coisa. Estou culpando somente o homem e esperando dele algum pedido de perdão explícito que afague meu ego ferido, mas ele já tentou fazer isso e eu não deixei, cega por querer odiá-lo.

Eu nunca admiti para ele que também errei. Seria este o momento de ir atrás? Isso ao menos abrandaria esta dor me corroendo como ácido?

Debocho de mim mesma com escárnio. O que eu perderia conversando com ele? Minha dignidade, talvez, no caso de ele me desprezar de novo. E ainda assim eu não tenho nada a perder, porque *nada* deve ser pior do que o que estou sentindo desde que deixei aquela fazenda.

Com as mãos tremendo, corro pelo quarto atrás de uma roupa adequada para ir ao seu hotel. Na falta de criatividade para esconder a bagunça interna em que estou, visto um jeans preto justo, uma blusinha de alças finas e um casaco quente

para a noite fria.

Pego a bolsa e as chaves e vou voando para o elevador, que hoje parece absurdamente demorado, tanto para chegar, quanto para descer. Entro no carro e saio em disparada pelas ruas quase vazias. O coração está a mil por hora, em pulsações dolorosas. Minhas mãos suam em bicas.

Chego ao hotel e deixo o carro com o manobrista. Vou direto para o elevador, sem parar na recepção para ser anunciada... no fundo, temendo ser rejeitada. Paro no corredor das suítes presidenciais e verifico no cartão o número do quarto.

Diante da porta certa, fico quase cinco minutos ensaiando uma batida. Penso em desistir. Porém, lembro-me de tudo o que senti quando tomei a decisão e, com as mãos trêmulas, finalmente dou duas batidas.

Escuto passos pesados se arrastarem para a porta. Estou à beira de um colapso psicológico. Minhas pernas se assemelham a gelatina. Meu cérebro grita estridente, mandando-me sair correndo. Meus pulmões desistiram de tragar o ar

necessário para minha sobrevivência.

Ótimo. Acho que estou morrendo.

Fixo o olhar no chão, perscrutando cada detalhe do carpete vermelho. E então acontece... A porta se abre.

Deslizo os olhos para seus pés descalços. Subo passando pelo jeans rasgado nos joelhos e apertado nas grossas e firmes coxas. Sua calça tenta comprimir a fera adormecida na região da virilha, mas que ainda assim se destaca. Uma camiseta agarrada ao corpo exhibe o V do quadril na altura do cós da calça. Elevo o olhar para o abdômen e o largo peitoral, que se movimenta rapidamente. A camiseta de mangas longas mostra um pedaço da pele bronzeada. O pescoço largo, com grandes veias pulsantes, sustenta um maxilar desenhado, coberto por uma espessa barba que não estava ali antes. O músculo da face se agita frenético. Os lábios carnudos estão levemente abertos. O nariz retilíneo suga profundamente o ar, alargando-se.

E finalmente encontro os intensos olhos de pupilas dilatadas, que dizem o mundo, apontados para mim. Subo um pouquinho o olhar para seus

cabelos sutilmente bagunçados e úmidos.

Dou um passo atrás vertiginosamente. *Senhor...* Esse homem é mais bonito do que eu me lembrava. Passo a língua pelos lábios ressecados, sedenta e volto a encarar seus olhos. Se esse homem me chutar para fora, nada nunca apagará esta imagem de minha mente.

Vejo o movimento de sua garganta engolindo a saliva.

— Júlia — ele diz rouco, quase inaudível.

O som reverbera por meu corpo. Tenho que me segurar ao batente da porta para não desabar.

— Po-po-posso entrar? — pergunto baixo, desnorteada.

Frederico arfa ruidosamente e afasta o corpo para o lado, dando-me passagem. Passo por ele sem perder um único fragmento de seu cheiro no ar. Uma mistura de sabonete, roupa limpa, uísque e seu próprio odor masculino, poderoso.

Ando uns três passos dentro do quarto. Sinto a energia de seus olhos às minhas costas. Imediatamente os pelos de meus braços se arrepiam e um calafrio desliza de minha nuca para a espinha.

Eu não tenho mais coragem para enfrentá-lo. Estou abalada demais para isso.

Em silêncio, ele se aproxima de mim por trás. Não há contato físico, mas o calor que emana de seu corpo toca cada pedacinho de minha pele. Engulo em seco; minha boca está extremamente ressequida.

— Você quer beber alguma coisa? — a voz grave sussurrada é difícil de suportar pelas lembranças que traz.

Viro-me lentamente, respirando com dificuldade. Não olho para seu rosto, não consigo.

— O mesmo que você estava bebendo. — Olho para um copo em sua mão.

— Uísque? — ele sussurra.

Balanço a cabeça, afirmando.

Depois de uns cinco segundos imóvel, ele se afasta. Assisto-lhe servir um copo com dois dedos da bebida marrom. Frederico volta e me estende o copo. Nervosa demais para qualquer coisa, aceito a oferta e engulo todo o líquido em um único gole. Desce queimando, inflando meu peito.

Ele suspira com força.

— Eu vim conversar com você — falo baixo.

Seu corpo se aproxima um pouco mais, mantendo nada além de um palmo de distância de mim. Sua mão febril segura meu queixo e levanta gentilmente meu rosto, fazendo-me encará-lo.

— Olhe para mim.

Faço o que ele pede. E encarar seus olhos tão próximos é minha ruína. Sou rasgada por uma necessidade insuportável de tocá-lo. Leva tudo o que tenho para me controlar, cerrando os punhos em minhas laterais. Nervosamente, lambo o uísque em meu lábio inferior, sentindo o gosto do álcool. Certamente eu deveria pedir mais uma dose.

— Eu quero tanto te beijar — ele rosna com um desespero controlado e quase animalesco.

Fecho brevemente os olhos, a mente nublada.

— Eu também — sussurro com sofreguidão.

Tortuosamente, ele roça seus lábios nos meus e me olha como o bem mais precioso.

— Você veio conversar, Júlia. Eu quero te ouvir e também falar. Quero que você saiba de todos os meus sentimentos antes de qualquer coisa — seus lábios sussurram, suavemente colados aos

NACIONAIS - ACHERON

meus.

Sinto sua luta quando ele se afasta de minha boca. Meu corpo amolece vergonhosamente. Ele segura meus ombros com cuidado e me conduz para o sofá atrás de mim.

Silenciosamente agradecida, eu me sento.

— Será que eu poderia ter um pouco mais disto? — Aponto para o copo.

Ele me olha em dúvida, mas logo se levanta e serve uma dose menor do que a anterior. Eu bebero um pouco e pouso o copo em uma mesinha ao lado.

Frederico se senta na mesinha de centro à minha frente, nossos joelhos se tocando.

— Eu vim pedir desculpa — olho para seu rosto — pela coisa toda da aposta.

Ele balança a cabeça, negando.

— Sou eu o único aqui que deve se desculpar — o som gutural não faz muito para me ajudar.

— Deixe-me terminar, Frederico, por favor — minha voz não é nada mais do que murmúrios. — Foi uma coisa estúpida e impensada, e eu deveria ter contado a você na primeira vez em que
NACIONAIS - ACHERON

conversamos.

Ele abre suas pernas e envolve as minhas nas laterais, sem muita pressão, somente o suficiente para eu sentir o calor do contato sobre as roupas. Prendo a respiração e continuo:

— Eu deixei a coisa continuar por medo de estragar tudo e acabei ferrando de qualquer jeito...

Ele me interrompe:

— Fui eu que estraguei tudo, Júlia. — Suas mãos prendem as minhas. — E a decepção e dor que vi em você me quebrou — a sobriedade em sua voz inspira verdade. Seus olhos estão límpidos enquanto ele fala, como se eu pudesse ver através dele. — Eu nunca deveria ter dito aquelas coisas, muito menos ter tocado em você como eu fiz. Quanto mais eu falava e te segurava, mas eu via que estava perdidamente louco por você. Eu a odiei por me fazer sentir tão fraco, por me fazer gostar tanto de você. Mas eu odiei mais a mim mesmo, por não saber o que fazer com esse sentimento.

— Eu... eu — não consigo encontrar as palavras presas na garganta. E ele continua:

— Fiquei furioso por vê-la com a boca em

outro cara. Eu não esperava...

Desta vez sou eu que o interrompo:

— Eu fiz aquilo porque queria que você sentisse a mesma dor que eu senti quando sua prima te beijou. Foi mesquinho e inconsequente de minha parte, mas não pude evitar. — Aperto os punhos. — E ela é do mal. Ela me disse que você era o homem dela — o complemento tardio sai como uma reclamação infantil.

— Eu entendi isso depois. — Ele suspira frustrado. — Mas doeu como o inferno, Júlia. Eu nunca tinha sentido aquilo antes. Vi-me cego, furioso. Foi como se um animal tomasse meu corpo e me fizesse arrancar aquele cara de cima de você, da minha mulher. Eu fiquei cego pelo ciúme, e isso desengatilhou tudo o que eu estava prendendo desde que te conheci, amor, posse, desconfiança, irritação por não conseguir te tirar da cabeça... Tudo... tudo veio à tona.

— Não pense que para mim foi diferente, Frederico, ou que foi fácil. Eu estava me sentindo do mesmo modo. Tive um medo absurdo das coisas que você fazia à minha mente a cada vez que estava

perto, e mesmo longe, os pensamentos que eu tinha sobre você me traziam pânico. Eu nunca gostei de ninguém desse jeito — sei que o ressentimento está estampado em cada palavra, mas não posso evitar. Sinto uma lágrima de raiva deslizar pela bochecha e a limpo com as costas da mão. — E aí você disse que me usou, e isso doeu demais — acuso.

Ele limpa novas lágrimas teimosas que insistem em cair.

— Não chore, menina bonita. Eu falei aquilo tudo com raiva, estava descontrolado e queria te magoar. Eu amei cada segundo com você.

— Mas usou tudo o que fizemos contra mim!

O músculo de seu maxilar se agita com mais intensidade.

— Você está magoada e tem toda a razão. Eu só quero consertar tudo isso, Júlia. Eu não posso voltar atrás e apagar o que eu disse, ou o que eu fiz. — Ele alisa meus braços. — Mas eu preciso que você me dê uma chance de mostrar que foi real. O que vivemos, o que eu senti, foi tudo real.

Soluço, odiando o fato de não conseguir controlar as emoções.

— Eu sou maluco por você e levei cinco segundos para perceber o meu erro. Quando você saiu da clareira, tão ferida, eu só conseguia me odiar e me segurar para não ir correndo atrás de você.

— Você não foi...

— Não, e quando você desapareceu, eu me senti como lixo. Eu deixei você se perder naquela mata. Eu poderia ter evitado, mas eu deixei você ir sozinha.

— E você mandou o Gustavo atrás de mim?

— Sim, porque eu sabia que você não queria me ver, estava magoada demais.

Suspiro. Eu preciso fechar um pouco os olhos e tirar a atenção do rosto dele. Por mais que minha missão aqui seja de paz, eu ainda tenho vontade de magoá-lo com a lembrança viva de como me senti.

— Me perdoa — ele sussurra com apelo. — Eu fui um idiota e depois tentei consertar as coisas, mas não soube como.

Abro os olhos.

— Tentando me envergonhar diante de seus familiares e de nossos amigos... — acuso-o

novamente.

— Não, eu não tinha a intenção de fazer isso. Eu só queria que você parasse de me evitar e me desse um tempo para eu poder falar. E de repente todo mundo estava me tratando como se eu fosse um homem abusivo que queria te machucar. — Ele bufa frustrado e passa a mão no próprio cabelo.

— Eu também pensei isso — assumo.

Dor e remorso passam por seus olhos, e meu coração se aperta.

— Eu nunca te faria mal, Júlia. Só não soube o que fazer. Todo mundo começou a me dar conselhos, a falar sobre como eu machuquei você, como você estava arrasada... Ouvir essas coisas me fez muito mal, eu me odiava por ter feito tanta merda.

Alcanço o copo e viro o restante da bebida, desviando a dor de meu peito para a garganta. Ele me observa, e então volta a falar:

— Quando você foi embora, meu mundo desmoronou totalmente. Eu nunca me senti tão perdido e tão impotente.

— Não foi fácil para mim também. — Olho

para o chão, revivendo a sensação de vazio e dor insuportável que mal me deixava respirar.

Frederico encara suas mãos, seu rosto corroído em agonia em cada traço.

— Por que você veio para cá, Frederico? — lanço a pergunta capciosa, e é claro que meu coração quer apenas uma resposta.

Ele solta a respiração pesada e me encara.

— Por você, Júlia. Somente por você. Eu odeio esta cidade — convicção é tudo o que está presente em seu tom.

A verdade nua em seus olhos derrete a estrutura de ressentimento que estou tentando construir. Desisto de me forçar mais a manter o controle e deslizo do sofá para o chão ficando de joelhos, entre suas pernas, nossos olhos na mesma linha.

— E eu estou aqui — sussurro, firme.

— Júlia... — ele ruge, um som rouco e terrivelmente atraente.

Sou puxada pela nuca para me aproximar de sua boca. O calor de seus lábios queima os meus. Deliciosamente abrupta, sua língua invade minha

NACIONAIS - ACHERON

boca. O contato é tão maravilhoso que um grão estranho sai da minha garganta, acompanhado por lágrimas de alívio, de amor, não sei definir.

Eu só consigo querê-lo mais. Nem o beijo parece suficiente. Dou tudo o que tenho e tomo tudo dele. Minhas mãos passeiam frenéticas pelo seu peito, cabelo, braços. Afasto-me brevemente para tomar fôlego e encontro seus olhos nublados de paixão.

— Você é real — murmuro embriagada.

— Você também, menina bonita. Isso não é um sonho. E para ser honesto, eu já não aguentava mais ficar sem você.

Fogos de artifício coloridos explodem em meu cérebro.

— Eu queria conversar mais — ele rosna selvagem, tocando meus lábios. — Eu poderia ficar a noite inteira te pedindo desculpas e ainda não seria suficiente. Mas eu preciso desesperadamente estar com você, menina.

— Eu também — murmuro com voz embargada.

— Júlia... — seu tom é áspero e excitante

além do que posso suportar, como um aviso.

Nem consigo acreditar que isso está acontecendo. Desde que saí da fazenda, tive a sensação constante de que uma parte de mim tinha morrido, mas basta olhar nos olhos amendoados e com pupilas dilatadas que sinto como se minha vida fosse lentamente sendo restaurada.

Subo em seu colo e me perco, sem fôlego, em seu beijo tão necessitado quanto eu mesma me sinto. Levantando-se comigo em seus braços, Frederico não para de me beijar enquanto se movimenta pela suíte.

Dentro do quarto, ele me põe em pé.

— Eu desejei tanto ter você de volta. Estive no inferno nestes últimos dias... — Suas mãos seguram meu rosto, um dedo desliza febril por meus lábios.

Meu coração se arremessa contra o peito. Mal posso respirar.

— acredite, fiquei do mesmo jeito. — Meus olhos perseguem os seus.

Aliso seu rosto áspero, tocando a barba, as manchas escuras sob seus olhos e sou invadida por

dor e desejo quase dilacerantes.

Sufocada, dou um passo atrás e me livro do casaco, sentindo um calor quase intolerável. Como um predador, Frederico corta o espaço e me pega em seu colo novamente. Vejo-me sendo empurrada contra a parede. O beijo é selvagem. Sinto seus músculos contra mim, nossas respirações se misturam ofegantes.

Nos momentos seguintes, o homem me tem em sua cama. Minha roupa é arrancada lentamente, diante de seus olhos escuros famintos, apreciativos. Seus movimentos são quase devotados.

Fecho os olhos, tão feliz que eu poderia explodir agora. Todo contato de sua boca em meu corpo faz reverberar minha angústia em o ter. Estou excitada e emocionada como nunca me senti antes.

— Tão linda — sua voz rouca corta meus gemidos baixos, quando sinto o contato de seus dedos preguiçosamente atingindo meu centro.

A temperatura, a pressão, tudo é tão perfeito que, em meio a lágrimas, encontro a liberação. Meu corpo se desprende do colchão, minha coluna vira um arco, dilacerada por todas as sensações. Choro

de prazer, de dor por amar tanto, de medo de perder isso novamente.

— Venha, Frederico, eu preciso de você — imploro baixinho.

As estocadas suaves de seu corpo contra o meu me levam para uma nova dimensão. Pela primeira vez na vida, tenho a sensação de que não é só físico. Estamos fazendo amor. Lágrimas escorrem por meu rosto, e Frederico as consome com beijos, com sua língua, levando tudo de mim. Tenho vontade de gritar. Não consigo raciocinar além do que meu corpo pede. Frederico toma seu próprio ritmo, como se estivesse me contemplando com devoção. É demais para mim. Mordo seu ombro com força, odiando e amando tudo o que ele representa para mim.

Depois de todo o prazer, sou levada à exaustão e me deixo desmaiar. Ele me envolve com seus braços e apaga a luz, para o sono verdadeiro que eu já não tinha havia muito tempo.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 35

Júlia

A mãe natureza me acorda, exigindo aliviar a bexiga. Desnorteada, sento-me na cama meio zonza e me assusto um pouco ao constatar que não foi um sonho. Estou realmente deitada na cama de um quarto de hotel, ao lado do homem que se enraizou em meu peito. Frederico dorme profundamente, com nada mais do que a paz em seu rosto e o corpo nu em glória. O quarto está meio escuro, mas raios de claridade entram pelas frestas da imponente cortina.

Nas pontas dos pés, saio da cama e entro no banheiro. Faço uma varredura de meu corpo no espelho. Meu reflexo aponta uma garota corada, com os olhos brilhantes, cabelo e pele reluzentes e

um sorriso que havia tempo eu não via.

Estou irremediavelmente apaixonada. No entanto, algo que antes eu não considerava está começando a se infiltrar em meus pensamentos. A vozinha da razão está me perguntando: e agora, Júlia? Qual é o ponto a partir daqui? Ele saiu da fazenda e veio até aqui, mas sua vida é lá, ele não gosta desta cidade. Eu não acho que um relacionamento à distância pode funcionar entre nós, somos inseguros demais um em relação ao outro, foi o que me dei conta esta noite.

Entro no chuveiro para uma ducha rápida. Eu devo ir enquanto ele dorme ou enfrentar toda a situação e descobrir em que pé estamos nisso tudo? Ficar, certamente. Eu já fugi demais.

Visto meus jeans e pego emprestada uma camiseta de Frederico, só para sentir um pouco mais dele em mim. Eu já usei sua roupa antes, mas a deixei na fazenda, quando arrumei as malas.

Deslizo para a antessala da suíte e me enrolo no sofá, sentando-me sobre os pés. O lugar é bem bonito, com uma decoração ao estilo imperial, forte e dominante, e por alguma razão, combina

perfeitamente bem com a personalidade de Frederico.

Não vou embora, apesar da vontade grande de ir. Quero estar aqui e conversar, saber se estamos bem, entender algumas coisas sobre ele. Tenho muitas coisas para falar, e ontem, essencialmente, eu estava muito estressada para falar qualquer coisa que fizesse sentido. Eu só queria jogar na cara dele o quanto ele me magoou e queria ouvi-lo pedindo desculpas. Todavia, isso não é tudo o que precisa ser dito entre nós.

Puxo uma revista sobre negócios que está ao lado do sofá e leio um artigo de oito páginas acerca dos investimentos e crescimento do setor de energia. O texto longo, cheio de exemplos práticos, em determinado momento menciona a empresa Falcon de mineração, que tem ramificações em oleodutos e gasodutos, como exemplo de organização que está liderando o setor com rentabilidade conciliada à sustentabilidade. A revista traz opiniões de especialistas que elogiam as ações da Falcon pelo modo sustentável que envolve as operações de extração e o tratamento que a

empresa oferece ao ambiente nas cidades em que atua. Em um dos parágrafos, Frederico é citado como visionário e exemplo a ser seguido.

Meu coração é tomado por orgulho, ainda tentando assimilar a ideia de que o cara de que estão tratando como um imperador no mundo dos negócios está deitado a menos de dez metros de mim e que passei a noite com ele.

Inesperadamente, um barulho estrondoso vem do quarto, como um furacão arrastando tudo. Só tenho tempo de virar a cabeça e ver, por cima do ombro, Frederico nu, com os olhos inchados, cabelos desmanchados e uma expressão apavorada.

— O que foi? — pergunto baixo, assustada.

Seus olhos encontram os meus com o medo estampado neles.

— Júlia... — Ele desaba, encostando-se ao batente — Você ainda está aqui.

Vejo o alívio passando por seu rosto. Ele achou que eu tinha ido embora? E ficou assustado com a ideia?

— Sim — respondo suave, não conseguindo controlar um sorriso.

Uma lufada de ar abandona ruidosamente seu peito. Frederico caminha vagarosamente para o meu lado. Meus olhos caem brevemente em seu corpo nu, e tenho que forçar a respiração a passar pela garganta, com a sensação de desejo ganhando vida.

— Por que está ficando vermelha, menina bonita? — ele rosna rouco.

Balanço a cabeça, mordendo o lábio.

— Só admirando um pouco a vista, você sabe. — Encolho os ombros.

Ele para a minha frente e me puxa para ficar em pé. Seu abraço apertado em volta da minha cintura me esmaga. Sua cabeça encontra a curva de meu pescoço.

— Estou tão feliz por você estar aqui — ele sussurra quente sobre minha pele. — Humm, você cheira tão bem.

Sorrio e descanso a cabeça em seu peito.

— Eu tomei banho — digo simplesmente, meu sorriso rasgando as bochechas.

Ficamos abraçados por alguns minutos, contemplando o toque em silêncio. Ter esse contato

faz-me tão confortável, é como se isso fosse certo de alguma forma, não sei explicar. Honestamente, eu amaria ter um pouco disso todas as manhãs.

Ele afasta seu rosto para me observar, e então um sorriso bonito é dedicado a mim.

— Vamos pedir o café da manhã?

Suas íris têm um brilho bonito.

— Claro — concordo timidamente, amando essa normalidade entre nós.

— O que você acha de pedir enquanto eu tomo banho? Ou poderíamos tomar banho juntos.

— Seu olhar aquecido me derrete.

Baixo os olhos para encontrar sua determinação firme apontada para o céu. Antes que eu possa refletir sobre minhas opções, sou tomada por sua boca preguiçosamente, mas com propriedade. Nem sei como acabo embaixo do chuveiro, recebendo estocadas que me lançam para fora da atmosfera enquanto minhas mãos apoiam-se no vidro do box. Definitivamente estamos tirando o atraso.

Enrolados em roupões de banho, contemplamos nosso café da manhã repleto de

NACIONAIS - ACHERON

alimentos. E eu nem imaginava que estava com tanta fome. Começo por um iogurte com frutas vermelhas, delicioso e geladinho. Dou um gemidinho de prazer, logo percebo que Frederico tem os olhos em mim. Paro a segunda colherada no meio do caminho entre a taça e a boca.

— O quê? — pergunto confusa, sorrindo.

— Você emagreceu — o tom sério mal esconde o desgosto da afirmação.

— Um pouco... você sabe... — Dou de ombros.

Demora alguns minutos para a carranca abandonar seu rosto e dar lugar à desconfortável ausência de conversa. Sei que ele está perdido em pensamentos que provavelmente têm a ver com a semana em que nos conhecemos, mas não vou deixar um abismo ser construído entre nós novamente.

— Frederico — falo um pouco hesitante —, acho que precisamos conversar.

O homem pousa a xícara na mesa.

— Sim, acho que sim. — Ele se levanta e estende a mão. — Venha.

Aceito a oferta e o sigo para o quarto. Sento-me encostada à cabeceira da cama, e ele um pouco mais longe, próximo aos pés.

— Eu nem consigo explicar o quanto estou feliz por estar aqui com você... — começo, sem jeito.

— Não chega nem perto do que eu estou sentindo, Júlia — ele me interrompe com uma rouquidão franca.

Mordo a bochecha. *Senhor, por onde começar?*

— Tudo aconteceu muito rápido entre nós. A situação da aposta, de nos envolvermos, e tudo acabou como sabemos: eu fugi. — Encaro os dedos.

— Por minha culpa — complementa.

Mordo o lábio, policiando-me para não reviver as partes ruins disso tudo.

— E agora, onde isso nos deixa? — Encaro seus olhos, lançando o que tem me atormentado desde o minuto em que abri os olhos esta manhã: — Quero dizer, para onde vamos depois disso?

A expressão do homem ganha determinação.

— Vamos ficar juntos.

Meu coração perde o compasso.

— Não há nada que eu queira mais — revelo sincera. — Eu sei que começamos com o pé esquerdo, lá atrás, então agora preciso fazer isto da forma certa. Eu agi mal. — Impeço-o de interromper com um sinal. — Sim, eu agi mal, e você me disse coisas que realmente me magoaram, mas não vou remoer o que passou — deixo-o saber. — Eu não quero mais nada entre nós. Não quero insegurança, não quero ter medo de você e de suas reações, nem fugir como uma covarde — falo tudo de uma vez, enquanto me sinto fortalecida e corajosa.

— Você não precisa fugir de mim, Júlia. Nunca mais. Isso já me destruiu uma vez, eu não saberia lidar com essa dor de novo.

Suas palavras tocam-me dolorosamente. Penso em me aproximar para tirar a angústia de seu rosto, mas me detenho. Há coisas que precisam ser ditas.

— Eu preciso que você confie em mim e que veja quem eu realmente sou — minha voz soa

como um pedido. — E eu também quero saber quem você é, Frederico. O que você sente, quais seus medos, para que nossas inseguranças não nos afastem.

Ele acena uma vez com a cabeça. Os olhos ganham intensidade.

— Meu único medo é de te perder. — Sua convicção é comovente.

Analiso com cuidado minhas próximas palavras, mas decido dizê-las:

— Eu sei alguma coisa sobre o que aconteceu entre você e sua ex-noiva e senti que tudo sobre aquela aposta estúpida e as coisas que aconteceram fizeram com que você a projetasse em mim... — Encolho-me um pouco. Seus olhos se desviam, e algo me diz que eu cheguei ao ponto. — Mas não sou ela, e não é justo que um fantasma fique entre nós. Eu errei e acho que paguei um preço muito alto por isso...

A expressão em sua face é de pura derrota.

— Eu me odeio por ter chegado a pensar que você pudesse ser como ela — ele assume quebrado.

— Não te recrimino, não fui exatamente um
NACIONAIS - ACHERON

bom modelo de pessoa, não é? — faço uma tentativa de ser engraçada. — Eu só gostaria de ser julgada pelos meus próprios erros, sabe? Somos dois estranhos, se pensarmos em quanto já vivemos juntos. Estamos nos conhecendo. Não sei para onde estamos indo, mas eu não quero ter medo de você.

Ele se aproxima e toca meu rosto. O calor e suavidade por alguma razão afagam-me a alma de um jeito que talvez palavras não fariam.

— Eu nunca mais vou fazer você sentir medo de mim, Júlia. Isso eu te prometo. Tocar daquele jeito em você foi um erro, e Deus sabe como eu me arrependo.

Agarro-me à intensidade e segurança de seu olhar como uma espécie de fortaleza para mim.

— Eu acredito — revelo baixo, tomada por uma nova emoção.

Frederico solta o ar, dilatando suas narinas.

— Não sei o que você ouviu, mas eu gostaria de te contar a história por mim mesmo.

— Você não precisa me contar nada.

— Mas eu quero, Júlia.

Suspiro e fico calada. No fundo eu quero
NACIONAIS - ACHERON

ouvir, sim, por suas próprias palavras.

— Ela me traiu com um ex-parceiro de negócios, um crápula que eu chutei de minha empresa depois que descobri que ele cobrava propina de alguns fornecedores. Dantas resolveu abrir uma concorrente, mas é tão imbecil que não sabia o básico sobre meu negócio. — Ele sorri amargo. — E teve a brilhante ideia de comprar minha noiva para que ela pegasse algumas informações no meu computador pessoal. A mulher era tão baixa que acabou transando com ele, e o maldito gravou tudo.

Noto seus punhos cerrados.

— Como ela não conseguiu nada no computador, ele resolveu me chantagear sobre revelar o vídeo e explodir a situação na imprensa.

Frederico mói seu lábio inferior entre os dentes. Há um sofrimento em seu rosto que eu não gostaria de ver. Sim. Ele ainda sofre por ela. Ele ainda gosta dela. A descoberta aperta minhas entranhas dolorosamente.

— Você ainda a ama — sussurro quase sem voz, apavorada com a ideia.

— Não! — Seus olhos se arregalam, como se a simples ideia o enojasse.

— Eu estou vendo o sofrimento em sua face, Frederico — murmuro, lutando para permanecer no controle.

— Não, Júlia. Não é nada disso. — Seu polegar acaricia minha bochecha. — Eu acho que nem cheguei a gostar dela de verdade... Rebeca era mais como um troféu para apresentar à sociedade, imprensa e essa merda toda que antes eu achava que era importante.

Definitivamente, eu não imagino Frederico apreciando a ideia de se exhibir ou tornar seus negócios públicos. O homem é um cofre fechado em relação aos seus sentimentos.

Sem que eu pergunte, ele me conta sobre sua saída da fazenda em busca dos próprios objetivos de vida. Frederico quis e conquistou o mundo, dinheiro, fama nos negócios e poder, mas a relação com seu pai se estremeceu, e eles ficaram alguns anos sem muito contato. Posso ver, por seu modo derrotado de contar, o quanto a distância entre eles o afetou.

— Tudo aconteceu no mesmo momento, a traição, a notícia em todos os lugares e a doença de meu pai. Só então percebi o que eu estava fazendo com a minha vida. Eu me afastei de minha família para viver uma vida que não era a minha.

— Foi quando você decidiu voltar para a fazenda?

Ele balança a cabeça, confirmando, imerso em lembranças.

— Sim. Eu decidi reconquistar tudo o que meu avô e meu pai lutaram para ter. Eu investi dinheiro e tempo para reerguer os negócios da família, até eles chegarem ao que são hoje.

— Você tem muito talento para os negócios — divago, relembrando a matéria da revista.

— Nem tanto, mas agora o estou usando para coisas que realmente valem a pena.

Olho para seus olhos vívidos.

— Você é um cara admirável.

— Não. Eu sou um cara que teve uma nova oportunidade na vida. — Seu dedo toca a ponta de meu nariz de maneira irreverente. Ele está parecendo mais leve.

Um silêncio confortável e nossos olhares unidos levam a aura densa para longe. Reflito, pensando em como eu gostaria de ter pais menos egoístas e que me amassem assim. Hoje Daniel e as meninas são minha família, tudo o que tenho.

— Eu também já fui noiva — resmungo tardiamente.

Percebo seus músculos tencionarem e a expressão virar uma sutil carranca. A reação não me surpreende.

— Se acalme, homem — brinco, aliviando o clima.

— Conte-me sobre isso. — Apesar da falsa passividade, eu posso ver suas engrenagens trabalhando.

Dou de ombros, diminuindo a relevância do assunto.

— Foi há um tempo, mas não teve importância — digo sem muita ênfase. — Era um namoro sem grandes expectativas que foi longe demais. Ele me traía, e meu irmão descobriu. — Dou de ombros. — Eu fiquei bastante aliviada, na verdade — a última parte eu cochicho de um jeito

engraçado, como um segredo.

Ele me olha atento, com um esboço de sorriso e curiosidade.

— Você não queria ficar noiva dele?

Balanço a cabeça, negando.

— E por que ficou?

Suspiro.

— Empurrei com a barriga por tempo demais...

— Ora, tem que haver mais do que isso.

— É isso. Eu não amava o cara. Eu nem sabia que existiam sentimentos mais fortes na vida e me contentei com aquilo. Depois, o pedido me pegou meio desprevenida, e eu me senti culpada, então aceitei para não o magoar. Foi um erro, como eu disse.

Ele me olha de um jeito estranho por um tempo.

— Você precisa impor suas vontades, Júlia. Fugir não faz com que o problema desapareça — sua voz é mais séria do que eu gostaria de ouvir.

Isso meio que me irrita um pouco. Ele está

me julgando novamente. Mordo o lábio, encarando os dedos. E então a luz da verdade se acende em minha mente... Fugir não foi exatamente o que eu fiz há alguns dias?

Sim. Não há como negar que essa foi uma acusação válida. Respiro fundo.

— Estou trabalhando nisso — é só o que consigo dizer.

— Eu sei que está. — Ele puxa meu rosto com as mãos e fala próximo aos meus lábios: — Você veio falar comigo.

Sem nem processar o significado de suas palavras, sou imersa num beijo doce, seguro. A sensação é como se isso fosse a única coisa certa no mundo. Deleito-me com o toque macio.

— Nunca senti nada parecido — o rosnado em seus lábios é algo cru, honesto.

— Acho que posso dizer isso também. — Sorrio.

— Eu quero mais com você, menina. Eu quero você na minha vida.

Afasto o rosto e pisco algumas vezes, tentando compreender o que ele está dizendo.

— Vo-vo-você quer namorar? — pergunto ansiosa.

— Eu quero tudo com você — seu tom não deixa qualquer margem para dúvidas.

Abro a boca e a fecho, sem saber o que dizer e a abro novamente.

Frederico sorri e toca com o dedo a ruga entre minhas sobrancelhas, desfazendo-a.

— Não pense muito, só deixe acontecer, menina bonita.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 36

Júlia

Passamos o dia juntinhos. Assistimos a um filme de ação, porque achei que ele não gostaria de uma comédia romântica e não quero torturá-lo com meus gostos melosos. Agora estamos na varanda da suíte, assistindo ao pôr do sol abraçados, envolvidos em lençóis enquanto tomamos uma taça de vinho.

— Eu preciso ir para casa — lamento.

Ele me faz ficar de frente para si.

— Fique aqui comigo, Júlia. — Há um apelo em seus olhos. — Se você quiser, podemos ir a sua casa buscar algumas roupas para passar a noite.

— Eu não quero atropelar as coisas entre nós.
— Desvio o olhar de sua face e encaro a noite se

formando à nossa frente. — Tenho medo de ir rápido demais de novo e ferrar com tudo.

Ele puxa meu rosto, pondo-me a encará-lo.

— Não fuja disso, não fuja mais de mim.

Enrubesco e luto para administrar as borboletas batendo suas asas em meu estômago. Parece exagero, mas hoje, mais do que nunca, estou com muito medo de cair na real e descobrir que tudo não passou de um sonho depois de dias em estado de letargia. Descanso a testa em seu peito, respirando profundamente.

— Passe a noite aqui, ou me convide para ir a sua casa. — Ele dá de ombros, parecendo constrangido.

— Sim, acho que estou sonhando — resmungo, pensando em voz alta.

Ele ri, e o som vibra em seu peito. Enfrento seus olhos, irremediavelmente apaixonada. Definitivamente, estou perdida.



Levo Frederico para o meu apartamento e
NACIONAIS - ACHERON

faço o jantar para nós. A cena parece tão normal, como se cada coisa estivesse exatamente onde deveria. Enquanto estou cozinhando, ele vai para a sala fazer algumas ligações. Em um momento, escuto-o falar algo um pouco mais áspero com quem quer que seja.

À distância, a realização do quanto ele é intenso, determinado e extremamente atraente sem esforço faz surgir uma gota de suor em minha testa. Não sei o que fiz para merecer isso, mas seja lá o que for... amém.

Depois de um tempo, ele se aproxima e me envolve pela cintura.

— A visão de você cozinhando me faz ter maus pensamentos. — Ele afasta meu cabelo e planta os lábios em meu pescoço.

— Nada que se compare à visão de você em seu modo *homem de negócios* — provoco-o, cobrindo seus braços com os meus.

— O cheiro está ótimo. — Seu nariz encontra a curva de meu ombro, arrepiando-me vagorosamente. — Pelo jeito, além de uma impressionante parteira de animais, você é também

uma excelente cozinheira.

Inclino a cabeça para trás, para encará-lo.

— Isso foi uma piada?

Ele me olha com posse e orgulho.

— Não sobre o parto, que foi algo realmente incrível, me deixou extremamente orgulhoso e fez com que minha família te amasse para valer — sua voz séria e profunda me excita. — E não sobre este cheiro maravilhoso.

Faço um beicinho de desconfiança.

— Obrigada, então.

— Você não sabe como me senti quando vi você naquele pasto, cheia de sangue e com o bezerro em seu colo. — Ele segura meu rosto e alisa minha pele com os polegares. — Eu fiquei tão orgulhoso, menina. — Seus olhos dançam por cada detalhe de minha face. — Ver sua dor e saber que você me odiava me quebrou. Ali eu achei que tinha te perdido para sempre.

Engulo a saliva, tremendo por dentro.

— Você não perdeu, estamos aqui — murmuro.

— É, estamos juntos. Eu estou muito feliz,
NACIONAIS - ACHERON

Júlia. Obrigado. — A intensidade e amor em sua expressão parecem me descolar do chão e me fazer flutuar.

Sim, eu o amo. Fecho os olhos bem apertados, fazendo uma prece silenciosa em agradecimento. Sentimentos de felicidade e gratidão inundam a escuridão que estava me consumindo.



Frederico

Já é madrugada, estamos deitados na cama de Júlia em estado de exaustão. Sua cabeça pousa em meu peito, cobrindo-me com seus longos cabelos castanhos. Envolver-a nos braços. Sua perna está em cima de mim, prendendo-me junto a si. Tudo está exatamente onde deveria.

A respiração moderada me indica que ela está acordada.

— Carinho — quebro o silêncio cuidadosamente —, amanhã preciso voltar à
NACIONAIS - ACHERON

fazenda.

Seu pequeno corpo endurece, mas ela não diz nada.

— Tenho que tratar de alguns assuntos importantes com nosso exportador e não consegui desmarcar a tempo. — Afago suas costas em movimentos circulares. — Mas na sexta estarei de volta — apresso-me em dizer. O pensamento de deixá-la, mesmo que por um dia, esmaga-me.

Levantando-se em seus cotovelos, Júlia se ajeita para me olhar.

— Você não gosta de estar nesta cidade, não é? — ela sussurra, seus olhos procurando algo em mim.

Eu sei a resposta para isso. Hoje eu sei.

— Não havia nada que eu gostasse aqui — digo honestamente. — Mas agora tenho. *Você*, Júlia. E quero estar com você onde você quiser estar.

Algo como alívio atravessa seu rosto como um flash rápido. Porra, isso é como um presente de Natal. Puxo-a contra o peito, tragando seu cheiro viciante como uma droga necessária para minha

NACIONAIS - ACHERON

sobrevivência.

Por esta noite, escolhemos o silêncio reconfortante como companhia. Não importa o que, como ou onde, eu a quero ao meu lado. Se para isso eu tiver que voltar a viver neste lugar, eu volto sem cogitar outra hipótese. A dor dilacerante que me acompanhou quando pensei que a tinha perdido para sempre é algo que nunca mais quero vivenciar. Posso parecer um covarde assumido, mas sem essa mulher, tudo o que me resta é o maldito vazio, e só Deus sabe que eu estive morto por tempo demais.

No que depender de mim, Júlia nunca mais ficará longe, isso é certo.

Apago a luz do abajur, não sem antes visualizar sua cartela de contraceptivos. Sorrio maliciosamente com a ideia absurda que me ocorreu. Eu poderia sumir com seus remédios e plantar meu filho em seu ventre. Porra, não tenho dúvidas de que eu o faria, e a ideia me agrada demais.

É um bom plano, só não sei como minha bruxinha vai reagir quando o descobrir. Por enquanto, mantê-lo-ei como última opção... mas

não descarto a possibilidade.

— Por que você está rindo? — ela sussurra sonolenta, indagando-me.

— De minha sorte por você me aceitar de volta, minha bruxinha... — digo baixinho, embalando seu sono. — Durma um pouco.

— Eu ouvi isso de bruxinha... — a mulher resmunga antes de apagar.



Júlia

Acordo antes de Frederico. Apesar de tudo, estou me sentindo tão insegura quanto a sua viagem... *E se ele mudar de ideia?*, aquela vozinha antagônica fica martelando em minha mente.

Quero preparar um café da manhã delicioso. Sim, prender pela barriga talvez seja uma estratégia. Dou uma risadinha. Visto jeans e moletom e desço para a padaria da esquina. O pão deste lugar é um dos melhores do bairro. Mesmo

pouco depois das 7h, a fila ainda está fora da padaria.

Entro na fila, ansiosa para comprar o que preciso e voltar correndo para casa para ver meu *príncipe* antes de ele viajar (estou sorrindo de novo). Até duas semanas atrás, eu realmente achava que Alice era a única que acreditava que príncipes existiam, mas vejam se a vida não é mesmo surpreendente? Encontrei o meu próprio. Um pouco genioso, temperamental, possessivo, mas não deixa de ser um belo príncipe. A Cinderela teria inveja de mim agora.

Com o que preciso da padaria finalmente em mãos, passo na frutaria ao lado e compro algumas frutas frescas, além de flores. Frederico gastou muita energia nas últimas horas desde que nos reencontramos, preciso enviá-lo bem alimentado e lhe dar um bom motivo para voltar.



Frederico

Tateio a cama ao meu lado. Vazia. Busco por Júlia por seu pequeno, mas aconchegante apartamento. Nem sinal da mulher. Encontro meu telefone na sala e disco seu número. Maldição, ela ainda me tem bloqueado. Meu ventre se aperta um pouco, mas opto por não fazer disso um cavalo de batalha. Pego uma garrafa de água em sua geladeira, abro-a e deixo a água gelada me despertar de vez.

De repente, um zunido estranho ecoa de dentro de uma das gavetas. A curiosidade me toma. Abro-a e vejo seu celular dançar freneticamente, iluminado. Na tela, o nome de um homem pisca ritmado. Cogito atender... sei que não é exatamente certo... mas...

— Júlia? — o cara pergunta do outro lado.

— É o namorado dela, pode falar — digo seco, enfatizando nosso relacionamento.

Um segundo de silêncio do sujeito me faz esmagar o pequeno eletrônico entre os dedos.

— Oh... sim? — o cara se atrapalha. — Oh, claro, certo. Hum, bem. Você pode, por favor, dizer a ela que a viagem que ela me pediu já está certa e

eu lhe mandei os dados por e-mail?

— Viagem?

— Sim, sim. Ela embarca amanhã, diga a ela, por favor. Até mais.

Antes que eu possa abrir a boca, o desgraçado desliga. Na minha cara!

Por que ela não me contou que estava prestes a viajar? Para onde Júlia pretende ir?

Esfrego o rosto, controlando meu temperamento. Eu preciso parar com isso. Deixo o celular de volta na gaveta e vou atrás de minhas roupas. Certamente um banho me fará bem agora.



Júlia

De volta ao apartamento, surpreendo-me ao ver Frederico lindamente vestido com jeans e camisa que ele trouxe do hotel. A visão é de tirar o fôlego.

— Caramba. Você ficou mais bonito desde a

última vez que te vi? Isso é algum tipo de doença rara, a pessoa fica mais bonita a cada dia? — Sorrio, fazendo graça.

Ele sorri de volta, mas o sorriso não alcança seus olhos. Aliás, sua expressão não me parece muito amigável. Acordou de mau humor depois de tudo? Acho que não, deve ser falta de caféina.

Corro para a cozinha e ligo a cafeteira. Coloco os alimentos sobre a mesa e vou atrás das xícaras. Seus olhos me acompanham o tempo todo, sem falar nada.

— Está tudo bem? — indago meio desconfiada.

Noto seu maxilar cerrado e alguma coisa diferente em sua expressão. Frederico parece chateado.

— Onde está o seu celular? — seu tom é um pouco áspero.

Inclino a cabeça de lado, encarando-o sem entender. Definitivamente essa é a última pergunta que eu esperava. Atrapalho-me um pouco, tentando pensar, olhando em volta buscando por alguma resposta.

— Hum, eu... eu não sei. — Respiro fundo e olho de novo para ele. — Frederico, você está bem?

Ele dá um passo à frente, e eu, instintivamente, um passo à trás. Não é medo, é... sei lá.

Desvio-me de seu corpo para pegar o aparelho onde me lembro de o ter deixado. Abro a gaveta, e lá está ele. Antes de eu ligar a tela para ver se há chamadas, mensagens ou qualquer alerta, Frederico pega-o de mim.

— Mas o quê...? — digo, pega completamente de surpresa com a atitude rude.

Ele mexe em alguns botões e o devolve a mim.

— Só estou desbloqueando meu número, no caso de eu precisar falar com você. — Lança-me um olhar sério. — A propósito, achei interessante meu nome em sua agenda.

Oh, droga. Ele viu que eu o nomeei como “Bastardo sem Coração”. Sorrio, sem graça. Será que ele ficou chateado com isso? Talvez ele não tenha me encontrado quando acordou e, nesse caso, tentou o celular, mas descobriu que eu o

bloqueei.

Explicado. Meu furacão ficou irritado por estar bloqueado.

— Venha se alimentar, homem. Você é pior do que eu, sem cafeína. — Reviro os olhos, sem perder o humor.

Subitamente ele me puxa pela mão, trazendo meu corpo para um abraço de urso.

— Você vai estar aqui amanhã? — o jeito sério como ele pergunta me preocupa.

Encaro seu rosto, à procura de alguma indicação do que há de errado.

— Sim, você não? — digo sem entender.

Ele estreita os olhos e me encara.

— Claro que sim.

— Então perfeito.

Em silêncio, nos alimentamos, com seus olhos fixos em mim a cada movimento. Trocamos um diálogo bastante curto e desconfortável para um início de manhã juntos.



Estou em pé, presa contra a porta, sendo beijada com paixão, numa despedida de apenas um dia. Será por pouco tempo, e nem assim consigo relaxar. Estou doente de medo de que alguma coisa tenha mudado esta manhã.

Confie, Júlia. Se vier, que venha para ser bom. Tudo acontece com um propósito, e se o destino quis assim, eu não tenho que temer a distância entre nós.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 37

Júlia

Sento-me na sala, olhando para o nada e refletindo. Eu mal acredito no que estou vivendo. É como se, finalmente, eu pudesse ter a quantidade necessária de oxigênio fluindo pelo meu corpo, sem a sensação de ser tragada pelas sombras.

De repente uma ideia maluca arranha a superfície de meu cérebro como mil formigas fazendo seu trabalho. Roo minhas cutículas, avaliando as consequências, e por mais que possa parecer a maior maluquice de todas, não consigo removê-la da mente.

Se eu ligar para Pini e contar o que estou seriamente pensando em fazer, é bem capaz de a mulher vir aqui e me amarrar na cadeira.

Gargalho alto, como uma louca. Quer saber? Por que não? Pesquiso na internet o que eu preciso, pego as chaves e saio para colocar a ideia em prática.

Não muito tempo depois, estaciono em frente ao estúdio de tatuagem. Um homem pequeno, em seus vinte e poucos anos, magro e completamente coberto de tatuagens me atende. Ele é o tatuador. O rapaz diz que não atende sem hora marcada, mas diante de minha insistência, ele acaba cedendo.

Ao ver seus trabalhos e a perfeição de sua arte, sinto que estou escolhendo a pessoa certa. Ele pergunta se tenho alguma coisa em mente, e então eu falo o que eu gostaria de tatuar. Não sei se é porque pareço estar agindo por impulso, mas ele tenta me dissuadir bravamente. O danado até me conta histórias de *tatuagens dos arrependidos*, como ele as chama, quando as pessoas pedem para cobrir tatuagens destinadas a quem amavam no passado.

— Moça, eu nem devia estar falando isso — ele se inclina para cochichar como se fosse um segredo. — Mas essas tatuagens sempre terminam

mal.

Eu rio de seu modo honesto.

— É para sempre — eu afirmo. — Pode parecer clichê, mas eu sei disso.

Ele me olha por um tempo, até que finalmente suspira ruidosamente, cedendo. Gostei dele, é um cara responsável, ao contrário de mim.

Algumas horas e muita dor depois, saio do estúdio totalmente encantada.

Estou bem perto da floricultura de Alice e resolvo dar uma passada lá. Dou um beijo em Sabine, sua assistente e vou para o balcão onde Alice está distraída fazendo um arranjo lindo. Chego silenciosamente para surpreendê-la.

— Você tem um dom, mulher! — falo rindo.

— Júlia! — ela grita baixo, surpresa, levando uma das mãos ao peito. — Você me assustou.

Minha amiga se levanta para dar a volta e me beijar.

— Você estava tão concentrada trabalhando em seu arranjo que eu não resisti.

Segurando-me à distância de um braço, seus olhos bonitos começam a fazer uma varredura em

NACIONAIS - ACHERON

mim.

— Você está diferente. — Ela faz um beicinho investigativo. — Corada, cabelos brilhantes... — Começo a sorrir de sua análise. — E esse sorriso... — Seus olhos se arregalam. — Você se entendeu com ele! — ela dá um gritinho baixo. Eu sorrio ainda mais.

Mordo o lábio, confirmando com a cabeça.

— Ah, Ju... — Ela me puxa para um abraço, toda feliz.

Passo um pouco de tempo contando brevemente como as coisas aconteceram enquanto corto alguns caules de rosas para ajudá-la. Só deixo de lado a história da tatuagem, porque quero que Frederico seja o primeiro a saber, por alguma razão especial, como um segredo.

Alice me diz uma coisa curiosa. Bianca ligou esta manhã para ela contando que Frederico expulsou a prima má da fazenda e proibiu sua entrada lá. Não posso negar que a notícia me alegra muito.

Volto para casa no meio da tarde. Estou ansiosa, e para todo lugar que olho, vejo Frederico.

Ele não ligou. Tudo bem, deve estar trabalhando... ou mudou de ideia e caiu na real. Insegurança flui pelos meus poros. Começo a repensar tudo o que dissemos um ao outro e, de alguma forma, sinto que estamos bem, então, não há o que temer, há?

Decido mandar uma mensagem, não sem antes alterar seu nome na agenda.

✉ **Destinatário:** Frederico

Já sinto sua falta. Seu cheiro está em todo o apartamento, me enlouquecendo. Isto é algum tipo de feitiço para me seduzir? ù

Sorrio, pensando na expressão dele ao ler isso. Amo, amo, amo Frederico, que nome gostoso de falar, que homem incrível. *Que sorte a minha, Senhor!*



O final da tarde se aproxima. Ociosa, decido
NACIONAIS - ACHERON

ir novamente ao Centro Comunitário.

Logo que me vê, Dominic se mostra claramente surpreso.

— Júlia, é bom te ver aqui novamente. — Ele me cumprimenta com um beijo no rosto. — Mas eu pensei que você só viria na semana que vem.

Encolho os ombros.

— Estava em casa à toa. — Sorrio. — Em que posso ajudar hoje?

— Se você quiser dar uma força na cozinha, estamos precisando.

Seu sorriso amplo e sincero me faz ruborizar. Viro-me para ir para a cozinha, mas então eu me lembro de uma coisa. Volto-me para ele, que parece curioso.

— Dominic... — Enrolo os dedos uns nos outros. — Eu estive pensando... semana que vem eu não sei bem como vai ser, talvez eu viaje. — *Para a fazenda*, penso comigo mesma. — Então o que você acha de amanhã eu atender algumas pessoas aqui novamente?

Ele dá dois passos para mim.

— Eu estava mesmo querendo te pedir isso.

Muita gente veio aqui depois que você saiu, e fiquei pensando nessa possibilidade, mas não tinha certeza de se você voltaria.

— Fechado! Venho mais cedo e fïco até a última pessoa ir embora. — Pisco e vou para a cozinha.

A noite passa como um vulto. Estar aqui é bom, tranquiliza-me. Converso, escuto histórias e chego à conclusão de que, às vezes, tudo o que as pessoas querem é desabafar. Isso é muito importante.

Volto para casa, feliz e um pouco cansada. Tomo uma ducha e vou direto para a cama. Eu achei que o cheiro de Frederico nos meus lençóis me tiraria o sono, mas ao contrário, durmo pesado rapidamente.



Frederico

Reforço mentalmente que está tudo bem. Júlia provavelmente tem um bom motivo para não
NACIONAIS - ACHERON

me atender, mas quanto mais o tempo passa, mais a inquietude começa a me deixar impaciente.

Entro no escritório da fazenda e mergulho de cabeça no trabalho, tudo para me distrair.

Acho que a ideia de sabotar seus anticoncepcionais não soa tão mal agora. Tenho que rir de meu próprio estado de consternação. Certamente, terei que trabalhar esta ansiedade de algum jeito.

Com uma batida suave à porta, meu pai anuncia sua entrada.

— Eu vi que você voltou para casa mais animado, filho. Posso deduzir que, pelo jeito, você se acertou com a moça? — seu tom é uma mistura de especulação e contentamento.

Fecho o computador portátil e lhe dou toda a minha atenção. Aperto a ponta do nariz, cansado.

— Acho que sim, pai...

— *Mas?* — o velho sabiamente pega a coisa no ar.

— Não estou conseguindo falar com ela, e honestamente essa distância me deixa ansioso pra caramba.

Meu pai se ajeita na cadeira.

— Eu já lhe contei como fisguei sua mãe?

Já, mas deixo que ele conte novamente, porque se tem algo que meu pai se orgulha é de ter minha mãe ao seu lado.

— Coloquei meu anel em seu dedo, garoto. Antes que outro espertinho tentasse tomar a minha frente.

Dou uma risada baixa.

— Estou pensando seriamente nessa opção.

Noite a dentro, vou perdendo mais um ponto da confiança. E se ela resolveu viajar sem me dizer nada?



Júlia

Às 10h da manhã, depois de tomar o café da manhã, correr sete quilômetros e tomar um banho preguiçoso, separo o computador portátil e a impressora para levar ao Centro Comunitário.

Procuro meu celular e demoro um pouco para o encontrar. Sou ótima em perdê-lo em casa.

O aparelho está sem bateria. Ao encaixá-lo no carregador, o negócio logo ganha vida. Alertas começam a chegar. Há 13 chamadas perdidas, a maioria de ontem à noite, enquanto eu estava fora. Todas do mesmo número. Frederico. Duas mensagens de texto piscam na tela. Bato com o celular na cabeça. Sou tão burra. Cansada, não chequei o aparelho antes de dormir, era óbvio que ele me ligaria.

A primeira mensagem veio logo depois da que eu enviei ontem à tarde.

✉ **Remetente:** Frederico

Fico mais feliz do que você imagina por saber que sente minha falta. E eu gostaria de estar aí te enlouquecendo de outra maneira. Aliás, a pergunta do feitiço deveria ser feita por mim. Se cuide e me espere.

Meu sorriso não cabe no rosto. Então abro a segunda mensagem, recebida ontem à noite.

✉ **Remetente:** Frederico

Por que não atende? Onde você está?

O sorriso morre. O homem consegue ser *difícil* até em uma mensagem de texto.

Rapidamente disco para o seu telefone. Infelizmente vai direto para a caixa postal. Forço-me a manter o controle, admitindo meu erro. Enviei mensagem para ele e não verifiquei a resposta. É claro que ele retornaria. O que Frederico deve estar pensando agora? Sou uma estúpida mesmo.

Ligo para ele, mas vai para a caixa de mensagens.

Meus dedos freneticamente digitam uma mensagem espirituosa para amenizar qualquer besteira que esteja em sua mente.

✉ **Destinatário:** Frederico

Desculpe por não responder antes, esqueci de checar a bateria. Acabei dormindo demais abraçada aos lençóis com o seu cheiro. Avise-me quando estiver vindo, sinto saudade. P.S.: Eu te amo.

Tenho de rir de minha tentativa de desmontar seu mau humor. De qualquer forma, a bandeira branca da paz foi acenada. Chega de mal-entendidos.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 38

Júlia

Um pouco ansiosa e com medo do que pode estar se passando na cabeça de Frederico, vou para meu compromisso no Centro Comunitário. Dominic não está aqui, mas Simone tem uma pequena fila organizada. Agradeço-lhe e começo os trabalhos. Ao todo são 13 casos, um de pensão por morte, três trabalhistas e o restante de reconhecimento de paternidade e solicitação de pensão alimentícia.

Ao término do último atendimento, abro a bolsa para verificar meu celular e percebo que há uma chamada perdida de Frederico de cerca de vinte minutos atrás. Disco de volta.

— Júlia... — ouço o suspiro frustrado que já

consigo reconhecer.

Seu tom me desola um pouco.

— Frederico. Desculpe por não atender antes — digo com cuidado, moendo o lábio inferior entre os dentes.

Segundos de silêncio me deixam apreensiva.

— Onde você está? Passei no seu apartamento, e o porteiro disse que você havia saído. — Seu jeito obviamente controlado faz com que eu sinta que estou fazendo alguma coisa errada. O homem não está facilitando.

— Estou no Centro Comunitário.

— *Onde?* — sua surpresa é evidente.

— É um lugar perto de onde eu moro. Mas já estou quase voltando para casa.

— Qual o endereço?

— Eu estou de carro e já...

— Eu quero te buscar. Vou pedir para alguém pegar seu carro depois — ele me interrompe.

Suspiro. Ele está irritado porque não atendi ao telefone. *Releve, Júlia.*

— Ok — digo-lhe o endereço, sabendo que é inútil contestar neste momento.

— Estou indo para aí. — Ele nem me dá a oportunidade de dizer outra palavra. Sem se despedir, desliga. Furacão tempestuoso!

Pousando o celular na bolsa novamente, noto Dominic se aproximando. Não sei se ele percebeu meu telefonema passional, mas seu sorriso bonito me desarma da tensão. Sinto-me relaxar. Um pouco.

Cumprimento-o com um beijo no rosto.

— E então, como foi hoje? — ele questiona.

— Produtivo. — Devolvo o sorriso e começo a relatar o dia.

A preocupação genuína que ele expressa por essas pessoas é mais do que impressionante. Não posso controlar a curiosidade sobre os motivos de um homem como ele se dedicar a algo assim.

— Eu posso te perguntar como você começou isso, Dominic? — inquiri, sem jeito.

Seus olhos cinza profundo se suavizam.

— Eu já precisei de ajuda também, Júlia — não há qualquer embaraço, apenas a franqueza. —

NACIONAIS - ACHERON

Minha mãe era usuária de drogas, e vivíamos na rua. Perdi dois irmãos para a fome, sei bem como é difícil.

— Sinto muito — digo baixo.

— Está tudo bem. Eu e meus outros irmãos fomos adotados, alguns anos depois, por uma família muito boa. Nossos pais adotivos nos deram um lar, educação, segurança, tudo o que famílias de verdade normalmente dão, nós tivemos muita sorte. Mas nem todos têm uma oportunidade na vida.

— Infelizmente não, e por isso você está retribuindo, não é? — concluo.

Ele assente com um movimento quase imperceptível de cabeça, sem arrogância ou ênfase. O homem realmente tomou isso como uma missão em sua vida. Observo-o com mais atenção, e tudo o que consigo sentir é uma profunda admiração, tão grande que me aperta as entranhas. Honestamente, eu não me lembro de ter visto uma energia como essa em qualquer outra pessoa.

Engulo o embargo emocionado da garganta.

— Eu nunca conheci ninguém com tanta verdade nos olhos como você, Dominic. Se sua

intenção é ajudar, você está fazendo mais do que isso aqui. Você está devolvendo a dignidade para essas pessoas. — Antes que eu possa evitar e parecendo uma tola incapaz de controlar a umidade se apossando de meus olhos, puxo-o para um abraço desajeitado. — Parabéns por esse trabalho tão lindo — murmuro.

Dominic recebe meu abraço, talvez mais porque eu mesma esteja precisando disso agora, num momento de tanta transição em minha vida, vivendo tantas coisas pessoal e profissionalmente. Conhecer esse outro lado tem me feito pensar de forma diferente sobre a vida.

— Júlia! — uma voz estrondosamente incomodada ecoa pelo lugar vazio.

Dominic e eu nos separamos, confusos. Até Simone, que está limpando algumas mesas um pouco longe de nós, dá um pequeno salto no lugar.

Oh, Deus... Eu reconheceria essa voz até mesmo a milhas debaixo d'água.

Viramo-nos lentamente para encontrar Frederico, parado em pé à porta, com os braços cruzados autoritariamente. Seu corpo está tenso, a

respiração, ofegante, selvagem. Sinto-me absolutamente desconfortável com seu olhar irritado, como se ele estivesse me pegando em flagrante fazendo algo errado.

— Entre, Frederico — convido-o pacientemente, com cautela.

Ele não se move.

Olho para Dominic, que retorna meu olhar, confuso. Dou a ele um sorriso tranquilizador e caminho para onde o furacão está.

— Oi, meu furacão — brinco baixinho, só para ele escutar e toco seu ombro. — Venha, eu quero te apresentar a Dominic — minha voz é quase a mesma que usei para acalmar a vaca brava. E, sim, Frederico neste momento se assemelha muito a um touro furioso. Corto a pouca distância entre nós e lhe beijo suavemente os lábios cerrados. O homem não esboça nenhum movimento. — Por favor — sussurro ainda roçando nossas bocas unidas e me afasto uma cabeça para enxergar seu rosto.

Ele abaixa os olhos para me encarar, e algo que ele vê em mim o faz reagir. A contragosto, o

furacão me deixa tomar sua mão e levá-lo até Dominic, que assiste à cena sem entender muito, mas mantém um sorriso amigável.

Discreta e vagarosamente, deixo o ar se esvair de meu peito.

— Frederico — procuro impor naturalidade em meu tom de voz —, esse é Dominic, o responsável pelo Centro Comunitário. — Aponto com a mão para o lugar e olho para Dominic. — Dominic, esse é Frederico, o...

— Namorado da Júlia — Frederico completa a frase sem rodeios, travando uma pequena batalha desnecessária para marcar território.

Dominic, como o cara incrível que é, estende a mão para um cumprimento, certamente percebendo o ciúme de meu príncipe (não muito encantado neste momento).

— Prazer — Dominic diz cordial.

Frederico aperta sua mão, mas não diz nada. Vergonha define o que estou sentindo sobre o seu comportamento neandertal. Mantenho o sorriso plácido enquanto vou sentindo a irritação ganhando célula a célula de meu corpo. Viro-me para

Dominic.

— Parabéns, Dominic, novamente. Esse trabalho é incrível, e você pode contar comigo — sou sincera. — Eu te ligo na próxima semana para alinharmos os atendimentos — combino.

Dou um beijo em seu rosto e rapidamente pego minha grande mochila na mesa ao lado dele. Simone se aproxima curiosa, sem esconder o bom humor. Beijo-a no rosto também, em despedida, e marcho para fora. Frederico me segue sem dizer nada.

Quando chegamos ao estacionamento, começo a me perguntar se não seria o caso de eu ir dirigindo meu próprio carro. Estou precisando de um tempo sozinha para acalmar os nervos e não despejar nele a frustração pelo seu comportamento desagradável.

Respiro moderadamente, controlando a raiva e ando para a direção onde deixei o carro. A mão forte segura meu cotovelo e me puxa para encará-lo. Seu rosto está sombrio; eu não tenho mais medo, contudo.

— Deixe-me ir dirigindo meu próprio carro.

Eu preciso de um tempo para me acalmar — aviso entre os dentes.

O homem se dá ao trabalho de rir friamente, de maneira debochada.

— Ah, *você* precisa se acalmar? — ênfase no *você*.

Meus olhos vão para seu aperto firme em meu braço e de volta para o seu rosto.

— Solte meu braço, Frederico — digo calma, determinada.

Vejo em sua expressão obstinada que ele não tem nenhuma intenção de soltar, então uso a única coisa que está realmente certa entre nós.

— Você prometeu que nunca mais me machucaria — lembro-lhe firme.

Como se chamas o estivessem queimando, ele me larga imediatamente. Sua mão desliza nervosamente pelo próprio cabelo, despenteando-o.

— Ok. Vá na frente, e eu te sigo — ele rosna baixo, desgostoso. — Vamos para o *seu* apartamento — o acréscimo tardio é mais como um aviso de que ele não está desistindo.

Balanço a cabeça, fechando o acordo.
NACIONAIS - ACHERON

Surpreendendo-o, fico na ponta dos pés e roço um beijo breve em seus lábios. Viro-me e vou para o meu carro sem olhar para trás.



Frederico

Observo-a entrar no carro, consciente de que ela precisa de seu tempo. Eu nem sei o que pensar. Ver Júlia abraçada a outro cara fez de novo o ciúme me deixar cego, não consegui evitar.

Olho em volta. Que porra de lugar é este, afinal? E o que ela estava fazendo aqui com aquele cara?

Esfrego o rosto. Sinto-me cansado demais. Não dormir nada durante a noite só está me deixando mais irracional. E mal posso ignorar esta sensação de que estou cometendo outro erro aqui.

Da última vez eu reagi daquele jeito e fiquei

desejando com minha própria vida poder voltar no tempo e fazer as coisas de forma diferente. Pois bem, estou tendo uma nova oportunidade de deixar Júlia explicar com suas palavras o que acabei de ver, e seja lá o que for, eu tenho que manter a mente em ordem e ouvir.

A verdade é que, independentemente de como me sinto quando Júlia está em causa, preciso começar a usar a cabeça. A única certeza de que tenho é que não vou sobreviver a outro inferno como o que passei depois que ela foi embora. Não. Definitivamente, não estou disposto a reviver aquilo novamente.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 39

Júlia

Dirijo o tempo todo olhando para o retrovisor, para garantir que Frederico não fugiu. Meu estômago revira de antecipação. Chego ao subsolo e estaciono. Logo ele também estaciona na vaga ao lado. Faço um exercício rápido de inspiração pela boca e espero. Ele abre a minha porta e se apressa a pegar minha mochila pesada.

— Obrigada, furacão — sussurro.

Frederico não diz nada, mas me lança um olhar afiado. O elevador chega, e fazemos todo o caminho em silêncio. Mal consigo respirar com o peso da aura tensa sobre nós. Abro a porta de meu apartamento e faço sinal para ele entrar.

— Você primeiro — ele indica um tanto

seco.

Entro, e quando ele entra, tranco a porta — tenho vontade de esconder a chave só para não lhe dar a opção de sair, caso ele queira, mas não o faço e dou uma risadinha com a ideia.

Frederico caminha até a sala e deixa minha mochila em cima da poltrona. Por alguns segundos fico olhando apenas para suas costas bem construídas, até que ele finalmente se vira.

— Então. Você e aquele cara? — seu tom frio seria capaz de gelar o inferno.

— Pergunta capciosa? — devolvo irônica, irritada por sua insinuação.

— Ou retórica, por pressuposto de que eu não vá querer saber a resposta — o amargor de sua fala torna o ar da sala mais denso.

Nossos olhares se conectam de forma assassina, como dois leões esperando o momento para atacar.

Bufo.

— Você consegue ser odiado mesmo sendo amado, Frederico — acuso com uma pitada de humor ácido.

Ele estreita os olhos. Suas narinas se dilatam levemente. *Droga...* homem é bonito sem precedentes.

— Não brinque comigo, Júlia — o rosnado baixo soa até engraçado.

Ergo as mãos para o alto, em sinal de rendição, mas decidida a ganhar esta batalha.

— Nem nos meus melhores sonhos, *furacão* — devolvo atrevida, destacando seu novo apelido.

Ele semicerra os olhos, sem diversão.

— Você quer responder à pergunta?!

— Depende. Se você decidir fazer uma pergunta decente, então sim — afronto, observando minhas unhas casualmente, numa provocação.

Deliberadamente e de maneira lenta, começo a tirar a primeira peça de roupa: o casaco.

— O que está acontecendo, Júlia? — Sua mão vai para o próprio cabelo, impaciente. — Num momento estamos bem, aí eu saio e tudo muda? Primeiro de tudo: por que você não me contou que iria viajar?

Assisto-lhe se encostar à parede com os braços cruzados sobre o peito, tão atraente que por
NACIONAIS - ACHERON

pouco não me distrai de sua pergunta (que me pegou completamente de surpresa) e me faz esquecer meu plano. Sim, eu tenho um plano.

— O quê?

— Eu já sei sobre a viagem. — Seus olhos inquisidores me confrontam.

— Do que você está falando? Eu não vou a lugar nenhum.

— Um homem ligou ontem de manhã dizendo que estava tudo certo. — Não perco o sorriso ameaçando rasgar o canto de seu lábio, como se ele estivesse me pegando em uma mentira.

— Sim, eu pedi para ele ver isso antes de te reencontrar... tinha até esquecido — sibilo confusa e inclino a cabeça meio de lado, tentando compreender sua linha de raciocínio.

E então, num passe de mágica, um clarão de entendimento se acende em minha mente, as coisas começando a fazer todo o sentido.

— Frederico — inspiro profundamente —, uma coisa que me ocorre agora. — Levanto uma sobrancelha, desafiadora. Seus olhos se afiam, enfrentando-me, mas ele não diz nada, apenas

espera. Homem inteligente. — Ontem, quando voltei com o café da manhã, você estava extremamente rabugento — afirmo sem nenhum constrangimento. — Foi por essa besteira de viagem, não foi?

Um sutil movimento arrogante de queixo corrobora minhas suspeitas.

Balanço vagorosamente a cabeça, com a expressão de *Ok, vamos lá*.

— Ótimo! — Suspiro, dramática. — Você confirma...

Pouso as mãos nos quadris e encaro meus pés, mentalmente recitando um mantra qualquer para não perder a cabeça. O que não é uma tarefa fácil na atual conjuntura. Levanto os olhos para ele, por baixo dos cílios.

— Você achou que eu estava agindo às suas costas, eu entendo... — começo mansamente, mas não dura muito. — Depois de horas de conversa sobre confiança, sobre dialogar antes de agir e tudo aquilo que dissemos. — Fulmino-o acusatoriamente com o olhar. — E faz exatamente o contrário? Você é inacreditável!

Meu furacão fica momentaneamente surpreso pelo ataque.

— Eu... — ele tenta se pronunciar, desconcertado.

Faço um sinal de *pare* com a mão.

— Não diga nada. Não é necessário...

— Porra, o que você esperava que eu pensasse...?

Interrompo-o:

— Basta que você tenha em mente, Frederico, que relacionamento é uma via de mão dupla. Eu confio em você, e acho que devo receber o mesmo tratamento.

Seus ombros cedem. Aparentemente minhas palavras estão chegando a algum lugar ali dentro, mesmo que ele ainda resista.

Dou mais dois passos à frente.

— Agora, sobre Dominic e aquele *seu* comportamento rude... — baixo uma nota em meu tom.

— Quem é ele? E por que vocês estavam abraçados daquele jeito?

Senhor, dê-me paciência, porque, se me der forças...

Lanço-lhe um olhar afiado, porém, calmamente retomo o plano e retiro as botas e meias.

— Dominic é o fundador do Centro Comunitário. Eu o conheci logo que voltei da fazenda. Vi um anúncio solicitando voluntários para ajudar na preparação dos alimentos que são servidos aos moradores de rua e fui até ele.

Encaro-o, esperando um pedido de desculpas pelo mau pensamento. Teimosamente, seu cenho permanece contraído, sustentando o olhar inquisidor.

— Engraçado, não me lembro de ter visto qualquer sinal de comida sendo distribuída quando cheguei. E isso não explica por que você estava sozinha e abraçada com ele — a fala transmite uma desconfiança tão irritante.

Estou quase a ponto de esganar seu lindo pescoço. Sorvo o ar pelo nariz e o solto pela boca, contando mentalmente até dez e friamente começo a desabotoar minha calça.

— Eu não estava sozinha com ele, em primeiro lugar. Havia Simone também. E se você chegasse algumas horas antes, veria uma fila de pessoas me esperando para receber consultoria jurídica, que é o que eu fiz a tarde toda.

Seu rosto perde um pouco da cor, e posso ver as engrenagens de seu cérebro processando a informação. Aproveito o momento de hesitação para seguir em frente:

— Aliás, ontem à noite eu estava lá também, ajudando na cozinha. Cheguei em casa cansada e fui direto para a cama — faço uma voz de tédio. — Já respondendo a sua pergunta ainda não feita sobre onde eu estava ontem, Frederico.

Quero rir da expressão de choque do homem. Retiro a calça e a jogo de lado.

— O que você...? — Seus olhos acompanham meu movimento, confuso com o que eu disse e talvez começando a entender o que estou fazendo.

Ignoro a pergunta e continuo a falar:

— Tem mais uma coisa que preciso te contar para que você não diga que nosso pequeno *círculo de confiança* foi quebrado. — Faço sinal de aspas

com os dedos. — Eu me demiti do escritório de meus pais. Estou desempregada.

— O-o quê? Quando?

Suspiro.

— Um dia antes da cerimônia de casamento de sua irmã. Depois do ensaio da valsa.

Os olhos amendoados se escurecem, provavelmente relembrando o episódio.

Retiro minha blusa por cima da cabeça. Fico à sua frente somente de lingerie.

— O ponto aonde quero chegar, é que não haverá mais fugas ou omissões de minha parte. — Sinto-me surpreendentemente mais forte. — Estou trabalhando duro para enfrentar meus problemas de frente, como você me aconselhou, porque quero muito que isso funcione.

Os traços de ferro se retraem com lampejos de culpa e arrependimento arranhando sua armadura.

— Porra... — ele rosna entre os dentes, num rugido baixo.

Os braços imponentes se descruzam, e ele deixa a cabeça pender para trás, batendo-a contra a

NACIONAIS - ACHERON

parede, visivelmente derrotado.

— Nem sei o que dizer, e-eu... eu sou um imbecil. — Seus olhos se fecham. — Você não faz ideia de quão maluco eu sou por você, Júlia. A ideia de outro cara te tocando me mata... — é uma admissão tão honesta e crua que me faz prender o fôlego.

Minha pulsação acelera. Corto a distância, ficando a sua frente e abrando a voz:

— Você não tem que se preocupar, Frederico. Não haverá outro para mim. Nunca. E se quer saber, honestamente eu te entendo, porque me sinto da mesma maneira em relação a você — admito sem vitória. — A coisa aqui é que nós dois temos sérios problemas de confiança e, se não aprendermos a lidar com isso, iremos ambos enlouquecer.

Seus olhos se abrem, focando em mim, exibindo uma tormenta tão crua que retorce meu espírito.

— O que eu faço com tudo isso? Me diz, o que eu tenho que fazer para parar de me sentir assim? E-eu... porra, nunca fui um maldito

possessivo e agora mal consigo raciocinar direito quando você está em causa — a rouquidão e o desespero se fundem em sua voz. — Francamente, não sei o que fazer para não ferrar tudo.

Sou consumida por uma ardência na garganta tão sufocante que é quase insuportável.

— Nós vamos trabalhar nisso juntos — afirmo com convicção.

Uma respiração ruidosa ruge através de seu peito, como um animal ferido lidando com a dor.

— Eu não posso te perder, Júlia.

A intensidade de seus olhos me preenche com mais determinação.

Este é o momento de mostrar a ele o que fiz em sua ausência. A maneira que encontrei para dizer-lhe que, tão definitivo quanto a tinta em minha pele, é o que sinto por esse homem.

Vagarosamente retiro o sutiã, permitindo que a peça caia deslizando por meu corpo. Assistida por seus olhos selvagens, exponho minhas costelas, ao lado do seio esquerdo, em que há a frase *Sua é a rendição do meu corpo, alma e coração*. As palavras se contorcem formando delicadamente o

desenho de um pequeno tornado, em alusão a um furacão, estreitando-se do topo para a base, finalizando com a letra “F” em um traço fino, com uma caligrafia linda. Dois pequenos pássaros voam ao redor, livres e juntos. Quando eu contei em detalhes ao tatuador exatamente o que eu queria, ele conseguiu representar meus sentimentos em sua essência: o furacão Frederico e a liberdade que conheci depois de ele entrar na minha vida.

Na expectativa de sua reação, observo o rosto viril perder levemente a cor e os lábios se separarem em um pequeno círculo. Seus olhos expressam algo como confusão, admiração e... paixão. É tão esmagador que tenho a sensação de que posso sentir seu amor de maneira tangível, ao alcance de minha mão.

— Sabe por que um furacão? — sussurro, quase sem voz. — Porque você é como ele, forte, tempestuoso, uma mistura de ferocidade e beleza genuínas, e depois que ele passa, nada mais é como antes. — Aliso seu rosto cansado, áspero ainda com a barba. — Você não vai me perder, Frederico. Está marcado em mim para sempre — e eu nunca disse

nada mais sério antes.

Algo que eu jamais pensei que fosse possível se deslancha bem diante de mim. Lágrimas inundam os olhos do homem mais intenso que eu já conheci, enquanto seus dedos roçam a ferida ainda não cicatrizada que me marca terminantemente como sua.

— Eu te amo, Júlia... Eu te amo tanto que nem sei como lidar com isso — o som baixo, rouco, feroz, reforça a transparência de suas palavras e lança arrepios por minha coluna.

— Sei bem como é isso — brinco com a voz embargada, lutando contra o marejo em meus olhos.

— Eu vou lutar por nós, menina. — Suas mãos seguram meu rosto. — Todos os dias eu vou lutar para ser o cara que você merece. — Os olhos dançam procurando os meus, expressando a verdade neles. — Eu posso ser um furacão...

— O meu furacão — interrompo-o.

— Sim, o seu furacão, mas isso sequer se aproxima de como me sinto desde a primeira vez em que meus olhos caíram sobre você. Antes

mesmo de você me enxergar, eu simplesmente soube que a teria na minha vida de maneira irreversível... — Seu lábio esboça um sorriso de canto. — Isso foi assustador, se você quer saber.

Dou um sorriso fungado, entre lágrimas.

— Não há um só minuto do meu dia que eu não te tenha aqui. — Ele toca sua têmpora. — E aqui. — Sua mão pega a minha e a leva para seu peito. — Eu sei que tenho agido como um imbecil, um ciumento do caralho, mas, por favor, não desista de mim. Chute minhas bolas, se for o caso, mas não desista de mim.

— Vou manter isso em mente — murmuro.

Finalmente ele me pega em seus braços, num abraço tão perfeito que posso voltar a respirar com a sensação de estar onde deveria.

— Posso te confessar uma coisa? — ele murmura, encontrando a pele da curva de meu pescoço.

O contato é arrepiante.

— Sim. — Empurro a bochecha contra seu peito, cheirando a roupa limpa.

— Já que estamos nesta base de apelidos...

Afasto a cabeça para olhar em seus olhos zombeteiros.

— O que tem...? — resmungo desconfiada, esperando.

— Pequena bruxa... — Seus lábios bonitos se enrugam para o lado, mascarando o humor. — Passei alguns dias te chamando disso.

— Bruxa? — repito.

— Sim, aquela com poderes mágicos, que faz algum tipo de feitiço para o sujeito ficar maluco por ela, sabe?!

Mordo o lábio, deliberando.

— E funcionou?

— Porra! Se sim? — Ele ri alto, um som gostoso de ouvir. — Olhe só para como estou.

Inspiro profundamente, tão feliz como eu não sonhava ser possível e mais do que disposta a erguer cada tijolo dessa relação até construir uma fortaleza intransponível. Um lugar onde todas as inseguranças e os medos que temos sejam somente lembranças engraçadas do passado.

Assim como ele é um furacão, eu também tenho muito o que trabalhar e estou totalmente

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

pronta para isso, para superar tudo. Juntos. E no fundo, eu sei que isso vai funcionar. Não me pergunte como, mas eu sei que sim.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Epílogo

Frederico

Assino os documentos do novo contrato de exportação de gado e o guardo na gaveta. Hoje é sábado, e o pessoal de Gustavo virá na segunda-feira retirar. Passei boa parte da manhã colocando o trabalho atrasado em ordem. Voltei ontem para a fazenda depois de cinco dias longe. Júlia teve alguns compromissos, e aproveitei a estada na capital para uma reunião com o conselho da Falcon. Assim é como tenho administrado meu tempo há alguns meses, um pouco lá e a maior parte do tempo aqui, com Júlia comigo.

— Toc, toc — sua voz suave quebra o silêncio do escritório.

Deixo meu olhar vagar preguiçosamente por

seu corpo gostoso. Porra, a mulher não tem um único dia ruim. Está linda *pra* caralho num vestido longo fluindo pelos contornos de seu corpo. Júlia é bonita de qualquer jeito, mas quando estamos aqui, talvez pelo ar do campo, a mulher fica simplesmente fantástica.

— Venha aqui. — Afasto a cadeira da mesa e estendo a mão.

Sorrindo, minha pequena bruxa vem e se senta em meu colo.

— Eu já te falei como você fica sexy quando está trabalhando atrás desta mesa? — ela sussurra provocativa, bem próximo ao meu ouvido.

Meu pau ama isso e rapidamente ganha vida. E a mulher sente. Ela sabe exatamente o que faz comigo.

— Acho que nunca fizemos amor aqui — ela provoca com sua mão delicada deslizando sobre a mesa. — Fizemos?

Encaro seu rosto corado com uma malícia atrevida.

— Acho que não, mas agora eu gostaria de dar um passeio por aí. — Belisco a polpa macia de

NACIONAIS - ACHERON

sua bunda. — Aproveitar o bom tempo. Vamos?

Tenho que rir de sua expressão de desgosto fingido. Júlia tem um lado engraçadinho que a deixa ainda mais linda. Acho que nunca vou me cansar de admirá-la, aliás, tudo nessa mulher me faz querê-la ainda mais a cada dia que passa.

— Vamos lá, menina, está quente como o inferno lá fora. Vamos nos refrescar um pouco — o tom áspero de minha voz denuncia meu estado de espírito: excitado e ansioso também.

— Hum... amor na cachoeira parece bom também — ela sussurra baixinho, mordendo-me o lábio.

Antes que a mulher possa saltar para fora de meu colo, tomo sua boca na minha, deleitando-me com seu sabor doce, seu toque macio. E todas as vezes que a beijo, meu coração tem a mesma reação, parece querer saltar para fora, rasgando meu peito.



— Nossa gruta? — ela sorri, constatando

para onde eu a trouxe.

— Sim. Eu gosto de te ter aqui. Faz com que eu me lembre da primeira vez. — Toco a ponta de seu nariz.

— Ok... Eu também gosto. — Seus olhos vão para a abertura na rocha. — Na verdade, eu acho este lugar tão especial... É como se fosse só nosso, sabe?

— E é especial.

Pego sua mão e a levo para dentro, atravessando a pequena passagem e entrando no lugar bonito, único, como Júlia. O cheiro da mata, o eco dos cantos dos pássaros que entram pela abertura no teto, a água cristalina exibindo os peixes coloridos esgueirando-se pelos cantos. Esta gruta é definitivamente especial.

Júlia caminha até a borda da água e se abaixa, colocando sua mão ali, sentindo o frescor do líquido translúcido.

Meu peito bate mais acelerado, em expectativa.

— Quando eu te trouxe aqui, naquela noite — revelo baixo —, eu queria te mostrar algo que te

impressionasse. Acho que, no fundo, eu queria te dar um motivo para querer sempre voltar, porque eu sabia que eu iria te querer muitas outras vezes.

Seu rosto delicado se vira para encontrar o meu por cima do ombro. Algo em mim faz com que ela se levante e venha para onde estou, a alguns passos dela.

— Tentando me prender, então, hein? — Seu sorriso bonito se ilumina.

— Não tenha dúvidas — respondo afetado, mantendo o humor para que ela não veja que estou parecendo um maricas.

— Tenho a impressão de que deu certo. — Seus ombros se encolhem num gesto divertido. — Tive que namorar um cowboy muito mal-humorado, mas está tudo bem, voltar a este lugar vale o sacrifício.

— E casar-se com um cowboy mal-humorado vale também? — sussurro com um misto de nervosismo e emoção.

Seu sorriso enfraquece, e os olhos aumentam de tamanho. Os lábios se separando sem palavras é a minha deixa.

Ajoelho-me aos seus pés e puxo o anel que estava queimando meu bolso.

— Eu não fiz esse pedido antes, carinho, porque estava te dando o tempo necessário para confiar em mim e no que eu sinto — começo sob controle, ignorando a sensação de descompasso no peito.

— Frederico... — ela sussurra.

— Eu amo você com toda a capacidade que tenho, Júlia, e enquanto eu viver, mantereí minha palavra de lutar por nós. — Deixo a respiração presa sair ruidosamente... *É agora ou nunca.* — E já não posso esperar mais, esse anel está pesando há quase um ano comigo, e se eu não pedir hoje, vou acabar enlouquecendo.

Lágrimas espessas rolam por seu rosto delicado.

— Você quer se casar comigo, menina bonita? — Estendo a joia com um lindo brilhante no centro, tão bonita e especial quanto essa mulher.

— Meu Deus, Frederico! Sim, sim! — Ela chora e ri ao mesmo tempo. — Eu achei que você nunca me perguntaria!

Solto a respiração presa. Certamente a expressão de tirar um peso das costas nunca teve mais sentido. Sinto como se um trem de carga abandonasse meu corpo. Estou extasiado e aliviado. Porra!

Antes que eu tenha tempo de reagir, a mulher me tem rolando no chão, beijando-me em cada pedaço de meu rosto.

— Eu vou me casar com meu furacão! — ela grita.

Se eu soubesse que me sentiria deste jeito e essa seria sua reação, teria pedido na primeira semana de namoro. Inferno, por que foi que eu esperei tanto?!

Júlia

Estou noiva há uma semana. Noiva! Nem acredito nisso. Acho que ainda estou sonhando, Senhor! Em pensar que ele manteve o anel por tantos meses... Sim, meu cowboy tem levado a

sério a missão de estabelecer um elo de confiança, não há dúvidas... mas precisava me fazer esperar tanto?

Rio baixinho, amando sentir o peso de nosso amor em meu dedo.

Convidamos nossos amigos mais próximos para um jantar na fazenda, para anunciarmos as boas novas. Gabrielle, Pini, Alice, Benjamin e Daniel chegaram esta manhã. Meu irmão trouxe consigo uma amiga, namorada, sei lá. Meus pais não estão falando comigo e não fizeram questão de vir, e Katarina chegou há poucas horas. Ainda não a vi. Ao contrário dos outros, ela decidiu vir dirigindo, parece que tinha que visitar um cliente no caminho para cá. Achei estranha essa história, mas por enquanto deixa para lá.

Ivan, Bianca e Gustavo também estão aqui, além do senhor José Alfredo e da senhora Cecília, a quem já amo como se fossem meus próprios pais.

Por falar em Katarina, pego o momento exato de sua entrada. Minha amiga está absolutamente linda, com cabelos ondulados jogados de lado e o corpo delineado em um vestido preto de tirar o

fôlego. Se eu não a conhecesse, diria que a danada quer impressionar alguém.

— Katy! — dou um gritinho baixo, indo diretamente para ela.

Vou para onde ela está parada, próxima à porta, observando as *pessoas* na sala.

— Que bom que você chegou! — Pego-a em meus braços e a esmago em um grande abraço. — Como foi a viagem?

— Foi boa, fazia tempo que eu não pegava a estrada, você sabe. — Ela sorri, olhando-me de cima a baixo. — Você está tão linda, amiga.

Suspiro e lhe mostro o anel em meu dedo.

— Não é lindo? Ele me pediu no sábado, na gruta! Estou tão feliz, Katy! — anuncio emocionada, como sempre desde que Frederico fez o pedido.

Ela toca meu rosto.

— Eu vejo isso, Ju. Seus olhos estão brilhando, amiga. Estou tão feliz por você!

Pego sua mão livre e a beijo, demonstrando todo o sentimento que mantenho por ela, uma de minhas irmãs e que sempre esteve comigo.

— Eu te amo muito, irmã — sussurro com o coração inflado.

— Eu também te amo, irmã — ela responde emotiva.

Katy tem os olhos umedecidos como os meus. Duas choronas. É isso o que parecemos.

— Agora vou dar um oi por aí. — Ela se ajeita, tentando recuperar a postura. — Nenhum gato solteiro, pelo jeito. — Sua piscadela atrevida me faz rir alto.

Observo-a por alguns minutos. Indo para o pequeno grupo onde está Alice — diga-se de passagem, mais linda do que nunca depois de tudo o que aconteceu —, Katy beija minha sogra, cumprimenta os homens e puxa Ali para alguma conversa. Aos poucos, vejo Katarina passear discretamente entre as pessoas e conversar com quase todos os presentes. *Quase todos.*

Decido interferir. Essa situação ela e Daniel tem que acabar.



Frederico

— Pronta? — sussurro em seu ouvido e assisto à pele bronzeada se arrepiar.

— Sim — ela responde baixinho, olhando-me nos olhos.

— Eu já te falei que você está gostosa pra caralho esta noite? — provoco-a murmurando.

Júlia lambe o lábio inferior.

— Se você quer saber, não estou usando nada por baixo — ela instiga baixinho, dando-me uma dose de meu próprio veneno.

Meu peito emite um rugido baixo.

— Acho que nossos convidados terão que esperar, então... — Roço-lhe os lábios.

— Por quê? — sussurra, colocando mais lenha na fogueira. — Você quer me levar ao escritório? — Seus olhos lampejam, maliciosos.

Dou uma risada baixa.

— Não, meu amor. Eu vou levar você para o quarto e enfiar uma das minhas cuecas, a maior de todas. Não estou a fim de começar uma guerra aqui

com algum espertalhão.

A mulher ri e balança a cabeça.

— Uma vez furacão, sempre furacão.

— Gosto de como isso soa. — Beijo-a profundamente, roubando seu ar.

E diante de todas as pessoas que são realmente importantes para nós, tomo as mãos da mulher que é o centro do meu universo e me abro para que todos saibam que nunca ninguém amou mais alguém do que eu amo essa menina.

Fim

Agradecimentos

Aos profissionais que trabalharam comigo para tornar este livro possível: Analine Borges Cirne competente revisora, Denília Carneiro, diagramadora e amiga, e Murilo Guerra, capista que captou a essência da série. Vocês são demais.

À Jhenifer Barroca, por ser uma amiga, conselheira, incentivadora.

Às pimentinhas, por fazerem os meus dias mais leves.

Aos leitores, que receberam tão bem estas amigas e demonstram tanto carinho e respeito comigo. Sem vocês nada disto seria possível.

Leia um trecho de Alice, segundo livro da série

Alice

A tarde está ainda mais movimentada na loja; clientes entram e saem a todo o momento, nos dando quase nenhuma folga (o que é maravilhoso).

Depois de terminar um atendimento, assumo meu posto nos arranjos. Puxo uma banquetta e me sento, na intenção de aliviar os pés doloridos, e começo a montar o buquê de lírios brancos, os mais lindos e deliciosamente perfumados. É como uma terapia.

Estes lírios vieram diret...

Mas o quê?

Perco a linha de reflexão, tendo minha atenção atraída pelo estrondo da porta da frente sendo escancarada abruptamente. Subo o olhar do arranjo para o responsável por entrar desta maneira. Um homem alto, magro, vestido de preto, com jeans e camiseta de mangas longas a envolver os braços largos. Sustentando um semblante de poucos amigos, ele dá um passo adentro, para, olha de um lado a outro parecendo procurar por alguém, e então... me vê.

Quando nosso olhar se cruza, algo em sua expressão muda, piora, levando um arrepio frio à base de minha espinha.

Abro a boca e a fecho em seguida, sem reação, enquanto lhe assisto vir a passos duros até mim. Os grossos cabelos castanhos claros se despenteiam levemente conforme ele se movimenta.

A visão é um tanto perturbadora. Seus olhos, de uma incrível tonalidade azul-piscina, que lembram o mar tranquilo de uma praia paradisíaca, contrastam radicalmente com a expressão fechada de quem parece prestes a esganar alguém. Espero

em Deus que eu não seja o objeto de sua fúria, a contar pelo modo apressado como ele corta a distância até onde estou.

Não tenho nem tempo de me preparar.

Somente limpo a garganta, imediatamente seca.

— Olá, boa tarde — planto com dificuldade um sorriso simpático — P-posso ajudá-lo, senhor?

— Ah, sim, mas é claro que pode — sinto a irritação em seu timbre grave, apesar do sorriso frio imitando o meu de maneira debochada — Comece me dizendo que tipo de brincadeira é esta! — surpreendendo-me, um cartão é lançado contra o balcão.

Oh...

Por reflexo, afasto meu corpo levemente para trás, ainda sentada. É somente então que me dou conta de que em sua mão há algumas rosas vermelhas que já viram dias melhores, as pobrezinhas. Despedaçadas, parecem ter sido amassadas e depois unidas de qualquer jeito.

Momentaneamente paralisada, intercalo o olhar entre o cartão caído no balcão diante de mim

e as flores danificadas.

Mas o que é isto preso nos caules?

—... casca de laranja? — pego-me questionando em voz alta.

Percebo o erro ao escutar um tipo de grunhido profundo muito, muito ameaçador, vindo dele. Há tanta raiva em sua postura dura fixada ao chão, na firmeza como segura o buquê até os nós de seus dedos virarem um tom de branco gélido.

Definitivamente, no dia dos namorados, esta é a última coisa que eu esperava ver.

Um limpar grosseiro de garganta me coage a encarar o rosto fulminando-me como quem diz “E então?”.

Pisco algumas vezes, obrigando-me a raciocinar. Apanho o cartão na esperança de que algo ali me elucide. É da nova coleção de dia dos namorados que vendemos aqui na loja. Confiro no verso as frases escritas pela letra de Sabrine.

“Um buquê para cada ano que passamos juntos.

Te amo para sempre.

NACIONAIS - ACHERON

Vinicius”

Possivelmente, o cliente fez o pedido por telefone.

Sem esperar que eu diga qualquer coisa, o homem lança mais alguns cartões coloridos com a mesma temática. Faço uma ligeira análise das mensagens românticas nos versos – todas escritas por Sabine a pedido deste Vinicius –, não deixando de prestar atenção em suas respirações curtas, impacientes, prestes a explodir.

— Eu... — “... não estou entendendo”. Era o que eu gostaria de dizer, mas ele me interrompe.

— Vocês só podem estar brincando comigo, me incomodando a cada hora do dia! — esbraveja para quem quiser ouvir.

— Bem, senh... — calo-me ao assistir o conteúdo em sua mão sendo depositado abruptamente sobre o balcão.

As flores murchas caem espalhadas, despetaladas. E pior... com mau cheiro. Elas estavam no lixo! É de partir o coração.

Engulo em seco.

NACIONAIS - ACHERON

Intimidador, ele cruza os braços em frente ao peito.

— Vamos, estou esperando que diga qual é o objetivo de me enviar toda esta... — aponta para as flores — esta porcaria — exprime a palavra “porcaria” como se se referisse a algo abominável — Quem é o engraçadinho que mandou fazer isso?

Tão calma quanto a situação permite, coloco o cabelo atrás da orelha, respiro fundo, e assumo uma explicação.

— Pelo que li nestes cartões, senhor, o Vinicius encomendou as flores — gesticulo com cuidado entre ele e as rosas — Um buquê para cada ano.

Sua reação é emitir um tipo de sorriso sinistro de dentes retos e brancos que chega a arrepiar a base de minha coluna.

— Ah, claro — de repente, o tom de voz diminui para uma mansidão muito suspeita — E a senhorita poderia me informar, por gentileza, quem diabos é Vinicius?

Não levando em consideração a sensação de alerta zunindo nos ouvidos, meu cérebro elabora a

resposta mais lógica que me passou pela cabeça.

— Vinicius é seu namorado?! — droga, soa como um chute inseguro num jogo de adivinhação.

Os olhos claros de um azul impressionante aumentam nas órbitas, e no segundo seguinte se semicerram. Tenho de prender a respiração ao vê-lo inclinar o tronco para frente, vindo muito perto do meu rosto, face a face. Estamos tão próximos que sou capaz até mesmo de enxergar a pequena cicatriz cortando o canto direito de seu lábio, oferecendo certo charme ao rosto de ângulos perfeitos, apesar de tudo.

— Desculpe, eu acho que não ouvi direito. O que foi que você disse? — a pressão em sua mandíbula é assustadora — Por acaso esta é a sua tentativa de fazer uma piada, é isso? Faz parte da brincadeira me insultar?

Espere.

— E-eu não quis...

— Deus tenha piedade! — surpreendendo até a minha alma, ele bate o punho contra o balcão, chamando a atenção de quem ainda não tinha notado sua presença — Chega. Quero falar com o

NACIONAIS - ACHERON

proprietário deste lugar. Agora!

Numa necessidade muito latente de transmitir segurança, arrumo a postura, elevo o queixo e respondo.

— E-eu sou a proprietária... — ao contrário do que deveria, minha voz não sai nada confiante.

Recebo seu olhar desdenhoso, avaliando-me de cima a baixo (pelo menos da minha cintura para cima, já que estou protegida pelo balcão).

— Ótimo. Então escute bem, senhorita insultadora — espalma as mãos sobre o vidro e se aproxima mais — Vocês estão muito perto de receber um belo processo — seu hálito cheira a menta.

Enquanto ele fala, pela lateral de seu corpo, no espaço entre os braços e o tronco (já que ele está nesta posição praticamente me cercando), vejo Sabine caminhar em meu socorro. Aliás, quase todos na loja estão parados assistindo à cena.

Ela contorna o balcão, apanha um dos cartões e olha no verso. O homem não tira seus olhos furiosos de mim, parecendo querer me esganar até a morte.

Noto-a se remexer, sem jeito, desconfortável.

— Senhor, qual é o número de seu apartamento? — Sabrina questiona baixo.

Ele muda seu olhar para ela, com a mesma irritação.

— O que isso te importa?

Levanto-me da banquetta, obrigando que ele volte à sua posição ereta, na presunçosa postura de braços em frente ao peitoral.

— Por favor, responda — me intrometo e falo o mais firme possível.

Diante de meu tom, ele me lança um olhar afiado, estreitando os olhos do tipo “Ah, ficou corajosa agora?”. Somente após três ou quatro segundos me fitando ele responde, com evidente má vontade.

— Estou no 703. E nem venha me dizer que era para algum vizinho, não tenho nenhum no meu andar.

Olho para Sabrina, que está mordendo o lábio e enrolando a ponta dos cabelos no dedo indicador, familiar trejeito de quando está nervosa.

— Sabrina? — incentivo o que quer que ela

NACIONAIS - ACHERON

esteja pensando.

O sujeito insano e eu a encaramos ao mesmo tempo.

— Eu peguei este pedido ontem — ela sussurra, virando-se para mim, como se ele não pudesse ouvir.

— E? — falamos em uníssono, o homem e eu.

— O cliente queria comemorar com a namorada os sete anos juntos, enviando um buquê por hora... — conta, ruborizando — Ela mora no 103.

Sem esperar, o homem arranca o cartão das mãos dela e verifica o verso. E então olha diretamente para mim. Não sei se admiro ou me assusto ainda mais percebendo suas pupilas dilatarem, como se me focalizando de verdade.

— Mas que espécie de letra é essa? Até mesmo um tolo saberia a diferença entre escrever os números sete e um! — meneia a cabeça — Estou muito admirado que esta empresinha ainda sobreviva tendo pessoas tão incompetentes como vocês, francamente. Eu deveria mesmo é processar

este lugar!

E desta vez realmente me atinge.

Ora essa... o que ele sabe sobre nós?

Inspiro profundamente e me viro para Sabrina.

— Sa, por favor, providencie que as flores cheguem ao 103 — aplico toda a brandura que posso para que ela esteja segura que a admiro e respeito.

Sabrina acena e se afasta sem pensar duas vezes, aliviada por sair da presença dele, que, diga-se de passagem, é o sujeito mais rude a aparecer na loja nesses anos todos.

Não gosto de conflitos. Eu os evito e tento sempre entender as razões das pessoas, como meu pai nos aconselhou a vida toda (Katarina diz que sou a pessoa mais tolerante que conhece), mas este homem é tão... tão grosseiro, que, argh!

Tomada de coragem, o encaro.

— Bem, senhor — exprimo de forma cordial — Apesar de eu não entender qual é o problema em receber flores tão lindas, mesmo que seja por engano, gostaria de pedir desculpas pelos
NACIONAIS - ACHERON

transtornos.

Ele estufa o largo peito, com escárnio, de forma presunçosa, triunfando sobre a minha admissão de culpa.

— No entanto, — digo, um pouco mais dura — peço que nunca mais retorne a esta loja se for para insultar qualquer pessoa daqui.

Sua surpresa é visível, revelando que não esperava tal afronta. A expressão de incredulidade quase me faz rir, de completo nervoso.

E, de novo, ele lança aquele sorriso desagradável, que torna alguém tão bonito quanto ele simplesmente... feio.

— Desde que sua lojinha — cospe, desdenhoso — deixe de me incomodar, você não tem com o que se preocupar. Não pretendo voltar novamente a este lugar desorganizado e com pessoas tão incompetentes como a senhorita.

Não recuo sob seu olhar debochado. Mantenho-me firme, encarando-o, a despeito de tudo.

— Seria um favor que o senhor nos faz.

Ele não se move pelo que parece uma

NACIONAIS - ACHERON

eternidade.

Prendo o ar no peito, lutando para que as pernas bambas sustentem meu peso, e conservo-me sem ceder. Até que, finalmente, do mesmo modo exageradamente irritado com que chegou, ele se vira e sai a passos duros.

— Porcaria de lugar! — escuto seu esbravejo, antes de bater a porta atrás de si.

Encolho-me com o estrondo e desabo de novo no banco, completamente mole. Deixo um suspiro pesada abandonar meu peito.

O que foi tudo isso? O que leva uma pessoa a ficar desse jeito por receber flores num dia tão especial?

Obviamente, ele tem algum problema.

Recado da autora

Gostou desta história? Caso sim, ajude-me a levar Júlia e Frederico a mais leitores. Compartilhe com um amigo, indique o livro, publique sobre ele em suas redes sociais... E, se puder, deixe sua avaliação na Amazon, ela é muito importante.

Para mais informações sobre este e outros livros, aqui estão as minhas redes sociais:

Wattpad: Anne Marck

Instagram: @Anne.Marck

Grupo no Facebook: Romances da Anne Marck

Página no Facebook: Anne Marck

Twitter: @AnneMarck